

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

Escola de Sociologia e Política

Bacharelado de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Andrea Ariani

A bola é delas: As mulheres que preservam a história no Museu do Futebol e os desafios da gestão de uma equipe multidisciplinar

São Paulo

2022

Andrea Ariani

A bola é delas: As mulheres que preservam a história no Museu do Futebol e os desafios da gestão de uma equipe multidisciplinar

Monografia apresentada à Escola de Sociologia e Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciências da Informação sob a orientação da professora doutora, Valéria Martin Valls.

São Paulo
2022

Biblioteca FESPSP - Catalogação-na-Publicação (CIP)

796.334082

A696b Ariani, Andrea.

A bola é delas : as mulheres que preservam a história no Museu do Futebol e os desafios da gestão de uma equipe multidisciplinar / Andrea Ariani. - 2022.

189 p. : ilustrações ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Martin Valls.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação) - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Bibliografia: p. 145-165.

1. Biblioteconomia. 2. Museologia. 3. Esporte. 4. Liderança feminina. 5. Equipes multidisciplinares. I. Valls, Valéria Martin, orientadora. II. Título.

CDD 23. Mulheres no futebol 796.334082
Elaborada por Éderson Ferreira Crispim CRB-8/9724

Andrea Ariani

A bola é delas: As mulheres que preservam a história no Museu do Futebol e os desafios da gestão de uma equipe multidisciplinar

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciências da Informação sob a orientação da professora doutora, Valéria Martin Valls.

Data de aprovação:

_____/_____/_____.

Banca examinadora:

_____.

Prof. Dra Caroline Cotta de Mello Freitas
FESPSP/ESP

_____.

Prof. Dr, José Mario de Oliveira Mendes
FESPSP/ESP

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família. Como a maioria das pessoas, eles não sabem o nome certo da profissão e o que eu estudo para trabalhar com livros e bibliotecas, mas nem por isso, imagino, deixam de reconhecer minha dedicação. O suporte emocional lá no início da pandemia e depois no presencial, especialmente dos meus pais, deram forças para seguir a diante o desafio de concluir o curso.

É difícil falar de um professor em especial porque todos fizeram parte desse aprendizado e, cada um no seu estilo e disciplina, contribuiu para que eu pudesse me formar e sentir fazer valer todo conhecimento adquirido a partir deles nesses três anos - dois deles de forma remota, cada um na sua casa e na incerteza do que aconteceria com o mundo, as pessoas e as profissões a partir daquela realidade. À todos, minha enorme gratidão a toda dedicação e ensinamentos. Em especial:

À sempre querida Valéria Valls. Fazer esse trabalho de conclusão sendo orientada por ela fechou um ciclo. Lá em 2020, dias antes de a gente saber que o pesadelo da pandemia tiraria todos do eixo, com todas as dificuldades de encarar uma nova graduação, ela me acolheu e foi aquele primeiro contato que me fez acreditar que seria possível fazer o curso em uma instituição que sempre almejei estar. E as dicas, direcionamentos e conselhos deram motivação para alinhar e dar sentido a um trabalho de conclusão com tantos olhares, análises e reflexões a partir da Biblioteconomia. Muito obrigada!

À professora Maria Rosa Crespo com quem fiz a mentoria e a orientação do PIBIC. Não foi fácil desenvolver uma pesquisa em um período curto e com tudo fechado pela emergência do COVID 19, mas toda a sua escuta e ajuda me guiou a fazer pesquisas melhor embasadas, a redirecionar a carreira, meus objetivos com o curso e do que buscar a partir da formação.

Agradeço à professora Adriana Souza por todo o suporte com as oportunidades profissionais e estágios. Além do seu acolhimento, confiança e amizade, foram as chances de estar em instituições como a Biblioteca da FFLCH e Mario de Andrade que contribuíram para ter a prática de tudo que vimos nas aulas. A sua credibilidade me deu aval para ser aceita nos lugares e ganhar experiência na área, saindo muito melhor do que quando comecei lá em 2020.

Agradeço também à professora Ângela Claro por todas as dicas para alinhar o tema dessa monografia, agregando todos os assuntos que pude abordar a partir da análise de uma instituição de memória. Foi ela que me deu a dica de ter a Valls como orientadora e não poderia ter sido uma escolha melhor. Além de apurar nosso olhar para um trabalho dentro das normas e técnicas da escrita acadêmica, as dicas e orientações no pré-projeto e até a construção da versão final do trabalho foram fundamentais.

Aos professores Caroline Cotta e José Mario de Oliveira por, além de muitas reflexões e aprendizado durante o curso, terem aceitado o desafio de compor a banca e analisar o trabalho desde o pré-projeto. Foram as orientações de vocês que fizeram possível alinhar toda a estrutura, fundamentar a pesquisa e chegar até esse momento de conclusão.

À FESP e todos os colaboradores de Projetos pelas oportunidades e da parte acadêmica pelo o suporte desde a matrícula até as consultas na biblioteca. Esta, por sinal, fundamental para que o trabalho pudesse ganhar corpo a partir da ajuda dos bibliotecários e funcionários e do incrível acervo que temos à disposição. Agradeço à instituição também pela chance de ter conhecido tantas pessoas incríveis e sair do curso com a certeza de ter feito grandes amigos. Não só de vida, mas talvez, quem sabe, futuros parceiros profissionais. As trocas, os trabalhos, as dúvidas nos deram força para seguir e chegar neste momento. Ysabella, Thais, Taty, Aline Monteiro, Edson, Jéssica, Thayna, Suellen, Isabel, Aline Souza e Rafael, muito obrigada por todas as angústias, parcerias e (principalmente) risadas.

Agradeço também a todos os teóricos e pesquisadores pelo embasamento bibliográfico da pesquisa e, não menos importante, aos atuais e ex-colaboradores do Centro de Referência do Futebol e Museu do Futebol de São Paulo pela confiança e contribuição na realização deste trabalho. A todos, espero com este trabalho ter feito jus à confiança de vocês.

"Mina de fé, de garra, swing, samba no pé. Na ginga, catimba e encanta por ser mulher. Dona da bola não enrola, na roda entra de sola. Seja de bola ou de samba, faz o que quer. Quem é? Que toca, provoca, dá de mané? Assim como quem não quer nada, na manha chega onde quer [...] Qual é, qual é? Futebol não é pra mulher? Eu vou mostrar pra você, mané. Joga a bola no meu pé" (FERNANDES, KIVITZ, 2019).

RESUMO

Além da gestão da informação, a Biblioteconomia também preza pelo suporte e bom atendimento a um pesquisador ou consultante de bibliotecas, arquivos, centros culturais e museus. Também tem como característica formar, especialmente nessas instituições, equipes com profissionais de várias áreas do conhecimento para colaborar em conjunto na gestão do acervo. Com base nessa multiplicidade da profissão, esta pesquisa procurou unir esporte, questão de gênero, representatividade e responder: como é feita a gestão participativa e inclusão de mulheres em uma instituição de memória? Para fazer essa junção de temas e análises, foi escolhida a equipe que ajudou a formar e atualmente compõe o CRFB - Centro de Referência do Futebol Brasileiro, do Museu do Futebol, em São Paulo. A metodologia utilizou três tipos de análise: a realização de entrevistas com os colaboradores, levantamento bibliográfico e uma complementar pesquisa de campo com estudo exploratório-descritivo na exposição temporária "Contra Ataque! As mulheres do futebol", realizada pelo Museu do Futebol em 2019. Com os dados apurados e o suporte teórico de pesquisadores e estudiosos da área, o histórico de ativistas, bibliotecárias e museólogas mostrou que, historicamente, ações e projetos foram e são desenvolvidas em busca da igualdade de gênero em vários setores da sociedade, bem como nos esportes e espaços de cultura. Foi possível também constatar que, apesar de alguns avanços e iniciativas, a busca por representatividade nas instituições, mesmo nas mais inclusivas, tanto como tema de exposições como na liderança e gestão, ainda tem um caminho longo a percorrer e conquistar em busca de equidade.

Palavras-chave: Biblioteconomia, Museologia, Esporte, Mulheres, Futebol, Museu do Futebol, liderança feminina, gestão participativa, equipes multidisciplinares.

ABSTRACT

In addition to information management, Librarianship and Information Science studies also value support and good services to be provided to libraries, archives, cultural centers and museums researchers or consultants. It also has the characteristic of forming, especially in these institutions, teams with professionals from various areas of knowledge aiming at collaborating together in the management of the collection, Based on this multifaceted profession, the work sought to unite sport, gender, representativeness to answer how the participatory management and inclusion of women can be carried out in a memory institution? To combine themes and analyses, the team that helped form and currently forms the CRFB – Centro de Referência do Futebol Brasileiro, at the Museu do Futebol, in São Paulo, was chosen.

The methodology used three types of analysis: conducting interviews with collaborators, bibliographical research and a complementary field research with an exploratory-descriptive study in the temporary exhibition “Contra-Ataque|| As mulheres do futebol||”, held by Museu do Futebol in 2019. With the data and the theoretical support of researchers and scholars in the area, the history of activists, librarians and museologists has shown that, historically, actions and projects have been and are developed in pursuit of gender equality in society, as well as in sports and spaces of culture. It was also possible to verify that, despite some advances in initiatives, the search for representativeness in institutions, even in the most inclusive ones, both as a theme for exhibitions and leadership and management, still have a long way to go and conquer this sense of equality.

Keywords: Librarianship, Museology, Sport, Women, Football, Football Museum, female leadership, participatory management, multidisciplinary teams.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	19
2.1	Objetivo geral	19
2.2	Objetivo(s) específico(s).....	19
3	METODOLOGIA	20
4	DE MUSAS À GUARDIÃS DA INFORMAÇÃO: BREVE HISTÓRICO DAS MULHERES NA BIBLIOTECONOMIA E MUSEOLOGIA	23
4.1	De musas dos templos às diretoras de museus	23
4.2	De segregadas da educação às guardiãs da informação.....	29
5	DESIGUALDADE DE GÊNERO: SOCIAL, CULTURAL E NO FUTEBOL	49
5.1	Equiparidade salarial e a representatividade em cargos de liderança.....	50
5.2	(Des)igualdade de gêneros no futebol.....	55
5.3	Estereótipos e representatividade feminina na Biblioteconomia.....	70
5.4	Ações para igualdade de gênero em museus e demais espaços culturais	80
6	GESTÃO PARTICIPATIVA E EQUIPES MULTIDISCIPLINARES	87
6.1	Equipes multidisciplinares na Museologia e Biblioteconomia	89
7	ANÁLISE DA INSTITUIÇÃO: CRFB / MUSEU DO FUTEBOL	97
7.1	Musealização dos esportes	97
7.2	O futebol no Brasil e o Museu do Futebol.....	107
7.3	CRFB - Centro de Referência do Futebol Brasileiro	113
7.4	As mulheres do Centro de Referência do Futebol Brasileiro	117
7.5	O futebol feminino no Museu do Futebol	120
8	ANÁLISE DA PESQUISA E RESULTADOS	124
8.1	Análise da exposição "Contra-Ataque! As mulheres do futebol".....	125
8.2	Análise de entrevistas com a equipe do CRFB e Museu do Futebol.....	143

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS.....	154
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA EQUIPE CRFB	175
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA MARÍLIA BONAS	178
APÊNDICE C – ENTREVISTA ADEMIR TAKARA (CRFB).....	179
APÊNDICE D – ENTREVISTA DÓRIS REGIS (CRFB)	182
APÊNDICE E – ENTREVISTA MARÍLIA BONAS (MUSEU DO FUTEBOL)	185
ANEXO A – FOLDER DA EXPOSIÇÃO “CONTRA-ATAQUE!”	189

1 INTRODUÇÃO

É parte da definição do conceito das Ciências da Informação¹ serem interdisciplinares. Segundo Le Coadic (1996), a interdisciplinaridade “traduz-se por uma colaboração entre diversas disciplinas que leva a interações, isto é, uma certa reciprocidade de forma que haja enriquecimento mútuo”. Apesar de terem a coletividade e colaboração como premissas, há algumas particularidades nas definições dos termos inter e multidisciplinares e suas aplicações. Quanto à formação de equipes, multidisciplinares são aquelas compostas por pessoas que se complementam. Cada uma delas conta com habilidades, técnicas, vivências, personalidades e competências diversificadas [...]. Todas essas características contribuirão para alcançar um propósito comum (QULTURE, 2022). E é com base nesse princípio que foi embasada a análise nesta monografia.

Além de realizar a gestão da informação, a Biblioteconomia é também uma ciência voltada para o ser humano, como diz Tanus (2018)

A Biblioteconomia é uma Ciência Social voltada às categorias interpretativas e de compreensão do ser humano, dos indivíduos que assumem comumente a denominação de leitor, de usuário ou mais recentemente de interagente [...] Usuários e bibliotecários que se apropriam, transformam, comunicam e criam significados em uma realidade construída socialmente, num duplo movimento fundante e fundação. Informações e conhecimentos, entes ideais, materializados ou não, que são localizados em um espaço-tempo histórico, trazendo marcas temporais, culturais e sociais dos sujeitos envolvidos e de outros sujeitos, de outros processos, de outras histórias, que colaboram à conformação da sociedade presente, passada e futura [...] Os bibliotecários têm como missão fazer com que os usuários acessem o mundo da informação, sendo vistos como agentes ativos e participantes do processo de desenvolvimento do ser, do sujeito, do usuário (TANUS, 2018).

E é a partir dessa característica de não só fazer a organização da informação, mas sua difusão em vários meios, para os mais variados tipos de pessoas e níveis de interesse, que, cumprindo os objetivos definidos no capítulo 2, este trabalho procurou, com a multidisciplinaridade da Biblioteconomia, responder: como é feita a

¹ A Ciência da Informação pode ser definida, segundo Oliveira, como “o estudo dos fenômenos ligados à produção, organização, difusão e utilização de informações em todos os campos do saber”. Sua origem está relacionada, brevemente citando, à biblioteconomia, à bibliografia e à documentação. São ciências interdisciplinares em seus estudos, porque abrangem outras áreas do conhecimento, como história, antropologia, sociologia, para completar a aprendizagem para a formação de profissionais capazes e dão suporte a outros campos do saber. (OLIVEIRA, 2005).

gestão participativa e inclusão de mulheres em uma instituição de memória? Para isso, analisou os diversos aspectos que um centro de referência pode proporcionar como objeto de estudo: a forma de gestão, a composição e difusão do acervo e, sobretudo, os profissionais envolvidos na administração não só das informações, mas que ajudam a compor e definir a instituição que representam. Em suma, utilizar a Biblioteconomia como suporte para unir esporte, gênero, representatividade e gestão inclusiva a partir dos colaboradores de uma instituição e seus serviços.

A metodologia, detalhada no capítulo 3, foi dividida em três partes:

- Com o suporte da Administração foi possível investigar a questão da liderança feminina nos ambientes esportivos. Analisar a gestão participativa e como a equipe do CRFB está atualmente formada e foi composta ao longo de sua existência também é um dos tópicos da pesquisa.

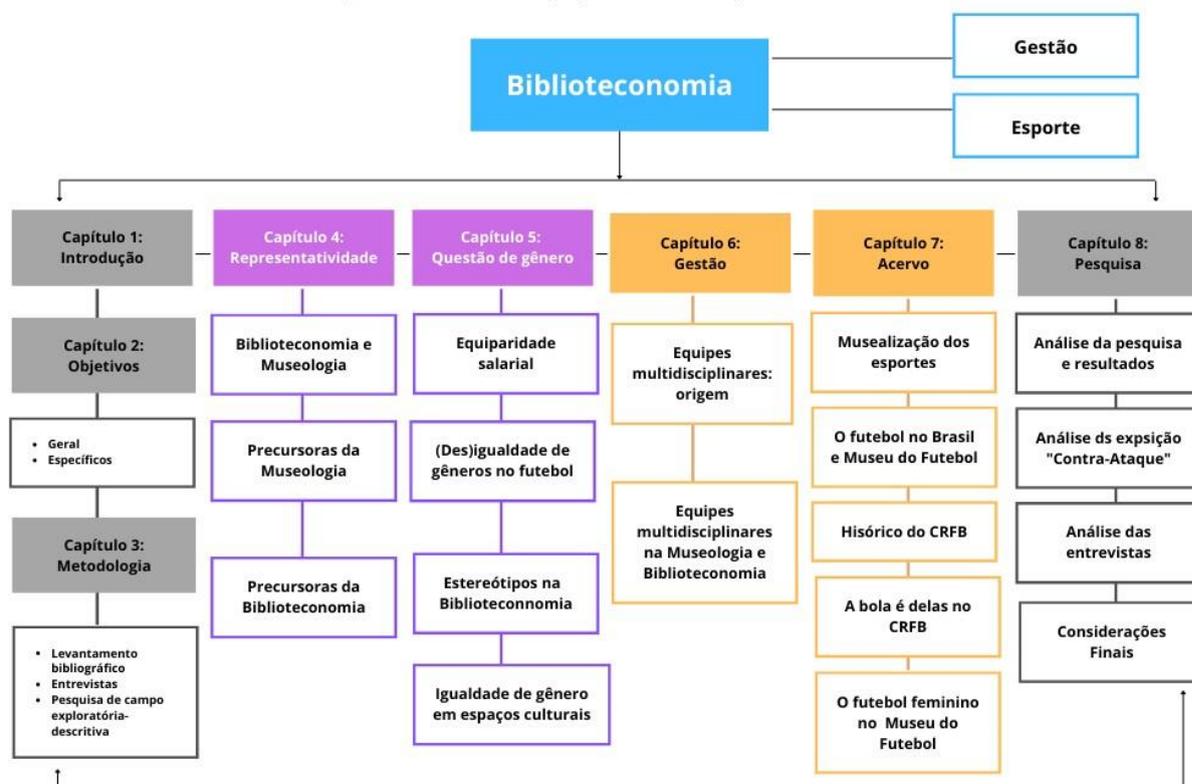
- A partir da Museologia foram verificadas iniciativas para propor nas instituições culturais um cenário da igualdade de gênero e a formação de equipes diversas. Como parte complementar da pesquisa, também foi feito um breve panorama das mulheres pioneiras na Biblioteconomia e na Museologia e iniciativas para inclusão delas na liderança de instituições culturais, especialmente bibliotecas e museus.

- Tendo a Biblioteconomia como base, foi feita a análise de exposições online e presenciais desenvolvidas pela equipe do Museu do Futebol para inclusão e difusão de informações sobre o futebol feminino no Brasil. Através da visita presencial e das entrevistas com a equipe, foi possível acompanhar de perto o trabalho das pessoas que atuam no Museu, especialmente no CRFB, e poder saber mais do local e como é ser um profissional em um acervo de memória esportiva, obtendo as informações diretamente de quem desenvolve, atua e faz os projetos do Museu acontecer.

A seguir, a ilustração demonstra a lógica metodológica utilizada ao longo deste trabalho de pesquisa e os elementos essenciais que a compõem:

Figura 1 – Lógica de relacionamento entre os capítulos que compõem a pesquisa

A bola é delas: As mulheres que preservam a história no Museu do Futebol e os desafios da gestão de uma equipe multidisciplinar



Fonte: Desenvolvido pela autora, 2022.

Nesses mais de cem anos de existência da Biblioteconomia no Brasil, em pelo menos metade desse tempo, a profissão de guarda e preservação de livros e documentos foi vista como uma área de maioria feminina, tanto no ensino como nas funções dentro das bibliotecas e instituições de memória. É sabido que estar em maior número não significa ocupar os melhores lugares. Mas, como analisado no capítulo 4, especialmente no tópico 4.2, fazendo um levantamento do histórico da Biblioteconomia no Brasil e no mundo, nem sempre essa maioria de bibliotecárias atuantes foi verdadeira já que a gestão de arquivos, museus, bibliotecas, nos primórdios da formação desses locais de memória, não era feita exclusivamente por ou com liderança delas - nem sequer existia ainda o que viria ser um bibliotecário de formação.

Para uma melhor compreensão de iniciativas por paridade e de dados mais completos sobre essa luta por igualdade dentro e fora do campo profissional, o capítulo 5 terá uma análise do mercado de trabalho e especificamente sobre inserção de minorias, com foco na Administração e os estudos relativos a cargos e profissões do mercado cultural que se baseiam nos modelos de gestão participativa e representatividade. E se estende para o capítulo 6 que trata especificamente do surgimento de equipes multidisciplinares como método de administração de equipes e, a partir de alguns exemplos e iniciativas, verificar como vem sendo utilizado atualmente nas instituições culturais.

Apesar de ser uma área ampla tanto para atuação profissional como para estudos dos seus mais diversos conceitos, falar de mulheres no futebol a partir da Biblioteconomia e atuando na gestão de acervos esportivos, pode ser considerado um diferencial no meio acadêmico, especialmente porque esporte, de uma maneira geral, é um tipo de temática pouco estudada em termos de acervos segmentados - como será analisada no capítulo 7 desta monografia. E porque, no caso específico do futebol, ainda é, em todos os sentidos, um esporte majoritariamente dominado por homens tanto como atletas ou praticantes como na gestão de clubes, estádios, equipes técnicas e coordenando instituições e centros de documentação que tem o propósito de difundir a memória esportiva. São poucos e pontuais os levantamentos feitos para saber o número de mulheres atuando no futebol de uma forma geral. Como prática esportiva, a pesquisa mais recente que há sobre essa disparidade de homens e mulheres no Brasil é de 2015 e realizada pelo IBGE. O PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – analisou a Prática de Esporte e Atividade Física dos brasileiros, a partir de dados do CENSO realizado em 2010. Para isso investigou pessoas com idade a partir de 15 anos ou mais, em seu tempo livre, no período de referência de 365 dias (de 27 de setembro de 2014 a 26 de setembro de 2015), com o objetivo de mensurar aquelas que praticaram algum esporte ou atividade física no período considerado, em todas as regiões do Brasil. Segundo a pesquisa,

No Brasil, 38,8 milhões de pessoas de 15 anos ou mais de idade praticaram algum esporte, independentemente de terem ou não praticado atividade física, no período de referência, o que representou 24,0% da população investigada. As Regiões Sul (25,8%), Norte (26,5%) e Centro-Oeste (27,8%) alcançaram proporções maiores que a média nacional, enquanto a Nordeste registrou a menor proporção regional (22,1%). Dos praticantes de esporte,

24,5 milhões eram homens (63,2%), e 14,3 milhões, mulheres (36,8%) (IBGE, 2015).

Quanto ao futebol,

foi praticado prevalentemente por homens, correspondendo a 94,5% dos praticantes dessa modalidade [...] No universo de 38,8 milhões de pessoas que praticaram algum esporte, os homens que citaram o futebol correspondiam a 37,2%, ou 14,4 milhões de pessoas. Para os homens, vale destacar sua participação decrescente nas seguintes modalidades: ciclismo (75,2%); lutas e artes marciais (70,0%); e atletismo (64,5%). Por outro lado, os quatro esportes predominantemente praticados pelas mulheres, em ordem decrescente, foram: dança e ballet (85,0%); ginástica rítmica e artística (80,5%); caminhada (65,5%); e fitness (64,4%) (IBGE, 2015).

Como será apresentado ao longo da monografia, a prática de modalidades esportivas por mulheres passa por diversas questões referentes a estereótipos, inadequação e por falta de representatividade nos jogos televisionados, na mídia de uma forma geral, na publicidade e como uma profissão bem sucedida e com boa remuneração e plano de carreira.

Sintetizando os pontos apresentados até aqui, esta pesquisa quer contribuir para a análise da inclusão e das competências da liderança feminina nos processos decisórios e do planejamento nos espaços de memória. No caso específico deste trabalho, analisando a gestão de mulheres em acervos esportivos em ambientes museológicos.

Inclusive, a musealização dos esportes será um dos tópicos de análise do capítulo 7. Com base no artigo "A gestão do conhecimento esportivo: a experiência da biblioteca da SEME", publicado em 2007, é possível verificar como, ao longo do tempo, várias políticas públicas e eventos discutiram e enfatizaram a importância da gestão de acervos especializados em memória esportiva. As autoras Ana Maria Monteiro, Maria Antonia Botelho e Valéria Valls - que orienta esta monografia - fizeram um levantamento de tipos de acervo e quais os meios de encontrar informações esportivas no Brasil e, em especial, na cidade de São Paulo, a partir das competências da Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação da

cidade de São Paulo (SEME). Utilizando o texto de Silvana Goellner², "Locais da memória: histórias do esporte moderno", as autoras verificaram que acervos esportivos são baseados em objetos diversos, que tem uma carga de emoção muito especial tanto para quem coleciona como para quem consulta ou tem acesso a esse material por uma exposição. Afirmam ainda que se tornam fundamentais, para a preservação da memória e a construção de histórias, os museus, centros de informação e documentação, bem como os acervos e as coleções particulares, que Goellner identifica como "locais da memória":

O esporte desde há muito tempo provoca diferentes lembranças sobre feitos humanos bastante específicos. São muitas as histórias que sobre ele foram e são construídas em diferentes tempos e culturas. Histórias que se alicerçam em diferentes fontes: documentos, registros oficiais de competições e instituições, fotografias, súmulas, diários, reportagens, depoimentos de quem viu, viveu e sentiu diferentes possibilidades do acontecer deste importante elemento da cultura (GOELLNER, 2005).

Além da opção por falar de gestão do conhecimento em acervos de esporte, é importante relatar como o interesse pelo tema desta monografia surgiu. Em 28 de agosto de 2021, enquanto a delegação brasileira batia recordes de conquistas de medalhas em uma edição dos Jogos Paralímpicos, em Tóquio, acontecia o evento Editatona Jogos Paralímpicos³, um evento promovido pelo Wikipédia Brasil em parceria com o Museu do Futebol para dar visibilidade aos medalhistas tão divulgados na época de competições, mas pouco registrados fora do período dos Jogos. Foi nesse encontro que tive contato com o livro "Museu do Futebol, um museu-experiência", de 2014. E foi muito curioso notar que, como frequentadora assídua do museu, foi só naquela edição que vi a ficha técnica e constatei que a maioria que compunha a equipe era de mulheres, inclusive na liderança de várias áreas técnicas. Passados oito anos daquela publicação, essa realidade não se alterou. Em uma pesquisa informal no site do museu, em 2021 para a elaboração do pré-projeto desta monografia, verifiquei que ao longo da história do Museu do Futebol e atualmente, curiosamente para um esporte ainda majoritariamente praticado e tendo como torcedores um público masculino, a gestão de vários setores

² Entre outras formações e funções, Silvana é Coordenadora do Centro de Memória do Esporte, da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS). Com informações do site <http://www.ufrgs.br/ppgcmh/corpo docente/svgoellner.php>. Acesso em 09 nov 2022.

³ Dados do evento Editatona Jogos Paralímpicos <https://museudofutebol.org.br/evento/editatona-esportes-paralimpicos/>. Acesso em 06 nov 2022.

da instituição é, na maioria das áreas, comandada por mulheres. Naquela ocasião da consulta, a equipe feminina do Museu do Futebol era composta por 22 mulheres em cargos de liderança e suporte, além das equipes de educadores e coordenadores de público. Mulheres só não lideravam e integravam os Núcleos de Infraestrutura e Operação e Tecnologia. E essa curiosidade tão pouco comentada foi o que me impulsionou a fazer a pesquisa sobre a liderança delas nas instituições de memória.

Para além de sua ficha técnica, o Museu do Futebol faz parte de uma iniciativa do Instituto de las Mujeres coordenado pelo Ministerio de Igualdad da Espanha que lançou o projeto "Mujeres cambian los museos", que tem como objetivo geral analisar, discutir, formular a problemática da Inclusão Social nos Museus a partir de discussões de gênero em chaves decoloniais, a fim de gerar uma mudança radical nos discursos e dinâmicas dos museus orientadas para a igualdade e equidade (MUJERES, 2022). Usando como base o projeto ibero-americano de igualdade nas instituições, um objeto de análise será especificamente sobre o CRFB, Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol, criado em 2013 e atualmente coordenado pela historiadora e mestre em Museologia, Fiorela Bugatti Isolan. Tendo também mulheres em funções estratégicas nessa área específica do Museu e ligadas diretamente à Ciência da Informação, após o desenvolvimento da pesquisa e levantamento de dados, o objetivo foi investigar se há e quais os cuidados e as diferenças que o centro de memória de um esporte apresenta sendo coordenado pelas mulheres da equipe de acervo e documentação.

Para trazer para o debate todos esses assuntos propostos e mostrar suas inter-relações, utilizando metodologia melhor detalhada nos próximos capítulos e a lógica de relacionamento dos assuntos desenvolvidos na pesquisa, a questão de equidade de gênero em instituições culturais será analisada a partir da Biblioteconomia, utilizando vários estudos, especialmente alguns bastante recentes não só analisando as disparidades entre profissionais homens e mulheres na área, mas sobre a representação e participação de outras minorias nas instituições de memória.

2 OBJETIVOS

Apresento a seguir os objetivos que são abordados neste trabalho:

2.1 Objetivo geral

Descrever como é feita a gestão participativa em um espaço de memória, a partir da análise da formação de equipes e serviços oferecidos pelo CRFB – Centro de Referência do Futebol Brasileiro – setor de acervo, memória e pesquisa do Museu do Futebol, em São Paulo visando identificar as contribuições ou características da gestão do centro de referência para os usuários, pesquisadores e demais setores e ações do Museu.

2.2 Objetivo(s) específico(s)

Os objetivos específicos estão divididos nos seguintes tópicos:

- **Descrição, criação e funcionamento do CRFB:** analisar como e por quais motivos o centro de referência foi criado em um museu que não tem acervo físico e quais as demandas de pesquisa e eventos acontecem a partir do espaço de memória,
- **Histórico sobre a inclusão e a composição da equipe:** entender como a gestão participativa e o planejamento de trabalho, a partir do Plano Museológico, fizeram a inclusão e a composição da equipe com lideranças femininas um dos propósitos da direção do Museu do Futebol.
- **Projetos desenvolvidos:** a partir da análise de projetos como a exposição temporária “Contra Ataque! As mulheres do Futebol”, realizada em 2019, analisar como os projetos se desenvolvem e quais os resultados obtidos direcionam outras ações dentro da instituição.

3 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi desenvolvida a partir dos tópicos abaixo:

▮ **Delimitação do estudo:** A pesquisa verificou quais foram e quem são as mulheres que atualmente atuam no Museu do Futebol, especialmente no Centro de Referência (CRFB). E, a partir da análise de uma predominância feminina como líderes na instituição, como é feita a gestão participativa da equipe e a gestão da informação, especialmente a partir de um dos esportes mais masculinizados (KESSLER, 2012) do universo das modalidades coletivas: o futebol.

▮ **Tipo de pesquisa:** Uma parte da pesquisa foi bibliográfica, utilizando livros, estudos e artigos científicos da Administração, Comunicação, História, Museologia e Biblioteconomia, recolhidos em várias bases de consulta. Por não achar exatamente e de forma completa em outras fontes, uma parte das citações e referências foi feita através da Wikipedia⁴. Nessas mais de duas décadas de criação, o projeto de acesso livre, tem aprimorado as formas de inserção de fontes e referências confiáveis, mesmo que a edição dos verbetes seja aberta para qualquer colaboração. E sem esse suporte, algumas das informações não teriam sido localizadas de outra forma tão rápida e eficiente. Como diz David Lanke no livro *Expect More: Melhores bibliotecas para um mundo complexo*,

Não há nada intrinsecamente errado ou indigno de crédito na Wikipedia. De fato, ela é mais transparente na construção da informação do que muitas enciclopédias tradicionais. Cito-a porque é de fácil acesso ao leitor, é um grande ponto de partida para referências a outros trabalhos, e chequei a informação em outras fontes...como todos deveríamos fazer (LANKES, 2016).

Foram utilizadas também matérias jornalísticas e vídeos de eventos que discutem questões de gênero, gestão de acervos e locais de memória. Essa gama diversa de

⁴ A Wikipedia foi fundada em 2001 pelo filósofo americano Larry Sanger com o objetivo de ser uma enciclopédia multilíngue de licença livre. Além de ser uma plataforma colaborativa, tendo sido cada vez mais aceita como referência pelo trabalho sério da Fundação Wikipedia em ter verbetes com referências e fontes confiáveis e sendo acessada por qualquer pessoa que queira pesquisar ou editar verbetes ou criar novos a partir de traduções ou novas postagens.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>. Acesso em 09 nov 2022.

fontes serviu para a análise do trabalho do Centro de Referência do Futebol e para cumprir os resultados esperados nos objetivos específicos.

Outra abordagem utilizada foram entrevistas⁵ e visita presencial ao CRFB. Com base na pesquisa com a equipe em 29/09/2022, como análise prática de resultados de uma das ações do CRFB em conjunto com as demais áreas do Museu – Educativo, Exposições e Comunicação – o material e conteúdo online utilizado na pesquisa complementar foi o da exposição “Contra Ataque! As mulheres do Futebol”, realizada em 2019 no Museu do Futebol. Como será melhor detalhado no capítulo 8, a partir de uma demanda do próprio acervo em incorporar o futebol feminino nas exposições e a partir dessa necessidade em particular foi desenvolvida e exposição de 2019 e houveram desdobramentos no acervo permanente e outros eventos realizados pelo Centro de Referência a partir da repercussão dessa exibição temporária. Para a análise, foi então feita uma pesquisa de campo com estudo exploratório-descritivo analisando todo o material produzido antes e depois do período dessa exposição com o objetivo de descrever as expectativas do antes e o objetivos e desdobramentos alcançados após a exibição. O modo de pesquisa de campo exploratória foi o escolhido por “descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas. Podem ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ou qualitativas quanta acumulação de informações detalhadas” (LAKATOS, MARCONI, 2019).

■ **Coleta ou Geração dos dados:** A coleta de dados foi feita através das entrevistas feitas por e-mail com a equipe e também na visita presencial em 29 de setembro de 2022. Foi possível verificar a dinâmica de trabalho e pontos específicos não contemplados na pesquisa teórica, como por exemplo: como é o circuito de informações para a construção dos projetos que tem a gestão participativa como premissa; como estão trabalhando projetos futuros e a retomada pós-pico da pandemia de COVID 19. Para análise da exposição “Contra Ataque!”, todo o material foi coletado no site ainda ativo do evento.

⁵ Roteiro das entrevistas estão nos apêndices desta monografia

▬ **Apuração dos dados:** Com base nas pesquisas e entrevistas, foi elaborada uma análise de como esses relatos e eventos contribuíram para contemplar os objetivos específicos da pesquisa.

▬ **Apresentação dos dados:** Os dados de análise da exposição temporária "Contra-Ataque!" foram informados numa planilha preliminar com os eventos realizados, com o período de exposição e todo o processo expositivo. Uma segunda planilha fez a análise dos pontos identificados, quantidade de visitantes e dos tópicos mais importantes sobre a informação gerada e o material exposto em busca da visibilidade ao futebol feminino e o histórico da modalidade no Brasil. Um infográfico ilustrativo finalizou a análise com alguns dos dados com maior destaque depois da análise geral do evento.

▬ **Análise e interpretação dos dados:** Além da curiosidade natural de todo o pesquisador que tem como objetivo responder a um interesse pessoal, a interpretação dos dados recolhidos nas entrevistas e pesquisa exploratório-descritiva confrontou e equiparou com o que foi levantado na parte teórica e checkou o quanto elas tem em comum e quais as mudanças, no espaço de memória analisado, que eventos propostos como a pesquisa e exposição sobre o futebol feminino alteraram não só na forma de trabalho e atendimento ao público, mas na própria gestão do acervo.

No capítulo a seguir, essa análise se inicia com um histórico sobre a participação das mulheres na Museologia e Biblioteconomia, chegando até os dias atuais com a atuação das profissionais na instituição escolhida para ser objeto de estudo da pesquisa.

4 DE MUSAS À GUARDIÃS DA INFORMAÇÃO: BREVE HISTÓRICO DAS MULHERES NA BIBLIOTECONOMIA E MUSEOLOGIA

Neste capítulo há uma proposta de construção histórica para resgatar o nome e as vivências de precursoras da Biblioteconomia e Museologia, normalmente só citadas ou nem identificadas em algumas publicações sobre a participação das mulheres nos primórdios dessas duas profissões.

4.1 De musas dos templos às diretoras de museus

Musa do Carnaval, do verão, da Copa, do Congresso. A qualificação de deusa inspiradora de algum evento ou categoria é infinita, mas para a grande maioria das mulheres, não há nada mais pejorativo.

Ser chamada de musa, embora pareça um elogio, colabora com a manutenção das mulheres no lugar estipulado para elas pelo patriarcado, ou seja, reafirma que a mulher pode até ser cientista, política, professora, atleta, ativista, mas o que importa é que ela seja bonita, um enfeite. A principal função feminina é embelezar o ambiente. Ser uma boa profissional, ser idealista e lutar pelo que acredita não importa. Importa se ela está dentro do padrão de beleza (FÓRUM, 2012).

Bem distante da mulher de corpo esbelto e formas generosas que é anualmente proclamada torcedora símbolo de algum time masculino do Campeonato Brasileiro⁶, a origem das musas vem de um contexto bem mais nobre. É da mitologia grega que advém Calíope, Clío, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore, Érato, Polímnia e Urânia- as nove deusas filhas de Zeus, o pai dos deuses olímpicos, com Mnemosine, a deusa da memória. A palavra grega *mousa* significa canção ou poema e daí surge o mito de que as deusas filhas de Zeus eram a personificação e inspiração para as belas palavras, para a música e as artes. A adoração e

⁶ Musa do Brasileirão é um evento realizado de forma independente para eleger a torcedora mais bela da competição, que representa um dos vinte clubes participantes da respectiva edição da Série A do Campeonato Brasileiro. O evento não possui relação com as equipes, sendo realizado atualmente de forma independente com organização da Agência Luxxus. A competição foi criada em 2006 pela Rede Globo, por meio do seu departamento esportivo [...]. Entre os anos de 2008 e 2013, a competição passou a ser transmitida pelo programa Caldeirão do Huck. A partir de 2014, empresas independentes começaram a organizar projetos similares ao antigo Musa do Brasileirão, como o Musa das Torcidas do Brasileirão https://pt.wikipedia.org/wiki/Musa_do_Brasileir%C3%A3o. Acesso em 06 nov 2022.

construção de espaços de contemplação e honra a elas, os Templos das Musas, surgiram a partir dessa mística de que as criações eram inspiradas pela característica de cada uma das deusas⁷. Inspirado nesse conceito de apreciação do belo e inspirador, apesar de no Egito e na Mesopotâmia já existirem coleções de objetos⁸ e tesouros, o surgimento do *mouseion* aconteceu primeiramente em Alexandria:

O local era, sobretudo, um espaço para a discussão e o ensinamento do saber nos campos da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, geografia e demais áreas do conhecimento que se tinham à época [...] Tratava-se de um edifício consagrado às musas e por onde circulavam os mais distintos artistas, sábios e filósofos. Era neste museu que se localizava a famosa Biblioteca de Alexandria e que posteriormente foi incendiada. O *mouseion* de Alexandria foi, nesse âmbito, o protótipo do museu da Antiguidade e o reflexo de uma filosofia universalista, conjugando e superpondo as funções e a estreita união entre arquivo, biblioteca e museu (BAUER, 2014).

A partir de uma das mais importantes bibliotecas e centros de estudo da Antiguidade, tem-se o desenvolvimento dos locais de guarda, armazenamento e criação de acervos, conforme histórico:

7 Segundo a mitologia, Calíope, a bela voz, era a inspiradora da poesia épica; Clio, a proclamadora, inspiradora da História; Erato, a amável, inspiradora da poesia lírica; Euterpe, a doadora de prazeres, inspiradora da música; Melpômene, a poetisa, inspiradora da Tragédia; Polímnia, a de muitos hinos, a inspiradora da música sacra; Tália, a que faz brotar flores, a inspiradora da comédia; Terpsícore, a rodopiante, a inspiradora da dança; e Urânia, a celestial, a inspiradora da Astronomia e Astrologia. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Musa>. Acesso em 06 nov 2022.

⁸ O homem desde a Pré-história reunia e produzia artefatos de acordo com as suas necessidades e associações pessoais ou coletivas. Tais indícios foram percebidos em escavações arqueológicas junto às câmaras funerárias daquele período. Já no século II a.C. há sinais, na Mesopotâmia, do surgimento de locais que abrigavam cópias de antigas inscrições, reproduzidas para uso educativo nas escolas daquele tempo. No Egito, tesouros acumulados pelos Faraós eram depositados em suas câmaras mortuárias, cuja crença é a de que serviriam para acompanhá-los durante a sua passagem à eternidade. Muitos desses tesouros, hoje, tornaram-se acessíveis em coleções egípcias de diversos museus. Os egípcios também manifestaram a posse de objetos, reunidos com a finalidade de se tornarem um espaço de estudo, discutindo saberes mitológicos, religiosos, geográficos, etc. (BAUER, 2014). Disponível em: <https://www.triscele.com.br/triscele/museu-museologia-e-museografia>. Acesso em 09 nov 2022.

Quadro 1 – Histórico das primeiras coleções de objetos e documentos na Antiguidade

PERÍODO	INSTITUIÇÃO	COLEÇÃO	FINALIDADE
Idade Média	Igrejas e Catedrais	Eclesiástica	Pedagógico e moral
Renascimento	Reais ou Príncipescas	Privadas	Poder econômico
Renascimento	Gabinetes de Curiosidades	Privadas	Colecionismo
Século XVIII	Governamentais	Provindas de doações	Exibição pública

Desenvolvido pela autora, 2022, com base em BAUER (2014).

Se no início as coleções eram parte de igrejas, castelos e construídas a partir do acervo de reis e príncipes; a museologia, como estudo e técnica, teve início com o colecionismo de particulares no século XVI e evoluiu a partir do século XVIII para as exposições públicas e com estrutura dos museus que conhecemos: além de colecionar obras, as instituições faziam a classificação, manutenção, restauração e também pesquisas. Os museus modernos deixavam de ser exclusivas exposições para obras de artes, históricas ou científicas. Passaram a ser instituições que organizam exposições especiais e monográficas, além de desenvolverem atividades relacionadas com o que se expõe (BAUER, 2014). Os primeiros museus a terem esse tipo de função foram o Museu Britânico, inaugurado em 1753⁹ em Londres e especializado em acervo histórico e científico, e o Smithsonian Institution¹⁰, inaugurado em 1846, em Washington, EUA, também voltado para às ciências e construído a partir do acervo do cientista britânico James Smithson.

Apesar de haver também coleções particulares antes da chegada da corte portuguesa, o Brasil teve início na museologia propriamente dita a partir do acervo de D. João VI. Com a coleção real trazida nos navios na fuga de Portugal é que foi criado o Museu Nacional¹¹, no Rio de Janeiro, inaugurado em 1818.

⁹ Museu Britânico de Londres <https://www.britishmuseum.org/about-us/british-museum-story>. Acesso em 06 nov 2022.

¹⁰ Smithsonian Institution: <https://www.si.edu/about/history>. Acesso em 06 nov 2022.

¹¹ A instituição remonta ao Museu Real, fundado por Dom João VI em 1818, numa iniciativa para estimular o conhecimento científico no Brasil. Inicialmente o museu abrigou coleções de materiais botânicos, de animais empalhados, de minerais, de numismática, de obras de arte e de máquinas. Herdou algumas das aves empalhadas da antiga Casa dos Pássaros, primeiro museu de história natural brasileiro, fundado pelo vice-rei Dom Luis de Vasconcelos. A primeira sede do Museu Real localizava-se no Campo de Santana, no centro da cidade, em um prédio mais tarde ocupado pelo Arquivo Nacional [https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Nacional_\(Rio_de_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Nacional_(Rio_de_Janeiro)). Acesso em 06 nov 2022.

Até esse período, a participação de mulheres como artistas, colecionadoras e estudiosas das artes era totalmente invisibilizada. Desde a arte sacra do século XV aos primeiros museus do século XVIII a maioria das representações femininas nas artes era através da exposição do corpo e geralmente nu. Nas pinturas e esculturas vemos nas representações da mulher a partir do Renascimento o refinamento do flerte juvenil; a tentação servil; a erotização da esposa; a infidelidade conjugal; prostitutas mais adequadas e discretas - a representação das artistas (cantoras e dançarinas). A mulher, além de segundo sexo, passa a ser o belo sexo (HORN, 2006).

As formas de revelar que a participação delas aconteceu desde o início do desenvolvimento de coleções na Antiguidade, não como deusas adoradas e mitológicas, mas como atuantes nas artes e instituições de memória, vêm de estudos mais recentes. Um deles é o *The Role of American Women in Museum Leadership: Late 19th to 20th century* de Sarah Blatter. Apesar de focar no histórico das mulheres na Museologia dos Estados Unidos, ela faz uma linha do tempo sobre as colecionadoras e curadoras pouco citadas na história do colecionismo de arte como a rainha russa Catarina, a Grande¹². Através da pesquisa de Blatter também se pode conectar a representatividade delas, além das pinturas e esculturas, aos movimentos sociais. Muito desse anseio por ocupar lugares, dar nome, rosto e história para essas mulheres, vem aliado a movimentos como o sufrágio feminino¹³ e a Declaração dos Direitos e dos Sentimentos de 1848¹⁴. É a partir do século XIX que elas começam a ganhar espaço na administração das instituições museais na América do Norte. Em tradução livre, como Blatter pontua em seu artigo,

¹² Catarina II, rainha da Rússia de 1762 a 1796, tinha a reputação de ser uma mecenas das artes, literatura e educação. O Museu Hermitage, em São Petesburgo, começou a partir da coleção privada da imperatriz. Com o incentivo do seu conselheiro, Ivan Betskoi, ela escreveu um manual para a educação de crianças, inspirando-se nas ideias de John Locke, e fundou em 1764, o conhecido Instituto Smolny, onde estudavam jovens meninas da nobreza. https://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina_II_da_R%C3%BAssia. Acesso em 06 nov 2022

¹³ Movimento mundial, iniciado no século XIX, em favor ao direito ao voto das mulheres https://pt.wikipedia.org/wiki/Sufr%C3%A1gio_feminino. Acesso em 06 nov 2022

¹⁴ A Declaração de Sentimentos, também conhecida como Convenção de Seneca Falls, é um documento assinado, em 1848, por 68 mulheres e 32 homens — 100 das 300 pessoas que atenderam a convenção de apoio aos direitos das mulheres (que foi organizado também por mulheres). A convenção foi feita na cidade de Seneca Falls, Nova Iorque. A principal responsável pela declaração foi Elizabeth Cady Stanton, que a modelou na Declaração da Independência dos Estados Unidos. https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_de_Sentimentos. Acesso em 06 nov 2022

alguns dos primeiros esforços das mulheres na América para entrar na preservação e interpretação no século 19 foram focados principalmente em locais históricos. Essas ações realmente impulsionam essas mulheres na esfera pública, envolvendo-as com a lei, a política e as questões raciais. Os esforços extraordinários e o envolvimento público incomum das mulheres do processo foram apenas o início do papel das mulheres de classe alta na liderança da preservação. O início do século 20 inaugurou um fluxo de mulheres influentes do museu que dirigiram seus esforços para museus de arte, coleções históricas e coleções científicas (BLATTER, 2014).

Entre as pioneiras na museologia mundial a ter um cargo de liderança está a pintora americana Cornelia Bentley Sage Quinton. Ela foi diretora do Albright Art Museum em Buffalo, Nova York, de 1910 a 1924. Após sua nomeação como diretora em 15 de outubro de 1910, tornou-se a primeira mulher a ser diretora de um grande museu de arte nos Estados Unidos. No Brasil, a carioca Regina Monteiro Real¹⁵, nascida em 1901, formou-se pelo Curso Técnico de Museus do Museu Histórico Nacional no ano de 1937 e iniciou sua atuação profissional no cargo de conservadora do Museu Nacional de Belas Artes, onde trabalhou até o ano de 1953. Contribuiu durante dezesseis anos para realização de diversas exposições e ações de documentação do acervo da instituição. Nesse período foi diretora substituta do museu entre os meses de novembro de 1952 a fevereiro de 1953, sendo provavelmente a primeira mulher formada como museóloga a assumir um cargo de direção de museu no Brasil.

Outra pioneira a atuar no Brasil foi Emília Snethlage, expedicionária e ornitóloga¹⁶ alemã, apaixonada pela Amazônia. Ela foi a primeira mulher a dirigir uma instituição científica na América do Sul, o Museu Paraense Emilio Goeldi¹⁷, fundado em 1911, em Belém/PA. Emília dirigiu a instituição de 1914 a 1917 retornando à Alemanha após o rompimento diplomático dos germânicos com o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial. Por ser cientista e mulher enfrentou muitos preconceitos e assinava artigos científicos como 'Doutor Snethlage'. Em 1922,

¹⁵ Devido a sua representatividade em instituições brasileiras, Regina Monteiro Real é considerada uma das personagens centrais para o estabelecimento da representação brasileira do ICOM - Conselho Internacional de Museus. https://pt.wikipedia.org/wiki/Regina_Monteiro_Real. Acesso em 06 nov 2022.

¹⁶ Especialista no estudo de aves <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ornitologia>. Acesso em 06 nov 2022.

¹⁷ O Museu Paraense Emilio Goeldi, popularmente conhecido como Museu Goeldi, é uma instituição museológica e científica pública e um parque zoológico brasileiro, fundada em 1911 pelo naturalista Domingos Soares Ferreira Penna, no município brasileiro de Belém (capital do estado do Pará), vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia do Governo Federal (desde o ano 2000, antes ligado ao CNPQ). É o primeiro parque zoológico do Brasil, a mais antiga instituição científica da Amazônia e o segundo museu de história natural brasileiro. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Goeldi. Acesso em 06 nov 2022

Snethlage retorna ao Brasil e aceita o convite do diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro para ser naturalista da instituição e se transferiu para a capital carioca (MODELLI, 2022).

Tanto em museus de arte centenários como o Louvre¹⁸, como outras instituições de memória especializadas, só muito recentemente é que mulheres tiveram protagonismo na direção e curadoria. Os museus especializados em esporte, como melhor detalhado no capítulo 7, só começaram a ser fomentados a partir da primeira metade do século XX e não houve, até onde se tem registro, qualquer liderança feminina no surgimento desses espaços temáticos. Algumas se destacaram ao criar departamentos e associações específicas para mulheres, como no caso da multi atleta brasileira Elizabeth Lída Von Lhering Jung no Flamengo na década de 1930¹⁹ e da ex-tenista Billie Jean King²⁰, que fundou a Women's Sports Foundation em 1974.

Apesar da representatividade na direção de instituições, a antiga discussão de mulheres nuas nos quadros e esculturas expostas nos museus do mundo é um assunto sempre em pauta. Por mais que elas pudessem selecionar as obras, muito pouco do que era exibido era produção de artistas mulheres. Havia e há ainda uma hegemonia do olhar masculino na arte e mesmo as mulheres não eram (e ainda, em grande parte, não são) representadas nas telas pelas próprias mulheres. Não é à toa que a partir da década de 70, tão marcada por contestações culturais de comportamentos e costumes, tenham surgido na Museologia movimentos para questionar e buscar o espaço da representatividade feminina nas artes como a Sociomuseologia e museologia de gênero - assuntos melhor abordados nos capítulos 5 e 6 desta monografia. Na Biblioteconomia, a inserção de mulheres também não foi fácil e muitas precursoras também conquistaram seu espaço à custa de muito trabalho e iniciativa, como veremos no tópico a seguir.

¹⁸ The Louvre is to have a female president for the first time in its 228-year history.

<https://www.theguardian.com/world/2021/may/26/louvre-appoints-laurence-des-cars-as-first-female-president#:~:text=The%20Louvre%20is%20to%20have,visited%20museum%2C%20founded%20in%201793>. Acesso em 06 nov 2022.

¹⁹ Também conhecida como Elizabeth Lída Von Lhering, sempre teve paixão pela esgrima e outros esportes. Praticou remo e fundou o departamento feminino do Clube do Flamengo nos anos 1930. <https://acervo.museudapessoa.org/pt/buscar/conteudo/todos/tag/164494>. Acesso em: 06 nov 2022.

²⁰ A ex-tenista norte-americana é considerada uma das maiores atletas da modalidade de todos os tempos. Multi campeã, ela fundou a Women's Sports Foundation para "alavancar a vida das meninas e mulheres através do esporte e da atividade física". https://pt.wikipedia.org/wiki/Billie_Jean_King. Acesso em: 06 nov 2022.

4.2. De segregadas da educação às guardiãs da informação

A Biblioteconomia tem origem a partir do ano 288 a.C com a Biblioteca de Alexandria²¹. E, como atividade ligada ao clero e a nobreza, como tudo que envolvia cargos de liderança, aparições públicas ou processos decisórios da Antiguidade ao Renascimento, também não foi, neste início, inclusiva para as mulheres. “Era função da Igreja “castrar” [...] usando como contraponto a ideia do homem superior a qual cabia o exercício da autoridade. Todas as mulheres carregavam o peso do pecado original e, desta forma, deveriam ser vigiadas de perto e por toda a vida” (COUTO et al, 2005). Com esse dogma estabelecido, não é difícil entender porque em um dos maiores centros de produção do conhecimento do mundo antigo, copistas, autores e acadêmicos eram homens. Antes de ser estabelecida como um ofício regulamentado, a função de guardião do conhecimento era eminentemente masculina, constituída por monges, bibliófilos, biógrafos, possuidores de grandes erudições (BASÍLIO, 2019). A única exceção a que se tem registro, não exatamente atuando na guarda de documentos, mas na produção de conhecimento, foi a presença de Hipátia na Academia de Alexandria. Filósofa e a primeira matemática da história, ela foi estudante e professora na escola platônica (FABRO, 2019).

Desde o século III a.C, muitas outras bibliotecas surgiram com o propósito de ser um centro de guarda do conhecimento e existência humana através de livros e registros. E para suprir a demanda, precisava haver pessoas para lidar com o público e as publicações. Em “Introdução à Biblioteconomia” (1992), Edson Nery da Fonseca destaca, séculos depois da origem da profissão, o surgimento das duas primeiras escolas de Biblioteconomia e a formação acadêmica dos primeiros bibliotecários:

A formação do bibliotecário esteve sempre polarizada entre a erudição e a técnica. A orientação erudita é a mais antiga e teve como pioneira a École Nationale des Chartes, fundada em Paris, em 1821. Mais de meio século depois, em 1887, surge nos Estados Unidos uma escola com orientação técnica: a School of Library Economy, fundada por Mevil Dewey²² na Columbia University, Nova York, e que durou até 1992 (FONSECA, 1992).

²¹ A Biblioteca de Alexandria foi uma das mais significativas e célebres bibliotecas e um dos maiores centros de produção do conhecimento na Antiguidade. Estabelecida durante o século III a.C. no complexo palaciano da cidade de Alexandria, no Reino Ptolemaico do Antigo Egito, a Biblioteca fazia parte de uma instituição de pesquisa chamada Museu. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_de_Alexandria. Acesso em: 06 nov 2022.

²² Melville Louis Kossuth Dewey foi um bibliotecário norte-americano. Em 1873, trabalhando como assistente bibliotecário da Amherst College, em Amherst, Massachussetts, cargo conseguido no ano anterior (1872), desenvolveu um plano de reorganização da biblioteca. No ano seguinte (1874) foi

Sobre a participação feminina, quando se traça um histórico desde Calímaco (300 a.C-240 a.C.)²³ até a publicação das Cinco Leis da Biblioteconomia por Ranganathan²⁴, em 1931, raramente há qualquer menção às mulheres que participaram da construção desta ciência social. Mas é evidente que elas tiveram atuação nas bibliotecas mesmo ainda sem a formação regulamentada. E Dewey foi percussor nesse aspecto. Porém, segundo Battles,

a Boston Athenaeum tinha sido a primeira biblioteca a empregar mulheres, em 1857. Dewey apoderou-se da inovação. A Escola de Economia de Bibliotecas, que ele criou em Columbia, admitiu a presença de mulheres já na primeira turma. Dewey tomou a decisão sem consultar os administradores da universidade, e esse foi o principal motivo para o fechamento do curso, dois anos mais tarde. A escola foi transferida, então, para a universidade estadual, em Albany. Num retrospecto superficial, pode parecer que esses tenham sido gestos pioneiros na conquista dos direitos da mulher. Na verdade, porém, Dewey admitia mulheres em seus cursos pelas mesmas razões que as empregava nas bibliotecas – para rebaixar a profissão (BATTLES, 2003).

Já que as mulheres eram naturalmente subalternas em relação à autoridade e conhecimento masculino, esse rebaixar a profissão|| tinha a ver, na visão de criador da CDD²⁵, com a subordinação. Se os bibliotecários eram menos eruditos que os professores e especialistas, e, portanto, subalternos a eles, ter uma mulher nessa função deixava o fato ainda mais evidente. Enquanto elas precisavam, como ainda atualmente, estudar mais, fazer mais e melhor para mostrar alguma equidade com os homens, é possível, nos dias atuais, encontrar registros e traçar um histórico de

promovido a Assistente Bibliotecário da universidade, e em 1876 publicou anonimamente uma obra que revolucionou a biblioteconomia: *Classification and Subject Index for Cataloguing and Arranging the Books and Pamphlets of a Library*. No mesmo ano de 1876 tornou-se o primeiro redator-chefe do *Library Journal* e membro-fundador da *American Library Association*, como primeiro-secretário da associação. https://pt.wikipedia.org/wiki/Melvil_Dewey. Acesso em 06 nov 2022.

²³ Calímaco (310 a.C. — 240 a.C.), foi um poeta, bibliotecário, gramático e mitógrafo grego. Tendo se tornado diretor da Biblioteca de Alexandria, criou um catálogo das obras existentes naquela biblioteca - os *Pinaces* - com autores por ordem alfabética e com breve biografia de cada um deles. Calímaco foi o segundo diretor da Biblioteca de Alexandria, seguido por seu discípulo Eratóstenes de Cirene. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cal%C3%ADmaco>. Acesso em 06 nov 2022.

²⁴ Shiyali Ramamrita Ranganathan foi um matemático e bibliotecário da Índia, considerado o pai da biblioteconomia no país. Ele contribuiu com várias inovações e ideias para a biblioteconomia mundial. Sendo a principal, a criação das cinco leis da Biblioteconomia (*five laws of library science*), idealizadas em 1928. https://pt.wikipedia.org/wiki/Shiyali_Ramamrita_Ranganathan. Acesso em 06 nov 2022.

²⁵ A Classificação Decimal de Dewey (em inglês: *Dewey Decimal Classification*; DDC ou CDD), também conhecida como Sistema Decimal de Dewey, é um sistema de classificação documentária desenvolvido pelo bibliotecário americano Melvil Dewey (1851-1931) em 1876, e desde então enormemente modificado e expandido ao longo de vinte e três grandes revisões que ocorreram até 2011. https://pt.wikipedia.org/wiki/Classifica%C3%A7%C3%A3o_decimal_de_Dewey. Acesso em 06 nov 2022,

algumas das pioneiras da Biblioteconomia, antes de mesmo da regulamentação desta ciência como profissão. E, sem a intenção de ser cansativa ou extensa, mas de fazer o reconhecimento a alguns nomes pouco citados ou invisibilizados em outros estudos na história da Biblioteconomia, a lista abaixo descreve como, além de estarem presentes durante o início da profissão, elas foram fundamentais para a criação e gestão de algumas instituições ao redor do mundo. São elas:

Quadro 2 – Precursoras da Biblioteconomia no mundo – Séc. IX à 1970

ANO	BIBLIOTECÁRIA	ORIGEM E HISTÓRICO
Séc. IX	Santa Wiborada	Suíça De origem nobre, foi enfermeira, freira e bibliotecária. Com a morte dos pais, ela e o irmão se instalaram na Abadia de São Galo, na Suíça. Lá ela ajudou, entre outras atividades, a encadernar muitos livros da biblioteca do mosteiro. Por seus milagres e resiliência, Santa Wiborada foi formalmente canonizada pela Santa Sé, pelo Papa Clemente II em 1047. Na Suíça, é considerada a santa padroeira das bibliotecas e bibliotecários. Na arte, ela é comumente representada segurando um livro para representar a biblioteca que ela salvou, e um machado, que significa a forma de seu martírio.
Séc. X	Lubna de Córdoba	Espanha Originalmente era uma escrava de origem espanhola, tornou-se a secretária do califa de Córdoba, Aláqueme II (961-976), um grande defensor da cultura. Na biblioteca de Córdoba, Lubna se encarregou de tocar, escrever e traduzir muitos manuscritos. Junto com Hasdai ibne Xaprute, ela foi a força motriz por trás da criação da famosa biblioteca de Medina Azara, que abrigava mais de 500 000 livros. Segundo as crônicas árabes, na época do califa Aláqueme II, mais de 170 mulheres alfabetizadas podiam ser encontradas em alguns subúrbios da cidade; essas mulheres eram responsáveis por fazer cópias de manuscritos valiosos. Isso dá uma ideia da cultura e do papel das mulheres durante o reinado do califa.
1796	Cecilia Cleve	Suécia Cecilia Cleve se casou com Freidrich August Cleve de Magdeburg, na Alemanha, que era ativo como impressor e que, em 1787, abriu o que é chamada de primeira biblioteca de empréstimos em Estocolmo. Quando ficou viúva em 1796, Cecilia renunciou ao privilégio de impressora, mas manteve o ideal dele de manter uma biblioteca pública e a administrou até sua morte. Ela catalogou os livros em ordem alfabética, o que era uma inovação na época, fez sistemas de assinaturas trimestrais e anúncios nos jornais do país. Ela administrou a biblioteca com sucesso e supostamente continha 8.000 volumes. Em 1800, cinco outras bibliotecas de empréstimo foram fundadas em Estocolmo, mas ela permaneceu a única bibliotecária atuante até que Eva Unander abriu uma em Slussenområdet, em 1816.

ANO	BIBLIOTECÁRIA	ORIGEM E HISTÓRICO
1818	Eva Unander	Suécia Eva Unander foi a segunda mulher na Suécia a administrar uma biblioteca, precedida por Cecilia Cleve, e a primeira a fundar e administrar uma biblioteca comercial de empréstimos. Em 1818, viúva e mãe solteira, ela abriu uma biblioteca em Södermalmstorg. O usuário poderia definir a quantidade de tempo para o empréstimo. O custo variava de acordo com o número de livros e o tempo de empréstimo. A Biblioteca Nacional da Suécia mantém nove diretórios impressos da biblioteca de Unander. A biblioteca continha principalmente obras de ficção, com muitas traduzidas de outras línguas, como o alemão.
c1882	Amelia Gorgas	EUA Foi bibliotecária e chefe dos correios da Universidade do Alabama por 25 anos, até sua aposentadoria aos oitenta anos em 1907. Ela expandiu a biblioteca, da Universidade do Alabama, de 6 000 para 20 000 volumes. A biblioteca principal da universidade leva o seu nome.
1884	Mary Salome Cutler	EUA Foi uma bibliotecária norte-americana e figura central na criação e no ensino da Biblioteconomia nos Estados Unidos. Formou-se no Mount Holyoke Female Seminary em 1875 e, mais tarde, lecionou na faculdade nos períodos de 1876 a 1878. Depois de catalogar uma pequena biblioteca dos Estados Unidos em 1884, ela procurou a assistência de Melvil Dewey, então bibliotecário do Columbia College, em Nova York, para encontrar um trabalho. Dewey a contratou como catalogadora na biblioteca do Columbia College, onde ela permaneceu até 1889. Em janeiro de 1887, quando abriu sua pioneira Faculdade de Biblioteconomia, a primeira instituição norte-americana para treinamento de bibliotecários, Cutler foi contratada como professora de catalogação. Quando a escola foi fechada, Dewey permaneceu como diretor, mas as operações diárias se tornaram responsabilidade de Mary Salome Cutler Fairchild, que atuou como vice-diretora e professora por 16 anos. Mary foi pioneira em serviços bibliotecários para pessoas com restrições visuais, tendo organizado a Biblioteca Estadual para Cegos de Nova Iorque, no ano de 1899, onde também atuou como bibliotecária.
1890	Elizabeth P Sohier	EUA Primeira mulher nomeada para uma agência de bibliotecas estaduais dos Estados Unidos – especificamente, o Massachusetts Board of Library Commissioners (EUA). Como membro da Free Public Library Commission por trinta e seis anos, Sohier trabalhou incansavelmente para garantir que todas as cidades e vilarejos de Massachusetts tivessem uma biblioteca. Ela também trabalhou para incentivar essas bibliotecas, uma vez estabelecidas, a expandirem seus acervos e circulação. Em 1952, a Comissão foi rebatizada de Massachusetts Board of Library Commissioners. Sohier também atuou na Associação de Educação da Mulher de Boston e foi fundamental na criação de um comitê sobre bibliotecas. O grupo estabeleceu bibliotecas itinerantes, uma coleção de fotos itinerantes e coleções de livros de viagem.
1911	Theresa Elmendorf	EUA Elmendorf começou sua carreira na biblioteca em 1877 trabalhando para a Associação de Jovens de Milwaukee. Para desenvolver um conhecimento básico da teoria e prática da biblioteca, ela leu o relatório de 1876 do U.S. Bureau of Education, Public Libraries in the United States of America. Por volta de 1878, ela começou a trabalhar na Biblioteca Pública de Milwaukee, chegando a vice-bibliotecária em 1880 e, finalmente, a bibliotecária-chefe em 1892. Em 1896, aos 41 anos, Elmendorf renunciou ao cargo para se casar com Henry Livingston Elmendorf. Ela, então, atuou como sua sócia e foi consultora administrativa. Foi editora em 1904 do Catálogo de Livros para Pequenas Bibliotecas da American Library Association e autora de Classroom Libraries for Public Schools. Quando seu marido morreu, em 1906, o conselho de administração da Biblioteca Pública de Buffalo nomeou Elmendorf vice-bibliotecária, cargo que ela ocupou por 20 anos. Em 1911 ela se tornou a primeira mulher presidente da American Library Association (ALA) com gestão de 24 de maio de 1911 a 2 de julho de 1912.

ANO	BIBLIOTECÁRIA	ORIGEM E HISTÓRICO
1912	Lillian Helena Smith	Canadá
<p>Foi a primeira bibliotecária infantil do Império Britânico. Durante sua carreira, Smith montou espaços de biblioteca para crianças em escolas de Toronto. Ela também criou uma classificação de biblioteca de literatura infantil que foi usada em bibliotecas de Toronto até o final da década de 1970.</p>		
c1917	Nadejda Krupskaja	União Soviética
<p>Esposa do revolucionário russo Lenin, Nadejda foi uma figura de renome do Partido Comunista da União Soviética e uma das principais figuras responsáveis pela criação do sistema educativo soviético e uma pioneira no desenvolvimento das bibliotecas russas. Feminista, era a favor da emancipação das mulheres e o fim do analfabetismo. Para por em prática o plano de expandir o número de bibliotecas soviéticas, estudou o funcionamento das principais bibliotecas públicas europeias durante o seu exílio, instituições que foram raras durante o anterior período imperial, mas que tinham crescido dramaticamente em número durante as primeiras duas décadas da governação comunista. Como promotora da biblioteconomia na Rússia, Krupskaja contribuiu para a criação de um sistema de classificação para a Biblioteca Lênin, Classificação Biblioteco-Bibliográfica onde a estrutura hierárquica decimal e dos conhecimentos derivaram do materialismo histórico, e que posteriormente foi estendida a sua utilização para as bibliotecas públicas russas e de outros países do bloco soviético.</p>		
1919	Regina Fleszarowa	Polónia
<p>Por volta de 1915, ela se tornou ativa na imprensa pelos direitos das mulheres e atuou como presidente do Conselho de Mulheres, participando das convenções europeias do Conselho Internacional das Mulheres em Bruxelas, Dubrovnik e Edimburgo. Em 1919, Fleszarowa tornou-se bibliotecária do Instituto Geológico Nacional de Varsóvia e adquiriu uma coleção de mais de 30.000 volumes durante sua gestão, que durou até a Segunda Guerra Mundial. Entre 1920 e 1939, Fleszarowa publicou 18 textos para a Bibliografia Geológica da Polónia. Ela também trabalhou como editora para Ziemia, o jornal da Sociedade Geográfica desde 1929. Ao longo de sua vida, Fleszarowa publicou mais de 100 artigos sobre a história científica e geografia da Polónia.</p>		
1921	Alice Dugged Cary	EUA
<p>Professora, ativista política, foi a primeira bibliotecária sem formação acadêmica a ser chefe da Auburn Carnegie Library, em Atlanta. A instituição foi a primeira biblioteca a admitir cidadãos afro-americanos no período de segregação nos Estados Unidos.</p>		
1923	Virginia Florence	EUA
<p>Primeira mulher negra nos Estados Unidos a se formar em biblioteconomia. Ela obteve o grau de Bacharelado em Biblioteconomia pela Universidade de Pittsburgh (EUA).</p>		
1926	Elizabeth G Vining	EUA
<p>Tutora do imperador Ahikito do Japão, em 1926, Elizabeth recebeu o diploma de Biblioteconomia do Drexel Institute of Technology, instituição atualmente conhecida como Drexel University, e foi trabalhar para a Universidade da Carolina do Norte como bibliotecária. No início da década de 1950, ela atuou por cerca de 20 anos como vice-presidente do Conselho de Curadores de Bryn Mawr e vice-presidente de seu Conselho de Administração. Em 1954, Gray recebeu o prêmio Skinner da Women's National Book Association.</p>		

ANO	BIBLIOTECÁRIA	ORIGEM E HISTÓRICO
c1928	Ada Adler	Dinamarca
<p>Filósofa, ela foi uma das primeiras mulheres a escrever artigos para a famosa enciclopédia alemã Realencyclopädie der classischen. Adler é conhecida mundialmente por sua edição do Suda, primeira enciclopédia do mundo, publicada em cinco volumes. Tal livro é tido como modelo para as traduções modernas. A numeração que Adler estabeleceu na sua edição do Suda, conhecida como numeração de Adler, é hoje a numeração padrão para citação da obra entre os acadêmicos nas Universidades. Ela também é mãe de Niels Bohr, físico quântico e ganhador do Nobel de Física em 1922.</p>		
1933	Margaret Egan	EUA
<p>Egan trabalhou na Biblioteca Pública de Cincinnati de 1933 a 1940; Em 1943 ingressou no Centro de Relações Industriais da Universidade de Chicago como bibliotecária e começou a lecionar na Graduate Library School (GLS). Ela foi nomeada professora assistente na GLS em 1946 e foi editora associada da Library Quarterly de 1952 a 1955. Ela deixou Chicago em 1955 e se juntou a Jesse Shera na School of Library Science da Western Reserve University em Cleveland, Ohio, onde ela atuou pela primeira vez como pesquisadora associada no recém-formado Centro de Pesquisa em Documentação e Comunicação. Em 1956 foi nomeada professora associada. O conceito de "Epistemologia Social" foi proposto por Egan e Shera, mas se difundiu apenas como uma teoria dele.</p>		
1939	Frances E. Henne	EUA
<p>Primeira mulher a compor o corpo docente da Universidade de Chicago que, mesmo sendo uma das maiores especialistas em Biblioteca Escolar, não foi reconhecida entre os nomes de destaque do movimento.</p>		
1940	Eliza A Gleason	EUA
<p>Primeira negra americana a obter um doutorado em biblioteconomia, pela Universidade de Chicago (EUA).</p>		
1940	Vibeke Ammundsen	Dinamarca
<p>Ammundsen começou sua carreira em 1940 na biblioteca do Itamaraty. No ano seguinte, ela começou a trabalhar como bibliotecária no Royal Agricultural College. A partir de 1957, ela chefiou a Biblioteca Técnica da Dinamarca (Danmarks Tekniske Bibliotek), onde introduziu sistemas de busca computadorizados no início dos anos 1960. Quando a biblioteca mudou-se para Lyngby em 1971 para servir a Universidade Técnica da Dinamarca, ela inovou para bibliotecas de pesquisa, introduzindo prateleiras abertas para livros e periódicos, permitindo aos visitantes acesso direto aos acervos da biblioteca. Na década de 1970, ela propôs e dirigiu o sistema de banco de dados DANDOK para informações científicas e técnicas.</p>		
1947	Freda F Waldon	Canadá
<p>Primeira presidente da Associação Canadense de Bibliotecas.</p>		
c1945	Emma O. Elmer	EUA
<p>Foi uma bibliotecária e autora norte-americana conhecida pelo seu trabalho de catalogação nas Filipinas. Ela foi autora de vários livros sobre a vida das plantas nas Filipinas, incluindo Our Philippine Trees e Our Philippine Forests. Ela também foi a criadora da Lista de verificação de publicações do governo das Ilhas Filipinas, que escreveu enquanto servia como Chefe da Seção de Documentos Públicos da Biblioteca Filipina. Esta publicação, que tentou detalhar todas as publicações criadas pelo governo pós-guerra filipino-americana, foi chamada de "a publicação mais importante publicada pela Biblioteca Filipina desde o seu início".</p>		

ANO	BIBLIOTECÁRIA	ORIGEM E HISTÓRICO
1953	Ekei Essien Oku	Nigéria Ela foi uma das primeiras bibliotecárias licenciadas da Nigéria e a primeira mulher a ser bibliotecária-chefe na Nigéria. Ela publicou uma pesquisa sobre a história da Nigéria com base no relato de missionários que datavam a formação das cidades no século XVII.
1959	Audre Lorde	EUA Audre Lorde nasceu no Harlem, Nova York, Estados Unidos, em 1934. Em 1959, graduou-se em biblioteconomia pelo Hunter College. Em 1961, concluiu seu mestrado na área pela Columbia University. Durante os anos 1960, trabalhou como bibliotecária em escolas públicas de Nova York. Em 1969, começou a lecionar no Lehman College. Em 1970, tornou-se professora de literatura no John Jay College. Em 1977, tornou-se editora de poesia no jornal feminista Chrysalis. Três anos depois, fundou, junto com a escritora Barbara Smith, a editora Kitchen Table: Women of Color Press, para disseminar a produção de feministas negras. Engajada com a luta das mulheres sul-africanas contra o apartheid, em 1985 criou a rede de apoio Sisterhood in Support of Sisters in South Africa. Após seu falecimento, em 1992, seus arquivos passaram a integrar a coleção do Spelman College, em Atlanta.
1959	Ann Schocley	EUA Shockley nasceu em 1927 em Louisville, Kentucky. Incentivada por professores, ela começou a escrever no ensino médio, trabalhando como editora do jornal de sua escola. Ela continuou a trabalhar como jornalista e colunista para vários jornais durante a graduação e mais tarde se formou na Fisk University em 1948. Shockley concluiu o mestrado em biblioteconomia pela Case Western Reserve University em 1959. Trabalhou como bibliotecária no Delaware State College e na University of Maryland Eastern Shore, antes de trabalhar para Special Negro Collection na Fisk University em 1969. Ela atuou como professora de biblioteconomia, arquivista universitária, bem como bibliotecária associada para coleções especiais em Fisk e fundou o Programa de História Oral Negra até se aposentar em 1988. Ao longo de sua carreira, Shockley publicou vários livros sobre biblioteconomia e coleções especiais, particularmente relacionadas a coleções afro-americanas. Ela escreveu vários artigos sobre a literatura da época, especialmente dentro dos círculos feministas negros e foi uma notável crítica literária e teórica feminista.
1963	Shanti Mishra	Nepal Primeira bibliotecária nepalesa. Ela foi nomeada bibliotecária-chefe na Biblioteca Central da Universidade de Tribhuvan, depois de retornar dos EUA com um mestrado em Biblioteconomia.
1963	Margaret Amosu	Nigéria Nasceu em Londres, mas morou muitos anos na Nigéria. Em 1963 mudou-se para Ibadan e tornou-se bibliotecária na Universidade de Ibadan, a mais antiga do país africano. Lá ela publicou uma bibliografia da escrita criativa africana, ajudou a desenvolver um currículo centrado na África e supervisionou a construção de uma nova biblioteca como bibliotecária médica do principal hospital-escola do país. Em 1977, ela voltou para a Inglaterra, tornando-se bibliotecária da Phaidon Press em Oxford.
1970	Clara Stanton Jones	EUA Primeira mulher (e a primeira afro-americana) a atuar como diretora de um importante sistema de bibliotecas na América, como diretora da Biblioteca Pública de Detroit.

Quadro elaborado pela autora com base na timeline da Timeline of women in library Science²⁶, 2022

²⁶ Todas as percurssoras citadas no quadro estão referenciadas no final da monografia

Algumas dessas pioneiras, sem ter uma referência feminina ou mesmo outras pessoas que pudessem propagar o conhecimento a partir do trabalho nas bibliotecas e com os livros, atuaram como professoras, criando e desenvolvendo cursos livres e acadêmicos. O desenvolvimento da profissão não foi diferente na América do Sul e no Brasil. No artigo "Protagonismo social das mulheres no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba", as autoras Gisele Rocha Côrtes, Gracy Kelli Martins e Joana Coeli Ribeiro Garcia citam, entre outros pioneirismos, o considerado primeiro curso de área na América Latina. Segundo as autoras, em 1903,

o Conselho de Mulheres da Argentina inaugura a Biblioteca del Consejo de Mujeres de la República Argentina com o objetivo de fomentar a arte de ler e passa a promover anualmente a festa do Livro, o que reforça evidências de que, assim como no Brasil, a criação da Biblioteca do Conselho incentivou a oferta do curso para Bibliotecárias no mesmo, a partir de uma demanda profissional da época com a crescente criação de bibliotecas (CÔRTEZ, GARCIA, MARTINS, 2019).

Na realidade, o Conselho de Mulheres na Argentina tinha como intuito a difusão da leitura, criação e manutenção de acervo. As atividades eram, num primeiro momento, mais de formação educativa no ambiente de bibliotecas, do que ações para a formação de especialistas para atuar como bibliotecárias (MARCO, 2013). No continente americano, com exceção dos Estados Unidos, a maioria dos países só teve algum contato ou desenvolvimento das práticas bibliotecárias a partir do início do século XX. Dois exemplos de percussoras com trabalhos marcantes nessa região foi da primeira professora de biblioteconomia de Cuba, María del Carmen Villar, que foi diretora da Biblioteca Nacional de Havana de 1924 a 1933, tornando-se professora em 1936. E Olinta Oriosa Morales²⁷, que foi assistente do bibliotecário argentino e residente em Cuba, Carlos Víctor Penna. Depois de presa por ser ativista na revolução contra a ditadura de Fulgêncio Baptista²⁸, além de trabalhar na direção de bibliotecas, desenvolveu planos de implantação de bibliotecas públicas e escolares em Cuba.

²⁷ Olinta Ariosa Morales (1921 – 1999) foi uma bibliotecária cubana. Ela desempenhou um papel importante no desenvolvimento da biblioteca pública e dos sistemas de biblioteca escolar em seu país após a revolução cubana, na qual foi presa por sua participação. Ao longo de sua carreira foi ativista e defensora de múltiplas causas. Ela desempenhou um papel fundamental na formação da Associação Cubana de Bibliotecários https://en.wikipedia.org/wiki/Olinta_Ariosa_Morales. Acesso em 06 nov 2022.

²⁸ Fulgencio Batista Zaldívar foi um militar cubano que serviu como presidente eleito da ilha entre 1940 e 1944, e depois como ditador entre 1952 e 1959, até se derrubado pela Revolução Cubana - movimento contra a ditadura liderado por Fidel Castro e Che Guevara. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fulgencio_Batista. Acesso em 09 nov 2022.

No Brasil, também a partir de movimentos sociais, a luta por protagonismo feminino vem a partir de manifestações para oportunidades de as mulheres terem acesso ao trabalho e pelo direito ao estudo. Mas, mesmo entre elas, nessa inserção nas profissões, havia já neste início uma diferenciação de classes em colocar as mulheres em determinadas funções a partir de sua origem ou condição familiar. Segundo Feltrin (2018),

mesmo com a promulgação do Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, que permitia às mulheres o ingresso em instituições de ensino de outras modalidades, como a superior, ainda nos primeiros anos do século XX uma reduzida parcela da população feminina tinha acesso à educação. [...]. Este é também um período de ingresso das mulheres no mercado de trabalho por meio dos empregos em fábricas. Porém, com um alcance muito maior à população pobre, onde as mulheres eram responsáveis por parte da subsistência de suas famílias, muitas ainda se mantinham na execução de trabalhos domésticos em casas de famílias. Para as moças de famílias mais abastadas estavam reservadas as vagas no magistério, sendo limitada a atuação feminina em cargos públicos e outras atividades de maior prestígio (FELTRIN et al., 2018).

É comum achar que a atuação de bibliotecários e a primeira biblioteca tenha sido inaugurada com a chegada da família real portuguesa, em 1808. De fato, uma instituição como a BN no Rio de Janeiro foi a primeira com grandes proporções em termos de espaço, estrutura e acervo a existir no país.²⁹ Mas, alguns séculos antes, essas atividades já aconteciam em território brasileiro, como sinalizam as pesquisadoras Almeida e Baptista:

A primeira biblioteca brasileira surgiu dentro de uma instituição de ensino dos Jesuítas no Brasil Colonial. Naquele período, todo acesso ao conhecimento laico era controlado pela Igreja, situação que favoreceu a criação da primeira biblioteca do país no Colégio da Bahia (1568) e também as atividades de um bibliotecário. No Brasil, o primeiro bibliotecário foi o jesuíta português Antônio Gonçalves em 1604 na biblioteca do Colégio da Bahia (FONSECA, 1979). Naquele período e até o início do século XX não havia cursos de formação de bibliotecários no Brasil (ALMEIDA, BAPTISTA, 2013).

Foi apenas no século XX, com a perspectiva de suprir a falta de especialistas que o primeiro curso de Biblioteconomia surgiu no Brasil, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro³⁰. Após mudanças de prédio, adequação e aumento de itens do

²⁹ Nota histórica no Sesquicentenário - 1810-1960. Guia da Biblioteca Nacional http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg621953.pdf. Acesso em 06 nov 2022.

³⁰ Biblioteca Nacional, também chamada de Biblioteca Nacional do Brasil, é a depositária do patrimônio bibliográfico e documental do Brasil, considerada pela UNESCO uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo e a maior da América Latina [...] Teve início com a chegada da Real

acervo, várias gestões e diretrizes para estabelecer a instituição como principal biblioteca pública do país, o primeiro curso de Biblioteconomia foi criado pela BN por meio do Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911. A iniciativa foi de Manuel Cícero Peregrino da Silva³¹, que, entre outras atividades, foi professor e Diretor da Biblioteca Nacional entre 1900 e 1924. É emblemática uma foto de abril de 1915³² que retrata uma mesa formada por sete homens inaugurando o primeiro curso de Biblioteconomia, que só começou a funcionar naquele ano na BN do Rio e durou até 1973³³.

Figura 1 – Inauguração do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil (1915)



Foto retirada do site da Biblioteca Nacional Digital³⁴

Biblioteca de Portugal ao Brasil e cresce constantemente, a partir de doações, aquisições e com o depósito legal. Entre os objetos que deveriam acompanhar a família real em sua viagem para o Brasil estavam os caixotes de livros e documentos da Biblioteca Nacional da Ajuda, de Lisboa, com um acervo de cerca de 60 mil peças. Na pressa, os caixotes ficaram abandonados no porto e só em 1810 começaram a ser transferidos para o Brasil. Com o acervo novamente reunido, o príncipe regente D. João fundou a Real Biblioteca Nacional. Até 1814, apenas os estudiosos podiam consultar a biblioteca e, mesmo assim, mediante autorização régia. Depois dessa data, o acesso foi liberado ao público. https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_Nacional_do_Brasil. Acesso em: 06 nov 2022.

³¹ Manuel Cícero Peregrino da Silva (Recife, 7 de setembro de 1866 — 3 de outubro de 1956) foi bibliotecário, professor e político brasileiro https://pt.wikipedia.org/wiki/Peregrino_da_Silva. Acesso em: 06 nov 2022.

³² Foto BN de 1915 <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/memoria-biblioteca-nacional-inaugura-o-primeiro-curso-de-biblioteconomia-do-brasil/> Anais da BN <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/anais-biblioteca-nacional/402630>. Acesso em: 06 nov 2022

³³ Quando foi integrado à FEFIEG - Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO (SANT'ANNA, 1988). Atualmente, a sigla UNIRIO refere-se a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

³⁴ A legenda da foto no site da Biblioteca Nacional: "A imagem refere-se à mesa que presidiu à

Havia, naquele início da década de 1910, apenas 30 anos da aceitação das mulheres em faculdades e cursos superiores. Porém, eram poucas que conseguiam acesso ao estudo. De forma geral, mesmo para os homens, era apenas uma pequena elite, normalmente formada fora do país, que chegava aos mais altos postos ou em órgãos públicos. Além disso, a taxa de analfabetismo entre 1872 e 1920, segundo o Censo³⁵ realizado nesses períodos, era acima de 70% numa população de cerca de 18 milhões de habitantes. De acordo com Souza (1990), o curso “tinha feição nitidamente institucional”, criado para atender aos serviços da Biblioteca Nacional, sem finalidade social, “mas somente consolidar um projeto de elite dominante e [...] consolidar a Biblioteca Nacional em condições comparáveis àquelas mais importantes da Europa”.

Na década de 20, o ensino de Biblioteconomia começa a ser aplicado na capital paulistana. Segundo Valentim,

em São Paulo o ensino de Biblioteconomia começa nos anos 20 e em termos de construção curricular não apresenta diferenças relevantes em relação ao da BN, ou seja, o currículo fora elaborado de acordo não com as necessidades sociais, mas com as considerações de Rubens Borba de Moraes e Adelpha de Figueiredo, ele por ser diretor da Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, ela pela formação adquirida nos Estados Unidos e pela experiência com o curso de Biblioteconomia do Instituto Mackenzie, que implantou em 1929. Enquanto o curso da BN voltava-se para formar um erudito-guardião, em São Paulo, formava-se o técnico (VALENTIM, 2002).

A primeira turma do curso do Mackenzie, formada em 1929, era composta de seis alunos, dos quais apenas uma mulher: Adelpha Figueiredo. Como ela mesmo diz em seu livro "Desenvolvimento da biblioteconomia em São Paulo", de 1945,

solenidade da inauguração do curso de Biblioteconomia na instituição e nela estão presente da esquerda para a direita: João Gomes do Rego, sub-bibliotecário diretor da seção de numismática; Dr. Constâncio Alves, bibliotecário diretor da 1ª seção; conselheiro Dr. Ruy Barbosa; Dr. Manoel Cícero Peregrino da Silva, diretor da Biblioteca Nacional; Dr. Ancelmo Lopes de Souza, bibliotecário diretor da 3ª seção; Alfredo Mariano de Oliveira, secretário da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/memoria-biblioteca-nacional-inaugura-o-primeiro-curso-de-biblioteconomia-do-brasil/>. Acesso em: 06 nov 2022

³⁵ Dados do analfabetismo no Brasil https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Ana-Em%C3%ADlia-Cordeiro-Souto-Ferreira_-Carlos-Henrique-de-Carvalho.pdf. Acesso em: 06 nov 2022.

depois de oito meses de curso intenso, em maio de 1930 portanto, chega ao fim o primeiro curso de biblioteconomia que São Paulo teve. As matérias lecionadas nesse curso foram: catalogação, classificação, referencia e aulas puramente práticas de organização de bibliotecas. Todas essas aulas eram ministradas dentro da Biblioteca George Alexander do Mackenzie que passou a ser laboratório para sua bibliotecária (RODRIGUES, 1945).

Após concluir o curso, Adelpha recebeu a bolsa de estudos da American Association of University Women, nos Estados Unidos, ficando Dorothy Muriel incumbida da direção da Biblioteca do Mackenzie e da formação de uma nova turma de alunas do curso de biblioteconomia. Adelpha retorna ao Brasil em 1931 e coordena a segunda turma de Biblioteconomia do Mackenzie antes de lecionar em outras instituições de São Paulo voltadas para a formação de bibliotecários. O que é importante notar é que, sendo o curso inaugural ministrado por uma americana, os alunos já tinham que ter um bom conhecimento do inglês, com uma compreensão suficiente para a formação. Apesar da expansão e das várias mudanças de disciplinas, desde esse início, já se nota que a necessidade de ter conhecimentos prévios para atuação nessa área do conhecimento.

Essa, claro, não era uma regra apenas para os ingressantes em Biblioteconomia, mas para os cursos superiores de uma maneira geral, especialmente na cidade de São Paulo nesta época. No artigo "Elitização da universidade brasileira em perspectiva histórica", o autor Paulino José Orso fala sobre o surgimento das universidades no Brasil - o que só aconteceu efetivamente em 1934 - e sobre o acesso dos candidatos a universitários no início da atuação dessas instituições no nosso país. Destacando a criação Universidade de São Paulo, efetivada pelo Decreto n. 6.283, de 25 de janeiro de 1934, Orso elenca a motivação dos idealizadores do projeto da criação da USP, entre eles, o jornalista Júlio de Mesquita Filho, o sociólogo Fernando de Azevedo, o educador Anísio Teixeira e Armando de Salles Oliveira, então interventor de São Paulo, cargo equivalente a governador nomeado pelo presidente da República.

De acordo com seus idealizadores, a universidade não se destinava ao acesso de todos, mas a uma pequena elite. Esse grupo era parte dos 26 intelectuais que redigiram o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", um documento criado em 1932 com o objetivo de "vislumbrar a possibilidade de interferir na organização

da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. Um dos trechos desse documento dizia:

Considerando que a organização e o desenvolvimento da cultura filosófica, científica, literária e artística constituem as bases em que se assentam a liberdade e a grandeza de um povo; considerando que somente por seus institutos de investigação científica de altos estudos, de cultura livre, desinteressada, pode uma nação moderna adquirir a consciência de si mesma, de seus recursos, de seus destinos; considerando que a formação das classes dirigentes, mormente em países de populações heterogêneas e costumes diversos, está condicionada à organização de um aparelho cultural e universitário, que ofereça oportunidade a todos e processe a seleção dos mais capazes; considerando que em face do grau de cultura já atingido pelo Estado de São Paulo, com Escolas, Faculdades, Institutos, de formação profissional e de investigação científica, é necessário e oportuno elevar o nível universitário a preparação, do profissional e do cidadão (CAMPOS, 1954; FÁVERO, 1980, in ORSO, 2019).

Endossando o que Orso afirma em seu texto, os objetivos eram claros: a universidade deveria estar voltada para a formação da elite e seleção dos mais capazes. E daí pode se entender capazes como mais abastados financeiramente, com acesso privilegiado a livros, viagens, intelectuais, professores particulares ou o estudo de um segundo ou terceiro idioma a partir das origens das famílias e mesmo acesso ao conhecimento de uma forma geral.

Ao ser criada a Universidade de São Paulo, Salles Oliveira (1935) afirmava:

Dispomos agora de instrumento através do qual se prepararão as nossas elites dirigentes. Daqui continuarão a sair [...] homens que se destinam ao exercício da inteligência aplicada e que constituirão, sobretudo, os grupos de profissionais e do funcionalismo. Mas não era só isso. Tinha presente a intenção de criar "um verdadeiro cérebro, integrando a ciência e a técnica, para forjar uma elite intelectual capaz de orientar todas as classes sociais". (SALLES OLIVEIRA, 1935, in ORSO, 2019).

Importante também notar o trecho em que o texto ressalta "homens que se destinam ao exercício da inteligência aplicada". No seu surgimento, as instituições educacionais, acadêmicas e intelectuais já se apresentavam hostis à presença de mulheres e por isso a valorização dessas pioneiras na educação e na formação de cursos é ainda mais importante.

Mas, voltando à Biblioteconomia, fato é que, a partir do curso do Mackenzie, ainda segundo Adelpha, o interesse pela formação de profissionais para trabalhar em bibliotecas era, entretanto, grande, e isto se pode observar pelo elevado número de pessoas que a procuravam para informações de inscrição e novas turmas. Segundo o histórico elencado por Adelpha em seu já citado livro de 1945, o desenvolvimento da biblioteconomia em São Paulo teve momentos marcantes e descritos no quadro abaixo:

Quadro 3 – Histórico da Biblioteconomia em São Paulo (1935-1942):

ANO	DESTAQUE
1933	Durante os anos de 1933, 34 e princípios de 35, 125 pessoas procuraram Adelpha na Biblioteca do Mackenzie para obterem informações sobre a organização de bibliotecas modernas. Entre essas pessoas figuravam Antonio Carlos Cardoso, pelo Instituto de Engenharia; Geraldo de Paula Sousa, pela Faculdade de Medicina; Noémi da Silveira Rudolfer, pelo Instituto de Educação; Eurico de Góis, pela Biblioteca Municipal; Lenira Fraccaroli, pela Escola Primária de São Paulo; esta organizou em 1933, sob influência da Biblioteca do Mackenzie a primeira biblioteca infantil escolar.
1935	<p>Sendo ainda a Biblioteca Municipal dirigida pelo Dr. Eurico de Góis e diretamente ligada à Prefeitura de São Paulo, é criada, em junho, a primeira Biblioteca Pública Infantil. Para dirigi-la é nomeada D. Lenira Fraccaroli, a criadora da biblioteca da Escola Primária do Instituto de Educação.</p> <p>Outro fato importante na vida cultural de São Paulo: a reorganização da Prefeitura de São Paulo, pelo Dr. Fábio Prado, com a criação do Departamento de Cultura. Este, entregue à habilidade e inteligência de Mário de Andrade, teriam de se desenvolver no sentido certo do seu nome. Sendo assim, foi a já existente Biblioteca Municipal incorporada ao Departamento de Cultura e passou a ser a Divisão de Bibliotecas do Departamento. A esta nova Divisão foi também incorporada a Biblioteca Infantil. Para a Divisão de Bibliotecas foi nomeado chefe o Sr. Rubens Borba de Moraes, intelectual muito conhecido pelas suas múltiplas atividades culturais, principalmente no campo da bibliofilia. Iniciou-se então uma nova era para a biblioteconomia em São Paulo.</p>
1936	Por disposição do ato 1.146 da Prefeitura de São Paulo, deveria o chefe da Divisão de Bibliotecas criar um curso de biblioteconomia que funcionaria com elementos da própria Divisão. Destaca-se desde então, no desenvolvimento biblioteconômico de S. Paulo, o papel exercido pela Escola de Biblioteconomia criada pela Prefeitura.
1937	Por influência dos elementos dessa Escola, é votada uma lei pela Câmara Estadual, regulamentando, em S. Paulo, a carreira de bibliotecário; criando um Conselho Bibliotecário do Estado, e um Catálogo Coletivo das bibliotecas paulistas. Desde 17 de agosto de 1936, entretanto, funcionou a Escola de Biblioteconomia no prédio da Escola de Comércio Álvares Penteado, no recinto ocupado pela Escola Livre de Sociologia e Política. Existia, a princípio, a cadeira de catalogação e classificação, dirigida por Adelpha. Em princípios de 1937, mais uma cadeira foi criada, dirigida por Rubens Borba de Moraes, a de história do livro.

ANO	DESTAQUE
1938	Devido ao aparecimento lento das cadeiras, só em 1938 terminava o curso a primeira turma de bibliotecários, cuja matrícula inicial de 175 em 1936, e de 120 em 1937, produziu um total de 68 bibliotecários no fim de 1938. Nesse mesmo ano, por disposições da Prefeitura, deixou de funcionar a Escola de Biblioteconomia.
1939	O ano de 1939 não tem escola de bibliotecários, pois a do Mackenzie fecha com o aparecimento da Escola da Prefeitura.
1940	Foi, segundo Adelpha, o mais auspicioso ano para a biblioteconomia: em caráter de instituição particular surge a Escola de Biblioteconomia anexa à Escola Livre de Sociologia e Política, tendo à frente os mesmos orientadores da extinta escola do Departamento de Cultura : Rubens Borba de Moraes e Adelpha Figueiredo. Matriculam-se 173 alunos, depois de apresentarem documentos de terminação de curso secundário ginasial ou normal. Funciona normalmente o curso e no fim do ano recebe São Paulo mais 73 bibliotecários formados.
1941 1942	A Escola de Biblioteconomia funciona, a partir de 1941 com seu curso desdobrado em 2 anos, podendo pela primeira vez dar cursos bem práticos de catalogado e classificação. Formam-se 60 bibliotecários.

Quadro elaborado pela autora, 2022 com base em RODRIGUES (1945)

Adelpha Figueiredo e Rubens Borba de Moraes³⁶ foram fundamentais no desenvolvimento da profissão em São Paulo e da prática do curso a partir de 1940, quando a Fundação Escola de Sociologia e Política (FESPSP)³⁷ incorporou o curso de Biblioteconomia e Documentação em sua grade. Desde então, esta instituição quase centenária já formou e forma anualmente profissionais que são renomados e reconhecidos no mercado, nas mais diversas áreas de atuação da Biblioteconomia. Segundo Côrtes, Garcia e Martins (2019), além de São Paulo e Rio de Janeiro, o Nordeste do país foi a segunda região a ofertar o ensino em Biblioteconomia, sendo divididos da seguinte forma, segundo o ano de criação: 1942 na Bahia; 1950 em Pernambuco; 1965 no Ceará e 1969 no Maranhão. Foi também no final da década

³⁶ Rubens Borba de Moraes (1899 – 1986) foi um bibliotecário, bibliógrafo, bibliófilo, historiador, pesquisador brasileiro e , fundador do jornal O Separatista, que defendia a independência do estado de São Paulo em 1932. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, professor, pioneiro da biblioteconomia no país e diretor da biblioteca da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque. Desde 1987, o Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região, confere a Medalha Rubens Borba à profissionais de destaque. https://pt.wikipedia.org/wiki/Rubens_Borba_de_Moraes Acesso em: 06 nov 2022.

³⁷ FESPSP <https://www.fespsp.org.br/>. Acesso em: 06 nov 2022.

de 1960 que o curso de Biblioteconomia foi criado e ministrado pela USP, Universidade de São Paulo.

O Curso de Biblioteconomia foi criado concomitantemente à Escola de Comunicações Culturais, atual Escola de Comunicações e Artes (ECA), em 1966 e início das aulas em 1967. Constavam dessa primeira turma três futuros docentes: Elza Corrêa Granja, Johanna Wilhelmina Smit e Maria Christina Barbosa de Almeida. O anteprojeto de regimento do curso de Biblioteconomia foi traçado por um grupo de cinco bibliotecários, indicados por Maria Luísa Monteiro da Cunha, então diretora da Biblioteca Central da USP, e primeira coordenadora do curso. Seu programa tinha objetivo de formação de um profissional capaz de planejar, implantar e administrar bibliotecas e centros de documentação, além de revelar, através do currículo, uma forte preocupação no estabelecimento de diálogo com os outros campos da comunicação da ECA. No projeto inicial da Escola, a Biblioteconomia e a Documentação formavam dois departamentos distintos, sendo depois integrados num único: Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Dos seus professores iniciais constavam nomes relevantes da Biblioteconomia de São Paulo, como Alfredo Américo Hamar, Regina Carneiro e Neusa Dias de Macedo (ECA, c2022).

Para detalhar a importância delas no desenvolvimento da profissão, das precursoras, algumas protagonistas da Biblioteconomia no Brasil foram:

Quadro 4 – Precursoras brasileiras da Biblioteconomia – 1929 à 1972³⁸

ANO	BIBLIOTECÁRIA	HISTÓRICO
1929	Dorothy Muriel Geddes Gropp	O Instituto Presbiteriano Mackenzie, em São Paulo, trouxe ao Brasil a bibliotecária americana Dorothy Muriel Geddes Gropp, com a tarefa de organizar um ‘Curso Elementar de Biblioteconomia’ para treinamento técnico dos funcionários de sua biblioteca. Adelpha Figueiredo coordenava a biblioteca do Mackenzie e considerava Dorothy ‘a verdadeira fundadora da biblioteconomia moderna, em São Paulo’. Em seu livro ‘Desenvolvimento da biblioteconomia em São Paulo’, Adelpha descreve que a tarefa daquela jovem profissional: Em setembro de 1929, chegava ela às plagas bandeirantes, contando apenas 23 anos de idade, e iniciava um trabalho de futuro enorme e que tanta repercussão teria não só em São Paulo, mas em todo o Brasil (RODRIGUES, 1945).
1937	Alzira Vargas	Filha de Getulio Vargas, ela não era bibliotecária de formação. Em 1937 começou a trabalhar como intérprete e responsável por organizar a biblioteca e arquivo pessoal de seu pai. Por este trabalho de organização foi chamada de "guardiã da memória", por sua participação e documentação nos rumos do getulismo.

³⁸ As informações foram retiradas de verbetes da Wikipedia e outras fontes citadas nas Referências do trabalho

ANO	BIBLIOTECÁRIA	HISTÓRICO
1938	Adelpha Figueiredo	Nascida em 1894 em Sorocaba, foi uma das primeiras bibliotecárias do Brasil, formada pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Começou sua carreira no Instituto Presbiteriano Mackenzie foi diretora da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade. Foi, também, uma das fundadoras da Escola de Biblioteconomia do Estado, onde formou a primeira turma de 1938. Ajudou a estabelecer técnicas para a classificação de material, registro de acervo, organização dos catálogos e inovação do livre acesso dos leitores. Integrou o grupo dos fundadores e primeiros professores do curso de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), junto com Rubens Borba de Moraes. Faleceu em 1966.
1941	Lygia de Queiroz Sambaquy	Nasceu em 1913, no Pará, durante a estadia de seu pai, que era médico, no Estado. Sua família era de origem cearense e mudou-se depois para o Rio de Janeiro, onde Lygia chegou a estudar matemática e engenharia. Ela participou dos treinamentos oferecidos na Biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e depois se matriculou no curso da Biblioteca Nacional (BN), formando-se em 1941. Mais tarde, Lygia foi a mentora e presidente do antigo IBBD, atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Ela é responsável pela elaboração de todo esboço dessa instituição. Lygia também foi delegada do Conselho CFB. Ela faleceu em 2006, no Rio de Janeiro, onde morava.
1942	Laura Russo	Formou-se em Biblioteconomia pela Escola Livre de Sociologia e Política e em Documentação pela mesma instituição, em 1942. Recebeu o título de mestre em Biblioteconomia e Arquivística, na Biblioteca Nacional de Madrid, em 1958. Além disso, realizou cursos de especialização em biblioteconomia nos Estados Unidos na década de 1960. Foi uma das responsáveis pela fundação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), em 1959, sendo eleita a primeira presidente. O órgão foi criado a partir de uma proposta apresentada por ela em parceria com Rodolfo Rocha Junior no II Congresso de Biblioteconomia e Documentação em Salvador. Em 1961, desenvolveu a primeira versão do Código de Ética Profissional do Bibliotecário, que foi aprovado em 1963 no IV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.
1942	Mercedes Reis Pequeno	Foi uma premiada bibliotecária documentalista brasileira, especializada em música e pioneira na documentação musical. Completou o curso de Biblioteconomia do DASP - Departamento Administrativo do Serviço Público em 1942, ingressou no serviço público no primeiro concurso para bibliotecário do Ministério da Educação (MEC) indo trabalhar no Instituto Nacional do Livro (INL) com o escritor Augusto Meyer, diretor do Instituto.
1947	Inezita Barroso	Foi aluna da primeira turma da graduação em Biblioteconomia da Universidade de São Paulo (USP). Graduou-se em 1947, antes de se tornar cantora profissional.

ANO	BIBLIOTECÁRIA	HISTÓRICO
1948	Marina Monteiro de Barros Rôxo	Diplomou-se pelo Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional e depois fez a especialização no Curso de Administração do DASP. Começou a servir à Biblioteca Nacional, a partir de 1948, como Assistente do Diretor Geral Josué Monteiro, passando à chefia da Seção e, após, da Divisão de Administração. Foi responsável pela direção da Biblioteca, ora como substituta, ora como interina, bastando mencionar-se os últimos períodos em que, como Diretora Geral da Biblioteca Nacional, veio confirmar a sua identificação com a casa a que serve há vários anos com inteligente dedicação: de 10-3-1959 a 10-6-1959; de 28-4-1960 a 29-5-1960 e de 29-5-1960 a 20-7-1960.
1948	Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti	Nasceu em Palmares, Pernambuco, no dia 11 de janeiro de 1920, e faleceu no Recife, no dia 5 de abril de 2017. Em 1948 ingressou no curso de biblioteconomia organizado por José Césio Regueira Costa, na Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife, e dirigido por Edson Nery da Fonseca. Esse curso foi absorvido, em 1950 pela Universidade do Recife, posteriormente Universidade Federal de Pernambuco. Formou-se em 1949. Sua carreira profissional foi marcada por expressivas realizações: na biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade do Recife, de cuja reforma participou; na Universidade Federal de Pernambuco, onde organizou e chefiou o Serviço Central de Bibliotecas; na Universidade de Brasília e na Câmara dos Deputados. Mudou-se para Brasília em 1963, para trabalhar na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Na UnB ajudou a fundar o curso de Biblioteconomia, em que lecionou até se aposentar. Em 1964, assumiu, por concurso público, o cargo de bibliotecária da Câmara dos Deputados onde chegou a exercer a função de diretora da Biblioteca e posteriormente de diretora do Centro de Documentação e Informação, cargo em que se aposentou. Em 1975 colaborou com a implantação do Departamento de Documentação do Centro Nacional de Referência Cultural. Na área de ensino, participou, em 1950, do grupo fundador do curso de biblioteconomia da Universidade do Recife, na companhia de Edson Nery da Fonseca, Milton Mello, Myriam Gusmão Martins, Orlando da Costa Ferreira e Costa Porto. Participou da comissão criada pelo Ministério da Educação e Cultura para a realização de estudos relativos ao currículo mínimo de biblioteconomia. Especialista em catalogação e indexação, foi a pioneira na introdução na Universidade de Brasília, em 1966, da disciplina Mecanização e Automação de Bibliotecas. Dedicou-se à docência por cerca de 50 anos.
1949	Eunice Coutinho Robalinho de Oliveira Cavalcanti	Bacharel em Biblioteconomia em 1949, teve aulas com o ilustre Edson Nery da Fonseca. Assumiu cargo de bibliotecária e diretora da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife (FDR), em 21 de janeiro de 1949, servindo também como professora do curso de Biblioteconomia. Na Biblioteca da FDR teve o reconhecimento do seu trabalho como de elevada estima e alta consideração.
c1950	Célia Ribeiro Zaher	Sua primeira formação foi em Ciências Jurídicas, chegando a obter título de doutora em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sob a chefia de Lydia Sambaquy que passou a se interessar pela carreira de bibliotecária. Enquanto cursava graduação em Biblioteconomia, conseguiu bolsa de estudos e seguiu para a Columbia University, onde fez um curso de documentação científica, assunto extremamente novo até mesmo nos Estados Unidos na década de 1950. Voltando ao Brasil, cheia de novidades e com um curso em nível de mestrado, revalidou sua graduação em Biblioteconomia e passou a atuar como professora do Curso de Pesquisas Bibliográficas, cujo nome mudou posteriormente para Curso de Documentação Científica (CDC), como ficou mais comumente conhecido. O curso foi oferecido pelo IBBD pela primeira vez em 1955 e, nos dizeres de Oddone, "exerceram uma influência decisiva na propagação do novo modelo profissional proposto pelo IBBD para a biblioteconomia".

ANO	BIBLIOTECÁRIA	HISTÓRICO
1951	Neusa Dias de Macedo	O interesse pelas bibliotecas levou Neusa a graduar-se em Biblioteconomia na Fundação Escola de Sociologia e Política (FESPSP). Ela ingressou na USP em 1951, como bibliotecária na Faculdade de Farmácia e na Faculdade de Odontologia. Afastada por motivações políticas durante o governo estadual de Jânio Quadros, a futura professora passou a trabalhar no Sistema de Informação da Indústria Nadir Figueiredo – onde criou uma biblioteca ambulante para os operários – e graduou-se em Letras. Obteve bolsa para um mestrado nos Estados Unidos e, ao voltar ao Brasil, tornou-se docente da Universidade de Brasília, cargo que ocupou pelos seis anos seguintes. Mais tarde, quando ingressou no doutorado, Neusa foi aprovada em concurso para docente da graduação em Biblioteconomia da ECA. A partir de 1980, já doutora, passou também a dar aulas e orientar alunos da Pós-Graduação, contribuindo para a elaboração de 40 dissertações e teses na área.
1955	Zila Mamede	Entre 1955 e 1956, cursou biblioteconomia no Rio de Janeiro e fez ainda uma especialização nos Estados Unidos. Depois disso, voltou para Natal, onde reestruturou as duas maiores bibliotecas da cidade: a biblioteca central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que hoje tem seu nome, e a biblioteca pública estadual Câmara Cascudo. Ela publicou livros sobre o assunto, foi membro do Conselho Federal de Biblioteconomia, trabalhou no Instituto Nacional do Livro, em Brasília, e seu nome tornou-se referência.
c1962	Maria Antonieta Mesquita Barros e Maria Antonieta Requião Piedade	Junto com Francy Portugal e Zilda Galhardo de Araújo, as professoras Maria Antonieta Mesquita Barros e Maria Antonieta Requião Piedade estabeleceram um programa para o Ensino da Biblioteconomia que foi usado como base para o currículo mínimo proposto em 1962. Este era usado no antigo Instituto Santa Ursula, atual Universidade Santa Úrsula, com unidades no Rio de Janeiro.
1964	Carminda Nogueira de Castro Ferreira	Dona Carminda, como era conhecida; foi a bibliotecária que participou da fundação da Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos e foi uma importante articuladora no processo de implantação da UFSCar.
1965	Denise Fernandes Tavares	Primeira diretora do curso de Biblioteconomia da Escola de Bibliotecários e Documentalistas da Fundação Desembargador Álvaro Clemente de Oliveira, em Salvador, Bahia.
1966	Regina Santos Silva Tonini	Bacharelou-se em Biblioteconomia pela Escola de Biblioteconomia e Documentação da Bahia em 1966. Sua trajetória profissional teve início na Biblioteca Central, atual Biblioteca Pública do Estado da Bahia, em Salvador, como bibliotecária responsável pela implantação da seção de audiovisual da biblioteca. Em 75, foi a primeira colocada no concurso prestado para bibliotecária da Petrobras, onde trabalhou até 2016; portanto, durante 41 anos. Na Petrobras, ela implantou e coordenou as atividades da Biblioteca e Setor de Documentação da Divisão de Processamento de Dados; foi membro da Comissão de Análise de Documentos para Microfilmagem do Serviço de Administração; bibliotecária responsável pelo setor de referência e pesquisa bibliográfica da Unidade de Negócios de Exploração e Produção de Petróleo. Neste mesmo período, foi membro da Comissão de Administração de Segurança de Informações da Unidade de Operações da Bahia; coordenou as atividades da biblioteca e arquivo central dos Serviços Compartilhados Regional Norte e Nordeste da Petrobras; trabalhou como auditora interna para processo de qualidade ISO 9001/2000 no período de 2006 a 2014; coordenou as atividades de biblioteca e arquivo da Universidade Petrobras, onde a partir de 2010 até 2016 foi líder do Projeto de Segurança da Informação, Gestão do Conhecimento, Rede de Colaboração da Universidade Petrobras da Bahia.

ANO	BIBLIOTECÁRIA	HISTÓRICO
c1967	Maria Martha de Carvalho	Professora e primeira diretora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, iniciado em 1950. . Fez parte da comissão formada por especialistas da área, e Ensino em Biblioteconomia (CEEB), com a atribuição de diagnosticar a situação das escolas e propor soluções para a melhoria do ensino, em especial, criar padrões para as mesmas.
c1967	Maria Leticia de Andrade Lima	Professora da Universidade Federal de Pernambuco. Fez parte da comissão formada por especialistas da área, e Ensino em Biblioteconomia (CEEB), com a atribuição de diagnosticar a situação das escolas e propor soluções para a melhoria do ensino, em especial, criar padrões para as mesmas.
c1967	Zenaira Garcia Marquez	Professora e primeira diretora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inaugurado em 1947. Fez parte da comissão formada por especialistas da área, e Ensino em Biblioteconomia (CEEB), com a atribuição de diagnosticar a situação das escolas e propor soluções para a melhoria do ensino, em especial, criar padrões para as mesmas.
1972	Angela Maria Monteiro Bettencourt	Foi uma bibliotecária brasileira pioneira na digitalização de acervos bibliográficos. Formou-se em Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em 1972, quando o curso ainda era sediado nos porões da Biblioteca Nacional. Fez especialização em Indexação da Informação na Universidade Santa Úrsula em 1987. cursou o mestrado em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de 2009 a 2011. Tornou-se representante e coordenadora da Biblioteca Nacional do Brasil. Foi responsável pela digitalização da Biblioteca, um dos maiores projetos de digitalização do Brasil.

Tabela elaborada pela autora, 2022

A inserção de mulheres na área ocorreu nas primeiras décadas do século XX e este pequeno quadro não faz justiça a todas que até a década de 1970 ajudaram a construir as bases e a consolidação dos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Nesse levantamento, só no período apurado, foram elencadas 50 precursoras da Biblioteconomia no mundo: 29 estrangeiras e 21 brasileiras. Depois de séculos de segregação do conhecimento e educação, essa profissão passou a ser não só dominada, mas parece ter sido delineada para ser ou ter uma maioria feminina, gerando estereótipos e a tipificação da profissão para mulheres. Esses tópicos sobre as questões de gênero na Biblioteconomia serão melhor analisados no item 5.3. O próximo capítulo, aliás, tratará especialmente das diversas desigualdades encontradas pelas mulheres dentro e fora do campo profissional.

5 DESIGUALDADE DE GÊNERO: SOCIAL, CULTURAL E NO FUTEBOL

Apesar de em alguns países como o Brasil, com regime democrático como forma de governo, termos a liberdade de discutir as questões sociais e de gênero, nem todo lugar há a possibilidade de mulheres poderem trabalhar, estudar e ter direitos de conquistar sua renda, seus bens e formar (ou não) família e viver da maneira que achar mais adequada. E é justamente pelas que falam por aquelas que não tem voz nem liberdade de escolha ou expressão que os coletivos são tão importantes e algumas ações e a existência de grupos para luta por igualdade de direitos dentro e fora do campo profissional são elucidados nessa monografia.

Porém, por ser um assunto bastante amplo, com várias personagens, dados e pontos de vista, essa pesquisa não é voltada para falar do histórico e da evolução do feminismo e suas diversas etapas e vertentes da maneira que tem que ser evidenciado. Por outro lado, ainda que de forma bastante sucinta, celebrar o protagonismo das antecessoras e enfatizar as lutas contemporâneas por igualdade de gênero na sociedade e nos mais diversos campos de atuação profissional é também celebrar o feminismo. Um movimento que não se resume a apenas uma pauta. São várias lutas, grandes e pequenas conquistas de direitos dos quais as mulheres podem usufruir atualmente e uma grande parte delas ainda continua lutando pra manter e obter novas vitórias.

Longe de ser uma questão recente, o feminismo e sua busca por igualdade de direitos vem muito antes de parecer apenas uma urgência ou tendência atual. Em um dos livros mais completos sobre o histórico do movimento, intitulado O Livro do Feminismo, a editora Hannah McCann e seus colaboradores indicam que as primeiras demonstrações de luta por igualdade acontecem a partir de 1700 mas ganha forma e força a partir do século XIX. Tanto como movimento e como definição do que era aquela mobilização das mulheres:

a palavra "feminismo" só se tornou corrente nos anos 1890, mas as mulheres já expressavam individualmente visões femininas bem antes. Por volta do início do século XVII, mulheres de diferentes partes do mundo estavam definindo e examinando a condição de desigualdade das mulheres e começando a questionar se aquilo era natural e inevitável. Essas mulheres, individual ou coletivamente,

investigaram a própria situação através de subserviência das mulheres e a expressar o desejo por mais direitos e igualdade com os homens (MCCAN, et al, 2019).

Uma das principais bandeiras do movimento feminista é a que trata dos direitos no campo profissional, especialmente na questão salarial, na remuneração equivalente para colaboradores que desempenham a mesma função. Os termos equidade, equiparidade e igualdade são usados de formas diferentes quando se aborda questões de gênero. Os motivos para essa diferenciação apesar da semelhança ou equivalência dos termos serão melhor detalhados no tópico a seguir.

5.1 Equiparidade salarial e a representatividade em cargos de liderança

A palavra equidade foi usada em várias partes da pesquisa e para explicar algumas diferenças e uso e termos, trago a definição dela em comparação a igualdade e equiparidade.

Equidade não é sinônimo de igualdade [...] A igualdade está baseada na ideia de que todos são regidos pelas mesmas regras, com os mesmos direitos e deveres, sem levar em conta as diferenças entre os indivíduos. Dessa forma, não há discriminação. Por sua vez, a equidade traz o fundamento da igualdade aliado ao senso de justiça social, conceito que se baseia no equilíbrio dos desiguais, ao reconhecer as características e necessidades individuais de cada um ou de um determinado grupo de pessoas. Assim sendo, ela fomenta oportunidades iguais, considerando as diferenças entre os indivíduos (VIVO, 2021).

Um exemplo de equidade está relacionada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável lançado pela ONU em 2015, também conhecido como Agenda 2030 – melhor detalhada no final deste capítulo. Somente para ilustrar o uso do termo de equidade, no tópico 4 da Agenda, sobre Educação de Qualidade (ODS4), está definido como meta: “Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos”. Para o Brasil, a meta é de, até 2030, garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino fundamental e médio, equitativo e de qualidade, na idade adequada, assegurando a oferta gratuita na rede pública e que conduza a resultados de aprendizagem satisfatórios e relevantes (IPEA, 2019).

Já equiparar tem a definição de “colocar em igualdade”. E equiparidade ou equiparação são termos aplicados a questões salariais. No Brasil, a equiparação salarial entre gêneros está no artigo 461 da CLT³⁹, mas a questão é global. Segundo o relatório da ONU de setembro de 2020, a diferença salarial de gênero no mundo é de 16%, o que significa que as trabalhadoras ganham em torno de 84% do que ganham os homens. Essa diferença pode ser ainda maior no caso das mulheres negras, imigrantes e mulheres que são mães (ONU, 2020). E a mesma entidade constata que, independente dos efeitos da pandemia de COVID 19, no ritmo atual, a desigualdade salarial entre homens e mulheres só acabará em 257 anos (ONU BRASIL, 2020).

A pauta de equiparidade salarial vem sendo discutida e aprimorada desde antes da elaboração das leis trabalhistas que no Brasil, por exemplo, foram promulgadas em 1943⁴⁰. A batalha das mulheres pela diminuição da assimetria salarial em relação aos homens (MARCONDES, 2021) ganhou impulso na virada dos séculos XIX e XX. Mas antes disso, eram nos debates e especialmente na publicação de textos e artigos que as ideias femininas ganhavam força. Elas literalmente usavam as palavras como armas na busca de serem lidas, respeitadas e uma voz de destaque num período que mulheres tinham pouca ou nenhuma participação social. Só para citar alguns exemplos:

A ativista e dramaturga Olympe de Gouges redigiu o panfleto “A declaração dos direitos da mulher e da cidadã” (1791), estabelecendo direitos iguais para as mulheres. Em todo o seu trabalho, De Gouges enunciou os valores do Iluminismo e como eles poderiam efetivamente mudar a vida das mulheres. Nos Estados Unidos, a ensaísta e dramaturga Judith Sargent Murray desafiou a noção predominante da inferioridade das mulheres em seu ensaio memorável “Sobre a igualdade dos sexos”, no qual defende que as mulheres rivalizariam com os homens em realizações se a elas fosse permitido ter uma educação similar. (MCCAN, et al, 2019).

³⁹ O artigo 461, do Decreto-lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943, - Consolidação das Leis do Trabalho, modificado pela Lei nº 1.723, de 8 de novembro de 1952, passa a ter a seguinte redação: “Art. 461. Sendo idêntica a função, a todo trabalho de igual valor prestado ao mesmo empregador, na mesma localidade, corresponderá igual salário, sem distinção de sexo, nacionalidade ou idade”.

⁴⁰ Decreto-Lei nº 5.452 de 1 de Maio de 1943 aprova a Consolidação das Leis do Trabalho no Brasil http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 06 nov 2022.

Muitas outras mulheres usaram os textos como forma de externar o protesto por igualdade, por visibilidade e a participação das mulheres no campo das ideias. Anos mais tarde, já no fim dos anos 1940 alguns fatos e movimentos femininos aconteceram e foram fundamentais para que as discussões e posteriores ações em relação à igualdade de gêneros ganhasse força. Curiosamente, também ganharam força a partir da Literatura. Desde o fim dos anos 1940 alguns fatos e movimentos femininos aconteceram e foram fundamentais para que as discussões e posteriores ações em relação à igualdade de gêneros ganhasse força. Um deles foi a fundação da NOW - National Organization of Women⁴¹, comandado pela norte-americana Betty Friedan, autora e ativista que lançou em 1963 "A Mística feminina"⁴², uma das obras de vanguarda do feminismo. Antes dela, em 1949, foi lançada "O Segundo Sexo", obra clássica da filósofa francesa Simone de Beauvoir. Desde antes da revolução dos costumes iniciada nos 60, o livro de Beauvoir já demonstrava que a hierarquia entre os sexos não é uma fatalidade biológica, mas uma construção social. Em uma análise recente da obra, nas comemorações de 70 anos do lançamento, a jornalista Máriam Martínez-Bascuñán pontua os vários aspectos femininos até então não discutidos de forma tão natural e explícita como feita por Beauvoir em relação ao casamento, velhice, relacionamentos, corpo e sexualidade. E Máriam enfatiza o que chama de "falácia da biologia" ao questionar

Onde está a raiz dessa desigualdade? Por que a mulher não é tão livre quanto deveria ser? São as perguntas de que parte a autora para escrever a obra máxima e seminal do pensamento feminista. Mas, curiosamente, O

⁴¹ A NOW, National Organization of Women, foi fundada em 1966, nos EUA, por Betty Friedan e Pauli Murray com o objetivo de lutar pelos direitos femininos e promover a igualdade de gênero. Apesar de as fundadoras já serem falecidas, a organização continua atuando e com site ativo. Seus objetivos atuais são a luta política para a participação das mulheres em todos os setores da sociedade e a implementação de ideias feministas, como o fim da violência contra mulheres, garantir a igualdade de tratamento declarada na Constituição, defesa dos direitos das lésbicas, promoção da diversidade e combate ao racismo. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/National-Organization-for-Women> e <https://now.org/about/who-we-are/>. Acesso em 09 nov 2022.

⁴² Considerado um dos mais importantes livros do século XX, "A Mística feminina" é resultado de anos de pesquisa da autora, que entrevistou mulheres que seguiam os preceitos dos anos 1940 e 1950, nos quais as atividades femininas ficaram restritas à atuação como donas-de-casa. [...] Assim, a educação da menina desde a infância não a estimulava a ser independente, mas a desenvolver habilidades apenas para se casar e viver em função dos filhos e do marido. Com o passar dos anos, a mulher se sentia frustrada e desenvolvia diversos distúrbios psicológicos que oscilavam da depressão ao consumismo. Como no período pós-Segunda Guerra foi também a solidificação do progresso estadunidense e do "american way of life", foi possível concluir que a frustração feminina de apenas viver para os outros era canalizada para aumentar o consumo desse período. Dessa forma, as desigualdades de tratamento entre mulheres e homens eram usadas para justificar uma obrigatória dedicação ao lar que era compensada pelo estímulo à economia da época através do incremento das frustrações e opressão femininas no âmbito doméstico. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_M%C3%ADstica_Feminina. Acesso em 06 nov 2022.

Segundo Sexo começa a introduzir sua proposta a partir de uma observação um tanto peculiar: um homem não teria pensado em escrever um livro sobre sua situação particular no mundo, porque naturalmente sua experiência representava a experiência universal de todo ser humano. Daí que Simone de Beauvoir defina a mulher como alteridade, como esse segundo sexo em situação de subordinação em relação ao primeiro. Sua famosa frase "Não se nasce mulher: torna-se mulher" é uma das mais revolucionárias. Hoje é quase intrigante que ninguém jamais tivesse perguntado com essa clareza sobre a evidente injustiça de que "homem" seja a palavra que designa tanto a parte masculina da humanidade e a humanidade inteira como gênero. Enquanto isso, a experiência feminina sempre foi declinada no singular. A mulher representa a mulher (ou as mulheres), mas nunca a humanidade inteira. Beauvoir nos lembra: "Ele é o Sujeito, é o Absoluto: ela é a Alteridade" (MARTÍNEZ-BASCUÑAN, 2019).

Se alteridade ou o que atualmente chamamos de empatia é uma prática e não só um conceito filosófico, não explica porque ainda há tanto receio de mulheres estarem em posição de igualdade salarial e ter o processo decisório numa instituição. O exercício de se colocar no lugar e sentir a dor do outro parece não se aplicar quando se fala em relações de trabalho e cargos de liderança.

Lois Frankel, uma das mais longevas líderes políticas no Congresso Americano, com atuação prevista até janeiro de 2023 como representante da Flórida pelo Partido Democrata, lançou em 2007 o livro "Mulheres lideram melhor que homens". Segundo sua análise, todas as mulheres são naturalmente líderes, e certas características exclusivas da mulher são o que faz a grande diferença no novo conceito de liderança que as empresas buscam atualmente (FRANKEL, 2007). A antropóloga americana Helen Fischer corrobora com essa afirmação na sua obra de 1999, "The first sex: the natural talents of women and how they are changing the world"⁴³. Em tradução livre, ela diz que:

os talentos naturais das mulheres, entre os quais inclui a apetência pelo trabalho em rede e pela negociação, a sensibilidade emocional e a empatia, a capacidade de conciliar diversas tarefas ou a facilidade de comunicação verbal, estão particularmente adequados à sociedade global do século XXI. O próprio crescimento e mudanças na sociedade atual - o aumento de serviços globais e de uma política comunicacional mais forte - conferem mais uma vantagem à mulher de hoje - os seus talentos naturais e capacidades são especialmente requisitados na era em que vivemos. (FISCHER, 1999).

⁴³ O livro teve uma versão lançada em português pela editora Presença, em 2001, Porém a tradução do título em português, "O primeiro sexo - como mulheres estão a mudar o mundo", não contempla (na opinião desta autora) o que o original, em inglês, significa. Por isso a opção da citação da obra em inglês.

Tanto em relação à ocupação de cargos de liderança quanto à equiparação salarial, entidades internacionais têm iniciativas de monitorar essas enormes lacunas entre homens e mulheres e recomendar ações para a melhoria desses índices de forma prática. Um exemplo é do Fórum Econômico Mundial⁴⁴ que desde 2006 acompanha a falta de paridade entre gêneros em diversas categorias como participação política, saúde, educação e desigualdade salarial. No último relatório, divulgado em março de 2021, a pesquisa Global Gender Gap Report do FEM⁴⁵ analisou os dados obtidos até 2020 e com a pandemia do COVID 19 já em curso. Segundo a pesquisa, o Brasil fechou em 69,5% os aspectos gerais em relação a igualdade de gênero, alcançando a 93ª posição entre todas as 156 nações avaliadas. Entre os 26 países da América Latina que participaram do levantamento, o Brasil ficou em 25º lugar. Bastante atrasado em comparação a países como Islândia, Finlândia, Noruega, Nova Zelândia e até Ruanda e Namíbia que estão entre os 10 melhores colocados e onde a paridade de gêneros no aspecto geral está entre 76 a 89% (WEF,2021).

Quando o assunto é remuneração, o relatório constatou que no Brasil (em tradução livre):

Em termos de salários e rendimentos apenas 54,2% da diferença de desigualdade salarial e 56,7% da diferença de renda foram fechados. As disparidades de gênero também continuam na força de trabalho onde 61,9% das mulheres adultas e 80,1% dos homens estão na força de trabalho (lacuna de 77,2%), bem como em termos de presença feminina em cargos seniores, onde as mulheres são 39,4% de todos gerentes (gap de 65,1%). (WEF, 2021).

Ou seja, segundo essa análise recente, com dados de 2020, no Brasil homens ganham 50% a mais que as mulheres, ocupam 80% dos empregos formais e estão com mais de 60% de ocupação dos cargos de liderança.

⁴⁴ O Fórum Econômico Mundial é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1971 pelo professor de Administração Klaus Martin Schwab e, desde então, realiza reuniões anuais na cidade de Davos, em Genebra, na Suíça. Por não estar ligada politicamente ou de forma institucional a nenhum país, o objetivo é reunir de forma voluntária e independente chefes de estado, lideranças e empreendedores de todos os países para discutir pautas relevantes para o mundo como saúde, meio ambiente e distribuição de renda. Com base nos resultados obtidos nas reuniões, são elaborados relatórios como o que analisa a desigualdade entre homens e mulheres nos mais diversos campos de atuação. Texto parcialmente retirado do site https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rum_Econ%C3%B4mico_Mundial. Acesso em 09 nov 2022.

⁴⁵ As análises e o relatório, em inglês, podem ser vistos na íntegra no site https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2021.pdf. O ranking geral em que o Brasil consta em 93º lugar está na página 10. Acesso em 09 nov 2022.

Para ajudar na definição de metas e promover ações de equidade, a ONU também entrou nessa luta há pelo menos duas décadas. Em 2000, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou um documento chamado 8 Objetivos do Milênio, um conjunto de metas que deveriam ser atingidas pelos países até 2015 (UNFPA, 2022). Muitos desses objetivos não foram alcançados, como a erradicação da fome, pobreza e analfabetismo. Houve melhorias, mas longe dos índices ideais que foram estabelecidos (GHZ, 2015). Os ODM foram realocados para outro planejamento chamado Agenda 2030. Assinado por 193 países, em 2015, esse novo plano tem como metas 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), entre os quais está o de nº 5, que é "alcançar a igualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas" e devem (precisam) ser alcançados nos próximos 15 anos, ou até 2030. (IPEA, 2019). E se os objetivos são gigantes no desenvolvimento geral para as meninas e mulheres, imagine como é para ter equidade no futebol? Esse é o assunto do próximo tópico deste capítulo.

5.2 (Des)igualdade de gênero no futebol

Quando falamos em questões de gênero, falamos de conceito biológico e também sociológico do que definimos masculino e feminino – definições que ficaram muito simplistas perto da gama de tipos de denominações para o que e quem as pessoas se identificam. Como essa é uma questão mais complexa, o que podemos destacar é a como as duas definições mais básicas entre homens e mulheres foram construídas. No artigo "Gênero: a história de um conceito", a autora Adriana Piscitelli indica que

O conceito de gênero foi elaborado e reformulado em momentos específicos da história das teorias sociais sobre a "diferença sexual" e foi inovador em diversos sentidos [...] a bióloga e historiadora da ciência Donna Haraway no artigo "Gênero para um dicionário marxista" afirma que o termo gênero foi introduzido pelo psicanalista estadunidense Robert Stoller no Congresso Psicanalítico Internacional em Estocolmo, em 1963, tratando do modelo da identidade de gênero. Stoller teria formulado o conceito de identidade de gênero para distinguir entre natureza e cultura. Assim, sexo está vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia) e gênero em relação com a cultura (psicologia, sociologia, incluindo aqui todo o aprendizado vivido desde o nascimento). O produto do trabalho da cultura

sobre a biologia era a pessoa marcada por gênero, um homem ou uma mulher (PISCITELLI,).

Por ser uma conceituação feita nos anos 60 do século XX, podemos avaliar que, além de ser bastante recente, ainda vem alinhada as mudanças de paradigma sociais que borbulharam naquela década. Para além das definições de Stoller, Piscitelli indica que foi nos anos 70 que o reflexo dessa sede por transformações realmente ganhou reflexos efetivos na sociedade;

As formulações de gênero que tiveram impacto na teoria social foram elaboradas a partir do pensamento feminista na década de 1970. Esse movimento social, que buscava para as mulheres os mesmos direitos dos homens, atuou decisivamente na formulação do conceito de gênero. As feministas utilizaram a ideia de gênero como diferença produzida na cultura, mas uniram a essa noção a preocupação pelas situações de desigualdade vividas pelas mulheres. Foi, portanto, a partir de uma luta social, que surgiu uma contribuição teórica fundamental para o pensamento social. Nessa elaboração, aspectos presentes na longa história de reivindicações feministas, relativos à dominação masculina, articularam-se a noções teóricas que procuravam mostrar como as distinções entre feminino e masculino são da esfera do social (PISCITELLI,)

Vimos no capítulo anterior que o feminismo, apesar de ter ganhado força a partir da metade do século XX, teve início muito antes e que as reivindicações ainda são pertinentes, tanto para manter os direitos adquiridos como obter novas conquistas como ampliar as definições de identidade de gênero, abrindo o leque para que as pessoas se sintam representadas pelo conceito e essência que as definam de forma mais adequada para o seu sentimento, não só por uma convenção social.

Como conceitos e questões sociais também fazem parte do universo esportivo, podemos notar no capítulo 4 que se a luta, especialmente no mercado de trabalho por melhores condições de salário e reconhecimento, já é bem difícil mesmo tendo formação, experiência e conhecimento, no esporte não é diferente. Quando a modalidade é o futebol, a falta de representatividade e a diferença de tratamento entre elas começa muito antes da prática esportiva. É constatada desde a primeira infância.

No artigo "O menino e a bola", o professor Reginaldo dos Reis Pereira, ao contar a sua experiência com o futebol e do, segundo sua visão, fascínio que uma bola causa nas crianças, relata algo que ainda é bastante comum especialmente nos lares brasileiros. Diz ele que "quase como uma regra, quando nasce uma criança aqui no Brasil, se ela for do sexo masculino, um de seus primeiros presentes será

uma bola e uma roupa estampada com o símbolo de um futuro time do _coração|| (PEREIRA, 2021). E, no imaginário popular, essa imagem do futebol recreativo, não competitivo, é automaticamente ligada a uma pessoa _se ela for do sexo masculino||. Naturalizada como algo corriqueiro, aquela imagem de infância livre e feliz, é quase sempre ligada a um menino correndo atrás de uma bola e não uma menina, mesmo que ela possa ser tão apaixonada por um time ou mais _craque|| que ele num campinho de terra, num campo gramado ou numa quadra de futsal.

Esse pensamento e parte desse comportamento de presentear com objetos tipificados por cor e para cada tipo de gênero da criança mudou um pouco nos últimos tempos, especialmente com a diversidade e na quebra de paradigmas do que é estabelecido como aceitável e correto para a formação do grupo parental perfeito. Famílias com dois pais, duas mães, formadas por pais separados e com irmãos e irmãs de outros casamentos ou adotados, são alguns dos exemplos de formatos diversos e nem por isso deixam de ter a imagem e a verdadeira convivência feliz do que se espera de um núcleo familiar. Pode-se dizer que a coexistência de configurações e estruturas familiares diversas tem ampliado não só o conceito de família, mas também suas implicações na sociedade, gerando a necessidade de aceitar e conviver com o diferente (PRÁ, 2013). Não exatamente a necessidade de aceitar e, sim, respeitar e coexistir com as raças, cores, gêneros e do que é considerado _fora do padrão|| da heteronormatividade.

Mas, ainda numa outra realidade bastante insistente onde a perpetuação do estereótipo do que _é coisa de menino e coisa de menina|| continua, ao entrar na vida adulta, muitas mulheres não são inseridas em atividades físicas e profissionais por ter a característica da delicadeza, a pouca força, as atividades domésticas e o cuidado com os filhos como prioridade e instituído como uma regra a seguir. No artigo "Lugar de mulher: Discursos proibitivos sobre o futebol de mulheres" de Nathalia Fernandes ela destaca como esse conceito que se tinha ainda mais enraizado nas décadas passadas sobre o futebol não ser esporte para elas, a partir de uma (infeliz?) colocação de uma dos maiores técnicos do esporte brasileiro:

O senso comum de que à mulher não cabe o espaço esportivo se escancara em falas como a do ex-técnico da Seleção Brasileira de Futebol Masculino, João Saldanha, que comentando, já na década de 1980, sobre o que achava

do futebol de mulheres, disse: “Imagine a cena. Meu filho me apresenta a namorada, eu pergunto o que ela faz e ela me diz que é zagueira do Bangu. Não dá”. Essa fala demonstra como era comum, inclusive para os indivíduos que participavam do universo futebolístico, a não associação desse campo com o feminino. (FERNANDES, 2022).

Ainda que parecendo uma piada, essa fala evidencia a quase certeza de que, por conta do gênero, determinados espaços não são adequados para mulheres ou de que determinadas funções só se justificam se forem desempenhadas e especialmente moldadas para o sexo feminino. Um exemplo: 70% das meninas ainda muito recentemente acreditam que o esporte não é lugar para elas. Esse foi o resultado que uma pesquisa de Confiança e Puberdade que a Always, marca de absorventes, em parceria com a MSLGROUP Research e Research Now, constatou em 2016. Segundo matéria da jornalista Isabella Marinelli, publicada na versão online da Revista Claudia, no mesmo estudo a equipe também identificou que mais da metade das adolescentes deixarão quadra, campo, piscina e mar até os 17 anos. Na análise dos resultados da pesquisa pela psicóloga Patrícia Alencar, a falta de representatividade na mídia, especialmente, é um dos fatores para essa sensação de inadequação. “As meninas crescem acreditando que os rapazes são atletas melhores ou que existem ‘atividades de meninas e atividades de meninos’”, diz a doutora. Na televisão, por exemplo, quantos jogos masculinos são transmitidos? E quantos femininos? Essa informação fica registrada, ainda que no inconsciente, e só conseguimos perceber depois (MARINELLI, 2016).

Uma forma que parte dos homens achou de resolver o problema “mulher no futebol” foi colocando a mulher como a musa de corpo esbelto, roupas curtas e justas, com a justificativa de atrair o público masculino. Nathalia Fernandes também citou essa prática, típica dos anos 90, em seu artigo:

Ao longo da década de 1990, algumas capas da Placar, importante revista esportiva, expressava esse estereótipo de feminilidade esperado e reiterava a lógica de que o público apreciador do esporte era efetivamente o masculino. Em uma edição de 1997, a capa traz a foto de quatro mulheres, vestidas com biquínis ou roupas curtas, de cor amarela, em referência ao uniforme da Seleção Brasileira, com manchete intitulada “GOSTOSAS! Haja coração...”

Quem são as deusas do futebol feminino. Assim como em outras edições da revista já apresentadas em artigos anteriores, a erotização dos corpos reitera que o público-alvo do periódico era o masculino, buscando, para isso, atrair esse público apresentando os corpos torneados e atraentes das atletas selecionadas para representar o perfil desejado de uma jogadora de futebol. Na capa, nenhuma das mulheres escolhidas para representar a seleção feminina fugia do padrão de beleza estabelecido: cabelos compridos e corpos sarados (FERNANDES, 2022).

No estudo "Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na Revista Placar na década de 1990" os autores Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior destacam também a criação de times de modelos, que enchiam as páginas da revista em uma exibição muito mais voltada para a apresentação dos corpos do que do futebol:

Embora o futebol feminino tenha evoluído dentro do limiar possível e permissível da realidade histórica brasileira, a preleção que envolve as adjetivações normativas de gênero impressas no corpo das futebolistas se manteve presente. Como forma de mascarar ou de vender outra imagem do futebol feminino, foram criados nos anos 1990 equipes de futebol feminino formadas por modelos [...] Em se tratando de times de modelos era expressamente proibido que jogadoras federadas, embora esteticamente belas, fizessem parte das equipes, pois, o futebol era menos importante do que a espetacularização dos corpos (MARCHI, SALVINI, 2013).

Se parte desse pesadelo teve fim, pelo menos com a ultra exposição e erotização da modalidade, ainda é interessante notar parte do preconceito e de incentivar a banalização dos clichês vem de quem poderia ou deveria ter a sororidade como bandeira, ou seja, mulheres que valorizam as conquistas, a beleza, a coragem e o talento de outras mulheres. Mesmo assim, ainda que essa irmandade aproxime pela empatia, não resolve o problema do machismo dos homens para com as mulheres e de mulheres para outras mulheres. Mas as aproxima de alguma forma e tem tido efeitos práticos em casos de denúncias de abuso, agressão e defesa de direitos, especialmente com as redes sociais e políticas públicas com mais oferta de

canais para denúncia e a construção uma estrutura mínima para o atendimento legal, médico e psicológico às ocorrências mais graves. E também na preservação da vítima na tentativa de prevenção contra o aumento de violência ou do número de feminicídios.

Sororidade deriva de "soror", que em latim significa "irmã", e fala em irmandade entre elas no sentido de valorização, defesa do direito uma das outras e de combate à discriminação. Segundo Ana Clara Bicalho Toledo em seu trabalho "Me empodera te empoderar", esse termo ganhou destaque na quarta onda do feminismo, iniciada em 2012, e com o uso da internet como impulsionadora de termos e

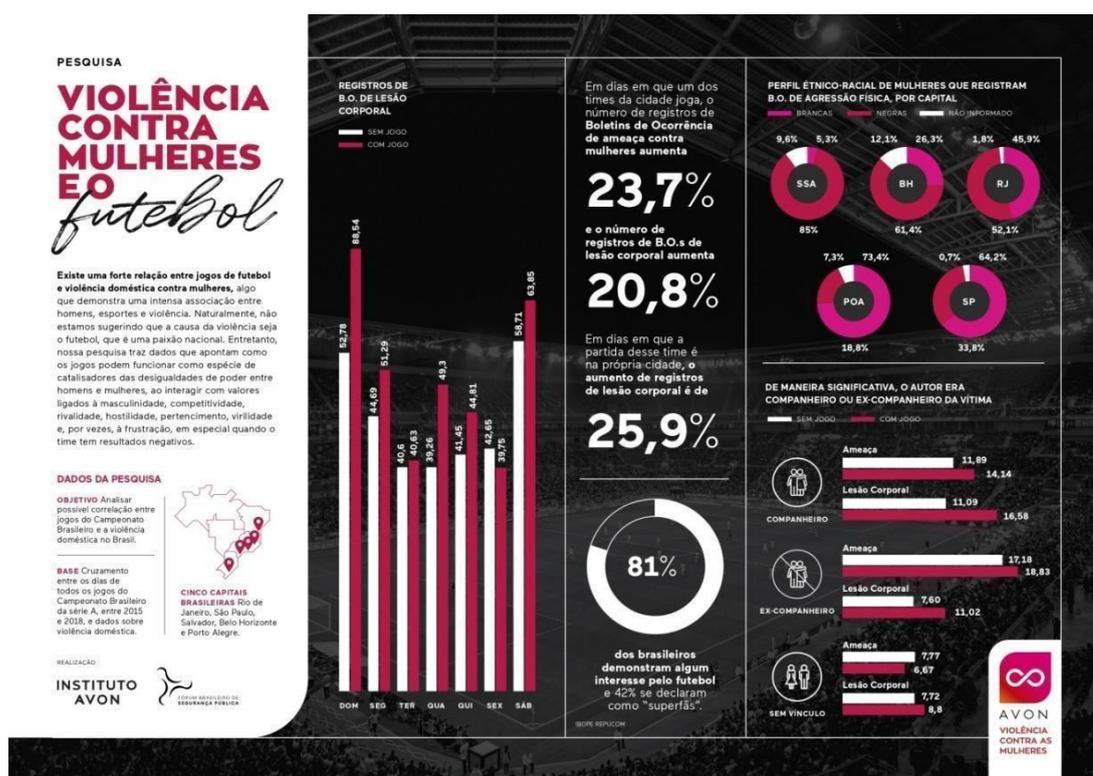
todas as discussões, dentro e fora das ondas feministas mais conhecidas. Feminismo negro, feminismo gay, sexualidade, maisnplaining, assédio, estupro, empoderamento, sororidade, machismo cotidiano, gênero, gordofobia e tantos outros territórios ganham espaço e são discutidos cada vez mais (TOLEDO, 2017).

A visibilidade e as discussões em torno dos temas são importantes. Por outro lado, o uso dos termos do "novo feminismo" parece ter dado uma espécie de salvo-conduto para que haja a sensação de que os antigos pensamentos estão extintos e a equiparação de representatividade de gêneros está num caminho de igualdade. Mas, as estruturas desses velhos comportamentos e ações são ainda bem sólidas. Especialmente quando relacionado ao esporte.

Nessa ordenação da sociedade do que pode ser mais adequado para homens e mulheres, como já citado, o esporte não mais visto apenas como a prática física, mas um meio de análise do comportamento humano, é perfeito para referir a luta delas por representatividade. Para além da prática ou de ser a tradução da paixão por um time, o futebol como entretenimento parece também ser desculpa para excluir o direito delas torcerem ou simplesmente estarem em um ambiente aparentemente seguro, como a residência, no dia de competições. É claro que nem o esporte e nem qualquer outro fato é desculpa para agressões físicas ou verbais, mas é curioso, apesar de nada surpreendente, que o futebol esteja ligado a elas por questões de violência e opressão. Uma pesquisa divulgada em maio de 2022 do Instituto Avon em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostrou

que casos de violência doméstica aumentam significativamente em dias de jogo. Não só no Brasil, mas em países como Inglaterra e Estados Unidos, que tem igualmente torcedores apaixonados por modalidades esportivas. O estudo feito entre os anos 2015 e 2018 analisou os registros de ocorrência realizados em dias de jogo nas capitais: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. Segundo matéria do UOL de 20 de maio de 2022, no índice geral, os registros por lesão corporal dolosa aumentam em 20,8%. Em dias de jogos em que o clube é mandante da partida e joga na própria cidade, este número dispara para 25,9%. Os responsáveis pelas agressões são companheiros e ex-companheiros das vítimas (FLORES, 2022). O infográfico abaixo resume os dados levantados no período de análise que também verifica informações sobre questões raciais e econômicas das denunciantes:

Figura 2 – Infográfico Violência contra mulheres e o futebol



Fonte: Instituto Avon, 2022 - <https://institutoavon.org.br/>

E se ela gosta de um time e vai para o estádio assistir ao jogo, também é hostilizada. A partir de números crescentes de casos de misoginia no futebol

brasileiro, surgiram na última década dois movimentos importantes para denunciar assédio e violência contra profissionais da imprensa e torcedoras:

O #DeixaElaTrabalhar⁴⁶, segundo matéria do Globo Esporte de 25 de março de 2018, foi uma iniciativa de um grupo de 52 jornalistas brasileiras que trabalham com esporte, entre apresentadoras, repórteres, produtoras e assessoras de vários veículos e emissoras. O grupo, que se coloca como representante de todas as mulheres que atuam na mídia esportiva, tem como objetivo lutar contra o assédio moral e sexual sofrido por elas nos estádios, nas ruas e nas redações. Os casos de machismo não foram extintos contra bandeirinhas, árbitras e técnicas, e continuam contra jornalistas, comentaristas e narradoras pelas redes sociais (GLOBO ESPORTE, 2018). E o #DeixeElaTorcer, criada por torcedoras do Grêmio, chamadas de Gurias do Grêmio, com a ideia de unir torcedoras independentes dos times brasileiros para relatar e denunciar casos de assédio, violência física ou verbal ou alguma forma de opressão por gostar de um time e do esporte (BASTOS, COSTA, 2018).

Ambas hashtags foram bem ativadas no ano de lançamento dos movimentos e são reavivadas quando algum novo caso ganha repercussão. Foi o que aconteceu em 7 de setembro de 2022 quando a repórter da ESPN, Jéssica Dias, foi assediada no Maracanã por um torcedor do Flamengo antes da partida entre o time carioca e o Velez da Argentina pela semifinal da Libertadores. Ele beija a repórter no rosto e sai rindo da situação. Foi detido e liberado (FOLHA, 2022), mas o caso foi considerado por alguns outros torcedores como exagero. Um deles, em resposta ao post da emissora no Twitter⁴⁷, escreveu: “Não vi importunação sexual.... Eu vi torcedores felizes comemorando e deu um beijo fraterno no rosto da repórter que demonstrou pela reação não estar preparada para trabalhar público talvez fazendo notícias virtuais ela tenha sucesso (MEDEIROS, 2022).

Fica difícil combater sem campanhas educativas. E quando os casos, tratados por alguns como corriqueiros ou “nada demais, e não tipificados como crimes e punidos com severidade, são fáceis de se repetir. Esses manifestos das mulheres nas redes sociais, apesar de marcantes, precisam ir além das hashtags já que o surgimento de novos casos são ainda constantes.

⁴⁶Deixa Ela Trabalhar no Twitter https://twitter.com/search?q=%23DeixaElaTrabalhar&src=typed_query&f=live. Acesso em 06 nov 2022.

⁴⁷ Tweet da ESPN Brasil <https://twitter.com/ESPNBrasil/status/1567665202971217921>

Contemporâneo desses movimentos de denúncia e registros de casos de discriminação, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol⁴⁸ criado pelo jornalista Marcelo Carvalho em 2014, segue bastante atento aos (infelizmente) constantes casos de vários tipos de discriminação e/ou opressão no futebol brasileiro e mundial. Em 24 de agosto de 2022 foi lançada a 8ª edição do Relatório Anual de Discriminação Racial no Futebol, em parceria inédita com a CBF.⁴⁹ Além de um balanço sobre as denúncias e repercussões de casos denunciados em outros anos, o relatório traz um descritivo de casos de racismo, xenofobia, machismo e LGBTfobia no futebol e em outros esportes, no Brasil e no exterior, efetuados tanto dentro dos estádios, clubes e lugares públicos, quanto os feitos pela internet. Com o levantamento feito até o fim de 2021, foram catalogados 124 casos envolvendo o futebol. Desses, 74 dizem respeito à discriminação racial (soma total de casos ocorridos no Brasil, 64, e no exterior, 10); 25 envolvem LGBTfobia (soma total de casos ocorridos no Brasil, 24, e no exterior, 01); 15 machismo e 10 xenofobia (soma total de casos ocorridos no Brasil, 06, e no exterior, 04). Desses 15 casos de machismo, um ganhou mais repercussão por tratar justamente da maior entidade do futebol brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol - CBF. Na página 82 do relatório há detalhes da denúncia registrada em 04/06/2021 por uma funcionária da CBF. Segundo o levantamento, a denúncia foi protocolada na Comissão de Ética da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e na Diretoria de Governança e Conformidade. Tratava-se de abusos que teriam ocorrido contra uma funcionária (autora da denúncia) que detalhou episódios de abusos vividos por ela desde abril de 2020. (OBSERVATÓRIO, 2022).

Ainda segundo o relatório, em setembro de 2021, em assembleia realizada pelos presidentes das federações estaduais ficou decidido, por unanimidade, afastar

⁴⁸ Segundo definição em seu site, o Observatório foi "idealizado com o objetivo de monitorar, acompanhar e noticiar os casos de racismo no futebol brasileiro, assim como divulgar e desenvolver ações informativas e educacionais que visem erradicar essa praga que tanto macula a sociedade nacional, o Observatório tem se tornado uma ferramenta de consulta para pesquisas acadêmicas, imprensa e público no geral, interessados no debate e construção do conhecimento. Com o monitoramento dos casos, foi possível lançar anualmente o Relatório da Discriminação Racial, que hoje já não fala apenas de casos com ocorrência no futebol, mas também relata casos em outros esportes que envolvam atletas brasileiros, assim como outras formas de preconceito e discriminação como machismo, lgbtfobia e xenofobia." <https://observatorioracialfutebol.com.br/apresentacao/>. Acesso em 06 nov 2022.

⁴⁹ Lançamento do Relatório 2021 em parceria com a CBF. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/relatorio-anual-da-discriminacao-racial-no-futebol-e-lancado-na-sede-da-cbf/>. Acesso em 06 nov 2022.

Rogério Caboclo⁵⁰ da presidência da entidade até março de 2023 pelas acusações de assédio sexual e moral. Em março de 2022, o ex-presidente da Federação Baiana de Futebol (FBF) Ednaldo Rodrigues foi eleito como novo presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) até 2026 (OBSERVATÓRIO, 2022).

Seja em casa, no estádio ou nas instituições, o cerceamento para reforçar o pensamento de que "aqui não é seu lugar" vem de várias frentes. E as questões de exclusão e violência contra elas, torcendo ou não por um time, são tão históricas quanto a luta para a inserção das atletas e praticantes no esporte. Dentro de campo, a história das mulheres no mais popular dos esportes no Brasil é composta por algumas datas marcantes e simbólicas que faz com que a modalidade ganhe ares de resistência:

● **17 de maio de 1940:** Um dos principais eventos do futebol feminino no Brasil foi um amistoso realizado nesta data, no Estádio do Pacaembu, entre os times cariocas Sport Club Brasileiro e Casino Realengo Futebol Clube se enfrentariam numa sexta-feira à noite na inauguração da iluminação do estádio (MENDONÇA, 2020). Mesmo com a modalidade já praticada por elas de forma recreativa, sem clubes ou ligas, o evento ganhou notoriedade na mídia, mas não soou bem para o governo da época que ganhassem destaque nesta modalidade.

● **14 de abril de 1941:** com a justificativa que futebol não era esporte para mulheres, nesta data, o Decreto-Lei 3.199 foi assinado pelo então presidente Getúlio Vargas e em seu artigo 54 proibia mulheres de praticar esportes que, segundo o documento, "não fossem adequados a sua natureza" (DECRETO, 1941). Aquela ideia da menina ganhando bonecas e utensílios para o lar criou o estereótipo da delicadeza, fragilidade, da mulher estática dentro de casa e do homem livre em todos os sentidos, para correr atrás de tudo que lhe satisfaça, inclusive de uma bola. Ser "menininha" demais para a brutalidade dos esportes virou uma justificativa para literalmente tirá-las de campo, embasada por um ato normativo. A proibição continuou também durante a Ditadura Militar, em 1965, quando o Conselho Nacional

⁵⁰ Afastamento de Rogério Caboclo da presidência da CBF. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/rogerio-caboclo-e-afastado-da-presidencia-da-cbf.ghtml>. Acesso em 06 nov 2022.

de Desportos (CND) ⁵¹ citou nominalmente os esportes proibidos para elas: "lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo-aquático, rugby, halterofilismo e beisebol]].

● **11 de abril de 1983:** A regulamentação do futebol feminino aconteceu apenas dezoito anos depois, nesta data em 1983, apesar de oficialmente o fim do decreto ter sido em 1979. Durante todo esse tempo, ele proibiu, dentre os esportes considerados masculinos, a prática do futebol feminino no Brasil (LOPES, 2019), Com a regulamentação, foi permitido que se pudesse competir, criar calendários, utilizar estádios, ensinar nas escolas. Clubes como o Radar e Saad surgem naquele período como pioneiros no profissionalismo de times formados por atletas mulheres. Com o surgimento de equipes, a Seleção Brasileira feminina saiu do papel em 1988, mesmo ano em que a primeira competição feminina organizada pela FIFA, a Copa Experimental de Futebol Feminino, aconteceu em Guangdong, na China, como evento preliminar ao primeiro Mundial oficial que aconteceria em 1991⁵². Desde então, a seleção brasileira feminina de futebol é destaque e, passo-a-passo, vem tendo conquistas importantes⁵³ como:

- Títulos da Copa América nas edições de 1991, 1995, 1998, 2003, 2010, 2014 e 2018.
- 2004: Prata nas Olimpíadas de Atenas.
- 2007: 2º lugar na Copa do Mundo, realizada na China. E o ouro no Pan realizado no Rio de Janeiro.
- 2008: Prata nas Olimpíadas de Pequim.
- Torneio Internacional de Futebol Feminino: desde a primeira edição realizada em 2009, o Brasil só não conquistou o título em 2010, sendo sete vezes campeã.
- Até hoje, a melhor jogadora do mundo é a Marta Silva, a camisa 10 e 6 vezes eleita a melhor jogadora de futebol do Mundo pela FIFA (de 2006 a 2010 e 2018).

⁵¹ O Conselho Nacional de Desportos - CND foi um órgão administrativo extinto do Brasil em 1993, voltado para os esportes e criado pelo Decreto-Lei n. 3.199/41.

⁵² Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1991. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_de_Futebol_Feminino_de_1991. Acesso em 06 nov 2022.

⁵³ Títulos e técnicos da Seleção Feminina de Futebol. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_de_Futebol_Feminino. Acesso em: 06 nov 2022.

- Dos 16 treinadores que a seleção já teve, 14 foram homens. Desde 2019, após a passagem de Emily Lima em 2016, a sueca Pia Sundhage é a técnica da seleção feminina do Brasil.

Além das transmissões na TV e internet, especialmente após a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, os três últimos anos (2019/2022) já marcaram algumas conquistas para o futebol delas e das mulheres no futebol:

● **Obrigatoriedade de equipes femininas:** Todos os 20 times participantes da Série A do Brasileiro masculino, a partir de 2019, precisaram se enquadrar no Licenciamento de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol e, por obrigação, manter um time de futebol feminino - adulto e de base (ALVES, 2019). Se não atender essa exigência, pode perder a vaga no campeonato, mesmo tendo conquistado os pontos necessários para estar na competição.

● **Primeira narradora da Globo:** Renata Silveira é a primeira narradora da Rede Globo. Contratada em dezembro de 2020 pela emissora carioca, teve em 2022 alguns feitos que faz com que este ano já seja considerado com um dos melhores e marcantes de sua carreira. Ela se tornou a primeira mulher a comandar uma transmissão de futebol na TV aberta em uma partida da Supercopa feminina entre Corinthians e Grêmio (REDE GLOBO, 2022) e também narrou uma partida masculina com o jogo entre Ceilândia e Botafogo, pela Copa do Brasil. Será também uma das narradoras da Copa do Mundo de Futebol Masculino a ser realizada no Catar entre 20 de novembro e 18 de dezembro de 2022 (GSHOW, 2022).

● **Igualdade salarial nas seleções dos EUA:** Essa foi uma conquista inédita fora do campo e referente a uma equipe feminina. A seleção de futebol dos Estados Unidos, campeã da Copa de 2019, conseguiu acordo após reivindicar igualdade salarial. As jogadoras receberam 24 milhões de dólares em pagamentos atrasados como compensação, além de terem os salários igualados aos da seleção masculina em todas as competições, incluindo a Copa do Mundo. A disputa legal por igualdade

salarial remonta a uma reclamação de 2016⁵⁴ apresentada à Comissão de Oportunidades Iguais de Emprego nos EUA.

● **Música “Jogadeira”:** Assim como acontece no futebol masculino, a seleção feminina é, historicamente, embalada por pagode. Após a vitória sobre a Jamaica por 3 a 0 na estreia da Copa do Mundo da França em 2019, as atletas revelaram a música que vem inspirando as meninas dentro do ônibus e na concentração: “Jogadeira”. Cacau, que na ocasião defendia o Corinthians, e Gabriela Kivitz, ex-jogadora, criaram o refrão da música quando ainda atuavam pelo Centro Olímpico, em 2011. “A história se repete, não muda. Essa música representa igualdade. Porque ela conta a história de cada mulher, cada menina que joga. E ela conta uma história feliz, porque no final ela enaltece a mulher no futebol. É o que a gente está buscando, essa igualdade”, disse Gabi, em entrevista ao ‘Dibradoras’. (GOAL, 2019). Não por acaso, um trecho da letra está na abertura desta monografia.

● **Camisa exclusiva da seleção feminina do Brasil:** Em 27 de novembro de 2020 a seleção brasileira feminina, num amistoso realizado contra a equipe do Equador e disputado na Neo Química Arena, em São Paulo, jogou pela primeira vez com uma camisa sem estrelas e com um design e escudo exclusivo para elas. Até então, elas jogavam com as cinco estrelas estampadas acima do escudo da CBF que se referem às conquistas do time masculino. Nas costas da gola a camisa ganhou a frase “Mulheres Guerreiras do Brasil” (FONSECA, 2019).

Fora da seleção principal, a realidade de várias equipes no Brasil é de precariedade, falta de estrutura e pagamento adequado, e a visibilidade na mídia acaba sendo para os grandes times e para os eventos com mais público e patrocinadores. E nem sempre aquela repórter ou locutora que gosta do esporte pode ter chance de chegar a uma transmissão ou acompanhar o dia-a-dia de um atleta ou clube, ou estar na equipe de cobertura de um evento grandioso como Copa e Olimpíadas. Mas essas conquistas de espaço e notoriedade acabam elevando o status e a importância de valorizar e, principalmente, proporcionar condições

⁵⁴ O imbróglio entre jogadoras da seleção feminina dos Estados Unidos e a federação de futebol do país começou em 2016, quando cinco atletas da equipe nacional apresentaram uma queixa formal às autoridades americanas na qual acusavam a US Soccer de discriminação salarial contra mulheres (FOLHA, 2022).

decentes de uma profissional dentro ou fora de campo se manter somente com o futebol ou algum trabalho ligado ao esporte como sua profissão e fonte de renda. Esses eventos e conquistas citadas são parte de uma conjuntura mundial que faz com que os resultados positivos colaborem de forma coletiva para a evolução da modalidade e a valorização das profissionais da mídia e de atletas.

Mas, sempre tem um “mas” nessa relação de equiparação dos gêneros. E se mesmo com os resultados positivos, os pré-julgamentos e o enquadramento de mulheres dentro de determinadas funções ainda acontece dentro de campo, fora das quatro linhas do gramado, especialmente na liderança e gestão administrativa do esporte, fica evidente essa diferença de representatividade. São poucas as técnicas, gestoras, coordenadoras, presidentes ou dirigentes de equipes, clubes e instituições. Em 2020 os repórteres Carlos Petrocilo e João Gabriel apuraram quem mulheres não chegam a 5% dos grandes clubes de SP. Na ocasião, só 4 das, então, 222 cadeiras do principal órgão tomador de decisões do São Paulo são ocupadas por sócias (1,8%). No Santos, há seis mulheres (pouco mais de 2%) dentre os seus quase 300 conselheiros. O Corinthians é quem mais tem conselheiras: 16 entre 333 (4,8%) (GABRIEL, PETROCILO, 2020).

Só para ficar no futebol brasileiro já que fora do país são vários os casos de sucesso de mulheres gerindo equipes do futebol e outras modalidades, o crescimento da visibilidade do futebol feminino também fez haver um aumento de mulheres em cargos executivos. O futebol paulista, aliás, foi um dos grandes vetores desse protagonismo feminino. O Corinthians, por exemplo, é gerido por Cristiane Gambaré e tem um dos mais sólidos projetos do país. O Santos, outra referência no futebol feminino, tem em Emily Lima a sua treinadora. Um dos mais emblemáticos casos de liderança é da empresária Leila Pereira, eleita no fim de 2021 a primeira mulher presidente da história do Palmeiras. Em entrevista ao UOL Universa⁵⁵ Leila enfatizou que, mesmo estando à frente da gestão de um dos times mais vitoriosos dos últimos tempos no Brasil, com títulos, patrocínios e sucesso, não deixa de receber críticas. Mesmo assim, sabe que é uma referência, especialmente para outras gestoras: "Mulheres de vários clubes me falam que eu as represento. Sou a

⁵⁵ Entrevista Leila Pereira <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/09/28/leila-pereira-machismo-presidente-palmeiras.htm>

maior prova que lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive no futebol. Se eu não acreditasse nisso, não seria a presidente do maior campeão do Brasil. Me sinto orgulhosa de representar nosso gênero|| (UOL, 2022).

Reforçando que as mudanças, quando ocorrem, são bastante lentas e pontuais, em junho de 2022, a empresa Gênero e Número⁵⁶ fez um levantamento das mulheres na gestão do futebol e verificou que desde que a CBF foi criada, em setembro de 1979, nunca houve uma única mulher em cargo de gestão – apenas em 2020, foi criado um departamento exclusivo para o desenvolvimento do futebol feminino. A ex-capitã da seleção feminina Aline Pellegrino foi contratada como coordenadora de competições femininas, e Eduarda Luizelli, como coordenadora das seleções brasileiras femininas. (GN, 2021)

Para sintetizar o porquê da falta de líderes femininas no esporte, no artigo “Participação de mulheres na gestão esportiva: uma revisão sistemática|| a pesquisadora Bruna Bressan Belan identificou que mesmo com a evolução das teorias da administração, muitos pontos ainda são mantidos estagnados, inclusive, quanto à inserção da mulher nesse contexto. Segundo a autora, a diferença de gênero, ainda apresentada como um elemento para a relação de poder revela a existência de um paradigma pré-estabelecido onde se espera que mulheres envolvem-se com atividades que demonstrem seu cuidado, receptividade e acolhida, enquanto se espera dos homens empregos na liderança e que seja necessária a tomada de decisões, reforçando ainda mais a desigualdade e impedindo desenvolver os potenciais das pessoas (BRESSAN, 2015).

Uma iniciativa recente para desenvolver potenciais e empoderar perfis e, quem sabe, fomentar a entrada de futuras líderes na gestão esportiva, vem de uma iniciativa brasileira. Mesmo com a missão educativa e inclusiva desde sua concepção, pelo contexto histórico do seu surgimento, a Olimpíada não costumava ser um evento amistoso à participação de mulheres. E dois anos antes de ter, pela primeira vez na história, a expectativa de igualdade de gêneros, tendo 50% de

⁵⁶ A Gênero e Número é uma empresa social que produz e distribui jornalismo orientado por dados e análises sobre questões urgentes de gênero e raça, visando qualificar debates rumo à equidade. A partir de linguagem gráfica, conteúdo audiovisual, pesquisas, relatórios e reportagens multimídia alcançamos e informamos uma audiência interessada no assunto.
<https://www.generonumero.media/sobre/>

atletas homens e 50% de atletas mulheres nos Jogos de Paris 2024, o Comitê Olímpico Brasileiro lançou, em parceria com a ONU Mulheres, o 1º Fórum da Mulher no Esporte e a pesquisa “Igualdade e Inclusão da Mulher no Esporte: mapeamento das organizações esportivas nacionais e internacionais”. Lançado em agosto de 2022, o fórum tem a missão de impulsionar a igualdade de gênero e o empoderamento de meninas e mulheres na sociedade:

A ideia do mapeamento é apresentar dados recentes sobre a participação de mulheres em cargos de liderança nas principais federações internacionais e confederações olímpicas brasileiras, bem como um mapeamento das políticas e normativas que têm sido adotadas por essas organizações para fomentar a igualdade de gênero no esporte. O relatório usa como ponto de partida as diretrizes do Comitê Olímpico Internacional (COI) para a implementação da igualdade de gênero. No documento, é avaliado o histórico de representatividade dentro do movimento olímpico a fim de compreender como as normativas estão sendo implementadas. Em um segundo momento, a pesquisa acompanha organogramas, políticas e ações que as Confederações Brasileiras Olímpicas desenvolvem com o objetivo de impulsionar a igualdade de gênero no ambiente esportivo, acelerar a inclusão feminina em quadros de liderança e de gestão e criar mecanismos institucionais para a prevenção ao assédio e ao abuso no esporte em suas diversas modalidades (ONU MULHERES, 2022).

O acompanhamento dessas ações por equidade e representatividade feminina será feito pelas entidades através do programa “Uma Vitória Leva à Outra”, e elaboração de relatórios anuais de atividades que especifiquem o monitoramento e a avaliação de indicadores atrelados a metas progressivas para a representação e equidade de gênero em cada entidade (ONU MULHERES, 2022).

Mesmo sem ter um movimento expressivo de defesa de direitos e igualdades, essa disparidade também é confrontada quando estereótipos são tachados a alguma profissão ou desempenho profissional, como no caso das bibliotecárias, destaque do tópico a seguir.

5.3 Estereótipos e representatividade feminina na Biblioteconomia

Como verificado no capítulo 4.2, dizer que as mulheres não participaram do desenvolvimento do ensino da Biblioteconomia e dos primórdios da atuação de profissionais em bibliotecas já não é um argumento válido dado o histórico com algumas das mais representativas precursoras atuantes em diversas áreas e

instituições no Brasil e no mundo. Porém, tê-las nas instituições não significou, nem significa atualmente, equidade de cargos e salários com os homens. No Brasil, entre as 20 profissões ditas femininas, ou melhor, mais comuns para atuação de mulheres, segundo pesquisa de 2016 do Ministério do Trabalho, além de magistério e psicologia, setor de vendas e limpeza estão entre os que mais tem mulheres atuando (EXTRA, 2018). Nas ciências sociais, apesar de a Biblioteconomia parecer numericamente mais inclusiva para elas, alguns fatos e pesquisas – como descritos nos parágrafos abaixo - comprovam que, infelizmente, não é bem assim. Ciente disso desde a década de 1970, a ALA – American Library Association - dedica projetos específicos para o combate à desigualdade de gêneros entre os profissionais atuantes nas bibliotecas e na Biblioteconomia. Chamadas de Força-Tarefa, uma dessas atitudes pioneiras é a FTF ou Feminist Task Force. A FTF

foi fundada em 1970 por mulheres determinadas a abordar o sexismo em bibliotecas e biblioteconomia. A FTF foi o primeiro grupo da ALA a centrar-se nas questões das mulheres. Outros grupos de mulheres da ALA promovidos pela FTF incluem o Comitê Permanente da ALA sobre o Status das Mulheres na Biblioteconomia (COSWL) e o Comitê de Equidade Salarial, o Grupo de Discussão RASD sobre Materiais para Mulheres e Usuários de Bibliotecas para Mulheres, a Seção de Estudos da Mulher da ACRL e o LAMA Grupo de Discussão Mulheres Administradoras. A Força-Tarefa Feminista continua a ser um dos maiores e mais ativos grupos do SRRT, preocupado com um conjunto amplo e em evolução de questões feministas. (ALA, 2022)

Essas iniciativas só ganham força pelo coletivo e com o suporte das entidades que querem, também, promover a igualdade e transparência nos locais de trabalho. Como no caso da Biblioteca feminista de São Paulo⁵⁷ que tem um trabalho de promover literatura feminina e é voltada para o combate de violência doméstica entre as consulentes e moradoras do entorno. Mas, como essas questões de igualdade de gênero também dentro das bibliotecas, entre os profissionais que

⁵⁷ A Biblioteca Municipal Cora Coralina, localizada na cidade de São Paulo e leva o nome da poetisa brasileira, foi inaugurada em 1966. Mas desde 2015 "recebeu ambientação com a temática feminista, contando com a participação das mulheres que, a partir de suas próprias histórias, olhares e experiências, participaram de oficinas de artes visuais e garantiram ao local um visual com destaque para o empoderamento das mulheres na apropriação de seu espaço. Além de um acervo com mais de mil obras para consultas, estudos e pesquisas, a Biblioteca Temática Feminista Cora Coralina quer se consolidar como um ponto de referência cultural na discussão de gênero e feminismo de São Paulo, a partir de uma programação cultural continuada, com atividades de cinema, música, teatro, literatura, rodas de conversa e oficinas." E por isso passou a ser conhecida como a Biblioteca Feminista de São Paulo. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/noticias/?p=18282>. Acesso em 06 nov 2022.

atuam nessas instituições são latentes e desde sempre urgentes, ainda que não exista um movimento expressivo para o combate de desigualdades, surgem, paralelos ao desenvolvimento e crescimento da profissão, dois tópicos bastante importantes para análise da participação e inserção de mulheres na área: os estereótipos e a biblioteconomia de gênero. Mais do que análise, duas vertentes que precisam de ações concretas para terem suas reivindicações vistas pelas entidades e solucionadas a partir dos profissionais que atuam e/ou advogam por essa causa.

O termo estereótipo surge da impressão gráfica, do ato de criar moldes em chapas para reproduzir impressões de livros e revistas em grandes quantidades. Foi a partir do "Opinião Pública", livro publicado em 1922 pelo jornalista americano Walter Lippmann, que o termo passou a ter o significado que "descreve a simplificação que fazemos do mundo e das pessoas a fim de facilitar a nossa compreensão" (MLODINOW, 2013). Porém, mesmo parecendo uma facilidade, ter uma visão pré-concebida sobre algo ou alguém que não se conhece bem, só é conveniente na criação de julgamentos por muitas vezes, equivocados sobre um evento, conceito, ideia ou pessoa. As representações do que é referente ao homem ou a mulher e a criação de marcadores sociais para este ou aquele indivíduo, como melhor abordado no capítulo 5.2, é uma questão enraizada no comportamento social e se estende para todos os campos onde as mulheres atuam.

Também como pontuado no capítulo anterior, assim como há a desistência de meninas em praticar determinadas modalidades esportivas por não se sentirem adequadas, com conceitos pré-concebidas e estabelecidos socialmente sobre determinada profissão ou área de atuação, sem um referencial feminino, algumas delas simplesmente não tentam ou procuram determinadas áreas porque acreditam que não são preparadas física e intelectualmente para determinadas funções. Como bem analisa Gilda Olinto,

[...] estereótipos sobre as habilidades diferenciadas entre homens e mulheres influenciam as escolhas que as mulheres fazem cedo em sua existência, estabelecendo barreiras que limitam suas chances de vida. Dois tipos de mecanismos são geralmente identificados para descrever as barreiras enfrentadas pelas mulheres: a segregação horizontal e a segregação vertical. Se por um lado a segregação horizontal leva as mulheres a seguirem caminhos diferentes dos homens, na forma de

profissões de menor prestígio, a outra segregação, a vertical, é um modo sutil de manter mulheres em posições que não progredam profissionalmente, mantendo-as em posição de subordinação (OLINTO, 2014).

Quando se trata da Biblioteconomia, o estereótipo mais comum é o da imagem que se tem das mulheres que trabalham em bibliotecas. Não é raro uma estudante ou profissional formada ter ouvido alguma vez que, no imaginário de alguns, a bibliotecária é uma

senhora de óculos grossos, cabelos em coque, com andar e olhares rípidos, monossilábica e, provavelmente, solteira. O histórico da emancipação feminina muita fala sobre a questão, pois a mulher desde sempre foi vista como uma figura delicada, organizada, submissa e apta a lidar com objetos de fácil manuseio, como livros (MORENO; BASTOS, 2013).

No artigo "Protagonismo social das mulheres no cursos de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba", já citado no tópico 4.2, as autoras analisam o ingresso das mulheres nas ciências, a partir dos estereótipos de gênero. Com base nos estudos de Martucci (1996), Olinto (1997) e Ferreira (2014) verificam que nas pesquisas, os estereótipos são construídos em relação à profissão e às mulheres. E, referente à Biblioteconomia, os indicados pelos pesquisadores são (CÔRTEZ, GARCIA, MARTINS, 2019):

- a) representação de uma imagem estigmatizada de bibliotecárias;
- b) responsabilização das mulheres pelo baixo prestígio da profissão;
- c) desvalorização da carreira por haver concentração majoritária de mulheres.

O conceito de Dewey de "rebaixar a profissão" em relação às mulheres parece continuar vivo em relação à atuação delas em bibliotecas e espaços de memória. Na busca por propostas para tentar reverter essa imagem negativa e descolar de vez o rótulo nas profissionais da área, o artigo "O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária do século XXI no Brasil", dos autores Isadora Escalante, Patrícia Mallmann e Luciano Coutinho, traz o resultado de entrevistas com nove bibliotecárias, com tempo de experiência e idades diversas, para saber se elas veem este estereótipo da profissão no seu dia-a-dia e, se sim, o que poderia ser feito para desvinculá-las. Segundo o resultado desses depoimentos, os autores constataram que

o estereótipo de gênero não só existe, como persiste e permeia a vida das mulheres bibliotecárias, mesmo das que ocupam cargos de chefia, embora nem sempre percebido por elas. Verificou-se que contingências do estereótipo de gênero influenciam na capacidade (sub)consciente das bibliotecárias, impactando em sua autoconfiança profissional. Apesar de alguns estereótipos citados na literatura não aparecerem nos depoimentos (antipatia, mau humor e passividade), identificou-se que estes atravessam seu caminho quando são mencionadas expressões pejorativas, como a associação de bibliotecária a profissional sem ambições, com postura resistente a mudanças ou que se porta vulgarmente diante dos usuários. Embora a maior parte desses comportamentos ditos femininos não façam parte do perfil atual das bibliotecárias, os posicionamentos delas não são suficientes para refutar a imagem negativa preconizada. Descrições estereotipadas e discriminatórias que demarcam características de gênero são atribuídas às bibliotecárias e influenciam na construção da imagem dessa profissional e de sua profissão (COUTINHO, ESCALANTE, MALLMANN., 2021).

E quando questionadas sobre o que poderia mudar essa imagem tipificada, elas foram unânimes em dizer que o comportamento ético e postura discreta são pré-requisitos para se obter respeito. Mudança e controle de comportamento mais até do que o conhecimento, proatividade e uso de tecnologia.

Numa luta eterna para entender o porquê desse fenômeno para as mulheres da área, apesar de haver análises anteriores, só mais recentemente é que pautas como gênero, inclusão e representatividade estão sendo melhor e mais fortemente analisadas, discutidas e repercutidas por pesquisadores na Biblioteconomia. É o caso do artigo "A importância do letramento político: analisando o protagonismo das bibliotecárias à frente das entidades de classe" de Andréia Sousa da Silva e Camila Koerich Burin. Escrito em 2018, nele as autoras questionam o porquê de apesar de parecer ter essa aparente maioria feminina atuante, ainda esse assunto sobre a representatividade em cargos de líderes é tão pouco discutido pelos próprios profissionais e entidades de classe. Segunda elas,

Debater e levantar discussões sobre o protagonismo da mulher na Biblioteconomia, assim como em toda a área da Ciência da Informação, é significativo no que tange às suas ações e contribuições. Permite a reflexão quando se trata de uma área predominantemente feminina e que por conta da história da sua constituição e das relações de gêneros estabelecidas, fortaleceu o preconceito contra a mulher e suas competências. Percebemos isso quando vemos estudos dando destaque a profissionais como Rubens Borba de Moraes e Edson Nery da Fonseca como se apenas esses tivessem contribuído para a Biblioteconomia brasileira (BURIN, SILVA, 2018)

Por outro lado, se ainda há a referência de a biblioteca ser um espaço de estudo sério e de frequentadores que só devem interagir com os livros, há muito que perderam esse estigma, sendo transformados em lugares não só de conhecimento, mas de convivência, de troca de ideias entre leitores e consulentes de todos os gêneros literários. E nesse cenário, inclusive, a função dos bibliotecários é ainda mais importante para os não leitores contumazes, já que o intuito é auxiliar a todos que procuram por algo agradável para folhear, ler, se distrair, fazer um trabalho escolar ou descobrir fontes novas para uma pesquisa ou mesmo de atividades que envolvam ou não os livros e autores.

Desde o século XIX que as bibliotecas passam a desempenhar atividades que ultrapassam as fronteiras físicas, atingindo o contexto de vida dos indivíduos. Assim, tornam-se organismos dinâmicos, em constante crescimento, permeados por produtos e serviços diversificados, cujo objetivo maior seja satisfazer a necessidade do público a que serve (FEBAB, 2015).

Esse argumento reforça o quanto é ultrapassada essa ideia que criou a imagem equivocada das bibliotecárias e dos espaços culturais ainda como lugar de exclusão. E, mais importante do que desmistificar é: esse estereótipo sem fundamento não pode e nem deve ser aceito, reproduzido e incentivado pelos modernos profissionais da informação e ser perpetuado como um conceito que se tem especialmente das bibliotecárias e de espaços de cultura como supressores de interação de raças, classes e gêneros.

É incômodo o estereótipo? É ainda mais sensível porque se refere somente à imagem (distorcida, sim), porém ligada a profissionais de cor branca. Não é exagero dizer que existe ainda a luta dentro da luta. Se uma maioria é de profissionais mulheres, qual a parcela delas é de bibliotecárias negras, periféricas, indígenas e LGBTQIA +? A representatividade da atuação dessas minorias vem sendo analisada a partir da Biblioteconomia de gênero que, primeiramente visou a questão das mulheres versus homens e todo o histórico ligado às lutas do feminismo no geral. Mas, ainda mais para pesquisadores contemporâneos, a Biblioteconomia e seus produtos não passam ilesos dos problemas de gênero. Como parte da ciência que tem uma função social e visa formação de pessoas para a prática profissional, de

bibliotecárias e de bibliotecários, deveria sim se preocupar com essas questões tão em voga (MARTINS, MULLER, 2019).

Publicações bastante recentes já se tornaram referência quando se fala de bibliotecários negros e LGBTQIA+. Não por acaso, ambas foram lançadas pelo Selo Nyota, uma editora independente de Florianópolis (SC), capitaneada pelas bibliotecárias Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Nathália Lima Romeiro. E, segundo site do selo, as publicações visam "disseminar e visibilizar conhecimentos e pesquisas produzidas por mulheres, negros/as, indígenas e população LGBTQIA+ que possuam como interesse principal divulgar suas pesquisas, descobertas científicas e experiências profissionais para a comunidade em geral (NYOTA, 2022). Das atuais 34 publicações do catálogo, uma boa parte é voltada para estudos de gênero e inclusão de minorias na Biblioteconomia. A "BIBLIOTECÁRI@S NEGR@S" tem quatro edições com coletâneas de artigos tratando desde a representatividade na área quanto a análise de locais como as bibliotecas públicas e escolares, além de personalidades históricas invisibilizadas da Biblioteconomia geral ou da literatura. Na edição de 2019, o tema foi "Informação, educação, empoderamento e mediações" e as editoras citaram no prefácio a Lei Federal nº 10.639/2003, uma revisão da lei de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Segundo Romeiro e Silva, a partir dessa lei,

as publicações sobre e por autores e autoras negros aumentaram, assim como as produções que abordam a temática referente às histórias e culturas africanas e afro-brasileiras. É na Biblioteconomia e Ciência da Informação que nos focamos para exercer o direito de fala, de reflexão e de trazer nossas epistemologias para serem pautadas e discutidas dentro dessas áreas do conhecimento. O primeiro livro intitulado "Bibliotecári@s negr@s: ação, pesquisa e atuação política" demarcou a existência epistêmica e crítica de profissionais negras/os distribuídas/os em diversos setores da sociedade brasileira. Trouxe também, um olhar crítico sobre a profissão e atuação bibliotecárias que ainda são demarcadas por uma abordagem euro-americanizada (ROMEIRO, SILVA, 2019).

Assim como a atuação das mulheres, os profissionais da Biblioteconomia Negra Brasileira atuaram, até onde as pesquisas registram, desde o início do século XX, como, por exemplo, a bibliotecária Regina Santos Silva, graduada em 1966 pela Universidade Federal da Bahia, citada na lista de precursoras brasileiras no item 4.2.

Os negros tem seus representantes na construção da Biblioteconomia brasileira, mas como bem pontuaram Santos e Silva, além de saber onde atuam esses profissionais, a grande missão, além de incluir, é descortinar a história e resgatar esses nomes e trajetórias que foram apagados dos registros, fazendo justiça à contribuição deles para o desenvolvimento e aprimoramento da profissão no Brasil.

Todas as questões de inclusão de minorias se pautam pela falta de visibilidade na história e por representatividade, de esses registros serem feitos por uma pessoa atuante de determinada comunidade para a sua comunidade, referente ao lugar de fala⁵⁸, termo tão genuinamente propagado e debatido na atualidade. Apesar de a literatura e outras artes estarem colocando indígenas e povos originários como protagonistas nessa propagação de conhecimento, ainda há pouco registro de bibliotecários indígenas ou da atuação deles na área. Ulia Gosart é uma pesquisadora russa que tem uma visão mais ampla e mundial (e não especialmente brasileira) sobre a Biblioteconomia indígena e pontua que

é um ramo em desenvolvimento da biblioteconomia e ciência da informação. Surgiu na década de 1970 em resposta aos movimentos de defesa dos indígenas e os esforços de reconciliação de governos dos estados, principalmente nos EUA, Canadá, Nova Zelândia e Austrália. Como teoria, para os indígenas, a biblioteconomia examina como as práticas culturais, condições empíricas e aspirações políticas das comunidades indígenas moldam a noção de conhecimento, e as práticas de organização e gestão do conhecimento que se baseiam nessa noção. A biblioteconomia indígena também um projeto político - uma forma de ação social que apoia os interesses e aspirações das comunidades indígenas. A biblioteconomia indígena busca avançar a direitos das comunidades indígenas ao conhecimento e, ao fazê-lo, apoia a luta do desenvolvimento dessas comunidades em direção ao autogoverno, administração da terra e revitalização das línguas (GOSART, 2021).

Enquanto uns lutam para não desaparecer da história, outros lutam somente pelo direito de existir.

⁵⁸ Lugar de fala: O termo se popularizou nos últimos anos no debate público brasileiro e ganhou redes sociais e televisão. Uma das grandes difusoras do conceito no país é Djamila Ribeiro, mestra em filosofia e professora da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica), autora da obra "O que é lugar de fala?". Djamila aponta em seu livro a importância de se ouvir as diversas vozes nas análises do discurso e a necessidade de se atentar a quem enuncia a narrativa. Falando de forma mais simples: não é só "o que se fala" que importa, mas "quem fala". Pois o ponto de vista do falante parte da experiência individual e influencia seu discurso. VICENZO, Giacomo. O que significa lugar de fala? Conceito não é uma forma de calar as pessoas. Ecoa UOL, 08 abr 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/04/08/o-que-significa-lugar-de-fala-conceito-nao-e-uma-forma-de-calar-as-pessoas.htm>. Acesso em 06 nov 2022.

Outra publicação do selo Nyota que já é uma referência na biblioteconomia de gênero em busca de inclusão de minorias é o livro "Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação". Os organizadores Nathália Romeiro, Carlos Wellington Martins e Bruno Almeida dos Santos fizeram o desenvolvimento do livro - também uma coletânea de artigos - a partir de uma pesquisa na Base de Dados Referencia de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) que, em torno das quase 20 mil publicações de trabalhos no ano da pesquisa (2019), somente localizou 26 resultados de trabalhos com a busca pelas palavras-chave: LGBT, LGBTQIA+, gênero e sexualidade. Promover os debates e desenvolver pesquisas para mostrar o quanto esses temas também fazem parte da ciência da informação foi o objetivo dessa primeira publicação temática.

Entendemos que a CI se trata de uma ciência recente [...] que reflete e revisa as linhas teóricas e epistemológicas utilizadas, o objeto de estudo (a informação), bem como também desenvolve novas teorias e práticas para a sociedade. Apesar disso, identificamos que ainda é necessário ampliar discussões e visibilizar sujeitos informacionais [...] Percebemos que ainda há um estranhamento ou distanciamento entre diferentes grupos e cabe a nós convidar para o diálogo quem ainda desconhece as vivências LGBTQIA+. (ALMEIDA et al, 2019).

Para além da sigla e na busca de diversidade e inclusão, o selo Nyota, também de forma pioneira, lançou em 2020 "A primavera não-binária: protagonismo trans não-binária no fazer científico". Ainda não há um levantamento de artigos ou de produções de bibliotecários trans, mas já há alguns marcos importantes para começar a dar visibilidade e resgatar a atuação de trans nas Ciências da informação. Alexia Vitória de Oliveira, bibliotecária no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - Cefet/RJ, se formou em 2006 pelo curso de Biblioteconomia da UNESP de Marília. Com a obtenção do registro, Alexia é a primeira bibliotecária transexual do Brasil a ser reconhecida por um Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB) (UNESP, 2018). Pelo apoio que obteve da universidade e por estar atuando na área, Alexia é uma exceção à regra. Segundo dados da ANTRA⁵⁹, Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 90% desta

⁵⁹ Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em 06 nov 2022.

população não consegue oportunidades de emprego formal.(FERREIRA, 2020) e o Brasil é o país menos acolhedor e o que mais mata trans e travestis no mundo:

140 vítimas da população trans e travesti foram assassinadas em 2021[...] 96,4% delas se identificavam com o gênero feminino, ou seja, eram mulheres trans e travestis. O número é 20% menor comparado a 2020, ano em que começou a pandemia de Covid-19 e a entidade contabilizou 175 assassinatos, 100% deles sendo transfeminicídios, mas o índice continua alarmante. Para se ter uma ideia, a associação Transgender Europe computou 4.040 assassinatos dessa população em todo o mundo, de 2008 até setembro de 2021. O Brasil lidera o ranking com 1.645 vítimas, seguido de México (593) e Estados Unidos (324). (MENDONÇA, 2022).

A inclusão e visibilidade para todos os tipos de profissionais na Biblioteconomia é uma questão, além de política, que se atualiza ao longo dos anos já que as demandas sociais também se alteram. Apesar de parecer ser mais voltada para a atuação em áreas e com pessoas em situações de vulnerabilidade, a Biblioteconomia de gênero é uma vertente da Biblioteconomia Social. A essência desta ciência é ser voltada para a conexão de pessoas e o conhecimento, através de livros físicos ou qualquer outra plataforma. Além das citadas e tantas outras minorias invisibilizadas, seja para qual segmento e causa defender e incluir, ela não se desconecta ou não deveria se descolar do juramento que é tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana|| (CFB, 1966)⁶⁰. Aqui liberal é no sentido de não ter um olhar conservador sobre às análises pessoais e profissionais, mas favorável ao ideal de liberdade individual.

Outra luta importante de estudos da área é que acontece no nosso continente. Nos países latinos de língua espanhola Biblioteconomia se chama Bibliotecología e mesmo com a inserção tardia como no Brasil, com a consolidação da profissão a partir do início do século XX, as pautas feministas e de inclusão, especialmente dos povos originários desses países, e dizimados na conquista da América do Sul pelos espanhóis, são uma forte batalha de resgate de conhecimento e norteiam o trabalho dos profissionais de ciências da informação também na América Latina e Central. No artigo "Bibliotecología para América Latina y el Caribe,

⁶⁰ Juramento regulamentado pela Resolução N° 6, de 13 de julho de 1966, do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB).

propuesta teórica y filosófica para la discusión" as autoras Natalia Duque Cardona e María Camila Restrepo-Fernández, sinalizam que tanto o estudo para difusão de saberes de povos antigos como a teoria do feminismo, que elas chamam de filosófico, tem sido recursos utilizados para estudos da Biblioteconomia nas Américas. Em tradução livre,

Na transição para a transmodernidade, além das filosofias que circulam o reconhecimento e a produção de saberes que tornam visíveis as categorias étnico-raciais são também as que ligam gênero, e especificamente o feminismo filosófico que pode fornecer a biblioteconomia e IC insumos importantes. Gargallo Celanti (2019) afirma que "na verdade é o feminismo é a primeira filosofia que toma consciência da política de legitimidade, isto é, da maneiras pelas quais uma sociedade concede o privilégio cultural de legitimar conhecimentos e valores a um grupo (homens, vencedores, brancos, aristocratas, ricos) para excluir as contribuições, saberes, valores, saberes de outros grupos (mulheres, escravos, pobre, indígena, negro)] . Através do feminismo filosófico encontramos alternativas para nomear, aludir ao respeito às diferenças, caminhar em direção aos processos envolvendo não apenas reconhecimento, mas também redistribuição. como ciência construído sob um paradigma dominante, os princípios e ideias do feminismo nos permitem nos perguntar de onde construímos a história da biblioteconomia, o quê e para quem deixamos de fora disso (DUQUE, RESTREPO-FERNANDEZ, 2021).

Ter o exemplo de outras regiões tão próximas do Brasil, com busca de identidade e reparação de direitos, faz verificar ainda mais a importância da pesquisa e como a Biblioteconomia e as Ciências da Informação nos dão a possibilidade de ampliar nosso olhar e pensamento para além das fronteiras físicas dos territórios e trazer outros exemplos para as análises que são feitas de forma local. Se na Biblioteconomia as ações são diversas para propostas de inclusão e equidade, em museus e espaços culturais também existem iniciativas nesse sentido, como melhor descritas no tópico a seguir.

5.4 As ações para igualdade de gênero em museus e demais espaços culturais

O que foi verificado até agora é que parte dessa luta por igualdade vem nas já citadas ondas do feminismo e verificada que, como uma torrente, a luta por representatividade e liderança feminina se propaga para diversos campos e não seria diferente no setor cultural. Entre 2005 e 2018 o Relatório Global da UNESCO

acompanhou dados sobre desigualdade de gênero na cultura⁶¹. Foram observadas orquestras, produções cinematográficas e bibliotecas. Nos museus, o relatório constatou que a cada dólar ganho por homens diretores de museus na América do Norte, uma mulher ganha apenas 75 centavos desse valor, mais de 20% a menos que eles. No Brasil, segundo dados do IBGE também de 2018, a desigualdade salarial entre homens e mulheres é maior no setor cultural do que no total de atividades. As mulheres no campo da cultura ganham em média apenas 67,8% dos salários dos homens, contra 82,8% na totalidade de outros setores. (PEDROSA, 2022).

Infelizmente, não é só uma questão contemporânea e referente à diferença salarial. Como enfatizado no capítulo 4, o tipo de representatividade de mulheres nas obras e as artes produzidas por elas precisou ter intervenção contra a predominância masculina nas exposições e na curadoria dos museus e galerias ao longo de todo o tempo de constituição e surgimento dessas instituições.

Somente a partir de 1970, artistas, críticos e historiadores feministas começam a reivindicar o espaço da mulher artista dentro da história da arte, excluída pelo monopólio masculino, sendo que as qualidades femininas foram muito tempo vistas como negativas nas obras de arte e que, a história da arte tem construído um discurso do artista como herói (homem), o que descarta a mulher deste universo (HORN, 2006).

Mais de uma década depois desses primeiros movimentos, um dos mais ativos e icônicos coletivos em defesa da representação de mulheres na arte surgiu em 1985, nos Estados Unidos. Camufladas com máscaras de gorilas, o Guerrilla Girls⁶² surgiu para combater o sexismo e machismo no mundo da arte (GUERILLA, c2022). A principal característica do grupo é fazer intervenções questionando a representatividade de mulheres tanto sendo objeto dos retratos como tendo sua arte exposta e selecionada pelos curadores das grandes instituições como galerias e museus. Entre setembro de 2017 e fevereiro de 2018 o MASP, Museu de Arte de

⁶¹ [Singelamente] intitulado [Gênero e Criatividade: Progresso sobre o Precipício], o relatório conhece alguns avanços recentes no setor, mas indica que políticas públicas são necessárias para lidar com as disparidades que ainda persistem. Em todo o mundo, 250 milhões de mulheres a menos do que homens utilizam a internet e apenas 9% dos cargos de diretoria das 100 maiores empresas culturais do mundo são ocupados por mulheres. A pesquisa analisa ainda assédio, intimidações e abusos nos locais de trabalho e o impacto desigual da COVID-19 nas trabalhadoras da indústria criativa. Disponível em: <https://en.unesco.org/creativity/publications/gender-creativity-progress-precipice>. Acesso em 06 nov 2022.

⁶² SGuerrilha Girls, disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/>. Acesso em 06 nov 2022.

São Paulo, exibiu a mostra retrospectiva “Guerrilla Girls: Gráfica, 1985-2017”⁶³ com os famosos cartazes contestadores, marca registrada do coletivo, traduzidos para o português. Na divulgação da mostra o release informava que o grupo surgiu “em resposta a uma exposição realizada em 1984 no Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York (MASP, 2017). Com o título International “Survey of Recent Painting and Sculpture” e curadoria de Kynaston McShine, essa mostra incluiu 165 artistas, no entanto, apenas treze eram mulheres. A retrospectiva do Guerrilha no MASP, três décadas depois do surgimento do grupo, destaca os números ainda alarmantes da falta de representatividade feminina na arte e nos museus:

[...] dois cartazes tratam das dificuldades de ser uma artista em um mundo da arte e uma história da arte dominados pelos homens: As vantagens de ser uma artista mulher (1988/2017) e As mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museum? (1989) [...] Este último aborda o contraste entre o pequeno número de artistas mulheres comparado ao grande número de homens nos museus de Nova York (5% e 85% em 1989, e 4% e 76% em 2012) e no MASP (6% e 60% em 2017). O discurso que emerge dos cartazes dos últimos 32 anos pode ser enquadrado nos debates sobre as políticas de identidade e sobre o multiculturalismo do final da década de 1980, particularmente nos Estados Unidos. A preocupação com um maior equilíbrio entre mulheres e homens artistas nos cenários da arte moderna e da arte contemporânea se tornou uma constante. Nos museus e na história da arte, muito do interesse renovado nas artistas mulheres, não brancas ou que trabalham fora do eixo Europa-Estados Unidos ecoa no trabalho das Guerrilla Girls (MASP. 2017).

A partir da década de 90, com base também nessa falta de representatividade feminina nas obras e na gestão de museus, surge o conceito de museologia de gênero - que consiste em resgatar a memória e os patrimônios femininos e dar visibilidade à participação ativa das mulheres na vida social, política, cultural e cotidiana, tanto no passado como no presente. Visa igualmente valorizar as expressões culturais e artísticas femininas, prestar reconhecimento a todas as mulheres que, ao longo do tempo, constituíram coleções, bem como a todas aquelas que, através do exercício de práticas museológicas, impulsionaram a organização de fundos (VAQUINHAS, 2014). Segundo Rechená (2011), tornar visível o protagonismo feminino aos níveis museal e patrimonial é também entendido como um ato de justiça e um passo em frente na construção de uma sociedade mais justa, que aplica os conceitos de igualdade de gênero, de inclusão social e de democracia

⁶³ Exposição no MASP em 2017, disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acesso em 06 nov 2022.

participativa. Ainda segundo Irene Vaquinhas em seu artigo "Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história", a revista *Museum*, publicação da UNESCO, dedicou a edição nº 3, lançada em 1991, integralmente ao tema "Museus do Feminino" e nela haviam vários questionamentos sobre essa disparidade entre homens e mulheres desde a primeira página da publicação:

A coordenadora, a dinamarquesa Skjoth, no editorial que então redigiu, embora reconhecesse o ocultamento do feminino nos museus, questionava a utilidade da abertura de museus das mulheres (1991, 124-125). Levantava, no entanto, algumas questões, cujas respostas, em seu entender, podiam conduzir a um equilíbrio de gênero e a novas estratégias no espaço museal, mais precisamente as seguintes: que imagens das mulheres transmitem as exposições? Que atividades são reservadas ao sexo feminino que trabalham nos museus e como podem ser melhoradas as perspectivas de carreira? Como é que os museus podem contribuir para melhorar a condição feminina? Provindos de vários cantos do mundo, os pareceres emitidos foram, de uma forma geral, positivos. (VAQUINHAS, 2014).

Esses questionamentos foram amadurecidos e discutidos ao longo dos anos e, de certa forma, respondidos a partir dos anos 2000 com o surgimento dos chamados Museus da Mulher ou museus feministas. A rede internacional Womeninmuseum: The Network of Women's Museums, criada em 2008, surgiu a partir da primeira edição do Congresso de Museus da Mulher, realizado em Merano, na Itália. A criação da rede de museus da mulher obedeceu às seguintes finalidades:

- a) aumentar a visibilidade e a aceitação de museus da mulher;
- b) a colaboração entre os vários museus;
- c) a partilha de plataformas online como apoio e incentivo do trabalho da rede.

Em 2012 a Womeninmuseum mudou de nome e atualmente, as entidades museológicas e iniciativas de preservação da histórias das mulheres da arte e do feminismo mundial está sob a tutela do IAWM – International Association of Women's Museum, localizada em Alice Springs, na Austrália⁶⁴. O que não se sabia, até então, é que museus feministas eram bem mais antigos do que o surgimento da rede. Um breve histórico mostra o surgimento das instituições em vários países:

⁶⁴Rede da Womeninmuseum: The Network of Women's Museums. Disponível em: <https://iawm.international/about-us/womens-museums/museums-list/>. Acesso em 06 nov 2022

Quadro 5 - Museus da Mulher no mundo⁶⁵

ANO	LOCAL	INSTITUIÇÃO
1981	Bona, Alemanha	Boon's Women Museum
1982	Aarhus, Dinamarca	Kvindemuseet
1993	Austrália	Women's Museum of Australia
1994	Senegal, África	MUFEM - Musée de la Femme
1996	Los Angeles, EUA	National Women's History Museum
2000	Bregenzerwald, Áustria	Frauenmuseum Hittisau
2006	Buenos Aires, Argentina	Museo de la Mujer da Argentina
2008	Kharkiv, Ucrânia	Gender Museum
2011	México	Museo de la mujer
2012	Istanbul, Turquia	Istanbul Kadin Müzesi
2012	Irlanda	Women's Museum of Ireland
2014	Austrália	Her Place Museum
2017	Virtual Museum	Her Story
2018	Marrocos, África	MF - Musée de la femme
2019	Estocolmo, Suécia	Stockholms Kvinnohistoriska

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

O Brasil não tem um museu dedicado ao feminismo ou totalmente às artes feitas por artistas mulheres. Mas tem um projeto de inclusão na arte: a Black Brasil Art, um instituto fundado em 2011 que vem assessorando museus e outras

⁶⁵ Sites consultados (pela ordem cronológica do quadro 2):

Boon's Women Museum - https://en.wikipedia.org/wiki/Bonn_Women%27s_Museum; Kvindemuseet - <https://konmuseum.dk/>; Women's Museum of Australia - <https://wmoa.com.au/about/the-museum>; MUFEM - Musée de la Femme - <https://www.mufem.org/a-propos/#mafheb>; National Women's History Museum - <https://www.womenshistory.org/>; Frauenmuseum Hittisau - <https://www.frauenmuseum.at/about-us>; Museo de la Mujer da Argentina - <https://www.museodelamujer.org.ar/>; Gender Museum - <https://gendermuseum.com/en/>; Museo de la mujer - <https://museodelamujer.org.mx/>; Istanbul Kadin Müzesi - <http://www.istanbulkadinmuzesi.org/en>; Women's Museum of Ireland - <https://www.womensmuseumofireland.ie/>; Her Place Museum - <https://herplacemuseum.com/about/>; Her Story - <https://www.getherstory.com/idea>; MF - Musée de la femme - <https://museedelafemme.ma/>; Stockholms Kvinnohistoriska - <https://www.kvinnohistoriska.se/projekt>. Acesso em 06 nov 2022.

entidades artísticas, mas sua vocação principal é promover a arte e os artistas negros sem, no entanto, banir outros artistas. (BBA, 2012). A iniciativa e criação do BBA é de Patrícia Brito, curadora independente, historiadora e museóloga.

Para verificar como todo esse movimento de ascensão de mulheres nas artes, curadoria e direção de museus é recente, é icônica uma matéria do Washington Post de 2014 que identifica 13 mulheres que estavam, à época, na direção de instituições museológicas americanas. Intitulada "The Directors", a reportagem traz dados importantes sobre a museologia americana:

Durante décadas, as mulheres ocuparam muitos cargos no campo dos museus, trabalhando como curadoras, especialistas em desenvolvimento e assessoras de imprensa. Mas, nos últimos anos, as mulheres assumiram o título de diretora. A partir de 2012, 57% dos diretores de museus nos Estados Unidos são mulheres, de acordo com a Aliança Americana de Museus. Em Washington, cerca de 50% dos museus e locais históricos são agora liderados por mulheres, com muitos museus ativos e populares com apelo regional e nacional, como a National Portrait Gallery, o Holocaust Memorial Museum e a Phillips Collection. Nos últimos seis anos, cinco dos museus mais importantes da região ganharam uma diretora. (BOYLE, PARKER, 2014).

Esses movimentos e iniciativas atuantes nas últimas décadas têm mostrado que além de competência para gerir, elas tem criatividade, contestação e atitude para produzir arte. Além de comandarem instituições e projetos contando e valorizando a história e luta das mulheres para mostrar representatividade dentro dos museus e no ativismo feminista que se renova ao longo do tempo. Proporcionando, assim, o acesso mais fácil e completo para as novas gerações saberem quem as precedeu como profissionais de museus e artistas.

Mais recente que os já citados, o projeto espanhol Mujeres cambian los museos, é uma iniciativa do Instituto de las Mujeres do Ministerio de Igualdad da Espanha, que tem como missão fazer ações, debates e discussões para tornar os museus "instituições abertas, democráticas e inclusivas" (MUJERES, 2022). Segundo o site do projeto,

a forma de alcançar este objetivo não consiste simplesmente na abertura quantitativa a um público maior, mas em uma revisão crítica das suas próprias práticas, de uma perspectiva interdisciplinar que permita desconstruir os postulados do pensamento hegemônico e ocidental que até recentemente sustentavam estas instituições. Isto permitirá gerar outras formas de pensar a sociedade, os grupos excluídos por gênero, classe,

etnia, religião, e questionar o senso comum, os preconceitos e a discriminação a partir de uma reestruturação cognitiva do pensamento ocidental e repensar os espaços como espaços educativos e simbólicos (MUJERES, 2022).

Com instituições do Brasil, Espanha e Argentina, a busca por igualdade e equidade, também segundo as diretrizes do projeto é para suprir uma falta de representação feminina, especialmente nesses países participantes..

A emergência das mulheres nos museus implica uma reflexão sobre os pressupostos que questionam o suposto sujeito do museu, desvelando a falsa «universalidade» do museu de origem europeia frente ao carácter masculino, ocidental, burguês e de classe média urbana como simbólico subjacente, o que contradiz os objetivos atuais do museu: novos públicos, igualdade, educação inclusiva, reconhecimento das culturas indígenas e ancestrais, ecologia, o museu como um espaço de reconhecimento e transformação (MUJERES, 2022).

Assim como a Pinacoteca, o Museu do Futebol faz parte dessa rede de parceiros e no site do Mujeres⁶⁶, é citado o projeto Audioguia⁶⁷ – Mulheres do Futebol como uma das iniciativas de inclusão. A pandemia de COVID 19 fez com que parte desses encontros para fazer esse intercâmbio de experiências em busca de atingir os objetivos propostos fosse feito de forma virtual. Também com a recente retomada de atividades presenciais, não há, até o momento, algum encontro ou evento marcado. Mas o projeto segue ativo e tende a continuar com a nobre proposta de promover igualdade de gêneros no comando das instituições museais. Essas iniciativas fazem parte de modos de gestão participativa e diversidade de equipes – temas que são melhor detalhados no capítulo a seguir.

⁶⁶ Museu do Futebol no site do Mujeres cambian los museos
<https://www.mujerescambianlosmuseos.com/participantes/museu-do-futebol-estadio-do-pacaembu/>.
Acesso em 06 nov 2022.

⁶⁷ O Audioguia será melhor analisado no capítulo 8 desta monografia.

6. GESTÃO PARTICIPATIVA E EQUIPES MULTIDISCIPLINARES

Um dos modelos de gestão que vem sendo implantados nas organizações atualmente é o que se baseia na formação de equipes diversas com objetivo de inclusão e representatividade. Chamada de gestão participativa ou inclusiva, ela costuma ser entendida pelos líderes como o que valoriza a participação de todos nos processos estratégicos e até na tomada de decisões de uma empresa ou instituição. Por definição, a gestão participativa é o conjunto harmônico de sistemas, condições organizacionais e comportamentos gerenciais que provocam e incentivam a participação de todos [...] Visando através dessa participação, o comprometimento com os resultados (eficiência, eficácia e qualidade) não deixando a organização apresentar desqualificação (MARANALDO, 1989).

Mesmo parecendo um método moderno de administração de pessoas, existem alguns exemplos desse tipo de gestão participativa na história de povos antigos e tradicionais como na Grécia com a *Ágora*⁶⁸ e na Espanha da Idade Média com o Tribunal das Águas de Valência⁶⁹. Mas como método de avaliação de

⁶⁸ *Ágora* é um termo grego que pode significar tanto uma reunião de pessoas ou mesmo um espaço público para discussão de ideias. Berço da democracia, a Grécia tinha espaços abertos, grandes praças em que os cidadãos se reuniam para debater ideias. As mulheres não faziam parte dos processos decisórios nesse período, mas a *ágora* chegou a ser o início das pólis ou cidades-estados, em que cada uma tinha constituição própria, tanto do ponto de vista econômico e comercial, até religioso e político ao representar o lugar de reunião dos cidadãos para discutir sobre os problemas da comunidade. Desta maneira, ao seu redor foram surgindo os edifícios públicos necessários para abrigar todas as atividades para gestão de uma cidade. A mais famosa foi a *Ágora* de Atenas. <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81gora>. Acesso em 09 nov 2022.

⁶⁹ O Tribunal de Águas de Valência, na Espanha, é considerado a instituição jurídica mais antiga da Europa e reconhecida uma das referências em democracia e participação popular. Desde a sua criação na Idade Média, a finalidade é solucionar os conflitos derivados da utilização e aproveitamento da água entre os agricultores da comunidade. O rio Turia, antes de entrar na cidade de Valência, distribui a água em 8 canais de irrigação principais, destinados aos campos de cultivo. O Tribunal das Águas é composto por 8 membros, também denominados síndicos, que representam cada uma das zonas de cultivo e que são indicados pelos próprios agricultores. É respaldado pela atual Constituição Espanhola, em vigor desde 1978. Sua estrutura, a participação dos camponeses e a rapidez em que os problemas são resolvidos projetaram o tribunal ao âmbito internacional. Especialistas em direito de todas as partes do mundo o consultam como modelo nos diversos foros, conferências e associações relacionadas à utilização da água. No entanto, sua continuidade depende da sobrevivência dos campos de cultivo da Comunidade Valenciana, principalmente de sua zona norte, ameaçados pelo crescimento desordenado dos empreendimentos imobiliários. Informações retiradas do Wikipedia https://pt.wikipedia.org/wiki/Tribunal_das_%C3%81guas_de_Val%C3%Aancia e do blog Um brasileiro na Espanha <https://umbrasileironaespanha.wordpress.com/2018/11/26/tribunal-das-aguas-de-valencia-patrimonioda-humanidade/>. Acesso em 09 nov 2022.

relacionamentos trabalhistas foi implantado no início do século XX a partir dos estudos do psicólogo australiano Elton Mayo⁷⁰.

Atuando como professor da Harvard Business School (EUA), ele desenvolveu técnicas para análise do comportamento dos funcionários da Western Electric Company, uma fábrica de componentes para telefonia que tinha muitos acidentes, alta rotatividade e a desmotivação com o trabalho causava nos colaboradores problemas como apatia, tédio e alcoolismo (SANTANA, 2014). Em "Teoria Geral da Administração", Fernando Motta e Isabella Vasconcelos descrevem o estudo de Mayo, chamado de Experiência Hawthorne - que levou esse nome porque Hawthorne é o bairro da cidade de Cook, em Chicago (EUA), onde a fábrica era localizada. A pesquisa analisou os funcionários da WEC, entre os anos de 1924 e 1933 e em fases diferentes de observação e critérios. Um deles incluía além de entrevistas, um método de diálogo entre líderes e funcionários. Não era comum nesse período que as políticas de relação entre chefia e empregados fossem melhor estabelecidas com análises de desempenho e feedbacks. Buscando mediar esse relacionamento às vezes conflituoso, a experiência de Mayo incluiu na terceira fase entrevistas individuais com os funcionários. Em 1928, iniciou-se o Programa de Entrevistas com os empregados para conhecer suas atitudes e sentimentos, ouvir suas opiniões quanto ao trabalho e tratamento que recebiam, bem como ouvir sugestões a respeito dos métodos de trabalho e seus supervisores. Os pesquisadores verificaram que, especialmente as funcionárias, consideravam humilhante a supervisão vigilante e constrangedora. Entre 1928 e 1930 foram entrevistados cerca de 20 empregados (MOTTA, VASCONCELOS, 2006). Após a análise das entrevistas e aplicação de métodos diferentes de pesquisa, a experiência de Hawthorne concluiu que:

o nível de produção é determinado pela capacidade social do empregador e não a fisiológico; o comportamento do indivíduo se apoia no grupo; as empresas são compostas por grupos sociais informais que definem o comportamento e outros aspectos importantes à produção; a compreensão das relações humanas permite uma atmosfera sadia aos funcionários; a especialização do trabalho não é sinônimo de eficiência, os operários

⁷⁰ George Elton Mayo (1880-1949) foi um psicólogo australiano, sociólogo e pesquisador das organizações. Como professor da Harvard Business School, entre 1923 e 1926, realizou a destacada pesquisa que popularizou-se como Hawthorne Studies, revelando a importância de considerar os fatores sociais que poderiam influenciar uma situação de trabalho, tornando-se reconhecido por esses experimentos. Retirado do site https://pt.wikipedia.org/wiki/Elton_Mayo. Acesso em 09 nov 2022.

trocam de função para evitar a monotonia; os elementos emocionais merecem atenção. Portanto, a ênfase passou a ser dada às pessoas que participam ou trabalham nas organizações e não mais na tarefa ou estrutura organizacional. Isto foi possível devido ao desenvolvimento das ciências humanas, principalmente a Psicologia do Trabalho (CHIAVENATO, 2003).

Entre outros desdobramentos, esse estudo deu origem a Teoria das Relações Humanas que consiste em ações e atitudes desenvolvidas pelo contato entre as pessoas de forma que haja um ambiente onde cada um é encorajado a exprimir-se livre e sadiamente.

Cada indivíduo procura ajustar-se às demais pessoas do grupo para que seja compreendido e tenha participação ativa, a fim de atender seus interesses e aspirações. Para Mayo, "o conflito é uma chaga social, a cooperação é o bem-estar social" (MAYO, 1919 in: CHIAVANETO, 2003).

Pioneiro e visionário, Mayo enfatizava a importância do contato respeitoso e cordial entre as pessoas e que os bons administradores obteriam melhor resultados de seus subordinados se os encorajassem a se expressar e, assim criar uma atmosfera sadia nos ambientes de trabalho.

Com base nesse princípio, por estarem em, aparentemente, locais mais descontraídos, propensos para diálogos e relacionamentos profissionais menos conflituosos, onde a criatividade, a arte e artistas se expressam, museólogas(os) e bibliotecária(os) são, em tese, adeptos dessa harmonia de saberes e convivência dentro dos espaços de memória, como melhor detalhado no tópico 6.1.

6.1 Equipes multidisciplinares na Museologia e Biblioteconomia

Em instituições culturais, um marco da gestão participativa em museus começou a partir da década de 80 com a Declaração de Quebec⁷¹ que determinou

⁷¹ Com sede em Paris, desde 1946 o Conselho Internacional de Museus (ICOM), uma organização sem fins lucrativos, se dedica a elaborar políticas internacionais para os museus (WIKIPEDIA, 2022). Em uma das convenções anuais, realizada em 1984 em Québec, no Canadá, foram determinados os princípios da nova museologia. Segundo as diretrizes definidas, "a museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico. Para atingir este objetivo e integrar as populações na sua ação, a museologia utiliza-se cada vez

normas de qual deveria ser a função social dos museus, que é a de promover a propagação da cultura e conhecimento. No artigo “A Nova Museologia e a interdisciplinaridade”, Ana Cecilia Rocha Veiga descreve os teóricos e os eventos que fizeram com que a nova forma de encarar as formas de expor e até da própria definição do que deveriam ser as instituições surgissem a partir daquela convenção.

Antes disso,

curadores e museólogos decidiam isoladamente o que merecia ser musealizado; conservadores outorgavam em seus próprios círculos o que deveria ser preservado; historiadores e cientistas de distintas áreas sacramentavam – em sua linguagem peculiar – o que precisava ser descrito e analisado; museógrafos e arquitetos demarcavam percursos e leituras obrigatórias; e o público, razão maior dos museus, assistia passivo a tudo isso, contentando-se em ser mero expectador no teatro pouco dançante da vida nos museus. Em soma, havia a desesperança da filosofia pós-moderna radical, que se conformava com o caos, tomando-o por inevitável, desestruturando qualquer forma de linguagem clara e de metodologia para elaboração e disseminação do conhecimento. Essa crise da instituição museal acabou por conduzir a uma evolução teórica nos conceitos acerca dos museus (VEIGA, 2014).

E com a reflexão de Veiga volta o conceito exemplificado na introdução deste trabalho sobre inter e multidisciplinaridade. A multidisciplinaridade supõe a mesma questão sendo tratada por disciplinas diferentes. As disciplinas mantêm seus limites e métodos, estabelecem um diálogo abordando a questão a partir de sua perspectiva. Na interdisciplinaridade, há transferência de métodos de uma disciplina para a outra (NICOLESCU, (2000).

Sob essa asserção de diálogo entre conhecimentos, a formação de equipes multidisciplinares tem origem na área de saúde, com a implantação da psicologia hospitalar. Como exemplifica Fossi e Guareschi, o surgimento de uma área da psicologia no ambiente hospitalar, na década de 1980, veio para dar qualidade de atendimento aos usuários e dos profissionais envolvidos.

A equipe hospitalar é composta por diversos profissionais, incluindo aqueles que não assistem as pessoas hospitalizadas diretamente, tais como equipe de higienização, radiologista, anestesista, dentre outros. No entanto, consideraremos aqui a equipe multidisciplinar formada pelos profissionais que assistem diretamente os indivíduos: médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionista, assistente social, fisioterapeuta. Cabe salientar que a equipe multidisciplinar tem sua formação centrada nas necessidades da pessoa, portanto, ela não é pré-organizada. A demanda do enfermo é que fará com que os profissionais da saúde se integrem, com o propósito de satisfazer as necessidades globais da pessoa, proporcionando seu bem-estar [...] A inserção dos serviços de psicologia é privilegiada em instituições onde há espaço para reuniões entre os diversos profissionais da equipe multidisciplinar, pois nestas ocasiões, o psicólogo evidenciará a importância da valorização do conjunto dos aspectos emocionais do indivíduo. A equipe médica de saúde, então, busca humanizar as condições do indivíduo no seu período de hospitalização. (FOSSI, GUARESCHI, 2004).

A Administração incorporou esse método de análise médica e clínica como modelo de gestão para outros setores de trabalho e se mostrou eficiente em vários segmentos. Na Museologia, Veiga acrescenta que, além de uma equipe interdisciplinar, é preciso contar ainda com a multiplicidade de técnicos de uma mesma categoria profissional (VEIGA, 2005). Foi somente a partir da década de 80 que palavras como “gestão” e “planejamento” tornaram-se conceitos na busca por projetos consistentes e eficazes, inclusive no campo museológico. O próprio ICOM⁷², com seu manual “Como gerir um museu”⁷³ lançado no início dos anos 2000, reforça a importância do correto gerenciamento, tanto de pessoal, quanto do museu. As metodologias de gestão vão ao encontro ainda da função social dos museus. Em busca do exercício pleno dessas 33 funções, de um usuário mais consciente e de um acervo mais disponível, intelectual e fisicamente, colocam-se à disposição dos profissionais do campo museal as ferramentas gerenciais (VEIGA, 2005). Por esse número de funções, elencadas no manual do ICOM, entende-se que, além da gestão administrativa, cabe às instituições o papel de incluir ações para educar,

⁷² ICOM, da sigla em inglês International Council of Museums, é, em português, o Conselho Internacional de Museus - uma organização não governamental internacional, sem fins lucrativos, que se dedica a elaborar políticas internacionais para os museus. O ICOM foi criado em 1946, mantém relações formais com a UNESCO e é membro do Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas. https://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_Internacional_de_Museus. Acesso em 09 nov 2022.

⁷³ A ideia da elaboração do Manual “surgiu a pedido do Comité Intergovernamental da UNESCO para a Proteção do Património Cultural do Iraque”, Isso porque, durante a invasão americana, em 2003, muitos sítios arqueológicos foram danificados e um livro de boas práticas poderia ajudar não só a recuperar e preservar o que sobrou na ocasião no Iraque, como outras localidades poderiam seguir a orientação de lidar com acervo, pessoal e manutenção preventiva, por exemplo. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2012/09/Manual-Como-gerir-um-museu-ICOM-Unesco.pdf> e <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2015/03/12/alem-do-ei-eua-tambem-danifica-o-patrimonio-historico-iraquiano-em-conflito.htm>. Acesso em: 06 nov 2022.

formar público e atuar com divulgação e marketing para atrair visitantes e aumentar a frequência.

A Nova Museologia é também conhecida como Museologia social ou Sociomuseologia. A partir de equipes multidisciplinares, a participação do público nos museus é fundamental para o desenvolvimento de projetos e exposições. Para as instituições, essa nova diretriz, ajuda ao promover ações educativas no intuito de democratizar o acesso e a diversidade humana nos museus. Ela também engloba a igualdade de gêneros, além de uma nova forma de trabalhar o acervo e a interação com o público visitante. No artigo "Sociomuseologia, uma reflexão sobre a relação museus e sociedade", Maria Cecilia Gabriele faz um histórico do antes e depois da Convenção de Quebec, em 1984, e de como a Museologia passou a ser mais agregadora a partir dos anos 80, colocando a educação e os valores sociais à serviço da comunidade no entorno ou que frequenta essas instituições de memória. Como salientou um documento da Convenção de 1972 do ICOM, o museu deveria ser, a partir de então, agente de desenvolvimento social.

[...] o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais; [...] (ICOM, 1972 in: GABRIELE, 2014).

Além do conceito, alguns dos princípios norteadores da chamada Nova Museologia são:

- o reconhecimento das identidades e das culturas de todos os grupos humanos;
- a utilização da memória coletiva como referencial básico para o entendimento e a transformação da realidade;
- o incentivo à apropriação e reapropriação do patrimônio, para que a identidade seja vivida na pluralidade e na ruptura;
- o desenvolvimento de ações museológicas, considerando como ponto de partida
- a prática social e não as coleções;
- a socialização da função de preservação;

- a interpretação da relação entre o homem e o seu meio-ambiente e
- influência da herança cultural e natural na identidade dos indivíduos e dos grupos sociais (SANTOS, 1999 in: GABRIELE, 2014).

Esses princípios norteiam as ações das instituições, sejam elas de proporções gigantes como o Museu do Ipiranga⁷⁴, em São Paulo, ou um local com estrutura mais modesta, mas não com ações e conhecimentos menos importantes como o Museu da Maré⁷⁵, no Rio de Janeiro. E faz surgir novas iniciativas de exposições interativas ou mesmo virtuais. Faz também reavaliar a forma de tratar tanto o acervo quanto as ações voltadas para o público, transformando, como já enfatizado, o visitante também como agente dentro do museu promovendo a troca de conhecimento entre os frequentadores e locais de memória. Um exemplo prático desse tipo de ação acontece também no Rio de Janeiro, dentro do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF)⁷⁶, um museu universitário de Ciência e Tecnologia dedicado ao legado e memória do médico sanitário brasileiro Carlos Chagas⁷⁷, localizado no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF). O espaço possui uma equipe multidisciplinar composta por alunos, bolsistas e extensionistas, de diferentes cursos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Eles trabalham com mediação de visitantes e pesquisadores com o acervo da instituição, sobretudo alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas.

Em setembro de 2022 foi realizado o evento Festival do Conhecimento UFRJ e uma das lives foi a "Ninguém solta a mão de ninguém: a importância de uma equipe multidisciplinar"⁷⁸. O bate-papo foi construído pela perspectiva individual de quatro alunos membros do EMCCF: Ellen Ribeiro do curso de Saúde Coletiva;

⁷⁴ Site do Museu do Ipiranga - <https://museudoipiranga.org.br/>. Acesso em 09 nov 2022.

⁷⁵ Museu da Maré no Rio de Janeiro - <http://www.museusdoriorio.com.br/site/index.php/museus-cidade-do-rio/area-de-planejamento-3/item/88-museu-da-mare>. Acesso em 09 nov 2022.

⁷⁶ Site do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho - <https://emccf.biof.ufrj.br/>. Acesso em 06 nov 2022.

⁷⁷ Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas foi um biólogo, médico sanitário, infectologista, cientista e bacteriologista brasileiro, que trabalhou como clínico e pesquisador. Atuante na saúde pública do Brasil, iniciou sua carreira no combate à malária. Destacou-se ao descobrir o protozoário *Trypanosoma cruzi* (cujo nome foi uma homenagem ao seu amigo Oswaldo Cruz) e a tripanossomíase americana, conhecida como doença de Chagas. Ele foi o primeiro e até os dias atuais permanece o único cientista na história da medicina a descrever completamente uma doença infecciosa: o patógeno, o vetor (*Triatominae*), os hospedeiros, as manifestações clínicas e a epidemiologia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Chagas. Acesso em 06 nov 2022.

⁷⁸ Live UFRJ Ninguém larga a mão de ninguém: A importância de uma equipe multidisciplinar Disponível em: https://youtu.be/yagx0Z_H-Qs. Acesso em 06 nov 2022.

Kevelym Reis, estudante de Filosofia; Marcelly Alves, extensionista de Defesa e Gestão Estratégica Internacional e Priscila Barcellos do curso de Biomedicina. Questionados pela audiência em como trazer todo esse conhecimento particular da área de cada um para dentro da exposição, Marcelly disse que é muito interessante ver como os saberes se completam na prática:

O cientista é aquele pesquisador que se dedica, não é só o cientista de bancada. Por exemplo, na mediação os alunos de Letras falam da importância das palavras, como os termos mudaram nos artigos científicos ao longo do tempo. A Filosofia também explica o porquê disso ou daquilo, é uma das áreas que as crianças ficam mais curiosas e fazem várias perguntas. Na História eles trazem detalhes sobre a fundação do prédio que foi construído durante o período do nazismo, sobre como era importante ter um Instituto de Biofísica mesmo naquele período e como ganha importância maior o instituto com o aprofundamento histórico. Na minha área, eu falo sobre os diplomas do Chagas, como ele teve oportunidade de estudar fora e como era feita a troca de conhecimento em instituições internacionais. São conhecimentos que cada um traz, que sozinhos a gente não conseguiria fazer de forma tão completa e durante a mediação a gente consegue aprofundar um pouco mais a partir do conhecimento do outro (ALVES, 2002 in: UFRJ, 2022).

Kevelym falou sobre como é importante saber se está transmitindo o conhecimento da forma que as pessoas consigam absorver e como, enquanto pesquisador, ele tenha que se policiar para não parecer técnico demais:

Na Filosofia usamos muitos termos e palavras diferentes. Minha preocupação é saber se estou conseguindo transmitir meu conhecimento de forma que não os colegas, mas as crianças entendam durante a mediação. É uma via de mão dupla. A gente aprende também ouvindo os alunos. Acho importante sair do corriqueiro e provocar o conhecimento, mas de forma que elas entendam o que estou querendo transmitir (REIS, 2022, in: UFRJ, 2022).

Priscila Barcellos falou que o prédio localizado no campus da Praia Vermelha, no RJ, tem uma escada que é ainda da época da ditadura, quando foi derrubado em 1973⁷⁹. E, por ter o um formato circular, ela costuma usar como exemplo para explicar a hélice do DNA para as crianças.

A gente também tem dentro do acervo uma hemácia de pelúcia e eu também uso para explicar biologia molecular para os visitantes. Acho importante a gente fazer uma relação com o cotidiano. Escutar o que elas estão dizendo e conseguir passar a linguagem de uma forma mais fácil (BARCELLOS, 2002 in: UFRJ, 2022).

⁷⁹ Prédio da UFRJ derrubado na década de 70. Disponível em: <https://www.cremerj.org.br/acervohistorico/download/81.jsessionid=1B330EF2CB8106EA3B217756B8AF37D9>. Acesso em 06 nov 2022.

A escuta, a troca e o complemento de saberes são parte do trabalho da equipe multidisciplinar e a atuação dos alunos da UFRJ na mediação deixou bastante evidente como é importante não só o conhecimento, mas tornar harmônica essa transmissão em busca de um atendimento humanizado, provocativo e focado na missão, como neste caso, disseminar o acervo de um museu voltado ao conhecimento científico.

Apesar de haver equipes multidisciplinares em, por exemplo, manutenção de sites e bancos de dados de bibliotecas universitárias, um exemplo de multidisciplinaridade na Biblioteconomia é na tão em voga atualmente Biblioteconomia clínica, voltada para catalogação e pesquisas na área de saúde. É uma vertente surgida nos anos 70, mas que tem tido ainda mais importância a partir das mudanças de paradigma na divulgação de resultados de pesquisas científicas, a partir da pandemia de COVID 19, iniciada no ano de 2020. Com o surgimento de novos termos e da quantidade de artigos produzidos, é uma área que precisa muito de profissionais da informação especializados. No artigo "Biblioteconomia clínica: o profissional da informação na equipe multidisciplinar em assistência ao paciente com câncer" a pesquisadora Laryssa Marques Silva cita Berto que fala dessa inserção do bibliotecário em equipes com múltiplos conhecimentos e como é feita essa interação.

A integração e a interação dos bibliotecários com profissionais e disciplinas de outras áreas são, no momento, parte dos requisitos necessários e fundamentais ao acompanhamento das modificações tecnológicas, paradigmáticas e instrumentais na área da informação, de maneira a capacitarem-se, a identificarem-se como profissionais de informação inseridos em equipes multidisciplinares. (BERTO, 1996 in: SILVA, 2019).

Ainda na Medicina, a área de oncologia produz muito material científico já que as várias formas de câncer e a taxa alta de mortalidade acabam fazendo com que a produção de conhecimento sobre a doença seja extensa, além de ser uma área médica específica com mudanças constantes sobre diagnósticos, medicamentos, tratamentos e informações oriundos das mais variadas fontes. Nesse caso, dando suporte à equipe médica,

a atuação do bibliotecário clínico na área de oncologia tem sua relevância, pois os especialistas desta área buscam constantemente por novos

conhecimentos que proporcionem a melhor evidência para o tratamento dos seus pacientes. Portanto o bibliotecário [...] usa seu conhecimento contextual para auxiliar nas respostas às perguntas clínicas, para confirmar um diagnóstico ou um plano de tratamento, seja a informação recuperada destinada ao clínico. Por isso esse profissional deve estar em sintonia com a equipe em que faz parte, para compreender suas necessidades informacionais. Seu treinamento clínico permite-lhe entender e antecipar-se às perguntas realizadas em equipes, assumir seu papel mais proativo, e analisar a literatura para fornecer a informação desejada. (RIGBY, et al, 2002; COUMOU, MEIJMAN, 2006 in: SILVA, 2019).

Mesmo sendo exemplos em áreas técnicas e com atuação bastante específicas, é possível entender a importância do profissional de informação atuando nas equipes tanto em locais de memória, quanto um hospital ou centro clínico. A mediação do conhecimento, o agregar as particularidades de cada área e a escuta são fundamentais para o bom desempenho de um trabalho ou projeto.

Por falar em importância dos profissionais em diversos campos de atuação, a seguir, o capítulo 7 irá tratar da análise do Museu do Futebol e seu Centro de Referência. Além de descrever como é feita a gestão participativa em um espaço de memória, a partir da análise da formação de equipes e serviços oferecidos pelo CRFB, serão analisados: a criação e funcionamento do espaço; histórico sobre a inclusão e a composição de equipes; e os projetos desenvolvidos a partir do trabalho de pesquisa do centro de referência.

7 ANÁLISE DA INSTITUIÇÃO: CRFB/MUSEU DO FUTEBOL

Além de abordar o surgimento do CRFB e da importância do Museu do Futebol para a memória e visibilidade do esporte em São Paulo e no Brasil, esse capítulo faz um breve histórico sobre a musealização de modalidades esportivas. Irá também trazer um histórico do surgimento do futebol em São Paulo e algumas personalidades importantes para o desenvolvimento da modalidade e do esporte.

7.1 Musealização dos esportes

Vimos o longo desta monografia a importância da Grécia antiga na constituição cultural e administrativa de civilizações e o legado para a preservação de registros históricos. No capítulo 4 foi abordado o surgimento de museus a partir de coleções de reis, da igreja e colecionadores particulares, bem como o conceito de museu a partir do templo das musas, detalhado no item 4.1. Além da democracia e exemplo de gestão participativa, com a Ágora brevemente citada no capítulo 6, foi também a partir das cidades gregas que surgiram os Jogos Olímpicos da Antiguidade⁸⁰, realizados entre 776 a.C e 393 d.C⁸¹. Era já uma celebração realizada de quatro em quatro anos, durava cinco dias, com várias práticas esportivas, algumas exclusivas para mulheres⁸², e as cidades se reuniam para comemorar as vitórias nas disputas,

⁸⁰ A origem dos Jogos é cercado de lendas e da mitologia em torno dos deuses. Por falta de registros precisos, não se sabe a partir de quem e como começaram as celebrações. Mas a prática esportiva já fazia parte dos cidadãos (homens) gregos. O festival acontecia com lutas, corridas e disputas em honra ao deus dos deuses, Zeus, e durante as festividades havia a trégua em que guerras e disputas eram proibidas. Com informações de

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos_Ol%C3%ADmpicos_da_Antiguidade. Acesso em 08 nov 2022.

⁸¹ Os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga foram disputados, de forma ininterrupta, por 293 edições em que cidadãos livres das cidades-estado participavam de competições em cinco grupos de modalidades esportivas e apenas o campeão de cada prova era premiado. As disputas duraram de 776 a.C. até 393 d.C., quando o imperador romano Teodósio I se converteu ao cristianismo e proibiu qualquer tipo de adoração a deuses, terminando assim com as Olimpíadas, feitas em homenagem a Zeus e, por isso, consideradas uma manifestação dos rituais pagãos. O declínio dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, no entanto, começou quase 450 anos de seu fim definitivo. A Grécia foi invadida e se tornou parte do Império Romano em 149 a.C., período em que o conflito de culturas começou a colocar a tradição das Olimpíadas em risco (GAVINI, 2020). Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/curiosidades-olimpicas/239293-fim-dos-jogos-olimpicos-da-grecia-antiga/>. Acesso em 09 nov 2022.

⁸² Os Heraia eram jogos desportivos da Grécia Antiga reservados às mulheres e dedicados à deusa Hera, esposa de Zeus. Tinham lugar em Olímpia e eram celebrados a cada quatro anos. As participantes efetuavam as provas de corrida enquadradas em três categorias diferentes, conforme as suas idades. A organização dos jogos estava a cargo de dezasseis mulheres casadas da Élide (a pólis que controlava Olímpia), cada uma auxiliada por uma assistente. As vencedoras recebiam coroas feitas com ramo de oliveira (como os vencedores dos Jogos Olímpicos), bem como um pedaço de vitela que tinha sido oferecido em sacrifício a Hera. Poderiam também ser representadas

mas sobretudo, para homenagear Zeus. Apesar das mudanças de conceitos tanto em relação às modalidades esportivas quanto à realização dos Jogos Olímpicos, não é incorreto afirmar que tanto a essência e importância da prática esportiva como a preservação de documentos e objetos advêm, especialmente, do povo grego.

Desde esse conceito da Grécia antiga, preservar, estudar e difundir são práticas da Biblioteconomia e Museologia desde a concepção dessas profissões. Porém quando se fala em esporte, ainda é uma temática pouco incorporada por ambas as áreas do conhecimento. Na introdução deste trabalho falei sobre o quanto estudar gestão de acervos esportivos, pode ser considerado um diferencial no meio acadêmico, especialmente porque esporte, de uma maneira geral, é pouco analisada em termos de acervos segmentados. Um exemplo prático: em um levantamento inicial e sem muitos critérios para a pesquisa desta monografia, colocando no portal de periódicos da CAPE (no menu Acervo e busca simples por Assunto) e mesmo em sites de busca como o Google usando as palavras BIBLIOTECONOMIA + ESPORTE, o resultado não contabilizou mais do que 10 artigos em português.

Só muito recentemente é que há sugestões de agregar o esporte como uma vertente das ciências sociais – além da Sociologia que já tem pesquisadores e estudos bastante consolidados. A Biblioteconomia não só constituindo acervos de livros e documentos sobre esporte, sobre a gestão de acervos, mas também promovendo ações educativas nas bibliotecas com o futebol e outras modalidades, são alternativas de aliar esses dois temas e falar de cidadania, formação intelectual e social, política e tantas outras possibilidades, não só quando acontece um grande evento como a Copa do Mundo. Atualmente uma única pessoa a pensar e batalhar por essa construção de legado esportivo e Biblioteconomia é a bibliotecária gaúcha Bianca Loyola que tem um perfil no instagram intitulado Biblioteconomia e Esporte e tem feito eventos, lives, episódios de podcast para difundir essa ideia. Afora essa iniciativa, o termo Biblioteconomia de esporte ou Biblioteconomia esportiva nem sequer existe. Enquanto outros bibliotecários não aparecem na defesa dessa possibilidade, pode-se dizer que é uma batalha pioneira e solitária de uma jovem profissional da área em tentar emplacar o esporte como parte e possibilidade de

no templo desta deusa, homenageadas com estátuas com os nomes delas. Com informações de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Heraia>. Acesso em 08 nov 2022.

atuação na Biblioteconomia. Já nos estudos localizados, analisando uma instituição ou algum histórico do esporte, mesmo os que são com foco na Museologia, há muitas reflexões e quase nenhum veredito preciso sobre o protagonismo da musealização do esporte. Ou de quando exatamente esporte e museu se uniram e constituíram locais de celebração da memória esportiva.

Voltando aos gregos, esse pioneirismo de acervo de esporte poderia ter acontecido em Olímpia⁸³, mas com o fim do império grego pelos romanos em 146 a.C⁸⁴, só as ruínas de antigos locais resistem e de acervo material que identifica como era o estilo de vida e a prática esportiva desses povos, muito pouco ficou para ser apreciado pelas futuras gerações.

Fazendo um resgate das tradições helênicas, os franceses, especialmente no século XVIII, tem o pioneirismo tanto no renascimento dos Jogos quanto na criação de instituições clássicas. Entre as mais antigas está o Louvre⁸⁵, um dos mais importantes e longevos acervos de arte no mundo, criado em 1793. No esporte, os museus franceses são mais recentes, constituídos a partir dos anos 60 do século XX - como o Musée National du Sport, criado em 1963⁸⁶, década em que os museus de esporte, como veremos a seguir, se consolidaram. O Marylebone Cricket Museum, de Londres, fundado em 1865 e dedicado ao críquete, ostenta em seu site a alcunha de "museu esportivo mais antigo do mundo"⁸⁷ e não se sabe com certeza se havia antes dele, além das coleções particulares que sempre existiram, alguma outra instituição de memória esportiva constituída como um museu. Mas, independente de

⁸³ Lugar sagrado onde foram encontrados vestígios e ruínas que podem datar do século XV a.C. [...] Olímpia tinha, inicialmente, templos dedicados a Hera e, mais tarde, também a Zeus. Ali eram premiados os vencedores dos Jogos Olímpicos, que competiam em duas outras importantes construções da cidade: o hipódromo e o estádio. (BARRETO, FREITAS, 2008).

⁸⁴ O período helenístico refere-se ao período da história da Grécia e de parte do Oriente Médio compreendido entre a morte de Alexandre o Grande em 323 a.C. e a anexação da península grega e ilhas por Roma em 146 a.C. Caracterizou-se pela difusão da civilização grega numa vasta área que se estendia do mar Mediterrâneo oriental à Ásia Central. De modo geral, o helenismo foi a concretização de um ideal de Alexandre: o de levar e difundir a cultura grega aos territórios que conquistava. Foi neste período que as ciências particulares tiveram seu primeiro e grande desenvolvimento. Foi o tempo de Euclides e Arquimedes. O helenismo marcou um período de transição para o domínio e apogeu de Roma. Com informações de https://pt.wikipedia.org/wiki/Per%C3%ADodo_helen%C3%ADstico. Acesso em 08 nov 2022.

⁸⁵ Com informações do site <https://www.britannica.com/topic/Louvre-Museum>. Acesso em 08 nov 2022.

⁸⁶ Informação do site oficial do museu, em <https://www.museedusport.fr/fr/content/histoire-du-musee>. Acesso em 08 nov 2022.

⁸⁷ Informação no site <https://www.lords.org/lords/conferences-and-events/museum>. Acesso em 08 nov 2022.

como ou qual país, fato é que foi, sim, a partir da Europa, que uma iniciativa mudou a forma de ver o esporte além da prática física.

O renascimento dos Jogos Olímpicos, na década de 1890, aconteceu com o historiador e pedagogo francês Pierre de Coubertin que além das modalidades, deu o início ao desenvolvimento do esporte como uma atividade econômica, diplomática e de os países mostrarem além do talento de seus atletas, seu poder para investir e organizar edições dos Jogos em seus territórios. A ideia era trazer de volta o espírito de celebração, manter algumas tradições gregas – especialmente de manter a realização do evento de 4 em 4 anos, mas também criar algumas novas diretrizes, como o Olimpismo⁸⁸, e uma nova forma de constituir as Olimpíadas. O COI, Comitê Olímpico Internacional, foi fundado em 1894 por Coubertin para ser a base de organização das novas Olimpíadas e a, então, chamada primeira edição dos Jogos de verão da era moderna foi realizada em 1896 na Grécia.

A ideia de Pierre era sediar a primeira edição em Paris, mas o comitê decidiu pela Grécia para dar a sensação de que o esporte e os jogos estavam voltando ao seu berço de origem e sendo reavivado através de uma nova forma de organização das competições. Nove modalidades foram disputadas na ocasião e somente com atletas homens. Após protestos na edição de 1900, as mulheres só puderam competir a partir de 1904, na edição realizada em St Louis, Estados Unidos - e contra a vontade de Coubertin que era contra a participação delas nas competições⁸⁹. A primeira edição americana contou com 12 modalidades e 651 atletas: 645 homens e 6 mulheres. (BARRETO, FREITAS, 2008).

As novas olimpíadas trouxeram algumas tradições dos jogos antigos como o ato de acender a pira olímpica, mas inovou ao criar os anéis olímpicos entrelaçados que são, desde então, o símbolo dos Jogos e representam os cinco continentes e carrega a representação da união, paz e diversidades entre todas as nações. Os

⁸⁸ Antes dos Jogos Olímpicos havia o Olimpismo. Pierre de Coubertin tinha como seu primeiro objetivo disseminar uma nova filosofia de vida, definida assim na Carta Olímpica, o documento que ele firmou como o objetivo de lançar as bases do Movimento Olímpico. 'O Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina num conjunto harmônico as qualidades do corpo, a vontade e o espírito. Ao associar o Esporte com a cultura e a educação, o Olimpismo se propõe a criar um estilo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educativo do bom exemplo e no respeito pelos princípios éticos universais'. (BARRETO, FREITAS, 2008).

⁸⁹ O Barão de Coubertin dizia que era indecente ver uma mulher contorcendo-se no esforço físico do esporte. Consta até que se afastou da presidência do Comitê Olímpico Internacional por ser contra a participação feminina nos Jogos. Mas muita coisa mudou e os tempos são outros; hoje o COI tem uma Comissão da Mulher e do Esporte, cujo objetivo principal é justamente aumentar a participação feminina nos Jogos Olímpicos. (idem, 2008).

Jogos modernos revolucionaram não só a competição esportiva, mas a forma de monetizar o evento através de investimentos. Atualmente,

o Movimento Olímpico é financiado por recursos vindos de a) patrocínio (o TOP, ou The Olympic Partner Program, criado em 1985, reúne 12 patrocinadores fixos, e outros contratos são negociados a cada edição dos Jogos Olímpicos); b) comercialização dos direitos de transmissão dos Jogos pela TV para todo o mundo; licenciamento de produtos com a marca dos aros olímpicos; e venda de ingressos para as competições. (BARRETO, FREITAS, 2008).

Todo esse conceito das práticas físicas, mas também da profissionalização do esporte veio de uma onda de acontecimentos durante todo o século XIX.

Quando surgiu a ideia de reviver os Jogos Olímpicos, já havia ligas profissionais de beisebol; o futebol tinha se separado do rugby e do futebol americano, cada um com suas próprias regras e seus campeonatos; basquete e vôlei tinha acabado de ser inventados; torneios de tênis e regatas de remo e vela eram populares; o boxe tinha uma compêndio de regras e as grandes lutas distribuíam prêmios em dinheiro, assim como corridas de rua; havia seminários dedicados ao esporte e seções esportivas nos jornais diários (desde 1887, no New York World), e até fábrica de material esportivo (a Spalding foi fundada em 1876). Enfim, o mundo era uma bola - quicando, rolando, voando... Tinha chegado a hora de juntar tudo isso num grande evento. (BARRETO, FREITAS, 2008).

Pouco mais de um século antes das Olimpíadas de Coubertin e a prática profissional de modalidades esportivas, o conceito de patrimônio nacional (BRITO, 2018) surgiu também a partir de um evento francês. Como desdobramentos da Revolução de 1789⁹⁰, muitos foram os casos de vandalismo e confisco de obras de arte. Após várias iniciativas de inventariar e recuperar o que foi extraviado ou deslocado do território pelos revolucionários, somente em 1830, o então Ministro do Interior, François Guizot⁹¹, cria o posto de Inspetor dos Monumentos Históricos e Comissão dos Monumentos, com o intuito de mapear as obras que estavam na França e faziam parte do acervo do governo. Isso somente foi possível 31 anos depois do final do levante popular. Já na segunda metade do século XIX, o termo "monumento histórico" passa a constar nos dicionários (CHOAY, 2014).

⁹⁰ Mais conhecida como Revolução Francesa, o levante popular contra a monarquia, durou dez anos mudando não só a forma de governo na França, mas provocando anos depois, mudanças em toda a Europa a partir das ideias de igualdade, fraternidade e liberdade. Com informações de https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa. Acesso em 09 nov 2022.

⁹¹ Informações sobre o estadista e historiador no site <http://www.institutodehumanidades.com.br/index.php/galeria/10-galeria-dos-grandes/39-francois-guizot>. Acesso em 08 nov 2022.

O final conturbado do século XVIII transferiu a inquietude e a busca por mudanças para os anos seguintes. A celebração dos esportes a partir de equipes, personagens e modalidades vinha na efervescência das mudanças ocorridas a partir do século XIX. A Revolução Industrial, a urbanização das cidades, as descobertas nas ciências, as teorias de Freud e Darwin, as guerras como da Comuna de Paris (1871) e do Paraguai (1864-18745), a independência do Brasil e as já citadas ascensões de modalidades e do início de uma indústria esportiva, especialmente na Inglaterra, foram alguns dos acontecimentos que mudaram a forma de a humanidade lidar com algumas questões de forma irreversível – como o consumo, produção industrial, fim da escravidão e a autonomia de territórios, por exemplo (WIKIPEDIA, 2022). E o que isso tudo tem a ver com o futebol?

Como será melhor analisado no próximo capítulo, apesar de a profissionalização ser uma das mudanças na prática esportiva, o futebol, em especial, deixava de ser um esporte de elites para ganhar a adesão popular, através do movimento operário. E como tudo que deixa de ser exclusivo de poucos e se torna acessível para as massas, também o que deveria ser registro histórico dessas mudanças de paradigma, passou a não ser visto como objeto e história digna de ser armazenada e exposta em um museu.

Maria Cristina Azevedo Mitidieri é uma grande estudiosa brasileira sobre a temática de esporte em museus. Em sua tese de doutorado, "A experiência esportiva nos museus: os museus do esporte e a comunicação celebratória do patrimônio musealizado", recentemente defendida, ela traz uma reflexão sobre essa questão do popular x artístico na museologia:

Por sua profunda relação com as culturas e com as sociedades, o esporte foi gradualmente reconhecido como manifestação cultural e incorporado ao universo do patrimônio e dos museus. Porém, essa incorporação suscita questionamentos. De que maneira a secular instituição do patrimônio e as concepções que ainda permeiam a atuação dos museus, como lugares dedicados às relíquias do passado e à "alta cultural", poderiam se relacionar com o esporte? A orientação para o presente, o culto às vitórias e aos heróis representariam um ponto de incompatibilidade entre os esportes e os museus? Sua configuração como atividade corporal, efêmera e conexas ao "popular" o distanciaria do ambiente dos museus? As questões comerciais inseparáveis do esporte contemporâneo seriam também motivo de antagonismo? (MITIDIERI, 2022).

Antes de ser "coisa de museu", os acervos esportivos foram primeiramente construídos pelo colecionismo e por dedicados guardadores de relíquias. São muitos artigos, livros e estudos publicados nas mais diferentes épocas e idiomas que teorizam e analisam o surgimento de acervos esportivos e o esporte como herança cultural. A revista brasileira *Museu e Patrimônio* dedicou a parte 1 do volume 14 de sua edição de 2021 inteiramente a artigos que tratam da museologia e acervos esportivos. Em "Por que se interessar pelo patrimônio esportivo?" o pesquisador Christian Bromberger questiona esse conceito de patrimônio e esporte:

O patrimônio evoca o que é monumental, polido pelo tempo, evidência da Grande História, é ele que consagra os vestígios e os alicerces de uma identidade nacional ou regional. O esporte é uma atividade recente, que conota o lazer, aquilo que é fútil e efêmero. Poderíamos realmente colocar lado a lado o castelo de Chambord, a camisa de Zidane, o Retábulo de Issenheim e a flâmula de um torcedor? Sabemos que existem alguns estádios, piscinas e hipódromos que são obras de grandes arquitetos (o estádio Gerland em Lyon foi idealizado por Tony Garnier, a piscina Molitor, com seus vitrais "art déco", construída por Lucien Pollet, o hipódromo de Chantilly...), mas e o restante? As sapatilhas de Roger Bambuck, os shorts de Marie-José Pérec, as chuteiras de Sócrates e de Antoine Griezmann... Ao unir os dois termos, patrimônio e esportivo, não nos arriscamos a cair no "abuso monumental", estigmatizado por Régis Debray (1999)? (BORMBERGER, 2021).

Ao citar locais, mas mais especialmente, objetos como camisas, chuteiras e sapatilhas usados por alguns dos atletas com trajetórias e feitos marcantes na história do esporte mundial, Bromberger descreve o que pode ser apenas algo supérfluo para quem não acha que esse tipo de acervo é digno de salvaguarda por uma instituição e sim algo restrito a coleções particulares. Tanto quanto uma obra de arte, o simbolismo de uma vitória ou de um acontecimento do esporte marcado por algum objeto pertencente a alguma personalidade importante para a história, tem o caráter de rememorar emoções ou conexões com determinado fato ou período histórico de forma muito particular para os torcedores e fãs dos esportes.

Outro texto da *Museu e Patrimônio* é "A abordagem celebratória do patrimônio esportivo nos museus privados de clubes esportivos e nos museus públicos municipais brasileiros" de, novamente, Maria Cristina de Azevedo Mitidieri e Luísa Rocha. Elas usam como base o texto de Annie Hood, "An Overview of Sports

heritage held primarily in the public domain - from roman gymnastics to the Modern Olympics]], de 2005 para exemplificar o colecionismo no esporte:

Esta característica do patrimônio esportivo de ser reunido primariamente por colecionadores particulares e diretamente envolvidos com o esporte (fãs e torcedores, clubes, associações, federações e outros) deriva frequentemente em processos de seleção daqueles bens que serão salvaguardados e difundidos, como recortes de uma realidade a ser representada, levados adiante por "não especialistas]] e sem o estabelecimento de uma política de coleção pré-definida. As coleções, reunidas por conta da paixão de indivíduos por uma equipe, um personagem ou uma modalidade esportiva ou ainda por conta da obrigação das instituições esportivas (notadamente clubes e federações) com a guarda de documentos administrativos e dos troféus conquistados, são a base sobre a qual se desenvolve e se organiza a maior parcela dos museus do esporte e seus processos museológicos (MITIDIERI e ROCHA, 2017; in HOOD, 2005).

Enquanto também era preciso, a partir daquele fim de século XIX, entender a relevância que o esporte teria como manifestação cultural e prática como saúde e bem estar, além das competições e formação de atletas, foi só no século seguinte que tanto a questão patrimonial e os museus do esporte passaram a ganhar relevância. No artigo "Os museus e os novos patrimônios]] de Rosali Henriques e Vera Dodebei (2011), as autoras indicam que o histórico da questão patrimonial pode ser delineado a partir de três encontros promovidos pela UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, fundada em Paris em 1945:

■ **Convenção de Haia (1954):** em parceria com a ONU, o evento definiu o que é "bem cultural]]. As definições de patrimônio foram: bens móveis e imóveis que representam grande importância para o patrimônio cultural dos povos; edifícios que guardam os bens culturais, museus, bibliotecas, arquivos e centros monumentais.

■ **Carta de Veneza (1964):** O documento produzido durante o Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos é o nome diminuto da Carta Internacional para a Conservação e Restauração dos Monumentos.

▮ **Convenção de 1972:** já brevemente citada no capítulo 6, estabeleceu que países membros da UNESCO deveriam ser responsáveis pela salvaguarda do seu patrimônio cultural, artístico e natural.

Contemporânea a essas mudanças em relação ao olhar sobre o patrimônio, a primeira metade do século XX registra a criação dos primeiros museus do esporte. Um dos mais antigos espaços dedicados a uma modalidade, além do já citado museu do críquete, data de 1936. É o National Baseball Hall of Fame and Museum, dedicado ao baseball e localizado em Cooperstown, em Nova Iorque. E outro dedicado ao tênis, o International Tennis Hall of Fame, foi fundado em 1954 na cidade de Newport, também nos Estados Unidos. Mas, antes deles,

em 1922, na França, fundou-se um museu nacional na cidade de Joinville, que iniciou suas atividades em 1923 e funcionou até os anos 1940, quando foi encerrado por conta de dificuldades políticas do período e, principalmente, por problemas de financiamento. Em 1923, o francês Pierre de Coubertin, fundador e primeiro presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI) criou um museu olímpico na sede do primeiro secretariado desta entidade, em Lausanne (Suíça) para preservar o patrimônio dos Jogos Olímpicos [...]. A partir deste período, diversos museus voltados aos esportes de inverno foram estabelecidos em países europeus com forte tradição nestas práticas como Itália, Suíça, França, Áustria e Alemanha foram constituídos. (MITIDIÉRI, 2022).

Por serem instituições relativamente novas e com reflexões acerca do patrimônio ainda bastante recentes, talvez, seja um dos motivos em não serem objetos de estudos acadêmicos, além da questão popular x erudito já mencionada. Porém, o esporte suscita muitos olhares, não só na prática esportiva e como fenômeno social, mas também como legado. E nesse pensamento, em outra vertente que não só a coleção e objetificação, o patrimônio esportivo também ajuda a compreender as transformações históricas das modalidades. Ao estabelecer uma forte ligação entre esportes, bens públicos e memórias coletivas, o conceito de patrimônio esportivo permite, em primeiro lugar, abrir uma reflexão sobre a construção de identidades através do esporte. As perspectivas clássicas de análise dos historiadores do esporte se renovam através da consideração crítica das representações contemporâneas da memória e do tempo (FOURNIER, 2021).

Para exemplificar essa missão de avaliar e preservar o legado, mas com olhar no futuro, uma iniciativa recente de aliar o esporte acompanhando as transformações da sociedade vem, justamente, do comitê olímpico, mais exatamente do Centro e Estudos Olímpicos do COI. Em outubro de 2022, o espaço completou 40 anos de existência⁹². Contando com uma estrutura até modesta para abrigar a história dos 126 anos dos Jogos Olímpicos da era moderna, o OSC – Olympic Studies Centre - tem

cerca de 38.000 títulos abrangendo todos os aspectos dos Jogos Olímpicos, 1.500 novos títulos a cada ano, mais de 11.500 documentos acessíveis em formato eletrônico . O Centro de Estudos Olímpicos (OSC) detém um rico conhecimento olímpico e é a ponte entre o Movimento Olímpico e o mundo acadêmico mundo. Desde sua fundação em 1982, evoluiu de uma pequena biblioteca para um centro de recursos global, que foi consultado por mais de 400.000 pessoas de mais de 200 países somente em 2021. (OLYMPICS, 2022)

Um lugar dos sonhos para apaixonados por esporte e pesquisa, o espaço reforça os ideais olímpicos de aliar as modalidades com a educação e criar um acervo histórico para celebrar tudo que o esporte pode proporcionar como estudo, aprendizado e estilo de vida. Como disse o atual presidente do COI, Thomas Bach, na ocasião da comemoração das quatro décadas do espaço:

A visão de Pierre de Coubertin do Movimento Olímpico moderno incluía o conceito de um centro de estudos olímpicos. Ele acreditava que isso era essencial para preservar o progresso do Movimento Olímpico [...] Quando o COI criou o OSC, sua ambição era conscientizar sobre a essência, universalidade e permanência do Movimento Olímpico e apoiar sua missão educacional. Hoje, é o verdadeiro lar do conhecimento olímpico e, ao continuar a criar novos conhecimentos, está na melhor posição para difundir os valores olímpicos e promover a educação olímpica (BACH, 2022 in: OLYMPICS, 2022).

A memória esportiva e os museus do futebol, em especial, serão descritos no tópico seguinte deste capítulo, mas, porém, para entender como o esporte bretão passou a ser uma paixão brasileira, é preciso saber como ele chegou até aqui. E foi um jovem de família britânica que atravessou os 8.855 km⁹³ que separam o Brasil da

⁹² 40 anos do OSC em outubro de 2022 - <https://olympics.com/ioc/news/40-years-of-the-olympic-studies-centre-from-a-small-library-to-a-global-resource-centre>

⁹³ Distância do Brasil e Inglaterra. Fonte: Distancias entre cidades. Disponível em: <http://www.distanciascidades.com/distancia-brasil-inglesa-54012.html>. Acesso em 09 nov 2022.

Inglaterra, um dos responsáveis por apresentar esta e outras modalidades aos brasileiros.

7.2 O futebol no Brasil e os museus do futebol

Apesar de a prática do futebol recreativo acontecer em colégios da elite paulistana no final do século XIX, um dos registros mais antigos do início do jogo de futebol no Brasil é de 1894, com a chegada do jovem Charles Muller, voltando da Inglaterra. Ele trouxe na mala alguns itens de sua adoração: um livro de regras do association football, uma camisa do Banister School e outra do St. Mary, duas bolas, uma bomba pra enchê-las e um par de chuteiras (NETO, 2002).

Charles era paulistano, filho de um escocês, John Muller, que trabalhava na empresa de trens São Paulo Railway e de uma brasileira, Carlota Antunes Fox, que tinha ascendência inglesa. Ao estudar na escola pública de Hampshire, Inglaterra, Charles aprendeu rugby, polo aquático e críquete, além do futebol. Retornou ao Brasil aos 20 anos de idade também para trabalhar na companhia de trens e depois como cônsul da Coroa Britânica, mas se destacou mesmo como esportista: ajudou a introduzir algumas das modalidades que já praticava na Inglaterra na cidade de São Paulo, foi árbitro de futebol, artilheiro do campeonato paulista, dirigente e um dos fundadores da Associação Paulista de Tênis (MILLS, 2005).

Com a ajuda de Muller, a primeira partida de futebol no Brasil, foi realizada em 1895, na Várzea do Campo, no Brás, entre os funcionários da Companhia de Gás de São Paulo (São Paulo Gaz Company) e da Companhia Ferroviária de São Paulo (São Paulo Railway Company) onde o São Paulo Railway, o time de Charles Miller, venceu por 4 a 2. Essa primeira disputa aconteceu de forma organizada, segundo as regras do esporte na época, mas ainda sem profissionais ou federados, com viria ser exigido alguns anos depois. Miller foi fundamental na montagem do time do São Paulo Athletic Club (SPAC) e a Liga Paulista de Futebol, a primeira liga de futebol no Brasil (NETO, 2002).

Foi entre a prática nos clubes elitistas e os times formados por operários das fábricas no Brás que o esporte se popularizou e se expandiu para outras cidades e estados, através de outros personagens e iniciativas que propagaram o futebol por

todo o país. Mas Muller e os feitos dele registrados na cidade de São Paulo, por serem mais comentados e lembrados que outros, o fez levar a alcunha de "pai do futebol". Sobre esse "título", Neto (2002), diz:

Não é preciso nenhum exame de DNA para se concluir que o pioneirismo de Muller reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também. Com isso, teve início um segundo momento do processo de introdução do futebol em nosso país. O esporte saiu dos colégios, assumiu um caráter explicitamente competitivo (o que decerto tornou mais difundido o conhecimento de suas regras e mais rigorosa a observância das mesmas) e ganhou a posição de esporte preferido da elite paulistana (NETO, 2002).

Quando o estádio do Pacaembu foi inaugurado em 1940, a praça que havia em frente ainda não havia sido batizada e foi em 1954, através da Lei Municipal 4.489, na gestão de Janio Quadros como prefeito, que passou a se chamar Charles Muller em homenagem ao "patrono do futebol brasileiro". O Museu do Futebol foi inaugurado na cidade de São Paulo, em 2008, 114 anos da primeira partida registrada e curiosamente numa extensão do estádio e com Charles Muller dando o nome da praça e eternizado aos pés do Pacaembu.

Um local para celebrar um dos mais populares esportes no Brasil parecia um sonho materializado e essa é a sensação que fãs e torcedores têm em relação a museus temáticos como esse. No mundo, os museus dedicados ao futebol são numericamente maiores do que outras modalidades. Mas não é possível afirmar com certeza a quantidade exata de locais dedicados a esse esporte. Infelizmente não existe em nenhum site ou registro oficial do número de museus dedicados ao esporte de uma forma geral. Mas na já citada tese de Maria Cristina Azevedo (2022), ela faz um levantamento de 22 instituições ao redor do mundo totalmente dedicados ao futebol, divididos em duas categorias:

■ **MUSEUS NACIONAIS DO FUTEBOL:** São compreendidos como o conjunto de museus que aborda a dimensão nacional do futebol, não sendo necessariamente museus vinculados ao poder federal. Os museus nacionais do futebol não são comuns. De acordo com a investigação, dentre os 20 países nos quais esse é o esporte mais popular, foi encontrado museus nacionais do futebol apenas em: Brasil, Reino Unido (2 museus) e Alemanha. Nossa pesquisa identificou ainda alguns museus de "seleções nacionais" e de federações, os quais abordam o futebol

nacional, estando também localizados em países nos quais o futebol e sua seleção nacional são altamente populares e reconhecidos por suas vitórias. Esta pesquisa resultou numa lista de 10 instituições (MITIDIERI 2022, in: NIELSEN, 2018; FORSLUND, 2019).

■ **MUSEUS INSTITUCIONAIS DE CLUBES ESPORTIVOS:** Cenário diametralmente oposto ao anterior. Os museus de clubes no Brasil e em outros países são a maior parcela dos museus do futebol e do esporte em geral. Por serem os mais numerosos, foram também mais numerosos os exemplos aqui analisados. Os critérios de seleção empregados mesclaram fatores como popularidade do museu e de seu clube gestor. Assim, a partir de uma listagem dos dez clubes mais populares do mundo em número de seguidores na internet (Revista Exame, 2020), verificamos quais deles têm museus e, em caso positivo, analisamos a viabilidade da pesquisa remota, no sentido de haver um mínimo de informações acessíveis online. A seleção dos cinco museus brasileiros a serem pesquisados seguiu os mesmos critérios. (MITIDIERI, 2022). E o levantamento das instituições, também segundo Mitidieri, é o seguinte:

Figura 3 – Museus do Futebol no mundo

NACIONAIS "DO FUTEBOL"	INSTITUCIONAIS DE CLUBES ESPORTIVOS	
	Fora do Brasil	Brasil
Museu do Futebol (São Paulo, SP, Brasil)	Barcelona (Espanha)	Flamengo (RJ)
National Football Museum (Manchester, ENG, UK)	Real Madrid (Espanha)	Corinthians (SP)
Museo del Fútbol (Uruguay)	Manchester United (Inglaterra)	São Paulo (SP)
Scottish Football Museum (Glasgow, ES, UK)	Chelsea (Inglaterra)	Santos (SP)
Museu CBF (Museu Seleção Brasileira, RJ, Brasil)	Liverpool (Inglaterra)	Grêmio (RS)
Museu Calcio (Seleção Italiana, Florença, Itália),	Arsenal (Inglaterra)	
The German Football Museum (Dortmund, Alemanha)	Bayern Munich (Alemanha)	
	Sporting (Portugal)	
	Juventus (Itália)	
	Musée des Verts (França)	

Elaborada por MITIDIERI, 2022

Nesse recorte da pesquisa, faltaram clubes da América do Sul, especialmente Argentina e Uruguai, e também museus dedicados à atletas como o caso do Museu

Pelé, localizado na cidade de Santos, em São Paulo. Mas o importante é notar como ao redor do mundo essas instituições tem relevância e importância para a história da modalidade. Isso porque estamos focando somente em futebol e não falando da totalidade de museus especializados. A tese de Mitidieri analisa de forma minuciosa a relação dessas 22 instituições tanto de acervo quanto mercadológica e afetiva dos fãs com as instituições. O intuito neste tópico é somente enumerar alguns dos locais onde o futebol é celebrado em instituições museológicas e mostrar o seu potencial como patrimônio. O que é importante ressaltar é que esses locais provocam sentimentos em que os visita, resgata o passado de batalhas e glórias, mas também constitui-se como espaços quase sagrados e mitológicos de comemoração de bons momentos vividos através do esporte.

A qualidade celebratória dos museus se relaciona à sua compreensão como espaços consagrados a memorar (e a comemorar, exaltar, festejar) a cultura e a história das sociedades. Se relaciona à compreensão dos museus como espaços simbólicos, dentro dos quais ocorre a memoração da história e da cultura, a partir de recortes patrimoniais os quais, no presente, e de acordo com específicos critérios de valores, são selecionados em detrimento de outros. (MITIDIERI, 2022).

Nessa tendência de celebração, mais nos anos 2000 com a chegada dos museus tecnológicos chamados de Museu-Experiência, as exposições e interação com as obras e espaço se ampliaram com a tecnologia, proporcionando exposições sensoriais. Como registra o artigo “A experiência museal: discutindo a relação dos museus com visitantes na contemporaneidade” as autoras Manuelina Duarte Cândido, Gabriela Aidar e Luciana Conrado Martins analisam os motivos e estudos sobre como as exposições, os temas e a forma de atrair o visitante mudaram nas últimas décadas, a ponto de democratizar essa escolha de temas, com uma equipe dedicada em agradar, acolher, educar e interagir com esse novo tipo de frequentador das instituições de cultura. No mesmo artigo, as autoras citam a reflexão da educadora Milene Chiovatto, então coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, para definir o que podem ser e proporcionar aos visitantes dos chamados museus-experiência. Segundo Chiovatto,

a experiência ao nos passar, nos forma e nos transforma. Assim, o ‘saber da experiência’ é o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece, sendo, portanto um contínuo. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo,

contingente e pessoal. Estes conceitos de experiência são aplicáveis apenas se considerarmos o conhecimento, e os processos de aprendizagem que se desdobram a partir dele, numa perspectiva também de cunho mais particular, incluindo e se concretizando em consonância com as subjetividades e particularidades do aprendiz. (AIDAR, CANDIDO, MARTINS, 2015; in: CHIOVATTO, 2010).

É através da paixão pelo futebol que o museu de São Paulo quer ampliar o conhecimento, aumentar a vivência do fã do esporte através não só de fotos, vídeos, sons, interações e a história do esporte, mas proporcionar o contato com a história do Brasil e dos personagens que fazem o futebol nacional e estrangeiro para além de suas dependências, como verificado nos itens a seguir:

● **Criação e Administração:** Segundo o livro "Museu do Futebol, um museu-experiência", de 2014, o Museu do Futebol foi concebido desde o projeto arquitetônico até ao expositor permanente para ser uma experiência histórica através de uma paixão. E, há quem diga que não existe melhor lugar no mundo para um museu temático, especializado em um esporte cujo país é referência, ser instalado. O ex-presidente da FIFA, Joseph Blatter, disse numa visita ao espaço que "Este não é um museu sobre o jogo de futebol, mas sobre o mais importante no futebol: o povo que o pratica. Este não é um museu, é um lugar onde se vive" (KAZ, 2009). Localizado numa área de 6.900 m² no avesso das arquibancadas do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho – o Pacaembu, o Museu do Futebol foi inaugurado em 29 de setembro de 2008. Foi criado pela Lei municipal 13.989, de 16 de novembro de 2005, fruto de uma parceria entre Câmara Municipal de São Paulo, Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Esportes, São Paulo Turismo e Fundação Roberto Marinho. Ainda segundo o livro de 2014, desde a inauguração, o Museu do Futebol é administrado por uma organização social, o IDBrasil, que planeja e executa programas e projetos. Essa organização recebe recursos públicos e patrocínios para manter não só a equipe, mas os serviços que a instituição oferece além da "integridade física da edificação ocupada pelo museu". (XAVIER, 2014).

● **Plano Museológico:** Independente do tipo de acervo, o Estatuto de Museus no Brasil, estabelece pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 a "obrigatoriedade da elaboração, implementação e atualização do Plano Museológico para todos os museus brasileiros e a sua regulamentação pelo Decreto nº 8.124, de 17 de outubro

de 2013, além de reiterar a importância do Plano Museológico, instituiu a competência do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM em subsidiar tecnicamente os museus, sobre o assunto. Segundo esses documentos, o Plano Museológico é o principal instrumento de gestão para os museus brasileiros. Trata-se de uma ferramenta de planejamento estratégico, que compreende os níveis estratégico, tático e operacional, iniciada pelo planejamento conceitual por meio da definição da missão, visão, valores, objetivos e diagnóstico da instituição e que alinha os seus programas, projetos e ações, de forma global e integrada. (IBRAM, 2021).

O primeiro Plano Museológico do Museu do Futebol foi lançado em 2009. E desde então, a ideia da instituição foi de abordar os vários tipos de futebol praticados no Brasil, não só o masculino, federado, patrocinado e com salários milionários que ainda é o mais divulgado na mídia. Na revisão do plano feito em 2021 com projeção de trabalhos até 2025, a instituição avaliou a evolução daquele primeiro documento e detectou que, dentre todos os avanços conquistados pela instituição, está a visão inovadora sobre o futebol como um patrimônio cultural plural, cujas narrativas eram feitas de forma desigual. O destaque dado à pesquisa e realização de ações sobre a presença feminina no futebol, o racismo intrínseco à cultura futebolística brasileira, a diversidade da prática do futebol (amador, LGBTQIA+, por exemplo) e a multiterritorialidade do esporte (futebol de várzea, indígena, etc.), projetaram um futuro para o museu em total sintonia com os mais importantes debates contemporâneos, como a questão da decolonização museal (PLANO, 2021).

Foi assim que a palavra "futebóis" passou a designar essa iniciativa em usar o espaço para dar visibilidade à história do esporte, praticado por pessoas de todos os tipos e das formas e locais de jogos mais diversas. Nessa revisão do Plano, uma das questões detectadas como prioridades em 2009 era a criação de um "centro de referência que teria como finalidade a pesquisa, para gerar novos argumentos e vetores de acervo" (PLANO, 2021). E foi a partir dessa demanda que surgiu o CRFB, que será melhor descrito a seguir.

7.3 CRFB – Centro de Referência do Futebol Brasileiro

Nas 14 páginas que destacam o Programa de Acervos e Pesquisa, o Plano Museológico do Museu do Futebol na versão de 2021/2025 faz uma avaliação do passado e do que tem como projeção de trabalho para os próximos anos. E desde 2009, quando da elaboração do primeiro plano de diretrizes para a instituição, já havia um planejamento para a implantação de um Centro de Referência. E com a parceria da NAU - Núcleo de Antropologia Urbana da USP, junto com o FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos, o CRFB foi inaugurado em 2013 e costuma ser referenciado como o coração da ação patrimonial do museu, sendo responsável pela pesquisa e documentação das diferentes expressões do futebol no Brasil, com vistas à constituição do acervo do Museu do Futebol (PLANO, 2021).

No tópico 2 deste capítulo citei a modernidade dos chamados museu-experiência, mas, embora seja considerado um a atuar nessa vertente, o Museu do Futebol sempre quis fazer com que esse "viver o futebol" fosse além da visita. O objetivo é

identificar, mapear e catalogar o futebol vivido fora do museu, por meio das inúmeras iniciativas pessoais e institucionais de registro da memória do esporte: o colecionador, o torcedor, o clube, os estádios, o jornalismo esportivo, os lances memoráveis, enfim os diferentes lugares de memória deste esporte. O Museu do Futebol, como instituição museológica dedicada a esse patrimônio, vem cumprindo, suas funções de pesquisa, preservação e comunicação do futebol, ou melhor, futebóis, como patrimônio imaterial e fenômeno museológico (PLANO, 2021).

O CRFB virou um exemplo entre os acervos temáticos a ser seguido porque, até onde se tem registro, não houve outra iniciativa de documentar, digitalizar e avaliar documentos de uma forma tão abrangente, tendo o universo do futebol e não só um time ou temática específica como material a ser trabalhado. O acervo inicial contou 1.400 itens digitais (entre fotos, vídeos e artes) e mais de 800 contratos (apenas da exposição de longa duração), foi necessário um considerável grau de especialização para desenvolver e implementar ferramentas e procedimentos adequados a essa gestão (PLANO, 2021). O setor tem também uma política de acervos desenvolvida em 2017 e revisada em 2019 que traz o histórico de constituição das práticas e estratégias metodológicas voltadas para a salvaguarda

do futebol, entendido e valorizado como patrimônio cultural, e os caminhos trilhados para a construção de ferramentas e procedimentos pelo CRFB.

O Centro de Referência trabalha com três tipos de acervo⁹⁴:

■ **MUSEOLÓGICO:** O acervo museológico, composto por conteúdos de natureza digital, em diferentes suportes e formatos, abarca itens audiovisuais, fotográficos, textuais e iconográficos, que podem estar armazenados em servidores próprios e internos e/ou em serviços de armazenamento em nuvem. Sua aquisição se dá a partir da realização das pesquisas, sendo fruto de uma criação direta do pesquisador em campo, ou do compartilhamento de itens e coleções pessoais por parte do pesquisado – itens esses que podem ser ou natos digitais ou materiais que passam por processos de digitalização no museu. Vale dizer que esse compartilhamento por terceiros também pode se dar de forma espontânea, sendo, por vezes, fruto de ofertas de doações. Até janeiro de 2020, somavam-se 15.052 itens no acervo museológico.

■ **BIBLIOGRÁFICO:** Os itens de acervo que compõem a biblioteca e a midiateca são adquiridos a partir de temas e enfoques pré-definidos, em interlocução com os temas relacionados ao futebol e trazidos pela pesquisa ou pelos projetos de exposição. Ao todo, são mais de 14 mil itens, em um espaço que conta com bancadas para leitura, wi-fi gratuito e computadores para uso compartilhado. A aquisição dos itens da biblioteca e da midiateca é feita por meio de compra, doação e/ou permuta. Em cada um dos casos, são realizados procedimentos específicos que seguem o regulamento do IDBrasil e atendem aos critérios descritos na Política de Acervo. Até janeiro de 2020, somavam-se 15.593 itens no acervo bibliográfico.

Destaques do acervo:

- Principais obras de Literatura, Sociologia e História do futebol. Livros sobre Clubes, Campeonatos, Copas do Mundo e Olimpíadas. Ficção, Infantil e Biografias de atletas, técnicos e dirigentes.

⁹⁴ Com base no texto do Plano Museológico 2021/2025 e site oficial do Museu do Futebol

- Álbuns de figurinhas fac-símiles, desde a década de 1940, e originais, desde a década de 1970.
- Coleção de periódicos com mais de 500 itens: Placar, El Gráfico, Manchete Esportiva, Sport Ilustrado, Gazeta Esportiva, Revista do Esporte, e muitos outros.
- Mais de 600 CDs e DVDs: documentários, filmes, curta metragens e gravações de História Oral são parte dessa coleção.

■ **ARQUIVÍSTICO (MEMÓRIA INSTITUCIONAL):** O Arquivo Histórico é caracterizado pela guarda de documentos administrativos, de memória institucional e outros do Museu do Futebol produzidos em decorrência de suas atividades-meio e fim. É composto de arquivos físicos e digitais, que compreendem desde contratos de gestão a materiais impressos de divulgação. Com o intuito de organizar a memória institucional do Museu do Futebol, foi elaborado um Manual de Normas e Procedimentos de Organização de Arquivos da Memória Institucional que deve ser implementado nos próximos anos, em processo colaborativo com funcionários dos demais núcleos da instituição, no intento de preservar, normatizar a produção, o uso e o armazenamento dos arquivos, possibilitando o fácil acesso no futuro. O cuidado com a memória institucional foi apontado pelo diagnóstico deste Plano Museológico como uma ação fundamental para o museu. Além dos acervos, o setor ainda é responsável por algumas outras coleções como a Didática que é resultado da compra e aquisição de objetos cenográficos ou educacionais para ações como exposições (temporárias e itinerantes), ações educativas e programação cultural. Pode também incluir doação de parceiros para a realização de ações internas. Trata-se de objetos que podem ser manuseados e que não constituem uma coleção permanente do Museu do Futebol, podendo ser substituídos em caso de necessidade. E o Acervo sob Tutela que é formado pelos itens de acervo de terceiros sob a guarda temporária do Museu do Futebol. Pode ser composto por objetos licenciados, em comodato ou em caráter de empréstimo, por tempo determinado de curta ou longa duração, que ficam sob a responsabilidade do Museu do Futebol para a realização de ações. É nessa categoria que se enquadra a camisa do Pelé, objeto em comodato que permanece em exibição desde a inauguração do museu.

▮ **REFERÊNCIA NA DIGITALIZAÇÃO DE SEU ACERVO:** O Museu do Futebol, através de ações do CRFB, trabalha com preservação juntamente com o Núcleo de Tecnologia, responsável por armazenamento e backup além de orientar todos os setores do museu sobre como tratar os arquivos digitais no sentido de assegurar sua longevidade. Outras ações da Tecnologia com o CRFB são Banco de dados e o site institucional. Segundo o Plano Museológico, o Banco de Dados é uma ferramenta essencial para a organização, catalogação e acesso às informações sobre as referências patrimoniais e os acervos do Museu do Futebol. Por meio dessa ferramenta são registrados os detalhes de contratos de direitos de uso de imagem e voz, contratos de imagens licenciadas, contatos de fornecedores, parceiros, instituições, dentre outras informações, sejam elas operacionais ou estratégicas. Ainda, é nele que são registradas as ações de pesquisa e os contatos realizados entre as pessoas referenciadas e membros do CRFB.

▮ **SITE E BANCO DE DADOS:** O banco de dados, implantado entre 2011 e 2013, é um software proprietário desenvolvido pela Base7 Projetos Culturais, chamado "Sistemas Integrados". Apesar de ser um software já existente, ele foi customizado para atender à especificidade do museu e do então nascente CRFB. Sua interface pública foi desenhada para traduzir visualmente o universo relacional que caracteriza a construção de sentidos e significados presentes nas múltiplas manifestações do futebol enquanto fenômeno. O acesso ao banco se dá integralmente online e ele está hospedado em servidor externo, na mesma empresa onde também estão alocados os sites do IDBrasil e dos museus que a OS administra. Em relação ao banco de dados, vê-se como desafio a preservação da operabilidade do software frente à evolução das linguagens de programação que podem torná-lo obsoleto. Há, portanto, de se desenvolver um plano que contemple uma análise do funcionamento desse sistema a médio e longo prazo e determinar as necessidades para que isso ocorra.

O site hospedado na URL www.museudofutebol.org.br e construído em uma ferramenta proprietária, o site do Museu do Futebol veicula principalmente informações de serviço (horário de funcionamento, valor do ingresso, políticas de gratuidade, agendamento de visitas, etc.), que são historicamente mais acessadas pelos usuários. O site também mantém um histórico de exposições e uma ferramenta para divulgação da programação cultural e educativa. Recentemente, o

site foi reestruturado em uma plataforma de mercado (WordPress), com maior versatilidade e expectativa de durabilidade. A mudança permitiu a inclusão de conteúdo multimídia com mais potência, possibilitando a inclusão de outros temas de interesse do público, sobretudo relacionados ao CRFB e suas pesquisas para referenciamento de acervos.

Além do cuidado com a informação, muito dos méritos da constituição e da manutenção do acervo atual do CRFB vem de ações desenvolvidas pelas gestoras e mulheres que fazem e fizeram parte do centro de referência, como veremos no tópico seguinte deste capítulo.

7.4 As mulheres do Centro de Referência do Futebol Brasileiro

No Plano Museológico, em duas passagens específicas em que o CRFB é citado, uma delas fala em esse setor ser o coração da ação patrimonial. E em outro, que um dos pilares fundamentais do programa de acervos e pesquisa, é o relacionamento com as pessoas, tanto no processo de mapeamento e registro de referências ao acervo, quanto no atendimento e diálogo com pesquisadores e interessados no tema, que por vezes retroalimentam o museu com aportes que sugerem caminhos a novas referências (PLANO, 2021). Como enfatizado em todo o percurso de produção deste trabalho, as instituições de pesquisa, a partir das ciências sociais, tem como princípio a troca de conhecimentos entre as pessoas. E se pesquisadores e visitantes são bem atendidos no Centro de Referência é porque também existe do lado de trás da mesa pessoas produzindo, pesquisando, aprimorando conhecimentos para melhor receber quem os procura e visita.

Uma forma de dar destaque há algumas das mulheres que fizeram parte da história do CRFB, foi fazer um levantamento das fichas técnicas das exposições realizadas. Atualmente, das 20 exposições temporárias realizadas, 12 aconteceram a partir de 2013, quando o Centro de Referência foi inaugurado. Uma equipe multidisciplinar fez parte dessa pesquisa para implantação do CRFB e alguns dos nomes estão contemplados abaixo, representando as pessoas que fizeram parte de cada projeto:

Quadro 6 - Timeline CRFB – Museu do Futebol (SP)

2013 INAUGURAÇÃO E “FUTEBOL DE PAPEL”

A exposição temporária era a "Futebol de papel". Nesse ano, o CRFB foi inaugurado.

- **DESTAQUE:** Uma das pessoas que fez parte da implantação do Centro de Referência foi a gestora e doutora em Antropologia Social, **Daniela Alfonsi**. De 2008 a 2013 ela foi Coordenadora de Documentação, Pesquisa e Exposições e entre 2014 a 2020, foi Diretora Técnica do Museu do Futebol. Nos 12 anos em que esteve na coordenação e direção, a maior parte dos projetos teve a participação dela escrevendo os textos, comando ações e desenvolvimento de projetos.

2014 COPA NO BRASIL E A “BRASIL 20 COPAS”

Em ano de Copa do Mundo de futebol masculino, realizada no Brasil, a exposição foi, claro, a "Brasil 20 Copas", contando a história de todas as participações do Brasil nos mundiais até então realizados. Nesse ano, o CRFB ainda fazia parte de um núcleo conjunto que era o de Documentação, Pesquisa e Exposições. A equipe era composta por: Pedro Rodrigues Sant'Anna (Coordenador), Ademir Takara e **Dóris Régis** (Biblioteca), Aira Bonfim e Bruna Gottardo (Pesquisa), Ariana Marassi e Mariana Chaves (Museografia), Camila Aderaldo e Julia Terin (Documentação), Guilherme Braz e Yurick Brasil Pilon (Estagiários), Felipe dos Santos, Gabriela Munin e Rodrigo Veríssimo (Assistentes de Documentação e Pesquisa). Dos 14 integrantes, 7 eram mulheres. Ademir já era o Bibliotecário e Dóris, técnica em documentação, formada também em Biblioteconomia pela FESP (2012).

- **DESTAQUE:** Um dos destaques foi a participação de **Mariana Chaves** na Museografia. Ela foi coordenadora do Núcleo de Exposições de 2013 a 2022. Ela faleceu por complicações de uma crise de asma em maio e, além de saudades e um legado profissional, fez parte da produção de duas exposições atualmente em cartaz: 22 em campo e Rockgol.

2015 “DONAS DA BOLA” E LIBERTADORES

Um ano após o 7x1, aconteceu a exposição fotográfica "Donas da bola" e outra temporária sobre a Libertadores da América - "Libertadores, paixão nos une". O Núcleo de Documentação, Pesquisa e Exposições/Centro de Referência do Futebol Brasileiro era composto por Pedro Rodrigues Sant'Anna (Coordenador), Ademir Takara e Dóris Régis (Biblioteca), Aira Bonfim e Bruna Gottardo (Pesquisa), Mariana Chaves e Ariana Marassi (Museografia), Camila Aderaldo e Julia Terin (Documentação), Guilherme Braz, (estagiário). Com menos integrantes no núcleo ainda integrado, um dos destaques desse período foi Bruna Gottardo.

- **DESTAQUE:** Juntamente com Nahema Falleiros, **Bruna Gottardo**, graduada em Ciências Sociais e Mestre em Bens Culturais, também fez parte de equipe de pesquisa e implantação do CRFB entre 2011 e 2013. Outro destaque é **Julia Terin**. Ela foi catalogadora em 2013, estagiária de expografia até fevereiro de 2014 e assistente de documentação e pesquisa até 2019.

2018 60 ANOS DA COPA DE 1958

Em 2018, os núcleos já estavam desmembrados e o CRFB contava com Camila Aderaldo (Coordenadora), Ademir Massayoshi Takara (Bibliotecário), Aira Fernandes Bonfim (Pesquisadora), Dóris Regis das Virgens (Assistente de Documentação – Biblioteca), Julia Costa Terin (Assistente de Documentação), Lígia Dona de Souza (estagiária), Fernando Bresa (Pesquisa). A exposição temporária era "A primeira estrela: o Brasil na Copa de 1958", comemorando os 60 anos da primeira Copa conquistada pela seleção masculina de futebol. **Camila Alderado** era a coordenadora do CRFB e é um exemplo de ascensão de carreira dentro da instituição. Ela começou como assistente de documentação (2012 a 2014), foi técnica de documentação (2014 a 2016) e coordenadora do centro de referência de 2016 a 2020. Também em 2018, em comemoração aos 10 anos de fundação do Museu do Futebol, foi realizada a exposição temporária "Clássico é clássico e vice-versa" contando o histórico de 45 clássicos do futebol brasileiro como o clássico paulistano Corinthians x São Paulo.

• **DESTAQUE:** As mudanças na equipe foram a entrada de Marcus Vinicius Vaz Ecclissi e Everton Cassimiro Apolinário (Estagiários de Documentação e Pesquisa) e **Ligia Dona** que passou a ser assistente de pesquisa. Formada em Ciências Sociais, ela atuou como assistente até 2021. Posteriormente, até junho de 2022 ela foi, entre outras funções, responsável pelo projeto de pesquisa Diversidade em Campo: Futebol LGBTQ+, 2020-2022 e membra do Comitê de Orientação do primeiro Edital de Seleção de Jovens Pesquisadores (as).

2020/21 AUDIOGUIA MULHERES DO FUTEBOL

Em 2020, com as atividades suspensas por causa da pandemia de COVID 19, o museu focou nas atividades online e uma das realizações daquele período foi o lançamento do Audioguia Mulheres do Futebol - melhor detalhado no próximo tópico deste capítulo.

• **DESTAQUE:** A coordenação do CRFB era da historiadora Diana Mendes. Sob sua gestão que aconteceu o seminário "Proibidas e Insurgentes - Os 80 anos da lei que vetou mulheres no esporte", evento que lançou o Audioguia Mulheres do Futebol em 2021.

2022 22 EM CAMPO, SEMANA DE 22 E COPA NO CATAR

No do Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 e Copa do Mundo do Catar, atualmente a equipe do CRFB é composta por **Fiorela Bugatti Isolan** (Coordenadora), Ademir Massayoshi Takara (Bibliotecário), Dóris Regis das Virgens (Técnica em Documentação), Everton Cassimiro Apolinário (Pesquisador Jr.), Marcel Tonini (Pesquisador), Felipe Ramos e Sabrina Madeiras (Estagiários). E pela primeira vez, nesta configuração, tem uma maioria masculina nesses quase 10 anos de existência. As exposições temporárias são a "22 em Campo", unindo futebol e os artista da semana de 22 e outra sobre os 25 anos do programa RockGol da extinta MTV Brasil.

• **DESTAQUE:** O destaque vai a atual coordenadora. **Fiorela** é museóloga, com mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural pela Universidade de Barcelona. Trabalha com pesquisa, tem vários estudos publicados sobre a museologia e uma extensa vivência em instituições culturais.

Elaborada pela autora, 2022

O objetivo desse histórico é mostrar a participação de algumas das mulheres que fizeram e fazem parte desse setor específico do museu, em boa parte de sua história, coordenado, implantado e com a participação delas em todos os setores. Apesar de acabar não fazendo justiça a todas, sinaliza que elas foram fundamentais para o desenvolvimento e gestão de um dos departamentos mais importantes do Museu na gestão da informação e na guarda de acervo e memória, tanto do futebol como institucional.

7.5 O futebol feminino no Museu do Futebol

Além de outros futebóis de minorias existentes, mas não representadas até o momento no Museu do Futebol, sempre foi uma demanda informal do público ter fotos e conteúdos de futebol feminino nas exposições temporárias e permanente do museu. Parte dessa solicitação foi atendida nas exposições *Visibilidade do futebol feminino* (2015) e *Contra-Ataque! – As mulheres do futebol*, que serão melhor citadas e analisadas no capítulo 8, resgatando o histórico delas no esporte desde os anos 20 e, especialmente a partir dos anos 40 com a proibição da prática do futebol feminino – já citado no capítulo 5,2 e também mencionado nos tópicos a seguir. Parte desse acervo recolhido na pesquisa feita pela equipe do museu também serviu de base para a exposição virtual *Mulheres, desobediência e resiliência*. Disponível desde junho de 2019 na plataforma Google & Arts, a mostra reúne fotos de jogos femininos espalhados pelo país nas décadas de 50, 60 e 70, em seus respectivos contextos, como eventos beneficentes, através de imagens e manchetes de jornais da época, chegando à liberação da modalidade e sua primeira regulamentação em 1983 (MUSEU, 2022).

Com a boa repercussão das exposições e material produzido nessas iniciativas de expor e dar nome para percussoras e atuais atletas, era hora também de dar voz. Uma ação que também é referência do Museu do Futebol é o projeto *Audioguia Mulheres do Futebol*.

Após parte da pesquisa iconográfica da exposição temporária de 2015 entrar na exposição permanente, o audioguia surgiu como um complemento externo para explicar melhor a participação das mulheres no esporte tanto como jogadoras,

praticantes, árbitras, treinadoras e torcedoras. A ação começou como uma campanha de financiamento coletivo “Minha voz faz história” na plataforma Benfeitoria, uma parceria da marca de produtos feministas Peita, que produziu as recompensas aos apoiadores, com a ONU Mulheres, o BNDES e o Museu do Futebol. O projeto previa comemorar os 100 anos da prática do futebol pelas mulheres no Brasil e servir de suporte tanto para as visitas presenciais ao Museu, como ser ouvido sempre através das plataformas digitais. De novembro à dezembro de 2020, da meta inicial de 80 mil reais, a campanha arrecadou mais de 98 mil. abril de 2021, quando foi lançado, o projeto recebeu 343 apoiadores atingindo a meta em 5 meses de campanha. A narração do audioguia tem a voz da cantora Leci Brandão. Desde 2021 e até o momento, os destaques na exposição permanente a respeito do futebol delas são:

Na Sala Heróis [...] são destacadas as heroínas da modalidade; os casos do Mundial feminino são contados na Sala Copas do Mundo; enquanto na Sala Exaltação a narração traz histórias das torcedoras que ocupam as arquibancadas e lutam pelo direito de torcer. Há também homenagens a grandes jogadoras. Na Sala Anjos Barrocos, Leci conta a trajetória de Sissi, primeira grande camisa 10 da seleção brasileira feminina, e de Cristiane, maior artilheira dos Jogos Olímpicos, enquanto no espaço dedicado a Pelé e Garrincha, as homenageadas são Marta e Formiga. (PEITA, 2021).

Os 15 episódios do Audioguia estão disponibilizados no formato podcast no perfil do Museu do Futebol no Spotify e o destaque para os episódios das Copas é para a participação da seleção feminina do Brasil apenas em 1988 enquanto a masculina já era tricampeã do torneio, com a conquista da terceira taça na Copa de 1970.

A ficha técnica é extensa e tem pelo menos 40 mulheres envolvidas em diversos setores. Entre as que fizeram parte do desenvolvimento desse projeto destaque para Marília Bonas, uma das idealizadoras do projeto, e para Aira Bonfim, pesquisadora do CRFB em vários projetos e uma das responsáveis pela produção do Audioguia. Contatadas para as entrevistas para esta monografia, Marília que é atualmente Diretora Técnica do Museu do Futebol e o da Língua Portuguesa, tem experiência coordenando várias intuições de memória como Museu do Café, Museu da Imigração e Memorial da Resistência. Sobre esta experiência do Audioguia, em entrevista para esta monografia, Marília relatou como foi fazer parte desse projeto:

A ausência do futebol feminino na exposição principal do MF foi sempre um incômodo das equipes técnicas à frente da instituição. O debate sobre a inclusão teve início em 2015, a partir de um trabalho realizado pela equipe do CRFB e a diretoria técnica (à época, Daniela Alfonsi – que veio a se especializar no tema, também) e foi realizada uma primeira inclusão dos conteúdos levantados e pesquisados na exposição principal – em especial na Sala das Origens. A pesquisa sobre o futebol feminino passou a ser objeto de uma série de ações e articulações das equipes e teve como resultado mais maduro a exposição “Contra Ataque: As mulheres no futebol”, com conceito e intensa participação da própria equipe do Museu, em 2019. A “Contra Ataque”, que contou com patrocínio do Itaú e grande sucesso de público e de visibilidade – incluindo uma equalização da visitação entre homens e mulheres no museu – acabou vencendo qualquer resistência ou preconceito interno ainda existente num mundo essencialmente masculino, que é o do futebol. As relações constituídas ao longo desses anos perduraram e quando soubemos da oportunidade do matchfunding (modalidade de captação em que o BNDES aporta R\$2,00 a cada R\$1,00, pensamos imediatamente em algo que desse continuidade a essa trajetória de defesa da visibilidade do futebol feminino. O audioguia “Minha Voz Faz História” ficou incrível, mas, o mais importante para nós, foi mesmo a mobilização de apoiadores e apoiadoras, que se entusiasmaram com a ideia não só ajudando a viabilizá-la, mas divulgando a iniciativa em suas próprias redes. Leci Brandão, por exemplo, nossa narradora, se emocionou muito ao longo do trabalho, cujos conteúdos foram conduzidos pela equipe do Centro de Referência, de Desenvolvimento Institucional e com apoio da pesquisadora Aira Bonfim – que também já trabalhou no Museu do Futebol (MARÍLIA, 2022).

Aira (citada no quadro 6 do capítulo 7.4) é educadora de artes visuais formada pela UNICAMP e trabalhou em vários projetos do Museu do Futebol sendo um dos mais marcantes, a produção do Audioguia do Futebol Feminino. Sobre como ela começou a fazer pesquisas sobre o futebol delas, em entrevista ao blog da marca Peita, Aira relatou:

Em 2015, depois da Copa do Mundo dos homens que aconteceu no Brasil, a disparidade em relação ao mesmo campeonato feminino era enorme. Ninguém sabia onde assistir, quem eram ou do que se tratava a seleção brasileira feminina. A história da modalidade era outro problema, um verdadeiro quebra-cabeça que na época quase nada conhecíamos. O Museu do Futebol, na ressaca dos patrocínios de 2015, reuniu um time vigoroso de mulheres que queriam mudar esse cenário e assim nasceu o projeto e exposição Visibilidade Para o Futebol Feminino. Desde então nunca mais a instituição parou de reparar a representação feminina como de outros grupos identitário no seu acervo, nas suas ações e principalmente, nas proposições junto a seus públicos. Eu pessoalmente me transformei numa devoradora de fontes históricas sobre a modalidade feminina. Pegava nas horas vagas fazendo isso e fiz desse prazer uma pesquisa acadêmica no campo da História Social, pela Fundação Getúlio Vargas no Rio. Conhecer a história do futebol feminino é nada mais do que conhecer histórias de brasileiras, de outras mulheres diferentes ou iguais a mim. É um história que revela exclusões, apagamentos, ao mesmo tempo que revela transgressões e episódios de dar orgulho de recontar a história do futebol brasileiro (PEITA, 2022).

E sobre o desenvolvimento da pesquisa para guia disse:

Minha pesquisa foi defendida no final de 2019 sendo que no mesmo ano algumas personagens e histórias acabaram fazendo parte da exposição temporária ‘Contra-Ataque! As mulheres do futebol’, também no Museu do Futebol. No entanto, a história da mulheres no futebol ainda é desconhecida do grande público e a possibilidade de um audioguia que transite com o visitante ao longo da exposição permanente com esse recorte específico é muito importante e significativo. A história é um lugar em disputa, com falhas de representação e o ambiente dos museus é oportuno para debater essas diferenças. A campanha Minha Voz Faz História é mais uma oportunidade de amplificar o que entendemos e reconhecemos como futebol - ou não seriam futebóis como cunhamos na academia? Se atingirmos a meta do matchfunding nessa oportunidade, ganharemos coragem se seguirmos contando outras narrativas esportivas silenciadas ou mal contadas (e olha que são muitas!). Também é uma oportunidade de engajamento do outros públicos com o Museu do Futebol: é importante sair do endereço paulistano, sair do meio boleiro e contar para outras pessoas sobre as iniciativas feministas de uma instituição pública em tempos políticos tão sombrios. (PEITA, 2022).

É certo que estas iniciativas só aumentam a força e representatividade do futebol delas no acervo do Museu. E atende a uma das diretrizes e missão da instituição que é promover, com sucesso, respeito e com maior quantidade de material e dados possível os mais diversos tipos de futebol jogados no Brasil e no mundo. Após a análise da instituição e seus colaboradores, o capítulo 8 traz a análise dos projetos desenvolvidos pelo Museu do Futebol e pelo CRFB, com foco no futebol feminino.

8 ANÁLISE DA PESQUISA E RESULTADOS

Como citado no capítulo 3, que detalhou a metodologia de pesquisa do trabalho, todo o embasamento histórico e teórico foi feito através de artigos, livros, enciclopédias virtuais como a Wikipédia e matérias jornalísticas.

Para a parte de análise prática, foi feita uma visita ao CRFB, no dia 29 de setembro de 2022, data exata de nove anos de fundação do Centro de Referência do Museu do Futebol, para apresentar formalmente a proposta do trabalho e também conversar com a equipe presente no dia: o bibliotecário Ademir Takara e a técnica em documentação Dóris Régis. A ideia era fazer a gravação de alguma entrevista em áudio e também obter as fichas técnicas das exposições temporárias já realizadas para ter a lista mais completa possível de nomes e fazer um histórico de mulheres que passaram e atuam na instituição. Porém, por falta de dados completos e validados pela equipe do acervo, com todas os atuais e ex-colaboradores do CRFB, foi sugerido pela Dóris a análise da exposição temporária "Contra-Ataque! As mulheres do futebol", realizada em 2019, pois, além da ficha completa, todos os dados da exposição, incluindo os resultados desse trabalho estão disponíveis na internet.

A partir dessa sugestão acatada, foram enviadas 10 entrevistas por e-mail: 7 para a atual equipe do CRFB, para atual diretora Marília Bonas e para as curadoras da exposição "Contra-Ataque!" Camila Alderado, à época, diretora do CRFB e Aira Bonfim, já citada pesquisadora do CRFB. Para cada uma das pessoas foram efetuados questionários diferentes, com perguntas alinhadas com a área de atuação de cada uma e com foco em contemplar os tópicos e objetivos desta monografia. Dessa quantidade de entrevistas solicitadas, até o momento de finalização do trabalho, foram obtidas as respostas de três entrevistados que foram destacadas na análise dos resultados e constam na íntegra nos apêndices.

Para a análise da exposição, foi então feita uma pesquisa de campo com estudo exploratório-descritivo analisando e coletando dados a partir de todo o material disponível online e produzido antes e depois do período dessa exposição: o hotsite do evento, o site do Museu do Futebol com o balanço da exposição e o

relatório geral com dados e números de público, ações de marketing e publicidade, além do resultado para o Centro de referência e para os demais setores do museu.

A análise da exposição e dos resultados estão descritos nos tópicos a seguir.

8.1 Análise da exposição “Contra-Ataque! As mulheres do futebol”

A inserção de informações sobre o futebol feminino no acervo do Museu do Futebol teve início em 2015 com o projeto “Visibilidade para o Futebol Feminino”. A exposição de longa duração buscou tornar mais conhecida a história das mulheres que lutaram pelo direito de jogar futebol (CRFB, 2015). Segundo o material de divulgação do evento,

a realização da exposição partiu de uma pesquisa voltada a recolher fontes e registros sobre a prática de mulheres no futebol, visando incorporar conteúdos na narrativa da exposição de longa duração do Museu, fortemente marcada pelo discurso voltado à história do futebol profissional masculino. A escolha dos materiais a serem incluídos na exposição foi realizada a partir de uma curadoria compartilhada com atletas que indicaram imagens representativas de suas carreiras e abriram seus arquivos pessoais para o Museu torná-los públicos por meio do seu Centro de Referência do Futebol Brasileiro - CRFB, visando à ampliação das fontes de pesquisa, quase nulas no país (CRFB, 2015).

Esta exposição teve encerramento em abril de 2016, mas deixou um legado de dados, fontes e material para o acervo do Centro de referência, fomentando a base do que veio a ser a “Contra-Ataque!”, em 2019. O Museu, segundo sua então Diretora de Conteúdo à época, Daniela Alfonsi, recebeu um desafio:

Montar uma exposição que fizesse justiça à participação de mulheres no futebol, reconhecendo o trabalho que o Museu já realizava em prol da visibilidade do futebol feminino foi uma ‘provocação’ que o Itáu – um dos patrocinadores das seleções brasileiras masculina e feminina de futebol – fez em 2018.[...] Havíamos acabado de receber o mundial masculino no país pela segunda vez e ninguém discutia que o mundial feminino daquele ano ocorreria no Canadá. Olhamos para o nosso público (de maioria masculina) e para as reclamações constantes por mais conteúdo sobre mulheres. Olhamos para nossa exposição e nosso acervo e a estranhamos, num exercício de empatia: que história do futebol era essa que só mostrava o ponto de vista da trajetória dos homens? O que conhecíamos da trajetória delas? (RELATÓRIO, 2021).

Foi aí que se iniciou a pesquisa que serviu de base para a montagem da “Contra-Ataque! - As mulheres do futebol” em 2019.

Sobre a análise da exposição, iniciando com o levantamento de dados técnicos, a sequência terá uma descrição de ações realizadas a partir dos tópicos mais importantes avaliados nessa exploração descritiva no conteúdo pesquisado. Todos os textos foram retirados das fontes consultadas, obedecendo ao que foi sinalizado à época da realização da exposição e não atualizado posteriormente após o fim do evento. Um exemplo que pode ser citado durante a pesquisa e análise de resultado é de o evento ter acontecido antes de o estádio do Pacaembu entrar em reforma e ter a gestão assumida pela Allegra⁹⁵. Nesse período, ainda era possível fazer a tour pelo túnel e gramado do estádio como parte da visitação do Museu.

O levantamento de dados técnicos da exposição “Contra-Ataque! As mulheres do futebol” está descrito no quadro abaixo:

⁹⁵ Allegra Pacaembu é a concessionária que, em 25 de janeiro de 2020, assumiu a gestão do Complexo Esportivo do Pacaembu por 35 anos. A concessionária prevê investir mais de R\$ 400 milhões no bem público tombado, entregando de volta à cidade um equipamento totalmente restaurado e modernizado, respeitando sua história e amplificando seu significado. Institucional. Disponível em: <https://pacaembuoficial.com.br/>. Acesso em 09 nov 2022.

Quadro 7 – Levantamento de dados técnicos: exposição Contra-Ataque!

PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA LEVANTAMENTO DE DADOS TÉCNICOS

CONTRA-ATAQUE! AS MULHERES DO FUTEBOL.

EVENTO	Exposição temporária "Contra-Ataque! - As mulheres do futebol".
LOCAL DE ANÁLISE	<ul style="list-style-type: none"> • Hotsite da exposição http://contraataque.museudofutebol.org.br/ • Site do Museu do Futebol https://museudofutebol.org.br/exposicoes/contra-ataque/ • Relatório Final https://museudofutebol.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Museu-do-Futebol_Expo-CONTRA-ATAQUE_Relatorio-Final-2.pdf
PERÍODO DE EXIBIÇÃO	28 de maio a 20 de outubro de 2019
LOCAL DE EXPOSIÇÃO	Museu do Futebol, em São Paulo (SP)
OBJETIVO DA EXPOSIÇÃO	Trazer visibilidade ao futebol feminino e explorar os 40 anos do fim da lei que proibiu a prática do futebol pelas mulheres no Brasil.
POR QUE CONTRA-ATAQUE?	No jogo de futebol, um contra-ataque ocorre quando um dos times recupera a posse da bola e avança rapidamente em direção ao gol, sem deixar espaço para a armação da defesa do time adversário. Essa jogada extremamente emocionante é a metáfora escolhida para narrar a trajetória da modalidade, proibida por decreto-lei no Brasil por décadas. Na exposição CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol, a palavra CONQUISTA apresenta um sentido muito mais amplo do que o alcance dos primeiros lugares nos torneios e competições. CONTRA-ATAQUE! conta como as mulheres tiveram de lutar para conquistar o direito ao jogo, o uniforme adequado aos seus corpos, a participação na gestão esportiva, na arbitragem, na imprensa e a livre circulação nas arquibancadas.
CURADORIA	<p>4 curadoras, 2 colaboradoras e 2 do projeto expográfico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aline Pellegrino – capitã da seleção brasileira de futebol feminino, de 2004 a 2013, e atual coordenadora da modalidade na Federação Paulista de Futebol, destacando-se como uma das poucas gestoras na área. - Aira Bonfim: pesquisadora da participação feminina no esporte antes da proibição. - Lu Castro: jornalista pioneira na cobertura dos jogos e campeonatos femininos. - Silvana Goellner: professora e coordenadora do Centro de Memória do Esporte da UFRGS. - Roberta Nina e Renata Mendonça: jornalistas do Dibradoras, colaboradoras na "Linha do Tempo" - Daniela Thomas e Felipe Tassara: projeto expográfico

PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA LEVANTAMENTO DE DADOS TÉCNICOS

CONTEUDO EXPOSITIVO

A exposição foi dividida em núcleos que relatam essa história desde o início, com o episódio da proibição da prática do futebol pelas mulheres até o atual cenário da modalidade no mundo.

1. PROIBIÇÃO

A exposição contou com a participação especial dos atores Patrícia Pillar e Antônio Fagundes, que deram voz a dois textos publicados em 1940. De um lado, o Senhor José Fuzeira, que na época escreveu para o Jornal Diário da Noite uma carta endereçada ao então presidente da República, Getúlio Vargas, pedindo o fim do futebol das mulheres. Como resposta, Margarida Pereira, que assinava como Adyragram, defendeu a prática da modalidade feminina numa carta publicada no Jornal dos Sports.

2. RESISTÊNCIA

O núcleo revelou imagens inéditas de times femininos que jogaram entre as décadas de 1950 a 1980. As mulheres sempre jogaram, mesmo proibidas.

3. JOGO BONITO

A instalação “Jogo Bonito” trouxe cenas de jogadas do futebol feminino (especialmente Copas do Mundo e Olimpíadas), intercaladas com frases preconceituosas, ditas dos anos 1940 até 2019. As frases aparecem para leitura em monitores e, na sequência, foram tarjadas, demonstrando que feio é o preconceito. Tornou-se uma das instalações mais comentadas pelo público, provocando-o a refletir sobre a naturalização da discriminação.

4. LINHA DO TEMPO

Uma linha do tempo disposta em painel dinâmico que trouxe 17 narrativas que percorreram a história do futebol feminino após a sua regulamentação. Foco em Copas, Olimpíadas e alguns torneios de clubes, como Libertadores e Mundial. O painel teve textos, fotos e objetos em vitrines, coletados dos acervos pessoais das próprias atletas. As histórias acendiam e apagavam, guiando o olhar do visitante.

5. UNIFORMES

Três anequins vestiam uniformes originais da Seleção Brasileira de futebol feminino. O 1º, de 1988, era o uniforme masculino que foi improvisado pela CBF para que as mulheres jogassem seu primeiro torneio mundial na China. O 2º foi usado pela Rosana na seleção que conquistou o segundo lugar na Copa do Mundo de 2007 e a prata olímpica de 2008. O 3º, o atual, lançado em 2019 e o primeiro a ser vendido no varejo.

6. HOMENAGEADAS

Foram homenageadas nove mulheres que fizeram história no futebol brasileiro: Marta, Sissi, Cristiane, Leda Maria, Emily Lima, Rosana, Ita Maia, Silvia Regina e Aline Pellegrino. E, junto dessas gigantes, uma homenagem especial às torcedoras. A palavra “torcida” vem do gesto de torcer um lençinho ou uma fitinha que as mulheres levavam às arquibancadas nos primeiros jogos de futebol no país, no início do século XX. Na instalação, o público conheceu a biografia delas e viu fotos de suas coleções pessoais que estão no acervo do Museu.

PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA LEVANTAMENTO DE DADOS TÉCNICOS

- 7. FUTURO** As homenageadas abriram caminho para um painel que trazia uma mensagem sobre o que fazer para o desenvolvimento da modalidade, com os princípios da FIFA e o destaque para Julia Rosado, a Juju Gol, garota de 9 anos que joga futebol e arrasa! Foi a mais jovem atleta inscrita em uma federação, aos 7 anos.
- 8. CAMISAS** Trinta camisas de times nacionais, internacionais e da seleção brasileira (muitas autografadas) foram colocadas em displays que podiam ser girados pelo público, para visualizar os dois lados da peça e sonhar em chegar mais pertinho das ídolas.
- 9. TÚNEL DE FIGURINHAS** Foi feita uma seleção de 23 jogadoras e uma técnica, representadas num álbum de figurinhas gigante. O público colocava a figurinha no painel, tentando adivinhar qual era a jogadora correspondente.
- 10. GOLAÇO** Passando por uma projeção com uma sequência memorável de gols de várias seleções femininas em Copas e Olimpíadas, o visitante chegava ao túnel que leva ao gramado do Pacaembu.
- 11. PELADA** Na saída da exposição, uma seleção de fotos das mulheres que jogam como lazer em várias partes do mundo, numa reflexão sobre a representatividade recreativa e a leveza da boa e velha pelada.
- 12. PEBOLIM** Para encerrar, um pebolim (totó) só de meninas – o primeiro produzido no Brasil, com exclusividade para o Museu do Futebol.

EVENTOS PARALELOS

Eventos que complementaram o tema da exposição e discutiram não só a visibilidade do futebol feminino, mas o papel dos homens nessa ação, além de ideias para que essa iniciativa continuasse além do período da exposição no museu.

• 01 DE JUNHO DE 2019

EDITATONA WIKIFUTFEMININO

Onde: CRFB – Museu do Futebol, São Paulo | SP

No dia 1º de junho, o Museu do Futebol promoveu a EDITATONA #WIKIFUTFEMININO, uma maratona de edições na Wikipedia, um dos portais de informação mais acessados do mundo, para ampliar os dados disponíveis online sobre personalidades do futebol feminino. Na maratona, os participantes editaram, melhoraram e criaram verbetes do Wikipedia com fontes confiáveis e verificadas sobre as mulheres no futebol. A maratona reuniu 21 participantes que, em sete horas de trabalho, criaram 22 novos artigos e editaram outros 95 já existentes. Também foram realizados 167 uploads de materiais creative commons. No total, 135 mil bytes de conteúdo foram adicionados, e os artigos envolvidos tiveram 21,8 mil views apenas no sábado. Como resultado da ação, agora todas as jogadoras que participaram da Copa do Mundo na França possuem verbetes com seus nomes e sua história na Wikipedia.

**PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA
LEVANTAMENTO DE DADOS TÉCNICOS**

• 06 DE JULHO DE 2019

DEBATE: CHEGOU A VEZ DAS MULHERES DO FUTEBOL?

Onde: Auditório – Museu do Futebol, São Paulo | SP

Depois de 40 anos de proibição e décadas de pouca visibilidade, será que já dá para dizer que o futebol feminino finalmente conquistou seu espaço? A repercussão da modalidade em 2019 veio para transformar? Para falar sobre reconhecimento e perspectivas, convidamos 4 especialistas no assunto para um DEBATE imperdível, com Silvana Goellner, Cristiane Gambaré, Soraya Barreto, Emily Lima, Daniela Alves e mediação de Lu Castro.

Vídeo: <https://youtu.be/aGLMegqkkUM>

• 10 DE AGOSTO DE 2019

DEBATE: CHEGOU A VEZ DE NOVAS MASCULINIDADES?

Onde: Auditório – Museu do Futebol, São Paulo | SP

Identificado como um esporte essencialmente masculino, o futebol contribui para a construção de estereótipos de como deve se comportar um homem e, por oposição, de como deve se comportar uma mulher. Como o esporte lida (ou não) com este fato? Este foi o tema do debate “Chegou a vez de novas masculinidades?”, que aconteceu no auditório do Museu do Futebol. No mesmo dia à tarde, a partir das 13h, o coletivo Brotherhood promoveu a roda de conversa “O papel dos homens na equidade de gênero” com o objetivo de debater novas formas de masculinidades. No debate, especialistas de diversas áreas foram escalados para discutir a questão com o público: João Carlos da Cunha Moura, pesquisador em Direito pela Universidad Nacional de Mar del Plata (ARG). Autor de “Joguem como Homens! Masculinidades, Liberdade de Expressão e Homofobia em estádios de Futebol” (Paco Editorial, MA); Wagner Xavier de Camargo, antropólogo e pesquisador sobre gênero e sexualidade nos esportes; Rafa Rios, florista, advogado, membro do coletivo Brotherhood, ativista das masculinidades reais e possíveis, Luiz Eduardo Alcantara, formado em Direito, servidor público e integrante de movimentos de transformação pessoal e social; Gustavo Tanaka, escritor, palestrante e empreendedor. Autor dos livros 11 Dias de Despertar, Depois do Despertar e Colunista da Revista Vida Simples. Idealizador dos movimentos Brotherhood e o Círculo de Virtudes e Thiago Arruda, engenheiro civil, foi empresário na área de eventos corporativos e hoje é um dos líderes do movimento Brotherhood Brasil e professor de yoga.

Vídeo: <https://youtu.be/fhcyxyhHbxU>

• 24 DE AGOSTO DE 2019

2ª EDITATONA WIKIFUTFEMININO

Onde: CRFB – Museu do Futebol, São Paulo | SP

Uma maratona para mais e melhores conteúdos sobre as jogadoras brasileiras na internet. Após o sucesso do alcance dos verbetes editados na primeira edição (com mais de 1.6 milhões de visualizações), realizada em junho, às vésperas da Copa do Mundo de Futebol Feminino, a segunda Editatona teve como foco as atletas dos clubes que participaram do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. A iniciativa foi uma parceria com a Wiki Movimento Brasil e o Blog Deixa ela Jogar.

**PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA
LEVANTAMENTO DE DADOS TÉCNICOS**

• 7 DE SETEMBRO DE 2019

FILME E BATE-PAPO COM O TEMA “HOMENS COM M: CAMINHOS PARA MASCULINADES POSSÍVEIS”

Onde: Auditório – Museu do Futebol, São Paulo | SP

Como parte da programação cultural associada à exposição ‘CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol’, o Museu exibiu o documentário O Silêncio dos Homens (56 minutos), com depoimentos de personagens e dados que mostram como os estereótipos de masculinidade provocam reações e até sofrimento entre muitos homens, sendo a incapacidade de falar sobre os próprios sentimentos causa e efeito deste fato. Depois do filme, haverá bate-papo com coletivos que trabalham com essa questão. Convidados: Fabio Sousa, terapeuta junguiano, especialista em psicologia analítica, idealizador e facilitador do coletivo Resignificando Masculinidades; Claudio Serva, especializado em sexualidade humana e fundador do PrazerEle, uma iniciativa que tem a missão de apoiar homens na desconstrução do machismo através da sexualidade positiva, trazendo diferentes perspectivas, caminhos possíveis, acolhedores e prazerosos; Fabio Mariano da Silva, pesquisador e professor do curso Masculinidades Contemporâneas na Educação Continuada da PUC SP; Ismael dos Anjos, jornalista e mestrando em fotografia documental. Mineiro, negro, é coordenador de projetos especiais no site PapodeHomem, além de ser membro do coletivo Balaio de Pais; Pedro Pires, psicólogo, atua na área clínica com a abordagem terapêutica fundamentada na Fenomenologia e no Existencialismo. Também é professor na Oficina de Corpo do Cursinho Popular TRANSformação, um dos organizadores e músico do projeto transfeminista roda ParaTodes e Rafa Rios, florista, advogado, membro do Coletivo Brotherhood.

Vídeo: <https://youtu.be/cuNxNO6oKwU>

• 12 DE OUTUBRO DE 2019

3ª EDITATONA WIKIFUTFEMININO

Onde: CRFB – Museu do Futebol, São Paulo | SP

Uma maratona para mais e melhores conteúdos sobre as jogadoras brasileiras na internet! Pela terceira vez, voluntários se reuniram na Biblioteca do Centro de Referência do Futebol Brasileiro para edição e inclusão de verbetes sobre jogadoras profissionais na Wikipedia – a maior enciclopédia colaborativa da internet. Esta edição foi focada nas atletas que participaram da Copa Libertadores de América de Futebol Feminino, principal campeonato continental, que aconteceu entre 11 e 27 de outubro em Quito, no Equador, reunindo 16 clubes.

**PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATORIA
LEVANTAMENTO DE DADOS TÉCNICOS**

- **12 DE OUTUBRO DE 2019**

DEBATE: DAS PIONEIRAS AO FUTURO DO FUTEBOL FEMININO
Onde: Auditório – Museu do Futebol, São Paulo | SP
 Em parceria com o Portal Plano de Menina, o Museu do Futebol promove um bate papo para comemorar o Dia Internacional da Menina (11 de outubro). O evento teve como objetivo chamar a atenção para as necessidades e desafios que elas enfrentam. A data marca os progressos realizados na promoção dos direitos das meninas e mulheres adolescentes e reconhece a necessidade de se ampliar as estratégias para eliminar as desigualdades de gênero em todo o mundo. Convidadas: Milene Domingues, ex-jogadora do Corinthians e de times na Itália e na Espanha. Atua como comentarista de jogos femininos; Sandra Santos, graduada em Educação Física e pós- graduada em treinamento esportivo. No futebol desde 1997, trabalhou como treinadora de futsal, futebol society e futebol de campo nas categorias feminino e masculino. Foi a primeira coach da Seleção Brasileira Feminina e atualmente é coordenadora das categorias de base do Santos F.C; Júlia Rosado, jogadora desde os 4 anos, aos 8 foi autorizada a jogar com meninos na categoria sub-9. Hoje aos 9, Juju Gol é uma das grandes promessas do futebol feminino brasileiro. Mediação: Viviane Duarte, jornalista e fundadora do portal Plano Feminino.
 Vídeo: <https://youtu.be/N2HpSG0IIAw>
- **19 DE OUTUBRO DE 2019**

SEMINÁRIO: MULHERES DO ESPORTE: LIDERANDO A DISCUSSÃO SOBRE IGUALDADE DE GÊNERO E INCLUSÃO SOCIAL
Onde: Auditório – Museu do Futebol, São Paulo | SP
 Parte da programação de encerramento da exposição ‘CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol’, este seminário tem o objetivo de colocar as mulheres no centro da discussão sobre o esporte, em diversas frentes. São convidadas jornalistas, atletas e ex-atletas e líderes do setor. O evento é organizado pelo Brazil Chevening Sport Business Alumni, um grupo de 12 ex-alunos que cursaram mestrados na área esportiva em universidades do Reino Unido com uma Bolsa Chevening, oferecida pelo governo britânico para desenvolver líderes globais.
 Vídeo: <https://youtu.be/S-ZAIKohMYE>

Após a análise do material encontrado nos sites dedicados à exposição e levantamento dos dados técnicos, foi possível detectar alguns pontos importantes a respeito da realização, dos resultados e do legado desse evento para o Museu do Futebol e seu Centro de Referência. Os destaques foram feitos com base na avaliação do evento a partir da observação do material e corroborado pelos textos dos sites consultados. Todos eles estão melhor detalhados e referenciados no quadro abaixo:

Quadro 8 – Análise de dados e resultado: exposição Contra-Ataque!

PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA ANÁLISE DE RESULTADOS

CONTRA-ATAQUE! AS MULHERES DO FUTEBOL.

EVENTO	Resultados da exposição temporária "Contra-Ataque! - As mulheres do futebol", exibida entre os dias 28 de maio a 20 de outubro de 2019.
OBTENÇÃO DOS DADOS	<ul style="list-style-type: none"> • Site do Museu do Futebol https://museudofutebol.org.br/exposicoes/contra-ataque/ • Relatório Final https://museudofutebol.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Museu-do-Futebol_Expo-CONTRA-ATAQUE_Relatorio-Final-2.pdf
ESCOLHA DO NOME E LEGADO DE 2015	<p>A referência do contra-ataque, uma jogada que se realiza dentro de campo, com o "tomar a posse da bola" diz muito sobre o objetivo da exposição que foi o de realmente aumentar ainda mais a visibilidade que foi iniciada com a exposição do Museu do Futebol em 2015, e não só exibir nas dependências, mas afirmar com fatos e dados que o futebol é, sim, um esporte para elas. Segundo o texto do balanço no site,</p> <p>"Foi um contra-ataque também dentro do Museu do Futebol. Inaugurado em 2008 como um espaço para a celebração da identidade brasileira expressa por meio do esporte, nosso museu só incluiu jogadoras na exposição de longa duração a partir de 2015. Até chegarmos a uma mostra exclusiva para o futebol feminino, quatro anos depois, foi um longo caminho de escutas, construção de relacionamento com atletas e dirigentes, e de compreensão de que esta história deveria ser contada da perspectiva de quem mais sofreu com ela: as próprias mulheres" (MUSEU DO FUTEBOL, 2019).</p>
40 ANOS DO FIM DO DECRETO-LEI	Um dos eventos marcantes para o futebol feminino brasileiro em 2019 foi a comemoração de 40 anos do fim do Decreto-Lei 3.199 de 1941, que proibiu a prática do futebol por mulheres e foi revogado em 1979. E na efervescência dessas quatro décadas de liberação, o evento enfatizou com bastante destaque o que isso significou na vida de praticantes e atletas que ainda jogavam reclusas e de maneira informal, ter esse intervalo de tempo em que ficou sem ter qualquer notícia ou referência, nem formação de novas atletas.
COPA DO MUNDO DE 2019	A exposição ocorreu em boa parte enquanto a edição de 2019 da Copa do Mundo de Futebol Feminino acontecia na França. Obviamente que a boa repercussão do evento aumentou ainda mais interesse do público pelo futebol delas. E o Museu, além de aproveitar o momento do evento, também verificou que esse interesse em dar protagonismo às jogadoras, era também uma demanda social:

PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA ANÁLISE DE RESULTADOS

COPA DO MUNDO DE 2019

(cont)

Realizar uma exposição sobre futebol feminino era um desejo antigo da equipe do Museu do Futebol, mas uma conjunção de fatores possibilitou que ela acontecesse em 2019. [...] Desde o começo do ano, era possível perceber que a modalidade receberia uma atenção diferente. A movimento feminista tinha recebido novo fôlego meses antes e até as marcas começaram a perceber o potencial de visibilidade da competição. De fato, várias marcas foram batidas neste ano: o Mundial teve audiência de mais de um bilhão de espectadores. Pela primeira vez, a transmissão em TV aberta possibilitou o crescimento do público no Brasil, com recorde de 30 milhões de pessoas assistindo a Brasil x França pelas oitavas de final. Houve recordes de público nos estádios, incluindo em São Paulo, com 28 mil pessoas assistindo Corinthians x São Paulo pela final do Paulistão feminino (MUSEU DO FUTEBOL, 2019).

IDENTIDADE VISUAL

Uma curiosidade detectada é que, além do roxo que é a cor do feminismo, em boa parte do material da exposição as letras estavam em caixa alta. Pareciam evidenciar um grito de liberdade, de ser vista e valorizada pelas conquistas. E, no relatório final, com o balanço de números e dados do pós-evento, um texto enfatiza que essa percepção foi proposital:

O uso de uma fonte mais espessa, reforçada com negrito, e de frases que provocam a reflexão do visitante, completou a proposta gráfica da exposição que buscou reforçar o sentido do **contra-ataque** e também representou a força das mulheres em busca do seu espaço no futebol e na sociedade. Além das peças digitais e impressas utilizadas para divulgação e sinalização, o Museu do Futebol criou um hotsite que reuniu as informações gerais sobre a exposição, mapa de visitação e uma galeria com destaques sobre as mulheres do futebol. Os textos de chamada das peças de divulgação e dos painéis expositivos tinham o tom convocativo: **vamos pra cima, nada de vitimismo!** (RELATÓRIO, 2019).

Outro destaque visual foi a palavra "conquista". Ela apareceu com uma certa frequência, e, nesta análise, ficou a percepção que o uso não era só no sentido de vitória de uma partida, mas o de recuperar um direito.

Como evidenciou o texto no site da exposição, a palavra CONQUISTA apresentou um sentido muito mais amplo do que apenas vencer partidas e torneios. CONTRA-ATAQUE! contou como as mulheres tiveram de lutar para conquistar o direito ao jogo, a uniformes adequados aos seus corpos, à participação na gestão esportiva, na arbitragem, na imprensa e o direito também à livre circulação nas arquibancadas (MUSEU DO FUTEBOL, 2019).

PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA ANÁLISE DE RESULTADOS

MANIFESTO

Alinhado com o conteúdo da exposição, um manifesto foi lançado pela equipe do Museu pela igualdade em campo. Foi um grande acerto. Aproveitando o momento de destaque e de eventos acontecendo para evidenciar a importância do futebol delas, foi bem importante não só “viver o momento”, mas pensar o para além do jogo, da exposição e da Copa do Mundo. Foi, como diz o texto do Relatório Final, “um momento de efervescência da discussão sobre igualdade de gênero”.

“Ao trazer o futebol das mulheres para a pauta, o Museu do Futebol mostrou à sociedade que, assim como na modalidade masculina, o futebol feminino apresenta um espetáculo esportivo de excelente nível. Além disso, a exposição foi um convite à reflexão coletiva sobre os avanços necessários nessa longa jornada pela igualdade de direitos. Em um ano de Copa do Mundo de Futebol Feminino, a exposição lançou um olhar para o futuro da modalidade, inspirando o público para a valorização dessa história e empoderando as meninas para a prática esportiva, transformando velhos preconceitos em ações positivas para o mundo” (RELATÓRIO, 2019).

CONTEÚDO EXPOSITIVO

A exposição teve uma sequência cronológica que foi bem disponibilizada no espaço expositivo – o mapa está no apêndice B. Foi importante iniciar com a proibição e evidenciar como as precursoras de Marta e Formiga batalharam muito pela valorização da modalidade. E, como uma forma de reparação, citá-las e colocar seus nomes em evidência, foi um dos grandes acertos da exposição já que a modalidade se faz principalmente a partir das jogadoras. Foi importante também verificar como o futebol delas era sensualizado, mesmo nas fotos antes dos anos 60 e como foi a evolução até que eles pudessem ter um uniforme próprio e não mais uma adaptação do masculino.

CONTEÚDO EXTRA: CARTAS

Colocar as cartas que antecederam o Decreto-Lei de Getúlio Vargas, em 1941, na abertura da exposição foi também um dos pontos positivos. Fazer o resgate histórico de um conteúdo que muita gente deveria não saber sobre o futebol feminino daquela época foi como viver aquela proibição a partir dos relatos tanto de José Fuzeira quanto de Margarida Pereira.

Um cidadão comum e muito preocupado com o que esporte poderia fazer à anatomia das moças nascidas para ser mães, enviou em 7 de maio de 1940 uma carta ao presidente, publicada no jornal Diário da Noite, dizendo o quanto as autoridades deveriam olhar para as práticas esportivas prejudiciais ao corpo das jovens. Num dos trechos ele cita os malefícios do esporte e trata o feminino como “belo sexo”, e diz:

Que nos conste, semelhante disparate desportivo ainda não surgiu em nenhum outro país. Assim, para evitar que as suas primícias venham a degenerar em uma calamidade...

PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA ANÁLISE DE RESULTADOS

CONTEÚDO EXTRA: CARTAS

(cont).

contra a saúde e a compostura esportiva do belo sexo, venho apelar para que um aceno do reconhecido e elevado bom senso de V. Excelência faça com que o Departamento de Cultura e Saúde solicite o conselho de um grupo de médicos, a fim de que os mesmos, com a sua acatável autoridade, decidam se, efetivamente, a mulher pode, sem manifesto e grave prejuízo, integrar como elemento ativo, em um esporte de atritos e físicos rudes e agressivos, que, muitas vezes, embora por descuido, redundam também em pisaduras e em pontapés no peito, no estômago e no ventre dos jogadores (CONTRA ATAQUE, 2019).

Margarida Adiragam Pereira foi jogadora e presidente do quadro do football feminino do S.C Brasileiro. Este foi um time do Rio de Janeiro, sediado na Urca, fundado em 1912 e encerrado na década de 1930. Foi importante por revelar o jogador Leônidas da Silva, mais conhecido por ser o inventor do gol de bicicleta e pelo apelido Diamante Negro. Ela foi, então, até a redação do Jornal dos Sports, também sediado no Rio de Janeiro, pedir a publicação de uma carta-resposta ao Sr. Fuzeira. Margarida questiona qual o conhecimento ele tinha para fazer tantas afirmações acerca do esporte com tanta propriedade. E encerra seu texto dizendo:

O Senhor Fuzeira fica convidado a assistir ao primeiro encontro de futebol feminino e apontar, publicamente, quais as desvantagens de sua prática nos moldes em que vem sendo empregado entre as jovens brasileiras. Antes disso, o Senhor Fuzeira deve preocupar-se com os guris que jogam bola de meia na rua de sua residência, quebrando as vidraças da vizinhança. Nesse caso o missivista prestaria um grande serviço e não teria tempo de preocupar-se com coisas que só interessam ao sexo frágil (CONTRA ATAQUE, 2019).

EXPOSIÇÃO EM NÚMEROS

Não há dados tão completos sobre outras exposições no próprio site do Museu para um comparativo de frequência de público, eventos complementares, além de números sobre engajamento e exposição em mídia. No infográfico abaixo, alguns números e ações estão em destaque, mas, para uma instituição temática, jovem e com o futebol feminino como exposição principal, é bastante impressionante a marca de 170 mil visitas em cinco meses de visitação.

EDITATONAS

As três edições das Editatonas, ou maratonas de edição na Wikipedia – uma parceria do Museu do Futebol com o Wiki Movimento Brasil. Na soma das três ações foram, segundo o Relatório Final, criados 68 artigos, 195 verbetes editados e mais de 1 milhão de visualizações. Não há dados detalhados sobre todas, mas na 1ª Editatona, realizada em 1 de junho de 2019, com o foco no futebol feminino,

PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA ANÁLISE DE RESULTADOS

(cont).

EDITATONAS

a maratona reuniu 21 participantes que, em sete horas de trabalho, criaram 22 novos artigos e editaram outros 95 já existentes. Também foram realizados 167 uploads de materiais creative commons. No total, 135 mil bytes de conteúdo foram adicionados, e os artigos envolvidos tiveram 21,8 mil views apenas no sábado. Como resultado da ação, agora todas as jogadoras que participaram da Copa do Mundo na França possuem verbetes com seus nomes e sua história na Wikipedia. (MUSEU DO FUTEBOL, 2019).

EVENTOS PARALELOS

Em um tempo pré-pandemia e com as gravações de lives transmitidas no Youtube, os números, com consulta em 23 de outubro de 2022, em cada um dos bate-papos e debates paralelos à exposição foi de 1275 visualizações, conforme detalhamento a seguir:

Chegou a vez das mulheres do futebol?

226 visualizações

Chegou a vez de novas masculinidades?

89 visualizações

Homens com M: Caminhos para masculinidades possíveis

216 visualizações

Das pioneiras ao futuro do futebol feminino

119 visualizações

Mulheres no esporte - mesa 1

133 visualizações

Mulheres no esporte - mesa 2

272 visualizações

Mulheres no esporte - mesa 3

220 visualizações

EDUCATIVO

Segundo o Relatório Final, a marca de 20 mil visitas medidas durante o período de visitação da **Contra-Ataque!** se deve às ações promovidas pelo Núcleo Educativo. No Museu e na ocasião da exposição, a equipe que tem como a multidisciplinaridade como característica, se dedica

a levar os conteúdos do acervo a diferentes públicos. Nesse projeto, um grupo formado por cinco mulheres participou de todo o processo criativo e desenvolveu um caderno com reflexões e roteiro de visitação, além de um jogo que os visitantes podem usar tanto na visita quanto em casa. Além disso, houve visitas em grupos pela exposição, oferecidas a escolas, instituições e às famílias (RELATÓRIO, 2019).

MUSEU DO IMPEDIMENTO

Como parte das atividades da exposição **CONTRA-ATAQUE!** As Mulheres do Futebol, realizamos em parceria com o Google o projeto Museu do Impedimento, ação colaborativa que reuniu histórias e memórias compartilhadas pelo público sobre as mulheres que ousaram jogar durante o período de proibição da prática desse esporte no Brasil, entre 1941 e 1979. As fotografias e documentos compartilhados foram curados e serão

**PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA
ANÁLISE DE RESULTADOS**

MUSEU DO IMPEDIMENTO

(cont.)

conservados pelo Museu, que preparou seis exposições virtuais sobre o tema e disponibiliza todos esses materiais através do Google Arts & Culture. No Youtube, em 23 de outubro de 2022, o número de views já passava de 3.665.275 visualizações.

FREQUÊNCIA DE HOMENS E MULHERES

Um dado bastante importante foi a análise de público masculino e feminino durante o período de exposição da "Contra-Ataque!". O gráfico está no Apêndice C, mas foi interessante notar a disparidade que havia no primeiro período de observação e o que aconteceu ao longo da exposição. O levantamento foi feita pelo próprio museu, com auxílio de totens eletrônicos. A pesquisa começou em dezembro de 2018 tendo 39% de frequência feminina e 61% masculina. Esses números oscilaram pouco até abril de 2019, A partir de maio de 2019 e muito provavelmente por conta da exposição temática e referente ao futebol feminino, os números de visitantes homens e mulheres se igualaram, chegando a pico de 52% em junho – também, provavelmente por conta do início da Copa do Mundo Feminino. A taxa de 50% para homens e mulheres se manteve do início ao fim da exposição "Contra-Ataque!".

ENGAJAMENTO EM REDES SOCIAIS

É um fato que as redes sociais são fomentadoras de público e engajamento no compartilhamento de conteúdo do próprio museu, jogadoras e influenciadores. O que mais impressionou nem foi o tanto de postagens feitas pelo Museu, que totalizou 297 sendo 130 no Facebook, 113 no Instagram e 54 no Twitter. Mas, sim, um post do Museu sobre a gratuidade para mulheres em um dos fim de semana da exposição, entre reposts de jogadores e influencers, alcançou mais de 3 milhões de seguidores nas redes. Claro que em termos do gigantismo da internet de hoje, essa marca não é tão grande, mas foi expressiva naquele momento e nesta temática ter um engajamento tão forte, apesar do apelo pela gratuidade, talvez, ser um fator de propagação maior.

VISIBILIDADE NA IMPRENSA

Além da divulgação externa e a publicidade maciça em revista como a Piauí e totens em pontos de ônibus da cidade de São Paulo, a exposição teve, de forma orgânica e espontânea:
22 matérias na TV,
17 matérias em Rádio,
209 matérias publicadas em diversos veículos online e impressos.

FICHA TÉCNICA

Na ocasião, a equipe do Museu do Futebol, no geral, tinha desde a diretoria até os jovens aprendizes, 110 funcionários. A Exposição contou com 35 funcionários e colaboradores, além de 16 empresas que fizeram desde a cenografia, assessoria de imprensa até o projeto de segurança contra incêndio. Sem os dados das equipes dedicadas, não há como saber o número exato de pessoas envolvidas diretamente na produção da exposição. Dos 35 funcionários e colaboradores identificados na ficha técnica, 24 eram mulheres.

PESQUISA DE CAMPO DESCRITIVO – EXPLORATÓRIA ANÁLISE DE RESULTADOS

POS-EXPOSIÇÃO

Para além dos números, o evento mostrou que o futebol feminino é sim, bem visto pelo público do Museu e que a temática da diversidade deve ser uma diretriz nos trabalhos futuros. Entre uma das ações efetivas, relata no Plano Museológico estabelecido para os anos 2021-2025, elaborado em junho de 2021, sinaliza que, especialmente sobre o Centro de Referência,

“reconhece-se, portanto, que é por meio do diálogo e da escuta estabelecidos pelas ações de pesquisa e documentação que o CRFB traz para o museu as múltiplas vozes que caracterizam a diversidade que compõe as expressões relacionadas ao futebol. Ou seja, ele se constitui no meio pelo qual a instituição se coloca e se mantém atenta às questões contemporâneas de representatividade e às causas que a ela se relacionam, articulando um potencial de constante autocrítica ao seu repertório e à sua exposição de longa duração. Um dos grandes exemplos disso é a inserção de temas sobre as mulheres no futebol, iniciado pelo projeto “Visibilidade para o Futebol Feminino” (PLANO MUSEOLÓGICO, 2021).

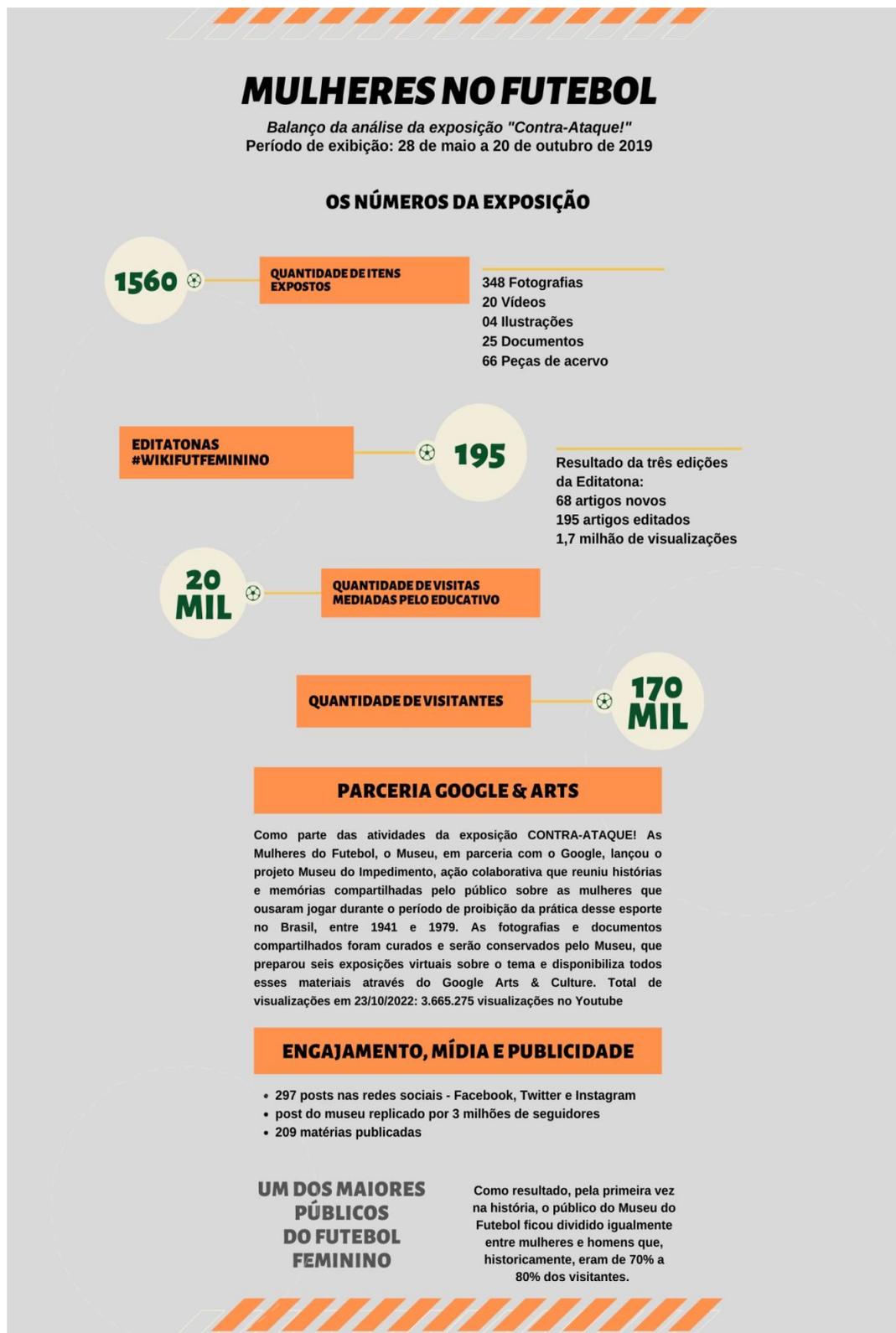
E a partir das pesquisas, do material obtido e das exposições bem sucedidas em 2015 e 2019 com o futebol feminino, abre espaços para que outras minorias em representatividade no futebol possa ganhar espaço em ações e exposições futuras. Foi o caso da discussão do racismo no esporte a partir da “Tempo de Reação” – sobre o centenário do goleiro Barbosa e em outras diretrizes, especialmente para o Centro de Referência, também sinalizadas no Plano do Museu:

“As frentes de atuação do CRFB visam conhecer, incorporar, debater e problematizar questões próprias do futebol e como se relacionam com as dinâmicas da sociedade, tais como: trajetórias profissionais, experiências pessoais, fenômenos sociais relacionados ao futebol (torcidas, clubismo, megaeventos), relações e espaços de poder, inclusão e exclusão de agentes, tais como mulheres e LGBTQIA+ - a fim de ampliar o debate e a visibilidade sobre a pluralidade, representatividade e a diversidade no futebol, frente a problemáticas como homofobia, machismo e discriminações de toda ordem. A criação de um comitê curatorial, conforme disposto no programa institucional contribuirá para a inclusão de novas narrativas sobre o futebol, relativas a grupos sociais tradicionalmente excluídos dos museus e da cadeia de valor do futebol, a partir de uma perspectiva decolonial” (PLANO MUSEOLÓGICO, 2021).

Como disse a então Diretora de Conteúdo, Daniela Alfonsi, na divulgação do Relatório Final da “Contra-Ataque!”, “Abrimos o Museu para essas vozes femininas deixadas de lado da “história oficial”. Hackeamos nossa exposição de longa duração inserindo imagens e textos que deslocavam o olhar do visitante, trazendo surpresa e indignação: como amar esse esporte e nunca ter questionado o porquê da ausência feminina? O projeto virou causa e sabíamos que era o início de um longo e importante trabalho. Os anos foram passando, nosso acervo crescendo por meio de entrevistas, referências digitais, livros, trabalhos acadêmicos. Integramos uma rede internacional de pesquisadores sobre o tema, recebemos dezenas de eventos em nosso auditório. Ao realizar uma nova exposição, agora temporária, tivemos a oportunidade de ampliar o alcance desse trabalho. Ao mesmo tempo em que encontramos um outro posicionamento do público que se engaja na causa: em 2019, a visibilidade chegou, mas as mulheres não ficarão mais somente no campo de defesa. Vão partir para o contra-ataque e conquistar mais espaço, mais poder e mais transformação” (RELATÓRIO, 2019).

O infográfico abaixo foi elaborado com base nas informações do Relatório Final da exposição “Contra-Ataque! – As mulheres do Futebol” e, traz, resumidamente, alguns números e alguns dos destaques do evento, realizado em 2019.

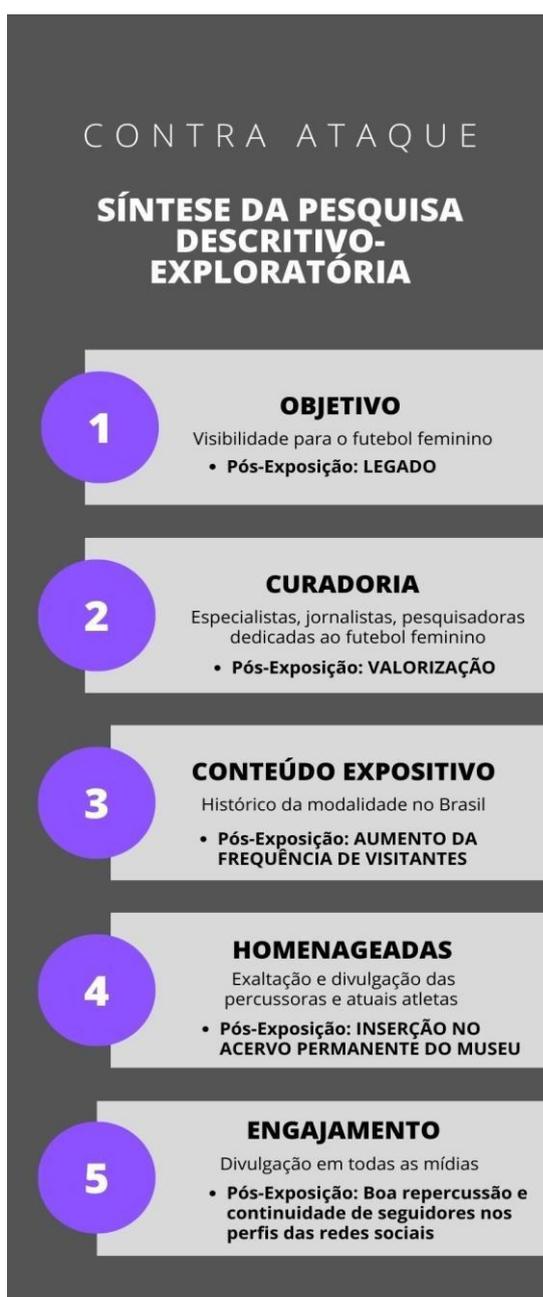
Figura 4 – Infográfico de números da análise da exposição “Contra-Ataque! Mulheres do Futebol”



Elaborado pela autora, 2022

Além dos números, várias outras ações fizeram com que a exposição fosse um caso de sucesso dentro da programação do Museu do Futebol. No infográfico abaixo, alguns dos objetivos e dos resultados pós-exposição estão representados, para dar uma visibilidade maior ao que a exposição conseguiu produzir para a construção de um histórico do futebol feminino no acervo do museu.

Figura 5 – Síntese da análise da exposição “Contra-Ataque! Mulheres do Futebol”



■ Obviamente um dos principais objetivos era continuar dando visibilidade ao futebol feminino, desta vez exaltação o histórico da modalidade dentro do conteúdo expositivo. Essa visibilidade não só aumentou como criou um legado de materiais e conteúdo dentro do acervo do museu.

■ A valorização para com o legado das percursoras não se deu apenas com as atletas, mas com as profissionais envolvidas na curadoria, com o conteúdo e com mulheres especialmente envolvidas com o futebol no Brasil. Esse fato promoveu a ação delas dentro e fora de campo.

■ O aumento da frequência de visitantes aconteceu não só pela qualidade da exposição, mas pelo tema, já que atender a demanda do público por mais mulheres no conteúdo expositivo era uma das metas do evento.

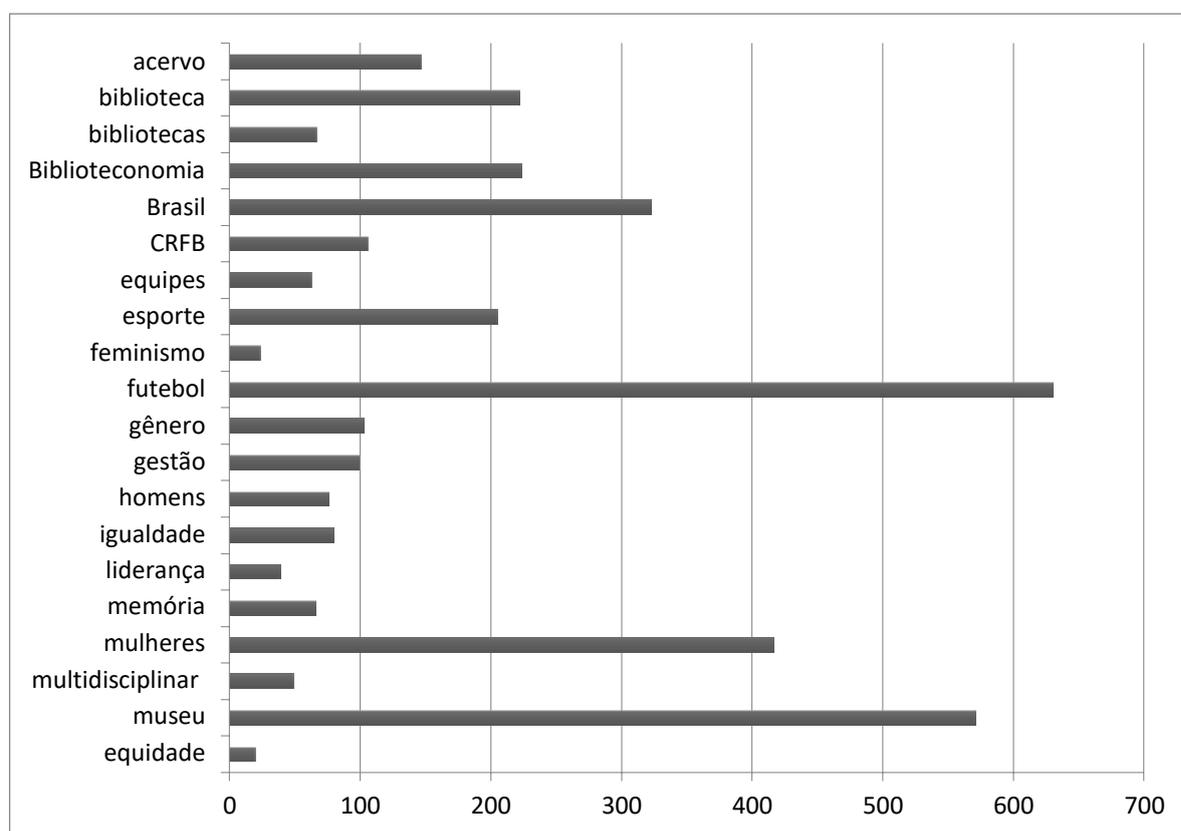
■ Valorizar quem veio antes e quem está atualmente atuando como atleta é importante para fazer um histórico de como o futebol foi jogado por elas. A permanência no acervo é um dos principais objetivos para cultuar, catalogar e conhecer novos nomes de times, atletas e formas de jogar futebol por elas em várias partes do mundo, mas também especialmente no Brasil.

■ Além da maciça presença na mídia antes e durante o evento, foi importante notar a permanência de público nas redes sociais e acompanhando novas ações do museu

Elaborado pela autora, 2022

Outro levantamento numérico está no gráfico abaixo com a análise das palavras com maior incidência no texto da monografia, conforme os temas abordados no trabalho. A ilustração enfatiza como as citações das palavras estão alinhadas com o tema e com os vários olhares que a monografia teve sobre o esporte, gestão, liderança e das profissões ligadas à memória. Em ordem alfabética, as palavras e quantidades são: acervo: 147; biblioteca: 222; bibliotecas: 67; Biblioteconomia: 224; Brasil: 323; CRFB: 106; Equipes: 63; esporte: 205; feminismo: 24; futebol: 630; gênero: 103; gestão: 99; homens: 76; igualdade: 80; liderança: 39; memória: 66; mulheres: 417; multidisciplinar: 49; museu: 571 e equidade: 20.

Figura 6 – Gráfico: As 20 palavras com maior incidência no texto



Elaborado pela autora, 2002

Após essa análise, o próximo tópico traz as entrevistas realizadas com a equipe do Museu do Futebol. E na verificação de resultados, foi possível checar o quanto as respostas estão alinhadas com os assuntos da monografia e os objetivos propostos na metodologia.

8.2 Análise de entrevistas com a equipe do CRFB e Museu do Futebol⁹⁶

Como mencionado no capítulo 8, uma parte da análise foi dedicada às entrevistas com a equipe do Museu. Uma parte das solicitações foi respondida e, além da transcrição de trechos importantes sobre os tópicos elencados para análise, uma representação gráfica irá ilustrar os principais assuntos obtidos a partir dessas conversas. O trabalho foi pautado a partir dos seguintes assuntos:

- preconceito e questão de gênero
- liderança feminina
- equipes multidisciplinares
- gestão participativa
- método de trabalho no CRFB
- mulheres no futebol

E as análises das respostas foram dispostas a partir desses tópicos. Desta forma, também foi possível, com as respostas recebidas, verificar se os objetivos específicos acerca dos assuntos elencados para análise da instituição estão contemplados sob o ponto de vista de quem atualmente trabalha lá. São eles: Ademir Takara, bibliotecário do CRFB; Dóris Regis, técnica em documentação no CRFB e Marília Bonas, diretora técnica do Museu da Língua Portuguesa e do Museu do Futebol. Todas as entrevistas estão descritas na íntegra nos apêndices C,D e E da monografia. Abaixo as respostas a partir dos tópicos de análise:

▣ **Equipes multidisciplinares em um espaço de memória:**

No capítulo 6 a questão da origem e a formação de equipes multidisciplinares nos diversos segmentos de trabalho, tem sido uma tendência administrativa de agregar pessoas com formações e conhecimentos diferentes para atuarem na gestão de um projeto. No Museu do Futebol, o Educativo tem essa formação como premissa, mas essa forma de administração também se estende para outras áreas como o Centro de Referência. Os dois entrevistados são bibliotecários de formação, mas atuam em

⁹⁶ Roteiro e entrevistas na íntegra nos apêndices da monografia

segmentos diferentes dentro da gestão da informação dentro do CRFB. Dóris acredita que é uma vantagem ter pessoas com conhecimentos que se complementam:

O núcleo do Centro de Referência é composto pelas áreas de Documentação, Pesquisa e Biblioteca. Cada um desses eixos tem suas especificidades: aquisição de novos materiais bibliográficos, digitalização de fotografias, pesquisa para projetos de história oral, etc. Pensando na instituição como qualquer museu de grande porte e com alto número de visitação, é imprescindível a contratação de pessoas de áreas como a Museologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, História e Geografia. Cada uma dessas disciplinas entende a salvaguarda de uma forma diferente. Na Biblioteconomia, por exemplo, não temos ferramentas que nos ensinam a produzir um roteiro para entrevistas de história oral. Nesse sentido, é importante o diálogo com os historiadores da equipe. De forma inversa, os pesquisadores da instituição não possuem conhecimentos necessários para a criação e para a implantação de um vocabulário controlado (DÓRIS, 2022).

E Ademir complementa dizendo que, como o CRFB atende a várias demandas da instituição nas pesquisas para as ações e exposições ter uma equipe diversa é bom na tomada de decisões:

Na maioria das vezes, a equipe é acionada por demandas internas ou externas. As várias formações ajudam a analisar tais demandas, indicando prioridades, oportunidades, causas relevantes e aproximações que estão condizentes com os valores e missão do Museu do Futebol. A seleção do material acaba sendo consequência e o meio do nosso processo de trabalho, cujo final é a catalogação/sistematização para finalizar com a publicização (ADEMIR, 2022).

▮ Liderança feminina:

Vimos que a liderança feminina nos museus é maior numericamente do que na Biblioteconomia, por exemplo. E no Museu do Futebol, senão de forma predominante, mas em boa parte dos setores, há presença feminina não só como colaboradoras, mas como diretoras, gerentes e coordenadoras dos núcleos. Questionado sobre quais as vantagens ou diferenças que há no Museu sobre essa maior presença de mulheres, Ademir respondeu:

Desde antes da criação do CRFB, sempre foi normal ter mais mulheres. A presença de mulheres foi um facilitador, no meu entender, por exemplo, nos momentos das pesquisas sobre futebol de mulheres em 2015 e 2019, relacionadas às exposições temporárias *“Visibilidade para o Futebol Feminino”* e *“Contra-Ataque”*, especialmente porque praticamente todo o

acervo iconográfico foi colhido junto às mulheres jornalistas, jogadoras e torcedoras. Para Dóris, sob seu ponto de vista, não houve diferença no tipo de trabalho com equipes mistas. Ela diz que “essa é uma pergunta de difícil resposta. Já trabalhei com uma coordenação composta por homens e mulheres cis, e, honestamente, não percebi muitas diferenças na questão dos temas e projetos elaborados. O que entendo é que é fundamental que esse profissional possua experiência curricular na área da Museologia (ADEMIR, 2022).

▬ **Gestão participativa**

Sobre a gestão, Marília que atualmente é Diretora Técnica de duas das mais visitadas instituições de memória da cidade de São Paulo – Museu da Língua Portuguesa e Museu do Futebol – relatou como é ser uma mulher à frente de uma instituição que tem especializado em uma modalidade esportiva:

O maior desafio é construir alianças com as mulheres que alçaram esse lugar. Ainda é bastante difícil o acesso a elas – provavelmente, pelo fato delas terem de provar em seus próprios contextos sua competência, sobrando pouco tempo pra áreas como a da cultura. Graças ao esforço pessoal da equipe do Museu, hoje contamos com um grupo de aliadas - no futebol e nos museus – mas sua participação direta ainda é tímida. As mulheres no futebol ainda lutam por sobrevivência no esporte, como um todo. A representação e a importância da mesma para futuras gerações e para a educação das anteriores – que não necessariamente sabem que o futebol feminino foi proibido por lei – fica ainda em segundo plano. Mas esperamos que o ano de 2023, que será dedicado à Copa do Mundo de Futebol Feminina, estreite e amplie esses laços (MARÍLIA, 2022)

▬ **Um centro de referência do futebol na cidade de São Paulo**

Como verificado no capítulo 7, a cidade de São Paulo tem momentos marcantes e históricos para a memória esportiva nacional, com o surgimento de personalidades do esporte e eventos importantes para diversas modalidades. E uma cidade ter uma biblioteca especializada somente em futebol é algo raro, não só no Brasil como na América Latina⁹⁷. Questionados sobre como é fazer parte e ter um centro de referência Dóris respondeu:

⁹⁷ O Museu do Futebol tem a primeira biblioteca e midiateca pública especializada em futebol no Brasil. Além de livros, disponibiliza teses, artigos, periódicos, catálogos, filmes e documentários em DVDs, incluindo as entrevistas de História Oral produzidas pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB). Em agosto de 2021, o Instituto Cultural Soto (ICS), mantenedor do Museu da História do Futebol (MUHF), adquiriu uma das mais importantes bibliotecas sobre futebol, e que, anexada a atual, se tornará a maior biblioteca especializada em futebol da América do Sul. A coleção adquirida pertenceu a Paulo Machado de Carvalho, conhecido como "Marechal da Vitória", por ter sido o chefe da Delegação Brasileira nas copas de 1958 e 1962 e considerado o maior responsável "fora de campo" pelas conquistas. Em sua homenagem, o Estádio do Pacaembu foi batizado com seu

O Centro de Referência, de certa forma, funciona como um complemento aos conteúdos da exposição de longa duração do Museu do Futebol. Ele é fundamental para o cumprimento da nossa missão de "preservar, pesquisar e comunicar o futebol no Brasil, em suas dimensões e expressões históricas e culturais, para os mais diversos públicos". Desde sua inauguração, em 2013, o CRFB desenvolve parcerias com clubes de futebol profissionais e amadores, instituições culturais, universidades, coletivos e grupos de estudos para a execução de iniciativas como projetos de história oral, digitalização de acervos, seminários, encontros e visitas. Entendo que o nosso intuito é o de contar e salvaguardar a história do Brasil através do esporte, abordando o futebol como um fenômeno histórico, político, social e cultural para visitantes diversos, independente do grau de conhecimento sobre o tema, gênero, cor ou classe social (DORIS, 2022).

E Ademir (2022) completou: "Sempre gostei muito de história do futebol, mas principalmente gosto de fichas de jogos. E existem muitas pessoas em SP que gostam de pesquisar o universo do futebol. O Museu do Futebol e o CRFB são muito procurados por pessoas que pesquisam os vários lados do futebol".

▣ Método de trabalho no CRFB

O Centro de Referência é, hoje, considerado o coração do Museu do Futebol por ser a partir dali ou armazenado lá que os materiais obtidos nas exposições, ações educativas e demais demandas de pesquisa acontecem e suprem os demais setores com informações para elaboração de projetos. O CRFB completa em 2023 dez anos de existência e, para bibliotecários formados e fãs do futebol, questionei o que eles acham mais especial em lidar com esse acervo e trabalhar num espaço que "vive" o futebol a partir das mais variadas possibilidades. Para Ademir é uma oportunidade rara de ter acesso aos materiais e também, eventualmente, a quem os produz:

No meu caso especificamente, há muito tempo venho acompanhando a produção bibliográfica sobre futebol no Brasil, então a criação da primeira biblioteca pública sobre futebol brasileiro foi a oportunidade pessoal de ter em mãos, pela primeira vez, títulos que conhecia há muito tempo, mas por estarem fora de catálogo há décadas, jamais os tinha lido. Uma oportunidade não imaginada é que depois passei a conhecer os autores de muitas daquelas obras. Com certeza é a parte mais legal do meu trabalho. A parte mais importante é conseguir criar uma rede de pesquisadores de futebol e conectar todo mundo (ADEMIR, 2022).

Para Dóris, o mais fascinante é poder dar visibilidade às pessoas que ajudaram a construir a história do esporte:

Particularmente, gosto da parte da elaboração e da gestão de inventários dos acervos digitalizados. Considero de extrema importância a guarda e a divulgação das imagens de pessoas e instituições diversas, como times de várzea, equipes LGBTQIAP+ e jogadoras que atuaram na Seleção Brasileira. Poder contar a história de quem faz o futebol acontecer, dentro e fora de campo, seja ele profissional ou amador, é motivador (DÓRIS, 2022).

Como um dos colaboradores a estar em quase todo o período de existência do CRFB, Ademir destacou o que mudou nesses últimos dez anos, além do aumento de itens do acervo:

Temos algo em torno de 35 mil itens, entre bibliográfico/iconográfico e físico/digital. O controle é feito basicamente por planilhas e pelo banco de dados. Acredito (que o que mudou nesse período foi) que houve uma maior compreensão da importância da catalogação e da compreensão dos fluxos de trabalho, principalmente envolvendo os papéis da biblioteca, documentação e pesquisa (ADEMIR, 2022).

E para ações futuras ele comenta que

internamente o CRFB tem tido posição de destaque na atualização da exposição de longa duração, prevista para 2023. Externamente, também para o ano que vem o projeto de visitar as instituições mapeadas entre 2011-2013 no processo de implantação do CRFB. Paralelamente continua o mapeamento do futebol de mulheres, futebol trans, da memória de atletas negros (ADEMIR, 2022).

▬ Mulheres no museu

Sobre o projeto “Mujeres cambian los museos”, melhor detalhada no capítulo 5 e a participação do Museu do Futebol como uma das instituições parceiras desse projeto na busca por igualdade e representatividade feminina nas instituições, Marília explicou como é fazer parte dessa iniciativa:

O projeto teve início com encontros e apresentações de profissionais à frente de projetos na área cultural e uma apresentação sobre esses resultados por parte de uma pesquisadora brasileira. Não há especialmente metas ou demandas conjuntas, por ora. No entanto, a força das mulheres na área da cultura ficou evidente, em diversos níveis – e esse é um ganho

desse projeto. Há, no entanto, algo fundamental que deve ser mais do que tema de discussão e objeto de ação: o número ainda reduzido de mulheres negras, indígenas e trans em posição de liderança na área de museus. Somos quase 90% de mulheres brancas, sendo uma parte expressiva de classe média alta, ainda – poucas ainda de classe média, quicá de classes mais baixas. (MARÍLIA, 2022).

■ Mulheres no futebol

A partir da análise das exposições “Visibilidade do futebol feminino” e, especialmente a “Contra-Ataque”, ter mais informações, publicações e material sobre o futebol delas no acervo são uma demanda do CRFB. Mas como é ser uma mulher, fã e pesquisadora de um centro de referência do esporte? Será que é mais respeitada ou ainda acontece em algumas situações o velho preconceito de sendo mulher não entende do que está falando? Questionada se passou por alguma situação desse tipo, Dóris respondeu:

Os pesquisadores e visitantes que frequentam a biblioteca do CRFB normalmente são muito simpáticos. É comum ficarmos horas conversando com alguém que, assim como nós, gosta e acompanha futebol. Recebemos pessoas das mais diversas faixas etárias e, na grande maioria das vezes, saímos de um atendimento com mais um importante contato de pesquisador ou estudante interessado no assunto. No museu, nesse sentido, lembro de apenas uma vez ter passado por um constrangimento de teor machista. Um jovem, provavelmente da mesma idade que eu, queria alguns materiais. Ele solicitou os livros com uma frase do tipo: “não sei se você sabe muito de futebol, mas...”. A parte divertida desse ocorrido é que eu entendia tanto ou mais do assunto que ele, rs. Ah, e caso tenha curiosidade: a pesquisa era sobre o primeiro título do Grêmio na Libertadores, em 1983 (DÓRIS, 2022).

Sobre a representatividade das mulheres nos museus do futebol, Marília acrescentou:

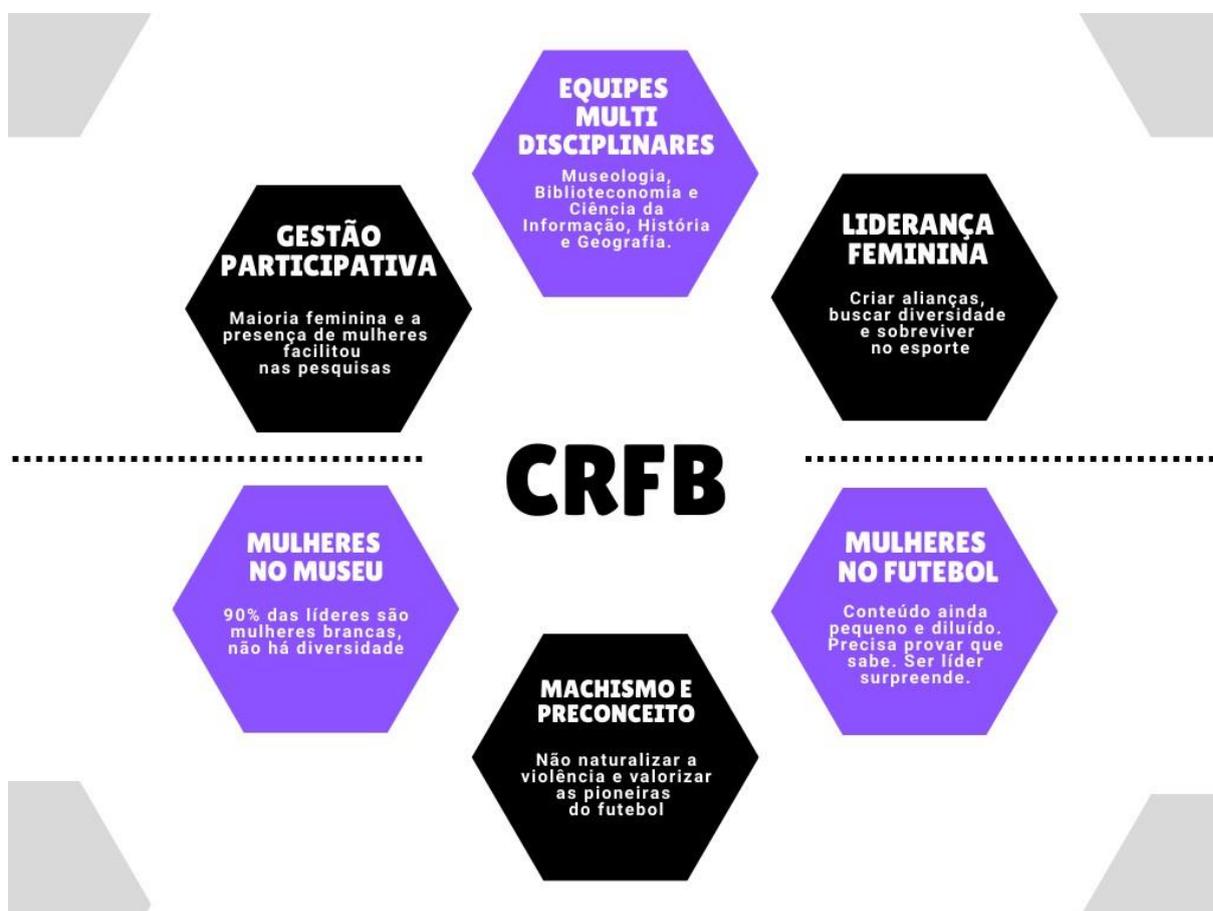
Acho que o conteúdo sobre a presença de mulheres no futebol, no museu, ainda é pequeno e diluído – o que faz com que essas reações passem mais despercebidas. Em relação às mulheres da equipe, testemunhei muitos episódios machistas – mesmo antes de me integrar ao museu, em viagens internacionais que fiz com a diretora técnica anterior, Daniela Alfonsi. Uma diretora de um museu de futebol é algo ainda surpreendente pra muitos homens, mesmo no mundo da cultura. Há também uma expectativa de que as mulheres que trabalham no museu provem o tempo inteiro que entendem do assunto – em geral, com dados e datas sobre times e jogos. O IDBrasil criou um Comitê Diversidades e recentemente realizou um mapeamento sobre os casos de machismo e racismo nas instituições. Infelizmente, os de machismo são mais frequentes no Museu do Futebol do que no Museu da Língua Portuguesa – o outro museu que integra a gestão. Em especial, orientadoras e educadoras vivem mais essa realidade, cotidianamente.

Sobre machismo e preconceito, Marília salientou:

A primeira grande força de ter mulheres à frente destes debates é não naturalizar ou relativizar a violência a que atletas, treinadoras e profissionais do mundo do futebol sofreram e sofrem. É bastante comum homens – grandes pesquisadores e entendedores do mundo do futebol, inclusive – colocarem isso como algo “natural da época”. Mas nas pesquisas, em especial das origens do futebol, fica já evidente o quanto a proibição e o machismo eram – e continuam sendo – violentos e, acima de tudo, o quanto as mulheres resistiram a essas violências. Valorizar as pioneiras do futebol é um compromisso do museu, nesse sentido (MARÍLIA, 2022).

A representação gráfica abaixo sintetiza os seis mais importantes tópicos e as palavras-chave que os entrevistados responderam sobre cada um dos temas. Ela evidencia como alguns dos argumentos da pesquisa são confirmados e representados na instituição:

Figura 7 – Tópicos mais importantes da análise das entrevistas



Elaborado pela autora, 2002

Com essa representação, a análise da monografia, pelo menos por enquanto, encerra aqui. Com as considerações finais abaixo procuro, humildemente, provocar reflexões acerca da participação das mulheres nas instituições de memória, especialmente a partir dos anos 70 já que a ideia neste trabalho foi verificar quem foram as mulheres que abriram caminho para que hoje tenhamos a possibilidade de estar aqui enaltecendo seus feitos. É preciso verificar quem e que outras iniciativas estão indo além da teoria do papel e realmente abrindo espaço para representatividade delas e demais minorias na liderança profissional e no esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu a partir da curiosidade em saber como é ser mulher trabalhando numa instituição dedicada ao futebol e com o acervo e informações acerca de um esporte ainda tão masculinizado. Mais do que isso, com o intuito de juntar áreas distintas e comprovar que elas tem mais em comum do que pode parecer, no meu caso específico, foi juntar paixões – esporte, pesquisa, história, gestão de acervo e cidade de São Paulo. E essa análise foi feita com bastante euforia na busca por informações novas, mas também muito ciente que a realidade é por vezes cruel e sem nenhum glamour envolvido. Para encontrar respostas, um longo caminho de revisitação a algumas lutas históricas femininas, como o sufrágio e o direito à educação; e outro de descoberta de nomes e importância de mulheres que fizeram parte da história da Museologia e da Biblioteconomia, foi realizado. Nesse percurso, além de constatar que não foi e continua não sendo uma batalha fácil, por mais que algumas iniciativas se mostrem inclusivas, representativas e gerem números grandiosos, como na exposição analisada sobre o futebol feminino, tanto as modalidades esportivas, como as profissões e, especialmente a Biblioteconomia, convivem paralelas com o estereótipo, preconceito, machismo e até violência. Se fosse apenas uma reclamação isolada, seria pontual de algum grupo específico e, em tese, mais fácil de resolver. Mas se reflete em vários setores e, até mais do que o esperado, é uma constante em algumas das análises feitas com mulheres no jornalismo, na gestão, nas bibliotecas e museus. O esporte não é uma categoria especial em que tudo pode acontecer pelo entretenimento sem o contato com o que é da sociedade. Assim com as artes, o futebol como temática de uma instituição, tem que responder também a implicações políticas, econômicas e sociais, bem como as pessoas envolvidas com os clubes, times, torcidas e todas as áreas desse circuito que gira para que o espetáculo aconteça em campo. Show esse que acontece por atletas que emprestam seu talento e emoção para uma disputa esportiva, mas fora dos gramados e quadras, são cidadãs e cidadãos comuns, sujeitos a todos os direitos e deveres dos demais.

As ciências da informação utilizam o conhecimento produzido por pesquisadores para promover análises e essas reflexões promovem debates de

como são representadas as mais diversas minorias, ou melhor, as pessoas, gêneros, cores e raças que não estão com os nomes nos livros, liderando equipes e instituições, sendo celebrados e rememorados. É importante ter eventos temporários em que, por exemplo, o futebol feminino, as mulheres na Biblioteconomia, as gestoras de museus, as artistas sejam o foco, mas a busca é por uma presença permanente nos lugares a que todas essas representações têm direito.

Este trabalho foi produzido enquanto acontece o levante feminista no Irã, do questionamento sobre a obrigatoriedade do hijab⁹⁸ à transformação de todo o sistema opressor contra as mulheres. E no Brasil de 2022, enquanto o número de feminicídios já supera em 60% os dados de 2021⁹⁹, podemos comemorar algumas vitórias: o time feminino do Palmeiras conquistou o primeiro título da Libertadores de forma invicta; e nas eleições, além retomada da democracia, a resposta das urnas fez acontecer o inédito: pela primeira vez na história o Parlamento terá duas deputadas federais trans: Erika Hilton (PSOL-SP) e Duda Salabert (PDT-MG). E duas mulheres indígenas: Sônia Guajajara, eleita deputada federal pelo PSOL de São Paulo e a professora ativista indígena Célia Xakriabá, eleita deputada federal pelo PSOL de Minas Gerais. Esses fatos ilustram que a luta feminista é uma gangorra emocional entre as perdas e ganhos em todos os setores. E, entre sorrisos e lágrimas, elas permanecem.

Com a análise do Centro de Referência do Futebol Brasileiro, além do respeito pelo trabalho tão bem desenvolvido pela memória esportiva e a representação dos vários futebóis praticados, foi possível comprovar que sim, elas como pesquisadoras, educadoras, diretoras, técnicas, museólogas, coordenadoras,

⁹⁸ Em 16 de setembro de 2022, Mahsa Amini, uma iraniana de 22 anos, morreu em Teerã, no Irã, enquanto estava sob custódia policial. Amini foi presa pela Patrulha de Orientação, uma polícia da moralidade, por não usar um hijab corretamente. Esse esquadrão, do Comando de Aplicação da Lei da República Islâmica do Irã, supervisiona a implementação pública dos regulamentos do hijab, que o véu que as mulheres tem que usar para cobrir os cabelos sempre que estiver em público. A enorme onda de protestos no Irã após a morte de Amini representa um momento histórico no país. As pessoas saíram às ruas gritando slogans contra o hijab obrigatório e denunciando o líder supremo do Irã, o aiatolá Khamenei. Com informações do site <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2022/09/mahsa-amini-entenda-como-morte-de-uma-jovem-despertou-protestos-no-ira.html>. Acesso em 09 nov 2022.

⁹⁹ Número de feminicídios em 2022 supera em 60% todo ano de 2021. Disponível em: <https://horacampinas.com.br/numero-de-femicidios-em-2022-supera-em-60-todo-ano-de-2021/>. Acesso em 09 nov 2022.

estagiárias são e foram fundamentais no processo de construção do CRFB e da evolução da pesquisa dentro da instituição que hoje atende não só o público externo, mas também armazena e auxilia no desenvolvimento dos projetos do Museu do Futebol – sejam exposições temporárias, permanentes, virtuais, encontros, debates, simpósios, exibição de filmes – ou armazenamento do próprio histórico e memória da instituição. Não havia a menor dúvida que a bola sempre foi delas na instituição e, por isso, também, um lugar para ser exemplo de inclusão e visibilidade de histórias e personagens. Mas constatar isso na pesquisa, através de fatos, números e nomes, é ainda mais significativo. Essa constatação da presença cada vez mais constante das mulheres no futebol vem alinhada com a divulgação de uma pesquisa: entre jovens brasileiros de 10 a 25 anos, 41% deles afirma que no futebol, a seleção feminina dá mais orgulho que a masculina.¹⁰⁰ Sinal que a proibição e a tentativa de invisibilizar a participação delas no esporte, enfim, começa a ganhar contornos mais positivos. Tanto para inclusão e desenvolvimento da modalidade, como para mostrar para as novas gerações que foram e são as craques e ídolas do futebol feminino dentro e fora do Brasil.

Há ainda um trabalho de reavaliação a ser feito para que a Museologia, de uma forma geral, reconheça o acervo esportivo como documento histórico, e, por isso, merecedor de ser exposto, estudado, avaliado e preservado como as esculturas, quadros, livros e outros documentos e registros já são. São vestígios e parte de histórias importantes a serem contadas, cultuadas e expostas nas páginas dos livros ou nos totens dos museus. Isso porque os objetos não são nada sem as histórias que carregam. Avaliamos números e dados, mas no final, é só sobre as pessoas. Conhecimento para e sobre as pessoas.

¹⁰⁰ 58% dos consultados que pertencem à geração Z (de 10 a 25 anos) afirmam que acompanhariam mais os jogos da seleção feminina se houvesse maior cobertura da mídia e para 41% do público da geração Z, a seleção brasileira feminina desperta mais orgulho que a masculina. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/10/23/para-jovens-brasileiros-selecao-feminina-da-mais-orgulho-que-a-masculina.htm>. Acesso em 09 nov 2022.

REFERÊNCIAS

- ADERALDO, Camila. **LinkedIn**, c2022. Disponível em:
<https://www.linkedin.com/in/camila-aderaldo-005a4963/?originalSubdomain=br>.
 Acesso em 09 nov 2022.
- ALA.ORG. **Feminist Task Force**. c2002. Disponível em:
<https://www.ala.org/rt/srrt/feminist-task-force>. Acesso em: 06 nov 2022.
- ALFONSI, Daniela do Amaral. **CV Lattes**, c2022. Disponível em:
<http://lattes.cnpq.br/3866253194681947>. Acesso em 09 nov 2022.
- ALMEIDA, Bruno; ROMEIRO, Nathália; WELLINGTON, Carlos (Org.). **Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação**. 1 ed. Florianópolis: Selo Nyota, 2019, v. 1. Disponível em:
<https://www.nyota.com.br/catalogo>. Acesso em 06 nov 2022.
- ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de; .BAPTISTA, Sofia Galvão. **Breve histórico da Biblioteconomia brasileira: formação do profissional**. XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação – Florianópolis, SC, Brasil, 07 a 10 de julho de 2013. Disponível em:
<http://repositorio.febab.org.br/files/original/8/2396/1508-1521-1-PB.pdf>. Acesso em: 06 nov 2022.
- ALVES, Camila. **Montar time feminino é exigência para equipes da Série A 2019; veja situação dos clubes. Futebol**, 04 jan 2019. Disponível em:
<https://ge.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>. Acesso em: 06 nov 2022.
- AMMUNDSEN, Vibeke. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Vibeke_Ammundsen. Acesso em 08 nov 2022.
- AMOSU, Margaret. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Margaret_Amosu. Acesso em 08 nov 2022.
- AUDIOGUIA MULHERES DO FUTEBOL. **Audioguia**, c2021, Disponível em:
<https://museudofutebol.org.br/audioguia-mulheres-do-futebol/>. Acesso em 09 nov 2022.
- _____. **Podcast**, c2021. Spotify. Disponível em:
<https://open.spotify.com/show/5A7IGLPB0ANO3OaZD2Dv0S?si=1abac288e837471f>
 . Acesso em 09 nov 2022.
- AZEVEDO, Fernando de. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_de_Azevedo. Acesso em 08 nov 2022.

BARRETO, Marcelo; FREITAS, Armando. **Almanaque Olímpico SPORTV**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; COB Cultural, 2008.

BARROS, Maria Antonieta Mesquita. In: VALENTIM, Marta Lígia P. (Coord.).

Formação do profissional da informação - São Paulo: Polis, 2002.

BARROSO, Inezita. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Inezita_Barroso. Acesso em 08 nov 2022.

BASÍLIO, Esdra. **Gênero na Biblioteconomia: Região Centro- Oeste (1962-2018)**.

ANPUH-Brasil - 30º Simpósio Nacional de História - Recife, 2019. Disponível em:

https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564595588_ARQUIVO_TextoparaAnpuhnacional2019.pdf. Acesso em: 06 nov 2022.

BASTOS, Barbara; COSTA, Giovana. **#DeixaElaTorcer e o movimento das mulheres no futebol**. Home, abr 2018. Disponível em:

<http://agemt.org/contraponto/2018/04/16/deixaelatorcer-e-o-movimento-das-mulheres-no-futebol/>. Acesso em: 06 nov 2022.

BAUER, Jonei. **Museu, Museologia e Museografia**. Triscele, c2014. Disponível em:

<https://www.triscele.com.br/triscele/museu-museologia-e-museografia>. Acesso em: 06 nov 2022.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**: tradução João Vergílio Gallerani Cuter - São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BBA - Black Brazil Art. **Sobre**. Disponível em:

<https://www.blackbrazilart.com.br/sobre>. Acesso em: 06 nov 2022.

BENFEITORIA. **Minha voz faz história**. Projeto, 2020. Disponível em:

<https://benfeitoria.com/projeto/museudofutebol>. Acesso em 09 nov 2022.

BETTENCOURT, Angela Maria Monteiro. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em

https://pt.wikipedia.org/wiki/Angela_Maria_Monteiro_Bettencourt. Acesso em 08 nov 2022.

BLATTER, Sarah. M., **The Role of American Women in Museum Leadership:**

Late 19th to Mid-20th Century. (2014). Museum Studies Theses. 6. Disponível em:

https://digitalcommons.buffalostate.edu/museumstudies_theses/6. Acesso em: 06 nov 2022.

BELAN, Bruna Bressan. **Participação de mulheres na gestão esportiva: uma revisão sistemática**. Bruna Bressan Belan. - UNESP, Instituto de Biociências Rio Claro, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136502/000860085.pdf?sequencia=1>. Acesso em: 06 nov 2022.

BERTO, R. M. V. S. **Carreira do futuro ou o futuro da carreira**. Transinformação, Campinas, v 8, n. 1, p. 144-157, jan/abr. 1996. Disponível em:

<http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1624/1596>. In: SILVA, Laryssa Marques. **Biblioteconomia Clínica: o profissional da informação em equipe multidisciplinar em assistência ao paciente com câncer**. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/39615>. Acesso em: 06 nov 2022.

BERTOLDO, Sanny. **Apenas 2,7% dos gestores de clubes de futebol são mulheres**. Gênero e Número, 09 jun 2021. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/mulheres-no-futebol/>. Acesso em: 06 nov 2022.

BIBLIOESPORTE. In: **Instagram**, c2022. @biblioporte. Disponível em: <https://www.instagram.com/biblioporte/>. Acesso em 09 nov 2022.

BICALHO, Lucinéia. **Interações disciplinares presentes na pesquisa em ciência da informação**. TransInformação, Campinas, 23(2):113-126, maio/ago., 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/tinf/a/6fyFtNVBYcnmWQRpcMV9LTc/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Segundo%20Nicolescu%20\(2000\)%2C%20a,l%C3%B3gica%20formal%20para%20o%20campo](https://www.scielo.br/j/tinf/a/6fyFtNVBYcnmWQRpcMV9LTc/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Segundo%20Nicolescu%20(2000)%2C%20a,l%C3%B3gica%20formal%20para%20o%20campo). Acesso em: 06 nov 2022.

BOTELHO, Maria Antonia; MONTEIRO, Ana Maria; VALLS, Valéria. **A gestão do conhecimento esportivo: a experiência da biblioteca da Seme**. Ci. Inf., Brasília, v. 36, n. 1, p. 175-188, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/xxqyxNqCCmZDgy5Fg56YJzC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 nov 2022.

BOYLE, Katherine; PARKER, Loanne O'Neal. **The Directors**. Washington Post, Style, 28 fev 2014. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/sf/style/2014/02/28/the-directors/>. Acesso em 06 nov 2022.

BRASIL. **Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911**. Approva o regulamento da Bibliotheca Nacional Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 06 nov 2022.

BROMBERGER, Christian. **Por que se interessar pelo patrimônio esportivo?**. In: Museologia e Patrimônio, Vol. 14, No 1 (2021). Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/857/777>. Acesso em 09 nov 2022.

_____. Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em 09 nov 2022.

_____. Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934. **Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências**. Disponível em <https://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/225246/decreto-6283->

CARY, Alice Dugged. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Alice_Dugged_Cary. Acesso em 08 nov 2022.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. In: **ABDF - Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do DF**. Sobre, 21 dez 2018. Disponível em: <http://abdf.org.br/sobre-abdf/legislacao/item/1148-socio-remido-4>. Acesso em: 06 nov 2022.

CAVALCANTI, Eunice Coutinho Robalinho de Oliveira. In: **Bibliotecários notáveis da FDR. UFPE.BR, Institucionais**, c2022. Disponível em: https://www.ufpe.br/agencia/noticias?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_returnToFullPageURL=https%3A%2F%2Fwww.ufpe.br%2Fagencia%2Fnoticias%3Fp_auth%3DLL58KSZj%26p_p_id%3D3%26p_p_lifecycle%3D1%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_state_rcv%3D1&_101_assetEntryId=2725446&_101_type=content&_101_groupId=642900&_101_urlTitle=bibliotecarios-notaveis-que-passaram-pela-fdr&inheritRedirect=true. Acesso em 06 nov 2022.

CBD - Departamento de Informação e Cultura. **Biblioteconomia na USP: 50 anos**. História, c2022. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/cbd/historia#:~:text=Biblioteconomia%20na%20USP%3A%2050%20anos,in%C3%ADcio%20das%20aulas%20em%201967>. Acesso em 09 nov 2022.

CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO. **Museu do Futebol**, 2013. Página inicial. Disponível em <https://museudofutebol.org.br/crfb/>. Acesso em 09 nov 2022.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações** - 7. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2003

CHIOVATTO, Mila Milene, **Educação líquida: reflexões sobre o processo educativo nos museus a partir das experiências do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado**. In: CHIOVATTO, Mila Milene (coord.). Anais do Encontro Internacional Diálogos em Educação, Museu e Arte. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do património**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2014

CLEVE, Cecilia. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Cecilia_Cleve. Acesso em 08 nov 2022.

CONTRA-ATAQUE! - AS MULHERES DO FUTEBOL. **Exposição**, c2019. Disponível em: <http://contraataque.museudofutebol.org.br/>. Acesso em 09 nov 2022.

CORDOBA, Lubna de. In: Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lubna_de_C%C3%B3rdova. Acesso em 08 nov 2022.

COUTINHO, Luciano; ESCALANTE, Isadora; MALLMANN, Patrícia. **O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária do século XXI no Brasil**. Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação, São Cristovão, v. 8, 2021. DOI: 10.24208/rebecin.v8i.243. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/243>. Acesso em: 7 nov. 2022.

COUTO, Silvio Cesar Ribeiro, et al. **A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais**. Rev. SBPH v.8 n.2 Rio de Janeiro dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006. Acesso em: 06 nov 2022.

CORTÊS, Gisele Rocha; MARTINS, Gracy Kelli. ; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. **Protagonismo social das mulheres no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba**. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima. (Org.). O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. 1ed.Florianópolis: Selo Nyota, 2019, v. 1.

DONA. Ligia, **Linkedin**, c2022. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/ligiadona/?originalSubdomain=br>. Acesso em 09 nov 2022.

DUQUE-CARDONA, Natalia; RESTREPO-FERNÁNDEZ, Maria Camila. **Bibliotecología para América Latina y el Caribe, propuesta teórica y filosófica para la discusión**. LIINC, v. 17 n. 2 (2021): Decolonialidade e Ciência da Informação: Veredas Dialógicas. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i2.5727>. Acesso em: 06 nov 2022.

EGAN, Margaret Elizabeth. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Margaret_Elizabeth_Egan. Acesso em 08 nov 2022.

ELMENDORF, Theresa. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. https://en.wikipedia.org/wiki/Theresa_Elmendorf. Acesso em 08 nov 2022.

ELMER, Emma Osterman. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. https://pt.wikipedia.org/wiki/Emma_Osterman_Elmer. Acesso em 08 nov 2022.

EQUIPE MUSEU DO FUTEBOL. **Museu do Futebol**, c2008. Página inicial. Disponível em <https://museudofutebol.org.br/equipe/>. Acesso em 09 nov 2022.

ESTEREÓTIPO. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estere%C3%B3tipo>. Acesso em 06 nov 2022.

EXPOSIÇÃO VIRTUAL. **Mulheres, desobediência e resiliência**, 2019. Exposições. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/mulheres-desobediencia-e-resiliencia/>. Acesso em 09 nov 2022.

EXTRA. **Conheça as 20 profissões mais comuns entre as mulheres**. Economia e Finanças, 19 fev 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/conheca-as-20-profissoes-mais-comuns-entre-as-mulheres-22410783.html>. Acesso em: 06 nov 2022.

FABRO, Nathalia. **Conheça Hipátia de Alexandria, a primeira mulher matemática da história**. Revista Galileu, 20 ago 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/08/conheca-hipatia-de-alexandria-primeira-mulher-matematica-da-historia.html>. Acesso em: 06 nov 2022.

FAIRCHILD, Mary Cutler. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Mary_Cutler_Fairchild. Acesso em 08 nov 2022.

FEBAB. **Bibliotecas como espaços de convivência: novas ambiências para as bibliotecas do futuro**. Repositório Febab, 31 mar 2015. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/files/original/19/1434/Trab14400210820150331_00000.pdf. Acesso em: 06 nov 2022.

FERNANDES, Nathália. **Lugar de mulher: Discursos proibitivos sobre o futebol de mulheres**. História da Ditadura, 03 ago 2022. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/lugardemulher-discursosprobitivosobreofuteboldemulheres>. . Acesso em 08 nov 2022

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Carminda_Nogueira_de_Castro_Ferreira. Acesso em 08 nov 2022

FERREIRA, Leticia. **Emprego formal ainda é exceção entre pessoas trans**. Folha de São Paulo, Mercado, 29 jan 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/emprego-formal-ainda-e-excecao-entre-pessoas-trans.shtml>. Acesso em 06 nov 2022.

FIGUEIREDO, Adelpha. In: APOSTOLO, Maria das Mercês Pereira, et al. **Biblioteconomia : passado e presente de uma profissão** - São Paulo : Sociologia e Política, 2020. Disponível em: https://www.fesp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Editora/Livro%20Biblioteconomia_web_pag%20simples.pdf. Acesso em: 06 nov 2022.

FILHO, Júlio de Mesquita Filho. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_de_Mesquita_Filho. Acesso em 08 nov 2022.

FISCHER, Helen. **The first sex: the natural talents of women and how they are changing the world**. EUA: Random House, 1999.

FLESZAROWA, Regina. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Regina_Fleszarowa. Acesso em 08 nov 2022.

FLORENCE, Virgina Proctor Powell. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Virginia_Proctor_Powell_Florence. Acesso em 08 nov 2022.

FLORES, Júlia. **Registros de violência doméstica aumentam 49% em dias de partida de futebol**. Universa UOL, 20 mai 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/05/20/registros-de-violencia-domestica-aumentam-49-em-dias-de-partida-de-futebol.htm>. Acesso em 06 nov 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Jornalista é assediada ao vivo e homem é preso; TVs e clubes prestam apoio a ela**. Televisão, 08 set 2022. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2022/09/tvs-e-clubes-prestam-apoio-a-reporter-da-espn-assediada-por-torcedor-rubro-negro.shtml>. Acesso em 06 nov 2022.

_____. **Seleção feminina dos EUA e federação chegam a acordo por igualdade salarial**. Futebol feminino, 22 fev 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/02/selecao-feminina-dos-eua-e-federacao-chegam-a-acordo-por-igualdade-salarial.shtml>. Acesso em: 06 nov 2022.

FONSECA, Barbara. **Colamos no lançamento da primeira camisa exclusiva da seleção feminina de futebol**. Hypeness, 19 mar 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/03/colamos-no-lancamento-da-primeira-camisa-exclusiva-da-selecao-feminina-de-futebol/>. Acesso em: 06 nov 2022.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. São. Paulo: Pioneira, 1992.

FORUM. **Não quero ser musa!** Revista Forum 11 jul 2012. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/ativismo-de-sofa/2012/7/11/no-queiro-ser-musa-30433.html>. Acesso em: 06 nov 2022.

FOSSI, Luciana Barcellos e GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **A psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares**. Rev. SBPH [online]. 2004, vol.7, n.1, pp. 29-43. ISSN 1516-0858. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-08582004000100004&script=sci_abstract. Acesso em 06 nov 2022.

FRANKEL, Lois P. **Mulheres lideram melhor que homens**. São Paulo: Gente, 2007.

G1. **Museu dedicado ao futebol é inaugurado nesta segunda em SP.** In: São Paulo, 29 set 2008. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL774953-5605,00-MUSEU+DEDICADO+AO+FUTEBOL+E+INAUGURADO+NESTA+SEGUNDA+EM+SP.html>. Acesso em 09 nov 2022.

GABRIEL, João; PETROCIO, Carlos. **Mulheres não chegam a 5% nos conselhos dos grandes clubes de SP.** Esporte, 2 set 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/09/mulheres-nao-chegam-a-5-nos-conselhos-dos-grandes-clubes-de-sp.shtml>. Acesso em: 06 nov 2022.

GABRIELE, Maria Cecília F. Lima. **Sociomuseologia, uma reflexão sobre a relação museus e sociedade.** Expressa Extensão, v. 19, n. 2 (2014). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/4950>. Acesso em: 06 nov 2022.

GE.GLOBO.COM. **Cris Gambaré, a mulher forte por trás do futebol feminino do Corinthians.** Vídeo, c2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/video/cris-gambare-a-mulher-forte-por-tras-do-futebol-feminino-do-corinthians-8376410.ghtml>. Acesso em 09 nov 2022.

GLEASON, Eliza Atkins. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Eliza_Atkins_Gleason. Acesso em 08 nov 2022.

GLOBO ESPORTE. **#DeixaElaTrabalhar: jornalistas lançam manifesto em defesa do trabalho das mulheres no esporte.** Futebol, 25 mar 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>. Acesso em 06 nov 2022.

GOAL. **Jogadeira: como surgiu e qual a letra da música-tema da seleção feminina?**, Notícias, 10 jun 2019. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/jogadeira-como-surgiu-e-qual-a-letra-da-musica-tema-da/jbu24qtqhuol1x0lj2z1hhc6a>. Acesso em: 06 nov 2022.

GOELLNER, Silvana. V. **Locais da memória: histórias do esporte moderno. Arquivos em movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 79-86, jul./dez. 2005. Disponível em: http://www.eefd.ufrj.br/revista/artigos/v1n1/artigo08_v1n2.pdf. Acesso em: 06 nov 2022.

GORGAS, Amelia Gayle. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Amelia_Gayle_Gorgas. Acesso em 08 nov 2022.

GOSART, Ulia. **Indigenous librarianship: Theory, practices, and means of social action.** IFLA Journal, 47(3), 293-304, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0340035221991861>. Acesso em: 06 nov 2022.

GOTTARDO, Bruna Santos. **Sobre**. In: Escavador, c2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/6205641/bruna-santos-gottardo>. Acesso em 09 nov 2022.

GROPP, Dorothy Muriel Geddes. In: APOSTOLO, Maria das Mercês Pereira, et al. **Biblioteconomia : passado e presente de uma profissão** - São Paulo : Sociologia e Política, 2020. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Editora/Livro%20Biblioteconomia_web_pag%20simples.pdf. Acesso em: 06 nov 2022.

GSHOW. **Renata Silveira, primeira brasileira a narrar um jogo da Copa do Mundo, se emociona com 'boa sorte' de Galvão Bueno**. Tudo Mais, 13 ago 2022. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/renata-silveira-primeira-brasileira-a-narrar-um-jogo-da-copa-do-mundo-se-emociona-com-boa-sorte-de-galvao-bueno.ghtml>. Acesso em: 06 nov 2022.

GUERRILLA GIRLS. **About**, c2022. Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/our-story>. Acesso em: 06 nov 2022.

HENNE. Frances E. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. https://en.wikipedia.org/wiki/Frances_E._Henne. Acesso em 08 nov 2022.

HOOD, Annie. **An Overview of Sports Heritage held primarily in the Public Domain - from Roman Gymnastics to the Modern Olympics**. Sports Heritage Network: SPORTS HERITAGE MAPPING SURVEY (PART 2), 2005. Disponível em: <https://nationalsportingheritageday.files.wordpress.com/2014/01/1797-hood-sports-heritage-rrm.pdf>. Acesso em 09 nov 2022.

HORA CAMPINAS. **Número de feminicídios em 2022 supera em 60% todo ano de 2021**. Últimas, 29 jul 2022. Disponível em: <https://horacampinas.com.br/numero-de-femicidios-em-2022-supera-em-60-todo-ano-de-2021/>. Acesso em 09 nov 2022.

HORN, Maria Lucila. **Arte e mulher: algumas leituras de contexto**. II Encontro de História da Arte - Teoria e História da Arte: abordagens metodológicas. Campinas: Unicamp, 2006.

IAWM - International Association of Women's Museum. **About**, c2022. Disponível em: <https://iawm.international/about-us/womens-museums/museums-list/>. Acesso em 09 nov 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD. **Práticas de Esporte e Atividade Física: 2015** / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>. Acesso em: 06 nov 2022.

IBRAM - **Plano Museológico - orientações para os museus**. Assuntos. Disponível em <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/planos-museologicos-orientacoes-para-os-museus>. Acesso em 09 nov 2022.

ICOM, **International Council of Museums**. Disponível em: <https://icom.museum/en/>. Acesso em 09 nov 2022.

IDBRASIL **Organização e Cultura**. Página inicial, c2022. Disponível em: <https://www.idbr.org.br/>. Acesso em 09 nov 2022.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Cadernos ODS - ODS 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas**, 2019. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9378/1/Cadernos_ODS_Objetivo_5_%20Alcan%C3%A7ar%20a%20Igualdade%20de%20G%C3%AAnero%20e%20Empoderar%20Todas%20as%20Mulheres%20e%20Meninas.pdf. Acesso em: 06 nov 2022.

ISOLAN, Fiorela Bugatti. **Sobre**. In: Escavador, c2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3706552/fiorela-bugatti-isolan>. Acesso em 09 nov 2022.

INSTITUTO AVON. **Pesquisa Violência contra mulheres e o futebol**, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1FvO5EzCpAHxvjMhjui_Efys8dsFjfSQ8. Acesso em 06 nov 2022.

JONES, Clara Stanton. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. https://en.wikipedia.org/wiki/Clara_Stanton_Jones. Acesso em 08 nov 2022.

KAZ, Leonel. **Museu do Futebol: a experiência da palavra**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 29 set. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2909200909.htm>. Acesso em 09 nov 2022.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Se é futebol, é masculino?** Revista Sociologias Plurais, n I - IV Seminário Nacional de Sociologia e Política, 2012. DOI <http://dx.doi.org/10.5380/scplpr.v0i1>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr/issue/view/2739>. Acesso em 06 nov 2022.

KRUPSKAIA, Nadejda. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Nadejda_Krupskaia. Acesso em 08 nov 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LANKES, David. **Expect More: Melhores bibliotecas para um mundo complexo**. Tradução: Jorge Prado. São Paulo: Febab, 2016.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LIMA, Emily. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Emily_Lima. Acesso em 09 nov 2022.

LIMA, Graziela dos Santos; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (Org.) **Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política** - Florianópolis, SC: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018. Disponível em: https://www.acbsc.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Livro_reorganizado_03.07.2018.pdf. Acesso em 06 nov 2022.

LIMA, Maria Leticia de Andrade. In: VALENTIM, Marta Lígia P. (Coord.). **Formação do profissional da informação** - São Paulo: Polis, 2002.

LOPES, Larissa. **Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil**. Ciências Humanas, 13 jun 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>. Acesso em 06 nov 2022.

LORDE, Audre. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Audre_Lorde. Acesso em 08 nov 2022.

LOUVRE MUSEUM. **Topic**,c2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Louvre-Museum>. Acesso em 08 nov 2022.

MCCANN, Hannah, et al. **O livro do feminismo**. 1. ed. Rio de Janeiro, Globo Livros, 2019.

MACEDO, Neusa Dias de. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Neusa_Dias_de_Macedo. Acesso em 08 nov 2022.

MAMEDE, Zila. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Zila_Mamede. Acesso em 08 nov 2022.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_dos_Pioneiros_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Nova. Acesso em 08 nov 2022.

MARANALDO, Dirceu. **Estratégia para a competitividade**. São Paulo: Produtivismo, 1989.

MARCO, Miguel Ángel de. **La Biblioteca de la Asociación del Consejo de Mujeres: El legado de un empeño secular de educación popular**. Revista de la Bolsa de Comercio de Rosario, set-2013. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/15505>. Acesso em 09 nov 2022.

MARCONDES, Leticia. **A mulher no mercado de trabalho: uma linha do tempo que você precisa conhecer**. In: Safespace, 8 de março de 2021. Disponível em: <https://safe.space/conteudo/a-mulher-no-mercado-de-trabalho-uma-linha-do-tempo-que-voce-precisa-conhecer>. Acesso em 09 nov 2022.

MARILIA BONAS. **LinkedIn**, c2022. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/mar%C3%ADlia-bonas-67071149/?originalSubdomain=br>. Acesso em 09 nov 2022.

MARINELLI, Isabella. Notícias. **70% das meninas acreditam que o esporte não é lugar para elas**. Notícias, 28 out 2016. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/70-das-meninas-acreditam-que-o-esporte-nao-e-lugar-para-elas/>. Acesso em 06 nov 2022.

MARQUEZ, Zenaira Garcia. In: VALENTIM, Marta Lúgia P. (Coord.). **Formação do profissional da informação** - São Paulo: Polis, 2002.

MARTÍNEZ-BASCUÑAN, Máriam. **O feminismo que nasceu com Simone de Beauvoir**. El País, Cultura, 07 jul 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/cultura/1562337766_757567.html. Acesso em: 06 nov 2022.

MARTINS, Carlos Wellington Soares; MULLER, Luciana Kramer Pereira. **Uma profissão feminina, mas não funciona? Representatividade de gênero na gestão dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia no Brasil**. RBBB, v. 15, n. esp. Melhores trabalhos CBBB, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/127774>. Acesso em: 06 nov 2022.

MARYLEBONE CRICKET MUSEUM. **Conferences and Events**, c2022. Disponível em: <https://www.lords.org/lords/conferences-and-events/museum>. Acesso em 08 nov 2022.

MASP. **Guerilla Girls: Gráfica, 1985-2017**. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acesso em: 06 nov 2022.

MAYO, Elton Mayo. **Democracy and Freedom, An Essay in Social Logic**, 1919, cit., p. 48. In: Chiavenato, Idalberto, Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações - 7. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

MEDEIROS, Luís. **Não vi importunação sexual**. 8 de set 2022. Twitter @chemicalbad. Disponível em: <https://twitter.com/chemicalbad/status/1567827561173893120>. Acesso em 06 nov 2022.

MEDIA HOUSE. **Jogadeira** - Cacau Fernandes feat Gabi Kivitz. c2019, (3:14 min). Disponível em: <https://youtu.be/GUqh-phhwUk>. Acesso em: 06 nov 2022.

MENDONÇA, Jeniffer. **A cada 100 pessoas trans assassinadas no Brasil, 96 são mulheres trans e travestis**. Ponte.org, 28 jan 2022. Disponível em: <https://ponte.org/a-cada-100-pessoas-trans-assassinadas-no-brasil-96-sao-mulheres-trans-e-travestis/>. Acesso em: 07 nov 2022.

MENDONÇA, Renata. **Há 80 anos, 1º jogo de mulheres no Pacaembu gerou apoio e também revolta**. Dibradoras, 18 mai 2020. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/05/18/ha-80-anos-1o-jogo-de-mulheres-no-pacaembu-gerou-apoio-e-tambem-revolta-2/>. Acesso em 06 nov 2022.

MILLS, John. Charles Miller: **O pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

MISHRA, Shanti. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Shanti_Mishra. Acesso em 08 nov 2022.

MINHA VOZ FAZ HISTÓRIA. **Peita.me**, Blogs, 2020. Disponível em: https://peita.me/blogs/news/peita-e-museu-do-futebol?_pos=1&_sid=79482d711&_ss=r. Acesso em 09 nov 2022

MITIDIERI, Maria Cristina de Azevedo. **A experiência esportiva nos museus**. Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS. UNIRIO/MAST - Rio de Janeiro, fev 2022.

MITIDIERI, Maria Cristina de Azevedo; ROCHA, Luísa. **A abordagem celebratória do patrimônio esportivo nos museus privados de clubes esportivos e nos museus públicos municipais brasileiros**. In: Museologia e Patrimônio, Vol. 14, No 1 (2021). Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/864>. Acesso em: 09 nov 2022.

MLODINOW, Leonard. **Subliminar: Como o inconsciente influencia nossas vidas**. São Paulo, Zahar, 2013

MODELLI, Lais. **A 1ª mulher a dirigir uma instituição científica no Brasil: Emília Snethlage**. DW, 11 fev 2022. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/a-primeira-mulher-a-dirigir-uma-institui%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-no-brasil/a-60745869?maca=bra-newsletter_br_Destaques-2362-xml-newsletter&r=726505841023477&lid=2054177&pm_In=133823. Acesso em 06 nov 2022.

MORALES, Olinta Ariosa. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Olinta_Ariosa_Morales. Acesso em 06 nov 2022.

MORENO, J.; BASTOS, L. **O estereótipo do bibliotecário no cinema**. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/63059>. Acesso em: 07 nov. 2022.

MOTTA, Fernando Cláudio Prestes; VASCONCELOS, Isabella Gouveia de. **Teoria geral da administração**. 3. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

MUJERES CAMBIAN LOS MUSEOS. **Apresentação**. Madri, Espanha. c2022. Disponível em: <https://www.mujirescambianlosmuseos.com/presentacion-apresentacao/>. Acesso em: 06 nov 2022.

MUSA. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Musa>. Acesso em 09 nov 2022.

MUSEE NATIONAL DU SPORT. **Histoire du Musee**, c2022. Disponível em: <https://www.museedusport.fr/fr/content/histoire-du-musee>. Acesso em 08 nov 2022.

MUSEU DO FUTEBOL. **Mariana Chaves**, coordenadora do Núcleo de Exposições do Museu do Futebol desde 2013, faleceu na noite de ontem, aos 44 anos, após complicações decorrentes de uma crise de asma. São Paulo, SP, 25 mai 2022. Twitter: @museudofutebol. Disponível em: <https://twitter.com/museudofutebol/status/1529495579780427778>. Acesso em 09 nov 2022.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. **Museum History**, 2022. Disponível em: <https://www.nationalfootballmuseum.com/museum-history/>. Acesso em 05 jun 2022.

NICOLESCU, Basarab. **Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade**. In: NICOLESCU, Basarab. et al. (Org.). Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO, 2000.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2021** / Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Museu da UFRGS -- Porto Alegre : Museu da UFRGS, 2022. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2021/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2021.pdf. Acesso em 06 nov 2022.

OKU, Ekei Essien. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ekei_Essien_Oku. Acesso em 08 nov 2022.

OLINTO, Gilda. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil**. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/download/1667/1873/0>. Acesso em: 06 nov 2022.

OLIVEIRA, Armando de Sales. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Armando_de_Sales_Oliveira. Acesso em 08 nov 2022.

OLIVEIRA, Marlene de. **Ciência da Informação no Brasil**. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaço de atuação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

OLIVEIRA, Nahema Nascimento Barra de. **Sobre**. In: Escavador, c2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4407207/nahema-nascimento-barra-de-oliveira>. Acesso em 09 nov 2022.

OLYMPIC STUDIES CENTRE. **40 years of the Olympic Studies Centre: From a small library to a global resource centre**. In: Olympics.com, 07 out 2022. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/news/40-years-of-the-olympic-studies-centre-from-a-small-library-to-a-global-resource-centre>. Acesso em 09 nov 2022.

ONU BRASIL. **No ritmo atual, desigualdade salarial entre homens e mulheres só acabará em 257 anos**. Notícias, 18 set 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91595-no-ritmo-atual-desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-so-acabara-em-257-anos>. Acesso em: 06 nov 2022.

ONU MUJERES. **Todo lo que debe saber sobre promover la igualdad salarial**. News, 14 set 2020. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/news/stories/2020/9/explainer-everything-you-need-to-know-about-equal-pay>. Acesso em: 06 nov 2022.

ORSO, Paulino José. **Elitização da universidade brasileira em perspectiva histórica**. Roteiro vol.45 Joaçaba jan./dez 2020 Epub 04-Jun-2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592020000100210. Acesso em: 06 nov 2022
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592020000100210

PALMEIRAS. **Histórico! Palestras supera Boca Junior e conquistam título inédito da Libertadores feminina**. Notícias, 28 out 2022. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/noticias/historico-palestras-superam-boca-juniors-e-conquistam-titulo-inedito-da-libertadores-feminina/#:~:text=O%20PALMEIRAS%20%C3%89%20O%20CAMPE%C3%83O,%20C%20em%20Quito%20no%20Equador>. Acesso em 09 nov 2022.

PEDROSA, Cida. **Arte não é lugar para machismo**. Brasil de Fato Pernambuco, Coluna, 17 mar 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2022/03/17/arte-nao-e-lugar-para-machismo/#:~:text=Uma%20pesquisa%20realizada%20pelo%20IBGE,fica%20em%20Otorno%20de%2082%25>. Acesso em: 06 nov 2022.

PEITA.ME. **Página inicial**, c2022. Disponível em: <https://peita.me/>. Acesso em 09 nov 2022.

PEQUENO, Mercedes Reis. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercedes_Reis_Pequeno. Acesso em 08 nov 2022.

PEREIRA, Reginaldo dos Reis. **O menino e a bola**. Universidade do Futebol, 16 abr 2021. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2021/04/16/o-menino-e-a-bola/>. Acesso em: 06 nov 2022.

PIEDADE, Maria Antonieta Requião. In: VALENTIM, Marta Lígia P. (Coord.).

Formação do profissional da informação - São Paulo: Polis, 2002.

POLO, Rafaela. **Leila: 'Certeza que não fariam certas críticas se eu não fosse mulher'**, Universa UOL - Mulheres inspiradoras, 28 set 2022. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/09/28/leila-pereira-machismo-presidente-palmeiras.htm>. Acesso em: 06 nov 2022.

PIERRE DE COUBERTIN. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_de_Coubertin. Acesso em 08 nov 2022.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (Org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3753885&forceview=1>. Acesso em 08 nov 2022.

PLANO MUSEOLÓGICO. **Museu do Futebol. 2021/2025**. Institucional. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/wp-content/uploads/2021/06/JUN-2021-Plano-Museologico-Museu-do-Futebol-FINAL.pdf>. Acesso em 09 nov 2022.

PRA, Desirée Daí. **A diversidade na configuração familiar: Uma revisão da literatura**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia. Porto Alegre, abril de 2013. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117876/000880546.pdf?seq>. Acesso em: 06 nov 2022.

QUINTON, Cornelia Bentley Sage. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em:

https://en.wikipedia.org/wiki/Cornelia_Bentley_Sage_Quinton. Acesso em 09 nov 2022.

QULTURE.ROCKS. **Equipe multidisciplinar: entenda o que é e seus diferenciais**. São Paulo, 14 jun 2022. Disponível em:

<https://www.qulture.rocks/blog/equipe-multidisciplinar#:~:text=e%20saiba%20mais!-,O%20que%20s%C3%A3o%20as%20equipes%20multidisciplinares%20e%20quais%20seus%20benef%C3%ADcios,diversificadas%20%E2%80%94%20e%20de%20forma%C3%A7%C3%B5es%20variadas>. Acesso em: 06 nov 2022.

REAL, Regina Monteiro. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regina_Monteiro_Real. Acesso em 08 nov 2022.

RECHENA, Aida. **Sociomuseologia e Gênero: Imagens da Mulher em Exposições de Museus Portugueses**. Tese de doutoramento em Museologia,

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/aida_rechena.pdf. Acesso em 06 nov 2022.

REDE GLOBO. **Narradora Renata Silveira estreia na TV Globo na semifinal da Supercopa Feminina.** Novidades, 01 fev 2022. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/narradora-renata-silveira-estreia-na-tv-globo-na-semifinal-da-supercopa-feminina.ghtml>. Acesso em: 06 nov 2022.

RELATÓRIO FINAL. **Exposição Contra-Ataque!**, c2020. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Museu-do-Futebol_Expo-CONTRA-ATAQUE_Relatorio-Final-2.pdf

RIGBY, E. et al. **Clinical librarians: a journey through a clinical question.** Health Information and Libraries Journal, v. 19, n.3, p.158-160, 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1046/j.1471-1842.2002.00393.x>. In: SILVA, Laryssa Marques. Biblioteconomia Clínica: o profissional da informação em equipe multidisciplinar em assistência ao paciente com câncer. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/39615>. Acesso em: 06 nov 2022.

RIVERA, Zoia; RODRÍGUES CRUZ, Martha. **Maria Villar: la primera profesora de biblioteconomia en Cuba.** Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-458826>. Acesso em 06 nov 2022.

RODRIGUES, Adelpha Silva. **Desenvolvimento da Biblioteconomia em S. Paulo.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. Disponível em: <https://obtienearchivo.bcn.cl/obtieneimagen?id=documentos/10221.1/60627/2/212838.pdf>. Acesso em 09 nov 2022.

RÔXO, Marina Monteiro de Barros. In: **Sesquicentenário - 1810 - 1960: Guia da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro, 1960. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg621953.pdf. Acesso em 06 nov 2022.

RUSSO, Laura. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Laura_Russo. Acesso em 08 nov 2022.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na Revista Placar na década de 1990.** Revista Sociologias Plurais (Paraná), v.1, n. 1, p. 144-159, 2013.

SAMBAQUY, Lydia. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lydia_Sambaquy. Acesso em 08 nov 2022.

SANTANA, Vanessa Angélica. **Teoria das Relações Humanas.** Administradores.com, Produção Acadêmica, 29 ago 2014. Disponível em:

<https://administradores.com.br/producao-academica/teoria-das-relacoes-humanas>. Acesso em: 06 nov 2022.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SÃO PAULO. Ato Prefeito - Pref nº 1.146 de 6 de julho de 1936. **Consolida e modifica disposições referentes aos serviços, repartições e funcionários da Prefeitura, e dá outras providências**. Disponível em:

<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/ato-gabinete-do-prefeito-1146-de-7-de-julho-de-1936#:~:text=JULHO%20DE%201936->

,Consolida%20e%20modifica%20disposi%C3%A7%C3%B5es%20referentes%20aos%20servi%C3%A7os%20reparti%C3%A7%C3%B5es%20e%20funcion%C3%A1rios,Prefeitura%20e%20d%C3%A1%20outras%20providencias.&text=Art.,16%20de%20dezembro%20de%201935.Acesso em 09 nov 2022.

_____. **Lei Municipal 44.489, 1954**. Grande Praça passou a chamar-se Charles Miller. Disponível em

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/historico_seme_1494448488.pdf. Acesso em 09 nov 2022.

_____. **Lei nº 13.989 de 10 de junho de 2005**. Cria o Museu do Futebol nas dependências do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho - Estádio do Pacaembu. Disponível em <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-13989-de-10-de-junho-de-2005>. Acesso em 09 nov 2022.

SÉCULO XIX. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XIX. Acesso em: 09 nov 2022.

SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL FEMININO. **Títulos**. Títulos da Seleção Feminina de Futebol. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_de_Futebol_Feminino. Acesso em: 06 nov 2022.

SENADO FEDERAL. **Congresso terá mulheres trans, indígenas e trabalhadores sem-terra**. Agência Senado, 03 out 2022. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/10/03/congresso-tera-mulheres-trans-indigenas-e-trabalhadores-sem-terra>. Acesso em 09 nov 2022.

SHOCLEY, Ann Allen. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Ann_Allen_Shockley. Acesso em 08 nov 2022.

SILVA, Andréia Sousa da; BURIN, Camila Koerich. **A importância do letramento político: analisando o protagonismo das bibliotecárias à frente das entidades de classe**. In: SILVA, Franciele Carneiro Garçês da; ROMEIRO, Nathalia Lima (Orgs.). O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Florianópolis: ACB, 2018.

SILVA, Diana Mendes Machado da. **CV Lattes**, c2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1431058300707467>. Acesso em 09 nov 2022.

SILVA, Laryssa Marques. **Biblioteconomia Clínica: o profissional da informação em equipe multidisciplinar em assistência ao paciente com câncer**. 2019. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/39615>. Acesso em: 06 nov 2022.

SMITH, Lillian H. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Lillian_H._Smith. Acesso em 08 nov 2022.

SOHIER, Elizabeth Putnam. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Elizabeth_Putnam_Sohier. Acesso em 08 nov 2022.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. **A biblioteconomia e a "construção social"**. Revista Interamericana de Bibliotecologia. vol.41 no.2 Medellín May/Aug. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-09762018000200167. Acesso em: 06 nov 2022.

TAVARES, Denise. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Denise_Tavares. Acesso em 08 nov 2022.

TEIXEIRA, Anísio. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%ADsio_Teixeira. Acesso em 08 nov 2022.

TENNIS HALL OF FAME. **International Tennis Hall of Fame. Historic Grounds**, 2022. Disponível em: <https://www.tennisfame.com/museum-and-grounds/historic-grounds>. Acesso em 09 nov 2022.

TERIN, Julia. **Linkedin**, c2022. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/julia-terin/?originalSubdomain=br>. Acesso em 09 nov 2022.

TIMELINE of women in library science. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Timeline_of_women_in_library_science#:~:text=2000%3A%20Lynne%20Brindley%20was%20appointed,National%20Medical%20Library%20in%20India. Acesso em 09 nov 2022.

TOLEDO, Ana Clara Bicalho. **Me empodera te empoderar**. 2017. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) -

Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6569>. Acesso em 06 nov 2022.

TONINI, Regina Santos. **Homenagem à bibliotecária Regina Santos Silva Tonini**, Repositório - FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5200>. Acesso em 06 nov 2022.

TORRAGA, Tales. **Para jovens brasileiros, seleção feminina dá mais orgulho que a masculina**. Futebol, 23 out 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/10/23/para-jovens-brasileiros-selecao-feminina-da-mais-orgulho-que-a-masculina.htm>. Acesso em 09 nov 2022.

UNANDER, Eva. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Eva_Unander. Acesso em 08 nov 2022.

UFRJ. **Ninguém larga a mão de ninguém: A importância de uma equipe multidisciplinar**. Festival do Conhecimento, 02 set 2022 (1:13:52 min). Disponível em: https://youtu.be/yagx0Z_H-Qs. Acesso em: 06 nov 2022.

UNESCO. **Gender & Creativity: Progress on the Precipice**. Publications, c2018. Disponível em: <https://en.unesco.org/creativity/publications/gender-creativity-progress-precipice>. Acesso em: 06 nov 2022.

UNESP. **A primeira bibliotecária trans do Brasil é da UNESP**. Notícia, 17 set 2018. Disponível em: <https://alumni.unesp.br/noticia/eu-sou-unesp-alexia-vitoria>. Acesso em 06 nov 2022.

UNFPA BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. c2022. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>. Acesso em 06 nov 2022

VALENTIM, Marta Lúcia (Coord.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

VAQUINHAS, Irene. **Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história**. MIDAS, v.3, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/midas.603>. Acesso em: 06 nov 2022.

VARGAS, Alzira. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Alzira_Vargas. Acesso em 08 nov 2022.

VEIGA, Ana Cecilia Rocha. **A nova museologia e a interdisciplinaridade**. Conferência: SEBRAMUS - Seminário Brasileiro de Museologia, UNB - nov 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320881251_A_Nova_Museologia_e_a_inte

rdisciplinaridade_por_uma_gestao_participativa_nos_museus_contemporaneos.
Acesso em 06 nov 2022.

VINING, Elizabeth Gray. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Elizabeth_Gray_Vining. Acesso em 08 nov 2022.

VISIBILIDADE PARA O FUTEBOL FEMININO. **Exposição**, CRFB, 2015. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/612628/>. Acesso em 09 nov 2022.

VIVO, Fundação Telefônica. **Qual a diferença entre igualdade e equidade?** In: Fundação Telefonica Vivo, 02 jun 2021. Disponível em: <https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/qual-a-diferenca-entre-igualdade-e-equidade/>. Acesso em 08 nov 2022.

WALDON, Freda Farrell. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Freda_Farrell_Waldon. Acesso em 08 nov 2022.

WIBORADA. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wiborada>. Acesso em 08 nov 2022.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report** March 2021. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2021.pdf . Acesso em: 06 nov 2022.

XAVIER, Sérgio. **Museu do Futebol, um museu-experiência**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2014.

ZAHER, Célia Ribeiro. **Ciência da Informação: uma história desenhada por mãos femininas**. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima. (Org.). O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. 1ed. Florianópolis: Selo Nyota, 2019, v. 1
Disponível em:
https://www.nyota.com.br/_files/ugd/c3c80a_fbc3e5b33dc14ead8917b5429f97a631.pdf. Acesso em 06 nov 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA EQUIPE CRFB

Questionário - Método de pesquisa TCC

Andrea Ariani – Biblioteconomia FESPSP– 6º Semestre

Set | Out 2022

▪ Sobre a equipe

1) Oi! Quem é você, sua idade, sua formação (ou o que está estudando no momento) e sua atual função no CRFB?

2) Há quanto tempo você trabalha no CRFB?

3) Qual a sua ligação pessoal e afetiva com o futebol? (Como você começou a gostar e torcer para algum time?)

4) Além do CRFB e do Museu, como você costuma consumir futebol? Joga? Vai aos jogos, vê pela TV, ouve pelo rádio ou app? Costuma acompanhar algum site, canal, influencer ou podcast para saber sobre o esporte ou sobre o seu time?

5) Você acompanha, pratica ou gosta de algum outro esporte que não o futebol? Se sim, por que?

6) Como fã de futebol, de qualquer tipo de futebol, qual a importância que você vê em ter um museu e um centro de referência como esse na cidade de SP?

7) Sendo uma equipe multidisciplinar, ou seja, cada um com sua experiência e formação, como vocês acham que esse fato contribui para a seleção de material de acervo e aquisição de novos materiais?

8) O que você acha do fato de ter mulheres na equipe do centro de referência? Você acha que o CRFB ser gerenciado por uma mulher, influencia na seleção de material ou assuntos a serem tratados?

9) Além do esporte, de estar em um museu especializado, ter acesso à raridades e ver como todas as ações, exposições e eventos nascem e acontecem no Museu do Futebol, o que você considera mais importante ou mais legal em trabalhar em um acervo como o do CRFB?

10) Para as mulheres da equipe: Apesar de mudar um pouco nos últimos anos e parecer mais acolhedor para mulheres atuarem com esporte, especialmente o futebol, o Museu do Futebol influenciou nessa inclusão também ao promover o futebol delas. Por serem mulheres trabalhando com um esporte que não costuma ser acolhedor à todas as mulheres, como vocês se sentem? Já houve alguma situação em que houve preconceito ou a recusa em ser atendido porque mulher não conhece bem isso, porque não sabe a escalação de um time ou por estarem na instituição esse tipo de situação blinda de certa forma dessas situações?

▪ Sobre o Acervo / Método de trabalho

1) Vocês têm contato ou se inspiram em alguma outra instituição que lida com acervo esportivo não só na gestão da informação, mas em relação ao método de trabalho da equipe? Se sim, em qual ou quais?

2) Já houve o processo inverso? De serem procurados por alguma instituição de acervo esportivo por serem exemplos em relação não só ao acervo, mas aos projetos de inclusão?

3) Há algum tipo de intercâmbio com outros acervos de esporte dentro e fora do país para troca não só de informações, mas de empréstimos ou troca de material entre acervos?

4) Nesses quase dez anos de atuação do CRFB, o que mudou da fundação até hoje no tratamento da informação esportiva?

5) Vocês se inspiraram ou se inspiraram em algum outro centro de referência no mundo para desenvolver o trabalho ou o formato de atendimento ao público que gosta de esporte não só a prática, mas a teoria, literatura e pesquisas tendo o futebol como objeto de estudo?

6) Quantos itens o acervo tem atualmente? Como vocês costumam fazer esse controle numérico de obras e itens?

7) Numa pesquisa de 2020, com resultados divulgados no plano museológico do Museu do Futebol, entre os pontos de orgulho do público interno foi o Centro de Referência do Futebol. Tendo essa responsabilidade de continuar agradando e atendendo o público interno e externo, quais projetos o CRFB tem como missão que ainda está em desenvolvimento ou precisa aprimorar para atender demandas dos visitantes ou da própria instituição em termos de ações ou aquisições?

APÊNDICE B– ROTEIRO DE ENTREVISTA MARÍLIA BONAS

Entrevista Marília Bonas | TCC – Andrea Ariani (Setembro | 2022)

1) O Museu do Futebol, segundo a sua própria missão e os eventos que vem promovendo ao longo do tempo, sempre leva muito em conta o retorno do público já que, como poucos, promove essa troca emocional e sensorial entre instituição e visitantes, algo que o esporte por si já proporciona e as visitas e consultas ao acervo tornam ainda mais especial. Ter mais futebol feminino no histórico do Museu foi uma demanda do público e que vocês atenderam de forma sensacional, visto o retorno e o número de apoiadores que projetos como o Audioguia Mulheres do Futebol teve na época da sua concepção e continua sendo uma grande referência para a memória esportiva e do futebol feminino. Sendo você uma das idealizadoras, como foi fazer a curadoria e o desenvolvimento desse projeto e ter visto o quanto ele repercutiu e gerou de visibilidade para a modalidade e as atletas?

2) Vários projetos e trabalhos tem dado destaque para a representatividade de mulheres nos museus, seja como são retratadas nas obras, no número de artistas mulheres expondo, seja compondo equipes técnicas ou gerenciando instituições. O Museu do Futebol é um dos que compõe parceria com o projeto ‘Mujeres cambian los museos’. Quais ações foram feitas efetivamente nesses encontros e acordos já realizados do MF e outras instituições com o projeto? Existe alguma demanda conjunta ou metas a cumprir a partir dos encontros entre instituições? Qual a importância que você vê nessa iniciativa?

3) Um dos pilares da missão do Museu do Futebol é de ele ser inclusivo. Quais as ações que você acredita que deu mais resultado ou apresentou menos resistência do público padrão torcedor do futebol (masculino, branco, hetero) em relação às iniciativas de diversidade tanto do futebol feminino, das torcidas e equipes LGBTQIA+ e ações antirracistas que são as ‘minorias’ que geralmente o futebol heteronormativo ainda costuma excluir da prática, do noticiário e das arquibancadas?

4) Já não faz sentido dizer que o futebol não é coisa para elas visto o número crescente (e sempre presente, resistente) de atletas, treinadoras, equipes técnicas, jornalistas, comentaristas, árbitras, pesquisadoras, historiadoras e tantas outras profissões que são praticantes, torcedoras, frequentam estádios e acompanham o dia-a-dia da modalidade, independente de ser homens ou mulheres em campo. Nesse período em que está atuando como diretora da instituição, quais as vantagens que você vê em ter as mulheres podendo selecionar informações, compor acervo, pesquisar, propor atividades e ações educativas ligadas ao futebol e a história da modalidade de uma forma geral?

5) Você pessoalmente tem algum registro de casos de preconceito em relação a algum visitante, pesquisador, que tenha sido hostil com alguma colaboradora por ser uma mulher atuando em um Museu especializado em futebol e com maior representatividade ao futebol masculino nas exposições e acervo? Na sua opinião, ter equipes mistas atuando, com formações e experiências diferentes faz com que, se esse tipo de situação ocorrer, os casos diminuam ou aconteçam com menos frequência?

APÊNDICE C– ENTREVISTA ADEMIR TAKARA (BIBLIOTECÁRIO DO CRFB)

Questionário - Método de pesquisa TCC
Andrea Ariani – Biblioteconomia FESPSP– 6º Semestre
Set | Out 2022

▪ Sobre a equipe

Oi! Quem é você, sua idade, sua formação (ou o que está estudando no momento) e sua atual função no CRFB?

R: Ademir Takara, bibliotecário, bacharel em História e em Biblioteconomia pela USP.

Há quanto tempo você trabalha no CRFB?

R: 11 anos (desde 2011).

Qual a sua ligação pessoal e afetiva com o futebol? (Como você começou a gostar e torcer para algum time?)

R: São-paulino, por escolha própria, sempre gostei de assistir futebol, joguei muito no ensino fundamental, e gostava muito colecionar as páginas esportivas dos jornais.

Além do CRFB e do Museu, como você costuma consumir futebol? Joga? Vai aos jogos, vê pela TV, ouve pelo rádio ou app? Costuma acompanhar algum site, canal, influencer ou podcast para saber sobre o esporte ou sobre o seu time?

R: Assisto jogos da Seleção Brasileira, Campeonatos Brasileiros Série A e B, Brasileiro Feminino, Liga dos Campeões da Europa e Campeonato Inglês, pelas TVs Globo, Sportv, ESPN e Band. Pelo tempo real do GloboEsporte.Com acompanho jogos do São Paulo FC que não passam pela TV. Não tenho o hábito de ouvir podcasts. Já fui mais ligado em programas estilo mesa redonda, mas atualmente não tenho tanto interesse.

Você acompanha, pratica ou gosta de algum outro esporte que não o futebol? Se sim, por que?

R: Eventualmente acompanho vôlei (Seleção Brasileira), rúgbi e Fórmula 1.

Como fã de futebol, de qualquer tipo de futebol, qual a importância que você vê em ter um museu e um centro de referência como esse na cidade de SP?

R: Sempre gostei muito de história do futebol, mas principalmente gosto de fichas de jogos. E existem muitas pessoas em SP que gostam de pesquisar o universo do futebol. O Museu do Futebol e o CRFB são muito procurados por pessoas que pesquisam os vários lados do futebol. Nosso acervo, não raro é exclusivo ou o único aberto ao público.

Sendo uma equipe multidisciplinar, ou seja, cada um com sua experiência e formação, como vocês acham que esse fato contribui para a seleção de material de acervo e aquisição de novos materiais?

R: Na verdade, na maioria das vezes, a equipe é acionada por demandas internas ou externas. As várias formações ajudam a analisar tais demandas, indicando prioridades, oportunidades, causas relevantes e aproximações que estão condizentes com os valores e missão do Museu do Futebol. A seleção do material, acaba sendo consequência e o meio do nosso processo de trabalho, cujo final é a catalogação/sistematização para finalizar com a publicização.

O que você acha do fato de ter mulheres na equipe do centro de referência? Você acha que o CRFB ser gerenciado por uma mulher, influencia na seleção de material ou assuntos a serem tratados?

R: Desde antes da criação do CRFB, sempre foi normal ter mais mulheres. A presença de mulheres foi um facilitador, no meu entender, por exemplo nos momentos das pesquisas sobre futebol de mulheres em 2015 e 2019, relacionadas às exposições temporárias *“Visibilidade para o Futebol Feminino”* e *“Contra-Ataque”*, especialmente porque praticamente todo o acervo iconográfico foi colhido junto às mulheres jornalistas, jogadoras e torcedoras.

Além do esporte, de estar em um museu especializado, ter acesso à raridades e ver como todas as ações, exposições e eventos nascem e acontecem no Museu do Futebol, o que você considera mais importante ou mais legal em trabalhar em um acervo como o do CRFB?

R: No meu caso especificamente, há muito tempo venho acompanhando a produção bibliográfica sobre futebol no Brasil, então a criação da primeira biblioteca pública sobre futebol brasileiro foi a oportunidade pessoal de ter em mãos, pela primeira vez, títulos que conhecia há muito tempo, mas por estarem fora de catálogo há décadas, jamais os tinha lido. Uma oportunidade não imaginada é que depois passei a conhecer os autores de muitas daquelas obras. Com certeza é a parte mais legal do meu trabalho. A parte mais importante é conseguir criar uma rede de pesquisadores de futebol e conectar todo mundo.

▪ Sobre o Acervo / Método de trabalho

Vocês têm contato ou se inspiram em alguma outra instituição que lida com acervo esportivo não só na gestão da informação, mas em relação ao método de trabalho da equipe? Se sim, em qual ou quais?

R: Na verdade somos pioneiros no que se refere ao tratamento de acervos digitais, mas também em termos de salvaguarda de acervos esportivos. A equipe de pesquisadores que mapeou a prática do futebol na cidade de São Paulo e 2011-2013 ia a campo com uma cartilha que orientava os clubes de várzea a como preservar fotos, jornais, camisa, troféus e medalhas. Até hoje somos procurados por clubes profissionais e amadores para indicar especialistas em restauro e manutenção de peças históricas.

Já houve o processo inverso? De serem procurados por alguma instituição de acervo esportivo por serem exemplos em relação não só ao acervo, mas aos projetos de inclusão?

R: Isso acontece o tempo todo. Mas o curioso é que somos procurados por instituições que não são ligadas ao esporte. Somos procurados por museus, memoriais, arquivos, instituições pública e particulares, escolas, universidades.

Há algum tipo de intercâmbio com outros acervos de esporte dentro e fora do país para troca não só de informações, mas de empréstimos ou troca de material entre acervos?

R: A rigor o MF não tem um acervo de peças museológica para fazer um intercâmbio. Na prática o MF pede emprestado acervos para suas exposições temporárias e itinerantes, e após o fim das mesmas tudo é devolvido. Compartilhamos acervos digitais, mas somente mediante autorização dos proprietários.

Nesses quase dez anos de atuação do CRFB, o que mudou da fundação até hoje no tratamento da informação esportiva?

R: Acredito que houve uma maior compreensão da importância da catalogação e da compreensão dos fluxos de trabalho, principalmente envolvendo os papéis da biblioteca, documentação e pesquisa.

Vocês se inspiraram ou se inspiraram em algum outro centro de referência no mundo para desenvolver o trabalho ou o formato de atendimento ao público que gosta de

esporte não só a prática, mas a teoria, literatura e pesquisas tendo o futebol como objeto de estudo?

R: No caso específico de atendimento de público, na verdade, foi um processo contrário, isto é, a partir de experiências ruins em outras instituições, principalmente como frequentadores, optamos por uma forma de atendimento o qual consideramos ideal para o público.

Quantos itens o acervo tem atualmente? Como vocês costumam fazer esse controle numérico de obras e itens?

R: Algo em torno de 35 mil itens, entre bibliográfico/iconográfico e físico/digital. O controle é feito basicamente por planilhas e pelo banco de dados.

Numa pesquisa de 2020, com resultados divulgados no plano museológico do Museu do Futebol, entre os pontos de orgulho do público interno foi o Centro de Referência do Futebol. Tendo essa responsabilidade de continuar agradando e atendendo o público interno e externo, quais projetos o CRFB tem como missão que ainda está em desenvolvimento ou precisa aprimorar para atender demandas dos visitantes ou da própria instituição em termos de ações ou aquisições?

R: Internamente o CRFB tem tido posição de destaque na atualização da exposição de longa duração, prevista para 2023. Externamente, também para o ano que vem o projeto de visitar as instituições mapeadas entre 2011-2013 no processo de implantação do CRFB. Paralelamente continua o mapeamento do futebol de mulheres, futebol trans, da memória de atletas negros.

APÊNDICE D– ENTREVISTA DÓRIS REGIS (TÉCNICA EM DOCUMENTAÇÃO DO CRFB)

Questionário - Método de pesquisa TCC
Andrea Ariani – Biblioteconomia FESPSP– 6º Semestre
Set | Out 2022

▪ Sobre a equipe

Oi! Quem é você, sua idade, sua formação (ou o que está estudando no momento) e sua atual função no CRFB?

Me chamo Dóris Régis, tenho 31 anos e atuo como técnica em documentação. Sou formada em Biblioteconomia e Ciência da Informação (FESPSP, 2012) e pós-graduada em Gestão de Conteúdos Digitais (FESPSP, 2022).

Há quanto tempo você trabalha no CRFB?

Trabalho no Centro de Referência desde 2013. Durante o período, atuei como catalogadora, assistente de biblioteca e, desde 2021, técnica em documentação.

Qual a sua ligação pessoal e afetiva com o futebol? (Como você começou a gostar e torcer para algum time?)

Acompanho futebol desde criança. Torço para o São Paulo e, quando possível, frequento os jogos no Estádio do Morumbi. Meu interesse surgiu espontaneamente. Parte da minha família não acompanha futebol e, os poucos que gostam, torcem para o Corinthians. Comecei a frequentar jogos e acompanhar futebol internacional aos 16 anos, quando conheci outras pessoas que também gostavam do assunto. Na época, participei por um breve período de um coletivo de torcedores chamado "Movimento São-Paulinos".

Além do CRFB e do Museu, como você costuma consumir futebol? Joga? Vai aos jogos, vê pela TV, ouve pelo rádio ou app? Costuma acompanhar algum site, canal, influencer ou podcast para saber sobre o esporte ou sobre o seu time?

Acompanho futebol pela televisão, rádio e YouTube. Também vou ao Estádio do Morumbi quando possível. Vejo vídeos de alguns influencers de futebol (Casimiro, Barolo – que fala apenas do São Paulo) e sigo algumas contas nas redes sociais sobre o tema.

Você acompanha, pratica ou gosta de algum outro esporte que não o futebol? Se sim, por que?

Não acompanho ou pratico outros esportes. Tenho um leve interesse em jogos eletrônicos, mas não possuo grande conhecimento.

Como fã de futebol, de qualquer tipo de futebol, qual a importância que você vê em ter um museu e um centro de referência como esse na cidade de SP?

O Centro de Referência, de certa forma, funciona como um complemento aos conteúdos da exposição de longa duração do Museu do Futebol. Ele é fundamental para o cumprimento da nossa missão de "preservar, pesquisar e comunicar o futebol no Brasil, em suas dimensões e expressões históricas e culturais, para os mais diversos públicos". Desde sua inauguração, em 2013, o CRFB desenvolve parcerias com clubes de futebol profissionais e amadores, instituições culturais, universidades, coletivos e grupos de estudos para a

execução de iniciativas como projetos de história oral, digitalização de acervos, seminários, encontros e visitas. Entendo que o nosso intuito é o de contar e salvaguardar a história do Brasil através do esporte, abordando o futebol como um fenômeno histórico, político, social e cultural para visitantes diversos, independente do grau de conhecimento sobre o tema, gênero, cor ou classe social.

Sendo uma equipe multidisciplinar, ou seja, cada um com sua experiência e formação, como vocês acham que esse fato contribui para a seleção de material de acervo e aquisição de novos materiais?

O núcleo do Centro de Referência é composto pelas áreas de Documentação, Pesquisa e Biblioteca. Cada um desses eixos tem suas especificidades: aquisição de novos materiais bibliográficos, digitalização de fotografias, pesquisa para projetos de história oral, etc.

Pensando na instituição como qualquer museu de grande porte e com alto número de visitação, é imprescindível a contratação de pessoas de áreas como a Museologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, História e Geografia. Cada uma dessas disciplinas entende a salvaguarda de uma forma diferente. Na Biblioteconomia, por exemplo, não temos ferramentas que nos ensinam a produzir um roteiro para entrevistas de história oral. Nesse sentido, é importante o diálogo com os historiadores da equipe. De forma inversa, os pesquisadores da instituição não possuem conhecimentos necessários para a criação e para a implantação de um vocabulário controlado.

O que você acha do fato de ter mulheres na equipe do centro de referência? Você acha que o CRFB ser gerenciado por uma mulher, influencia na seleção de material ou assuntos a serem tratados?

Essa é uma pergunta de difícil resposta. Já trabalhei com uma coordenação composta por homens e mulheres cis, e, honestamente, não percebi muitas diferenças na questão dos temas e projetos elaborados. O que entendo é que é fundamental que esse profissional possua experiência curricular na área da Museologia.

Além do esporte, de estar em um museu especializado, ter acesso à raridades e ver como todas as ações, exposições e eventos nascem e acontecem no Museu do Futebol, o que você considera mais importante ou mais legal em trabalhar em um acervo como o do CRFB?

Particularmente, gosto da parte da elaboração e da gestão de inventários dos acervos digitalizados. Considero de extrema importância a guarda e a divulgação das imagens de pessoas e instituições diversas, como times de várzea, equipes LGBTQIAP+ e jogadoras que atuaram na Seleção Brasileira. Poder contar a história de quem faz o futebol acontecer, dentro e fora de campo, seja ele profissional ou amador, é motivador.

Para as mulheres da equipe: Apesar de mudar um pouco nos últimos anos e parecer mais acolhedor para mulheres atuarem com esporte, especialmente o futebol, o Museu do Futebol influenciou nessa inclusão também ao promover o futebol delas. Por serem mulheres trabalhando com um esporte que não costuma ser acolhedor à todas as mulheres, como vocês se sentem? Já houve alguma situação em que houve preconceito ou a recusa em ser atendido porque mulher não conhece bem isso,

porque não sabe a escalação de um time ou por estarem na instituição esse tipo de situação blinda de certa forma dessas situações?

Os pesquisadores e visitantes que frequentam a biblioteca do CRFB normalmente são muito simpáticos. É comum ficarmos horas conversando com alguém que, assim como nós, gosta e acompanha futebol. Recebemos pessoas das mais diversas faixas etárias e, na grande maioria das vezes, saímos de um atendimento com mais um importante contato de pesquisador ou estudante interessado no assunto.

No museu, nesse sentido, lembro de apenas uma vez ter passado por um constrangimento de teor machista. Um jovem, provavelmente da mesma idade que eu, queria alguns materiais. Ele solicitou os livros com uma frase do tipo: "não sei se você sabe muito de futebol, mas...". A parte divertida desse ocorrido é que eu entendia tanto ou mais do assunto que ele, rs. Ah, e caso tenha curiosidade: a pesquisa era sobre o primeiro título do Grêmio na Libertadores, em 1983.

APÊNDICE E– ENTREVISTA MARÍLIA BONAS (DIRETORA DO MUSEU DO FUTEBOL E MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA)

Entrevista Marília Bonas
TCC – Andrea Ariani
Setembro | 2022

Resumo do Trabalho: Intitulada "A bola é delas: As mulheres que preservam a história no Museu do Futebol e os desafios da gestão de uma equipe multidisciplinar" será uma monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciências da Informação sob a orientação da professora doutora Valéria Martin Valls.

Como a ideia surgiu: Em 28 de agosto de 2021, enquanto a delegação brasileira batia recordes de conquistas de medalhas em uma edição dos Jogos Paralímpicos, em Tóquio, acontecia o "Editatona Jogos Paralímpicos", evento promovido pelo Wikipédia Brasil em parceria com o Museu do Futebol para dar visibilidade aos medalhistas tão divulgados na época de competições, mas pouco registrados fora do período dos Jogos. Foi nesse encontro que tive contato com o livro "Museu do Futebol, um museu-experiência", de 2014. E foi muito curioso notar que, como frequentadora assídua do museu, foi só naquela edição que vi a ficha técnica e constatei que a maioria que compunha a equipe era de mulheres, inclusive na liderança de várias equipes técnicas. Passados oito anos daquela publicação, essa realidade não se alterou. Em uma pesquisa informal no site do museu em 2021 verifiquei que ao longo da história do Museu do Futebol e atualmente, curiosamente para um esporte ainda majoritariamente praticado e tendo como torcedores um público masculino, a gestão de vários setores da instituição é, na maioria das áreas, comandada por mulheres. Naquela consulta, a equipe feminina do Museu do Futebol era composta por 22 mulheres em cargos de liderança e suporte, além das equipes de educadores e coordenadores de público. Mulheres só não eram líderes ou integravam os Núcleos de Infraestrutura e Operação e Tecnologia. E essa curiosidade tão pouco comentada foi o que me impulsionou a fazer a pesquisa e acabou se tornando um trabalho sobre equipes multidisciplinares em uma instituição de memória, falando não só na atuação delas em um acervo segmentado, mas na gestão inclusiva tendo maior diversidade de gêneros atuando com a informação esportiva, no caso desta análise.

Entrevista Marília Bonas:

Marília, primeiro é um prazer ter a oportunidade de este trabalho chegar a você de alguma forma. Muito respeito mesmo por todo seu histórico na Museologia em São Paulo e por ser essa representatividade feminina e de grande respeito como diretora das unidades de memória que já comandou e está à frente atualmente. Muito obrigada desde já pela oportunidade. Seguem as perguntas:

- 1) O Museu do Futebol, segundo a sua própria missão e os eventos que vem promovendo ao longo do tempo, sempre leva muito em conta o retorno do público já que, como poucos, promove essa troca emocional e sensorial entre instituição e visitantes, algo que o esporte por si já proporciona e as visitas e consultas ao acervo tornam ainda mais especial. Ter mais futebol feminino no histórico do Museu foi uma demanda do público e que vocês atenderam de forma sensacional, visto o retorno e o número de apoiadores que projetos como o Audioguia Mulheres do Futebol teve na época da sua concepção e continua sendo uma grande referência para a memória esportiva e do futebol feminino. Sendo você**

uma das idealizadoras, como foi fazer a curadoria e o desenvolvimento desse projeto e ter visto o quanto ele repercutiu e gerou de visibilidade para a modalidade e as atletas?

A ausência do futebol feminino na exposição principal do MF foi sempre um incômodo das equipes técnicas à frente da instituição. O debate sobre a inclusão teve início em 2015, a partir de um trabalho realizado pela equipe do CRFB e a diretoria técnica (à época, Daniela Alfonsi – que veio a se especializar no tema, também) e foi realizada uma primeira inclusão dos conteúdos levantados e pesquisados na exposição principal – em especial na Sala das Origens. A pesquisa sobre o futebol feminino passou a ser objeto de uma série de ações e articulações das equipes e teve como resultado mais maduro a exposição *“Contra Ataque: As mulheres no futebol”*, com conceito e intensa participação da própria equipe do Museu, em 2019. A *“Contra Ataque”*, que contou com patrocínio do Itaú e grande sucesso de público e de visibilidade – incluindo uma equalização da visitação entre homens e mulheres no museu – acabou vencendo qualquer resistência ou preconceito interno ainda existente num mundo essencialmente masculino, que é o do futebol. As relações constituídas ao longo desses anos perduraram e quando soubemos da oportunidade do matchfunding (modalidade de captação em que o BNDES aporta R\$2,00 a cada R\$1,00, pensamos imediatamente em algo que desse continuidade a essa trajetória de defesa da visibilidade do futebol feminino. O audioguia *“Minha Voz Faz História”* ficou incrível, mas, o mais importante para nós, foi mesmo a mobilização de apoiadores e apoiadoras, que se entusiasmaram com a ideia não só ajudando a viabilizá-la, mas divulgando a iniciativa em suas próprias redes. Leci Brandão, por exemplo, nossa narradora, se emocionou muito ao longo do trabalho, cujos conteúdos foram conduzidos pela equipe do Centro de Referência, de Desenvolvimento Institucional e com apoio da pesquisadora Aira Bonfim – que também já trabalhou no Museu do Futebol.

2) Vários projetos e trabalhos tem dado destaque para a representatividade de mulheres nos museus, seja como são retratadas nas obras, no número de artistas mulheres expondo, seja compondo equipes técnicas ou gerenciando instituições. O Museu do Futebol é um dos que compõe parceria com o projeto „Mujeres cambian los museos“. Quais ações foram feitas efetivamente nesses encontros e acordos já realizados do MF e outras instituições com o projeto? Existe alguma demanda conjunta ou metas a cumprir a partir dos encontros entre instituições? Qual a importância que você vê nessa iniciativa?

O projeto teve início com encontros e apresentações de profissionais à frente de projetos na área cultural e uma apresentação sobre esses resultados por parte de uma pesquisadora brasileira. Não há especialmente metas ou demandas conjuntas, por ora. No entanto, a força das mulheres na área da cultura ficou evidente, em diversos níveis – e esse é um ganho desse projeto. Há, no entanto, algo fundamental que deve ser mais do que tema de discussão e objeto de ação: o número ainda reduzido de mulheres negras, indígenas e trans em posição de liderança na área de museus. Somos quase 90% de mulheres brancas, sendo uma parte expressiva de classe média alta, ainda – poucas ainda de classe média, quicá de classes mais baixas.

3) Um dos pilares da missão do Museu do Futebol é de ele ser inclusivo. Quais as ações que você acredita que deu mais resultado ou apresentou menos resistência do público padrão torcedor do futebol (masculino, branco, hetero) em relação às iniciativas de diversidade tanto do futebol feminino, das torcidas e equipes LGBTQIA+ e ações antirracistas que são as “minorias” que geralmente o futebol heteronormativo ainda costuma excluir da prática, do noticiário e das arquibancadas?

A inserção do futebol feminino na narrativa do museu encontrou mais resistência interna, inicialmente, do que externa, nos relatos das equipes que me antecederam. E a exposição “Tempo de Reação” foi um grande aprendizado: começou com uma ideia – equivocada – de “reparação” ao goleiro Barbosa, evidenciando o porquê dele ser responsabilizado, como os demais jogadores negros da seleção, pela derrota na final, e se ampliou, em termos de discurso e narrativa – a partir da entrada do Observatório da Discriminação Racial e de vários atletas e pesquisadores negros – para o quanto o discurso branco sobre o racismo se foca na violência e não na grandeza desses sujeitos históricos como um todo. Medir a pessoa pela violência que viveu não é um ato verdadeiro de reparação histórica e não necessariamente desdobra em ação. Isso passou a pautar as ações do museu sobre este e os demais temas. “Nada sobre nós sem nós” é uma premissa adotada, nessa perspectiva. Entre os temas mais candentes e que passam ainda por grande resistência do público heteronormativo do Museu está o da questão de atletas trans. As postagens que fazemos sobre este tema, nas redes sociais, estão entre as que mais recebem ataques diretos.

- 4) Já não faz sentido dizer que o futebol não é coisa para elas visto o número crescente (e sempre presente, resistente) de atletas, treinadoras, equipes técnicas, jornalistas, comentaristas, árbitras, pesquisadoras, historiadoras e tantas outras profissões que são praticantes, torcedoras, frequentam estádios e acompanham o dia-a-dia da modalidade, independente de ser homens ou mulheres em campo. Nesse período em que está atuando como diretora da instituição, quais as vantagens que você vê em ter as mulheres podendo selecionar informações, compor acervo, pesquisar, propor atividades e ações educativas ligadas ao futebol e a história da modalidade de uma forma geral?**

A primeira grande força de ter mulheres à frente destes debates é não naturalizar ou relativizar a violência a que atletas, treinadoras e profissionais do mundo do futebol sofreram e sofrem. É bastante comum homens - grandes pesquisadores e entendedores do mundo do futebol, inclusive - colocarem isso como algo “natural da época”. Mas nas pesquisas, em especial das origens do futebol, fica já evidente o quanto a proibição e o machismo eram - e continuam sendo - violentos e, acima de tudo, o quanto as mulheres resistiram a essas violências. Valorizar as pioneiras do futebol é um compromisso do museu, nesse sentido.

- 5) Você pessoalmente tem algum registro de casos de preconceito em relação a algum visitante, pesquisador, que tenha sido hostil com alguma colaboradora por ser uma mulher atuando em um Museu especializado em futebol e com maior representatividade ao futebol masculino nas exposições e acervo? Na sua opinião, ter equipes mistas atuando, com formações e experiências diferentes faz com que, se esse tipo de situação ocorrer, os casos diminuam ou aconteçam com menos frequência?**

Acho que o conteúdo sobre a presença de mulheres no futebol, no museu, ainda é pequeno e diluído – o que faz com que essas reações passem mais despercebidas. Em relação às mulheres da equipe, testemunhei muitos episódios machistas – mesmo antes de me integrar ao museu, em viagens internacionais que fiz com a diretora técnica anterior, Daniela Alfonsi. Uma diretora de um museu de futebol é algo ainda surpreendente pra muitos homens, mesmo no mundo da cultura. Há também uma expectativa de que as mulheres que trabalham no museu provem o tempo inteiro que entendem do assunto – em geral, com dados e datas sobre times e jogos. O IDBrasil criou um Comitê Diversidades e recentemente realizou um mapeamento sobre os casos de machismo e racismo nas instituições. Infelizmente, os de machismo são mais frequentes no Museu do Futebol do que no Museu da Língua Portuguesa – o outro museu que integra a gestão. Em especial, orientadoras e educadoras vivem mais essa realidade, cotidianamente.

6) Com pouca representatividade de mulheres em cargos de liderança dentro e fora do futebol, como é para você e quais os desafios de gerenciar um Museu especializado no esporte?

O maior desafio é construir alianças com as mulheres que alçaram esse lugar. Ainda é bastante difícil o acesso a elas – provavelmente, pelo fato delas terem de provar em seus próprios contextos sua competência, sobrando pouco tempo pra áreas como a da cultura. Graças ao esforço pessoal da equipe do Museu, hoje contamos com um grupo de aliadas - no futebol e nos museus – mas sua participação direta ainda é tímida. As mulheres no futebol ainda lutam por sobrevivência no esporte, como um todo. A representação e a importância da mesma para futuras gerações e para a educação das anteriores – que não necessariamente sabem que o futebol feminino foi proibido por lei - fica ainda em segundo plano. Mas esperamos que o ano de 2023, que será dedicado à Copa do Mundo de Futebol Feminina, estreite e amplie esses laços.

É isso! Muito obrigada!!

ANEXO A: FOLDER DA EXPOSIÇÃO “CONTRA-ATAQUE!”

A EXPOSIÇÃO POR QUE CONTRA-ATAQUE?

No jogo de futebol, um contra-ataque ocorre quando um dos times recupera a posse da bola e avança rapidamente em direção ao gol, sem deixar espaço para a armação da defesa do time adversário. Essa jogada extremamente emocionante é a metáfora escolhida para narrar a trajetória da modalidade, proibida por decreto-lei no Brasil por décadas.

Na nova exposição temporária do **Museu do Futebol** a palavra **CONQUISTA** apresenta um sentido muito mais amplo do que o alcance dos primeiros lugares nos torneios e competições. **CONTRA-ATAQUE!** conta como as mulheres tiveram de lutar para conquistar o direito ao jogo, o uniforme adequado aos seus corpos, a participação na gestão esportiva, na arbitragem, na imprensa e a livre circulação nas arquibancadas.

**THE EXHIBITION
WHY COUNTER-ATTACK?**

In football, a counter-attack occurs when one of the teams regains the ball possession and moves quickly towards the goal, leaving no room for the opposing team to organize its defences. This extremely exciting move is the metaphor chosen to narrate the story of the modality, forbidden by law in Brazil for decades.

In the new temporary exhibition at the **Football Museum**, the word **ACHIEVEMENT** presents a much wider sense than reaching the first places in competitions.

COUNTER-ATTACK! shows us how women have struggled to win the right to play, have an appropriate uniform, participate in sports management, refereeing, media and freely walk in the bleachers.

**LA EXHIBICIÓN
¿PORQUE CONTRAATAQUE?**

En el juego de fútbol, un contraataque se produce cuando uno de los equipos recupera la posesión de la pelota y avanza rápidamente en la dirección del gol, sin dejar espacio para el armado de la defensa del equipo contrario. Esta es una jugada emocionante y es la metáfora elegida para narrar la trayectoria de esta modalidad deportiva prohibida por ley en Brasil por décadas.

En la nueva exposición temporal del **Museo del Fútbol** la palabra **CONQUISTA** presenta un sentido mucho más amplio que el alcance de los primeros puestos en los torneos y competiciones.

CONTRAATAQUE! cuenta cómo las mujeres tuvieron que luchar para ganar el derecho al juego, al uniforme adecuado a sus cuerpos, a la participación en la gestión deportiva, en el arbitraje, en la prensa y la libre circulación en las gradas.

PREJUDICIAL A EVA A PRÁTICA DO FOOTBALL DEVE SER PROIBIDO

Fala o médico da Liga de Futebol de Belo Horizonte

Embarraca amanhã o Flamengo

Uroborical

ELAS MERECEM TER SUAS HISTÓRIAS RECONHECIDAS E SEUS POTENCIAIS APLAUDIDOS PELA IMENSA TORCIDA BRASILEIRA.

THEY DESERVE TO HAVE THEIR STORIES RECOGNIZED AND THEIR POTENTIAL CHEERED BY THE MASSIVE BRAZILIAN CROWD.

ELLAS MERECEM TENER SUS HISTORIAS RECONOCIDAS Y SUS POTENCIALES APLAUDIDOS POR LA IMENSA HINCHADA BRASILEÑA.

QUEM TEM MEDO DE MENINAS QUE JOGAM BOLA?

Foi apenas nos últimos anos que muitos preconceitos passaram a ser questionados: mulheres correm menos do que os homens? Não possuem habilidade para o domínio de bola? Não têm interesse no jogo?

HOJE, TEMOS CERTEZA DE QUE O LUGAR DA MULHER NO ESPORTE É ONDE E COMO ELA QUISER!

WHO'S AFRAID OF GIRLS PLAYING FOOTBALL?

It was only in the last few years that many prejudices started to be questioned: women run less than men? Do they not have the skill to play football? Do they not have interest in the game?

TODAY, WE ARE SURE THAT A WOMAN'S PLACE IN SPORTS IS WHERE AND HOW SHE WANTS.

QUIÉN TIENE MIEDO DE LAS CHICAS QUE JUEGAN FÚTBOL?

Fue en estos últimos años que muchos prejuicios pasaron a ser cuestionados: ¿Las mujeres corren menos que los hombres? ¿No tienen la habilidad de dominar la pelota? ¿No les interesa el juego?

HOY ESTAMOS SEGUROS DE QUE EL LUGAR DE LA MUJER EN EL DEPORTE ES DONDE Y COMO ELLE QUIERA!

UM MANIFESTO PELA IGUALDADE EM CAMPO

A MANIFESTO FOR EQUALITY IN THE FIELD

UN MANIFIESTO POR LA IGUALDAD EN CAMPO

O momento é de relevância de discussão sobre igualdade de gênero, e trazer o futebol feminino para a pauta é lembrar à sociedade que este pode ser um esporte de excelente nível. É também um convite à REFLEXÃO COLETIVA sobre os avanços necessários nessa longa jornada por direitos iguais.

Em pleno ano de Copa do Mundo, queremos falar sobre as atletas que não se deixaram calar durante as décadas em que a prática foi proibida para as mulheres. Queremos dar voz a quem está em campo, lutando por visibilidade. E queremos abrir espaço para celebrar o TALENTO e as VITÓRIAS delas.

Convidamos você a descobrir a força das atletas de todos os tempos e a se juntar a nós nessa partida decisiva em que TODOS podemos fazer a diferença para amparar e jogar nos estádios, nas arquibancadas e nos bastidores da bola.

Now is time to discuss the importance of gender equality. Bringing women's football to the agenda is to remind society that this can be a sport of excellent level. It is also an invitation to a COLLECTIVE REFLECTION on the necessary efforts in this journey for equal rights.

Even in this year of the World Cup, we want to talk about those athletes who have not been silenced during the decades in which their practice was prohibited for women. We want to give voice to those who are fighting for visibility and opening up space to celebrate their TALENT and VICTORIES.

We invite you to discover the strength of all-time athletes and join us in this decisive match in which EVERYONE can make a difference to draw the score in the football stadiums, bleachers, and backstage.

El momento es de relevancia de la discusión sobre igualdad de género traer el fútbol femenino a la discusión es recordar a la sociedad que esto puede ser un espectáculo deportivo de excelente nivel. Y es también una invitación a la REFLEXIÓN COLECTIVA sobre los progresos necesarios en esta larga vía por derechos iguales.

Es el año que tendremos la Copa Mundial Femenina, queremos hablar sobre las atletas que no se dejaron calar durante las décadas en que la práctica les fue prohibida por sus rivales. Queremos dar voz a las que están en el campo, luchando por visibilidad. Y queremos tener un lugar para celebrar su talento y sus victorias.

Te invitamos a descubrir la fuerza de las atletas de todos los tiempos y a unirse a nosotros en esta partida decisiva en que TODOS podemos hacer la diferencia para amparar al juego en los estadios, en las gradas y entre bastidores de la pelota.

CONTRA-ATAQUE!

AS MULHERES DO FUTEBOL

Museu do Futebol
Estádio do Pacaembu
Praça Charles Miller, s/n, São Paulo - SP
28 de maio a 20 de outubro de 2019
Terça a domingo, 9h às 17h (entrada até as 18h)*
*sujeito a alteração conforme regras no Estádio

Ingressos:
R\$15,00 (inteira)
R\$7,50 (meia-entrada)
Entrada gratuita de crianças e idosos

Confira a programação:
museudofutebol.org.br

Saiba mais sobre a exposição:
museudofutebol.org.br/contra-ataque

Acompanhe o Museu do Futebol nas redes sociais:
#EuTorçoPorTodas

Ministério de Cidadania
Secretaria de Estado de São Paulo, por meio de
Secretaria de Cultura e Economia Criativa
Museu do Futebol e Itaú apresentam.

CONTRA-ATAQUE!

AS MULHERES DO FUTEBOL

THE FOOTBALL WOMEN

LAS MUJERES DEL FÚTBOL

Fonte: Museu do Futebol. Disponível em:
https://museudofutebol.org.br/wp-content/uploads/2020/05/mdf_0002_contraataque_folder_08_Is_AF.pdf.
 Acesso em 09 nov 2022